

A CAMINHO DO TRIUNFO

É livro que ensina aos jovens de todas as Classes a descobrirem o bom caminho e a aproveitarem ao máximo as suas possibilidades.

Em capítulos sucessivos, a que dá os títulos sugestivos de Cavalos, Vinho, Mulheres, Impostores e Irreligião, o autor mostra ao jovem os perigos a que está exposto e faz-lhe ver que, pelo abuso o que é bem se transforma em mal, e o prazer lícito em perigosa intemperança.

Traça também a distinção entre o desporto sadio e o que não é, e mostra que o cavalheirismo para com as mulheres auxilia o jovem a vencer um dos maiores perigos que terá de enfrentar, e que a admiração e reverência pelas maravilhas do universo intensifica e afervora o sentimento religioso e até o desperta onde ele não existia.

Em conclusão, fala franca e abertamente aos mancebos, cujo bem-estar tem a peito.



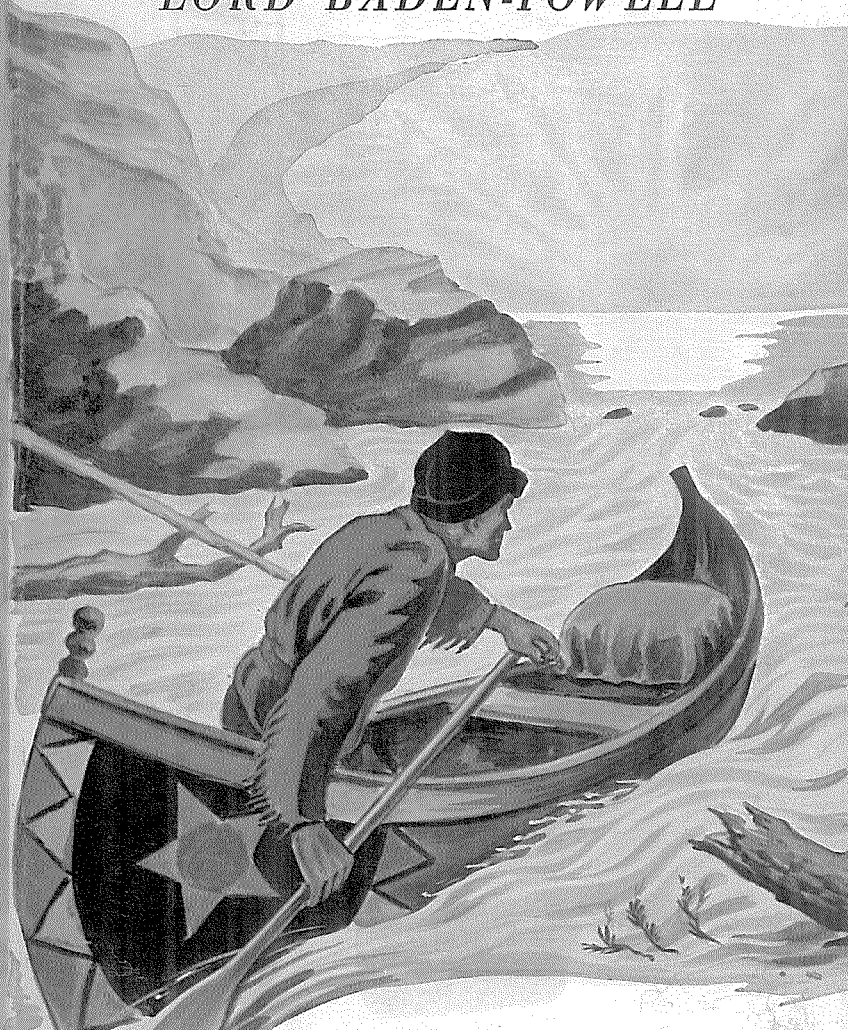
EDIÇÕES FLOR DE LIS

A CAMINHO DO TRIUNFO

DE

LORD BADEN-POWELL

LORD BADEN-POWELL • A CAMINHO DO TRIUNFO



EDIÇÕES FLOR DE LIS

Outros livros de Baden-Powell

Escutismo para Rapazes

Manual do Lobito

Auxiliar do Chefe-Escuta

Setembro 1974

Companhia Editora do Minho

BARCELLOS

LORD BADEN-POWELL
Victor Manuel de Almeida Fernandes

Rua José Falcão, 4-1.º

COIMBRA

47

-4. JAN. 1977

A

Caminho do Triunfo

A Vida é um Jogo — Livro para Jovens

TRADUÇÃO DE

JOSÉ FRANCISCO DOS SANTOS

EDIÇÕES FLOR DE LIS
CORPO NACIONAL DE ESCUTAS
LISBOA 1974

Segunda Publicação 1974

ÍNDICE

	PÁGINA
PREFÁCIO:	
MODO DE SER FELIZ EMBORA RICO — OU POBRE	13
ESCOLHOS EM QUE É POSSIVEL NAUFRAGAR	
I — CAVALOS	33
II — VINHO	71
III — MULHERES	111
IV — CUCOS E IMPOSTOS... .. .	149
V — IRRELIGIÃO	193
RESUMO	223
CAMINHEIRISMO	225

Esta obra tem no original inglês o título de:
ROVERING TO SUCCESS

NOTA DOS EDITORES

Reeditar um livro com mais de 50 anos, num tempo de mudanças, parece desafiar o insucesso.

Tranquilizemo-nos porém, pois que este livro de Baden-Powell é precisamente um livro de mudança, a interessar os novos!

Ele destina-se a jovens que, ao enfrentar um mundo que está longe de ser justo e feliz, se sentem inquietos e procuram os caminhos da justiça e da felicidade, iustamente para lhes acertar os rumos.

Baden-Powell, aponta, nesta obra, com superior maestria, os perigos ou «escolhos», como sugestivamente os apelida, que sempre ameaçaram a felicidade dos homens, sugerindo ainda uma «solução».

A vida é como um caminho, de lonjura variável, através de terreno desconhecido, que se apresenta à nossa frente e que não podemos deixar de percorrer.

Os «escolhos» podem apresentar uma imagem diferente, por influência das modas (do que muda em excesso), mas eles lá estão e serão sempre os mesmos.

Apresentar aos homens-novos a sabedoria de outros homens, que já não falam mas cujas verdades continuam de pé não obstante todas as mudanças, não pode deixar de ser serviço profundamente valioso e actual.

*Eis porque «Edições Flor de Lis» oferecem aos Cami-
nheiros e a todos os jovens em geral o livro que há 15 anos*

verteu, para o nosso idioma, essa inesquecível figura de Chefe-escuta que foi o Dr. José Francisco dos Santos e que recordamos não apenas com saudade, mas embevecidos no seu exemplo.

Mantém-se a oportunidade de algumas observações da «nota dos editores» de então e que se seguem:

A tradução que agora vem a lume mantém-se, como as anteriores, tão fiel quanto possível ao original inglês. As únicas alterações dignas de nota foram as que dizem respeito à administração local e governo da nação, que se adaptaram a Portugal, e a bibliografia (Leituras Aconselhadas), que é constituída por obras publicadas na nossa língua.

A quem estranhar que se não faça referência às grandes descobertas recentes da ciência e da técnica, ou que se não tratem com maior desenvolvimento, tais como o cinema colorido, cinematoscópio, radar, televisão, energia nuclear, aviões a jacto, navegação submarina, naves espaciais, etc., lembra-se que a primeira edição do livro é de 1922, e o seu autor faleceu em 1941. Não falta literatura acessível sobre os assuntos mencionados e por isso não se julgou necessário acrescentar qualquer nota sobre o assunto.

Nas suas obras B.-P. dirigia-se aos rapazes de todo o mundo e teve o condão de se fazer compreender e amar por todos. Por isso não se pode exigir que, em matéria religiosa, seja, rigorosamente ortodoxo. O seu objectivo era levar a todos, mesmo infieis e pagãos, a conhecer e praticar os princípios fundamentais do Cristianismo. A prova de que o conseguiu, pelo menos parcialmente, está na expansão universal da sua obra, que conta actualmente cerca de dezanove milhões de adeptos.

PRÓLOGO

Outra edição?

Sim, e agrada-me deveras que esta se justifique pela procura que o livro continua a ter.

Como disse no prefácio anterior, foi com um sentimento de profunda gratidão que recebi provas de que o livro fora útil a muitíssima gente.

O meu único desejo é que esta nova edição o seja também, tanto mais que, após a primeira publicação, dois factores novos se deram no Caminheirismo.

Um é ter-se agora estabelecido em bases sólidas, após evolução constante, a secção de Caminheiros. Daí a necessidade de se refundir, de acordo com as sugestões feitas pelos próprios caminheiros, o último capítulo, que trata da Organização e Regulamento.

O segundo facto foi o ter-se adoptado e desenvolvido a tal ponto o Caminheirismo noutros países, que este constitui já o núcleo duma Fraternidade Universal de jovens orientados pelo mesmo ideal de SERVIR, ligados pelos laços da amizade e bom entendimento.

É este, a meu ver, um passo decisivo para o nosso objectivo, que é promover, na terra, entre os homens, o estabelecimento do Reino de Deus, de Paz e de Boa Vontade.

BADEN-POWELL OF GILWELL

Pax Hill
Set.º 1930

PREFÁCIO

Expõe-se aqui, em esboço, o assunto do livro e o que se entende por «Triunfo».

MODO DE SER FELIZ EMBORA RICO — OU POBRE

Uma excursão de canoa é como a viagem da vida.

Um veterano deveria dar algumas ideias sobre pilotagem.

O verdadeiro triunfo é apenas a Felicidade.

Eis dois passos para a felicidade: encarar a vida como um jogo e irradiar Amor.

Os birmanes dão o exemplo dum povo feliz.

A felicidade não é simplesmente prazer nem efeito da riqueza.

É mais o resultado do trabalho activo do que o gozo passivo do prazer.

O teu triunfo depende do teu esforço individual na viagem da vida.

E da tua fuga a certos escolhos perigosos.

A auto-educação, que continua a educação escolar, é necessária.

Avança confiadamente.

Dirige a tua própria canoa.

O QUE OS OUTROS DISSERAM A ESTE RESPEITO

CANÇÃO

LEITURAS ACONSELHADAS

MODO DE SER FELIZ EMBORA RICO — OU POBRE

Este prefácio revela o objectivo deste livro.

A VIAGEM DA VIDA

Quando uma vez atravessava um lago no Canadá Superior, numa canoa de casca de vidoeiro, fui apanhado pelo vendaval. Foi experiência emocionante, enquanto durou, mas proveitosa.

Havíamos percorrido rios e ribeiras, ora em águas mansas ora em cachoeiras, mas sempre no meio da magnificência variada da floresta.

Era coisa nova desembocar do rio para a superfície vasta do lago e, partindo com sol, encontrarmo-nos pouco depois sob um céu ameaçador no meio de um vendaval crescente e águas encapeladas.

A frágil canoazinha, na qual não víamos até aí senão um veículo para nos transportar sobre o rio, era agora a nossa única esperança de salvação. Se metesse uma vaga ou se topasse num escolho (de que havia por ali abundância) estávamos perdidos.

A nossa pá, em vez de ser considerada simples instrumento de propulsão, tornou-se o meio único de evitarmos o assalto das vagas e de continuarmos a rota. Do manejo desse único utensílio dependia tudo.

«Numa travessia de quatro horas numa baía aberta encontram-se mais de mil ondas sem duas iguais, e qualquer delas pode alagar-nos com a maior facilidade, se não for convenientemente enfrentada», escreve Stewart E. White, naquele seu delicioso livro, *A Floresta*; e passa depois a explicar como se tratam.

«Com o mar pela amura, é preciso remar a sotavento. Quando a canoa sobe uma onda, deixa-se que a crista desvie a proa um nadinha, mas logo que se começa a descer do lado oposto, é preciso dar à pá uma torção rápida para retomar a direcção conveniente.

A tendência para virar que esta torção imprime tem de ser contrariada pela inclinação do corpo em sentido contrário. Depois a cava permitirá duas ou três pázadas que imprimem um pequeno avanço. A dupla torção na crista da vaga tem de executar-se com mestria para não meter água de proa a popa.

«Com o mar pelo través é preciso remar para a frente. A correcção tem de fazer-se exclusivamente pela inclinação do corpo. Para evitar que a canoa se volte, quando se sustenta no cimo duma onda, é preciso torcer o corpo para o lado oposto.

«O momento crítico é, naturalmente, aquele em que a crista da vaga passa por baixo da embarcação. Em caso de rebentação, enterra-se a pá bem fundo para impedir que o barco se volte e torce-se o corpo para sotavento, de modo a apresentar o costado e metade do fundo da canoa ao embate da vaga.

«Mas a recuperação tem de ser imediata. Quem se inclina um segundo a mais, volta-se com certeza».

Que jogo de equilíbrio!

O autor passa depois a explicar sucessiva e pormenorizadamente como se há-de proceder com o mar pela proa, de quarto ou de ré.

Em todos os casos tudo depende da atenção, coragem e actividade concentradas do remador. O mais leve descuido é fatal. Mas a luta tem as suas compensações. «Provavelmente nada consegue despertar-nos com mais eficácia até à última fibra do nosso ser físico, mental e nervoso. Experimentamos plena satisfação. Todos os músculos retesados, respondem pronta e exactamente à mais leve indicação. Todo o nosso ser vibra com a energia refreada. O espírito deixa o problema da última vaga logo que está

resolvido e lança-se de salto ao que se segue com novo interesse. É uma espécie de embriaguês. Personificamos cada onda; lutamos com ela como se fosse um inimigo pessoal; exultamos quando ela, vencida e desfeita, passa silvando para sotavento! «Força! Malvada!» — bradas. «Queres, então medir-te comigo? Julgas que me metes medo?» E no meio dos uivos e fúrias do vento e das águas agachas-te como um lutador na defensiva, desviando os



CORTAI POR ELA COM ALMA, CABEÇA E NERVOS

golpes, mas pronto, à mínima oportunidade, a ganhar um ou dois pontos a golpes de pá. Estás tão ocupado a derrubar ondas, que nem reparas no teu andamento. Não te ocorre que te aproximas do teu destino senão quando estás a algumas centenas de metros dele. Não afrouxes então o teu esforço; as ondas que têm de se enfrentar nas últimas centenas de metros oferecem exactamente os mesmos perigos que as que se evitam a quatro milhas de terra».

Assim é — e o mesmo acontece na vida activa.

O OBJECTIVO DESTES LIVROS

Tudo isto — a primeira viagem pela ribeira mansa, e o desembocar no grande lago, o aparecimento das dificuldades, a série de ondas e de escolhos que só uma pilo-

tagem atenta conseguirá evitar, o triunfo de perigos vencidos, a entrada final num porto abrigado, a fogueira alegre do acampamento e o repouso nocturno de gente exausta — é precisamente o que um homem passa na vida; mas as mais das vezes ele emaranha-se nas dificuldades ou tentações das águas agitadas, principalmente porque o não avisaram dos perigos do caminho, nem do modo de se defender deles.

Citei algumas das recomendações práticas de Stewart White tiradas das suas experiências de remador de vias marítimas. Nas páginas seguintes desejo oferecer-vos conselhos semelhantes sobre pilotagem tirados das minhas experiências em lidar com diferentes escolhos e vagas que podeis encontrar ao navegar pelos caminhos da vida.

Entre estes rochedos e rebentações encontram-se os que se podem etiquetar nos termos da velha canção «Cavalos, Vinho e Mulheres» com o acréscimo de Cucos e Hipócritas.

É mais que certo que a seu tempo encontrareis a maior parte deles pela vida fora. Nos capítulos seguintes vou mostrar-vos que estes recifes têm aspectos bons e maus e de que modo «caminhando» podereis não só rodeá-los, mas aproveitá-los também e seguir a caminho do triunfo.

TRANSMISSÃO DE CONSELHOS

Sempre me pareceu coisa lamentável que todo o homem, ao morrer, leve consigo todos os conhecimentos que durante a vida adquiriu, quer praticando as loucuras da mocidade, quer triunfando na vida. E deixa aos filhos, ou irmãos mais novos, a árdua tarefa de tudo aprenderem, por sua vez, à sua custa. Porque não há-de ele comunicar-lhes as suas experiências para que eles possam começar com o activo dos seus conhecimentos e atingir logo um grau mais elevado de eficiência e juízo?

É com essa ideia em mente que me disponho a apon-
tar algumas das dificuldades que a seu tempo me apareceram e indicar como descobri o melhor meio de enfrentá-las. Não digo «como as enfrentei», porque algumas

vezes não agi como devia, mas pelos meus próprios erros vim depois a saber como devia ter procedido.

Não se destina, pois, este livro a adultos experimentados, aos quais desde já previno. Escrevo para mancebos que têm o bom senso de olhar ao futuro, ansiosos por saberem para onde vão e o que hão-de fazer na vida. E eu confesso que os elementos da nova geração são neste aspecto mais equilibrados do que os seus predecessores. Não se prestam a ser os «gansinhos» de que fala B. B. Valentine na balada de negros (*Ole Marster*) Patrão Velho.

«Há-os que parecem gansinhos pela forma como seguem atrás
Dos que vão adiante deles, embora não saibam para onde vão;
Pisando as pègadas do pai ganso vai o filho com «jeito»
Que nunca faz nada nada que o papá não tenha já feito.

Proponho que chamemos a este livro «A caminho do Triunfo».

No último capítulo vereis as razões desta escolha.

Por *caminho* não quero significar um caminhar ao acaso, sem finalidade, mas antes um trajecto agradável com um objectivo definido, ao mesmo tempo que há a consciência das dificuldades e perigos que podem deparar-se no percurso.

Haveis de contar com muitos destes escolhos.

Eu próprio tenho provado alguns dos amargos e muitos dos doces da vida, em quase todas as partes do mundo, de modo que não suponhais que falo de cor, quando vos apresento estas ideias.

A vida seria aborrecida se fosse toda de rosas; o sal tomado só é amargo; mas dá sabor agradável à comida. As dificuldades são o sal da vida.

A mãe de Goethe indicou-nos uma boa norma de vida quando disse: «Não procuro os espinhos e aproveito as pequenas alegrias. Se a porta é baixa, curvo-me. Se posso tirar a pedra do meu caminho, afasto-a. Se for demasiado pesada, rodeio-a».

Por outras palavras, não se intrometia, em busca de

aborrecimentos, mas aceitava o que lhe tocava e aproveitava-o o melhor possível.

E é assim que se alcança o êxito.

O ÚNICO TRIUNFO VERDADEIRO É A FELICIDADE

Que vem a ser triunfo?

Será o cume da carreira? Riqueza? Posição? Poder?

Nada disso!

Estas ideias e muitas outras apresentar-se-vos-ão ao espírito, naturalmente. São o que, em regra, se proclama triunfo, e também significa muitas vezes a vitória sobre os outros e a prova da nossa superioridade num ou noutro campo. Por outras palavras: é lucrar à custa doutrem.

Não é isso o que eu entendo por triunfo.

Creio que fomos colocados neste mundo de beleza e maravilhas com a faculdade especial de as apreciar, nalguns casos de termos o prazer de colaborar no seu desenvolvimento, e também de podermos auxiliar os outros, em vez de os excedermos, e por todos estes meios, ter gosto na vida — isto é, SER FELIZ.

Eis o que eu considero triunfo: ser feliz. Mas a Felicidade não é apenas *passiva*; quer dizer, não se alcança sentando-se a gente à espera dela; isso seria coisa insignificante — o prazer.

Mas braços e pernas, miolos e ambições foram-nos dados para *agirmos*; e a actividade vale mais do que a passividade para alcançar a verdadeira Felicidade.

DUAS CHAVES DA FELICIDADE

O rico tem as suas limitações. Pode ter duas ou três casas, com dúzias de quartos em cada uma, mas não pode ocupar senão uma de cada vez, visto que não tem senão um corpo.

Por esse lado não vale mais do que o mais pobrezinho. Pode contemplar e admirar o pôr do sol ou a paisagem, mas o pobre pode fazer exactamente o mesmo.

Se o pobre tiver juízo para fazer duas coisas na vida, pode gozá-las exactamente como o milionário, e talvez mais.

A primeira é:

Não levar as coisas muito a sério, mas aproveitar ao máximo o que se tiver, olhar a vida como um jogo, e o mundo como um campo de jogos. Mas, no dizer de Shackleton, «A vida é o maior de todos os jogos; mas há o perigo de a tratar como um jogo trivial. O fim principal é vencer com honra e glória».

A segunda é:

Fazer que as nossas acções e pensamentos sejam orientados pelo amor. Por Amor, com maiúscula, não me refiro à paixão amorosa, etc. Refiro-me à manifestação dum espírito amável que se revela na prestação de serviços aos outros, na bondade e compaixão, e na manifestação de gratidão aos outros por serviços prestados. É a boa vontade. E a boa vontade é a vontade de Deus.

UM POVO FELIZ

O povo mais feliz que eu conheço são os birmanes; são proverbiais a sua vivacidade e alegria. Uma das suas maiores «fraquezas» é a bondade para com os animais; nenhum birmane mata um animal, mesmo que seja para lhe pôr termo ao sofrimento. Não come carne; e trata geralmente os animais quase como favoritos. Homens, mulheres e crianças, parece que todos gozam com a mesma alegria as belezas da sua terra, as flores, o sol e as florestas, sorrindo, cantando e rindo. São especialmente alheios à ganância, a ponto de quase se poderem chamar indolentes. De dinheiro e produtos da terra contentam-se com o que baste às suas necessidades; e quanto ao resto não desejam senão gozar a vida. Mas o seu gozo não é um gozo inteiramente ocioso. Todo o mancebo se submete a um estágio de preparação para monge (ou Funguii); por muito abastado que seja, durante aquele período priva-se voluntariamente de tudo. Vive austeramente num mosteiro, entregue à oração e à meditação, e incumbe-se de ensinar aos

rapazes a ética dos conhecimentos religiosos. E aprende a melhor forma de prestar auxílio aos que dele carecem. E quando volta ao mundo, tem assim a consciência do que deve aos outros e possui gostos simples que fazem dele um bom cidadão.

Pelas estradas do país pode ver-se a manifestação expressiva deste sentimento pelas bilhas de água que a cada passo se encontram debaixo dum abrigo, para que o viandante sequejoso possa matar a sede; e os que o podem fazer mandam construir bancos para os caminhanes descansarem.

Escrevendo a respeito dos birmanes no seu livro *Alma dum Povo*, diz Fielding Hall:

«Muito embora noutros pontos possa individualmente triunfar ou fracassar, a nação birmane será sempre a maior do mundo — porque é a mais feliz».

A FELICIDADE

A felicidade está ao alcance de todos, ricos e pobres.

E todavia os felizes são relativamente poucos.

Creio que isto acontece porque a maioria das pessoas não reconhecem a felicidade, até mesmo quando a têm ao seu alcance.

Já alguma vez leste *O Pássaro Azul* de Maeterlinck?

É a história duma rapariga chamada Myltyl e do irmão Tylyl, que saíram em busca do «Pássaro Azul da Felicidade», e percorreram todo o país sempre a procurá-lo sem nunca o encontrarem, até que, finalmente, descobriram que não precisavam de se ter deslocado — a Felicidade, o Pássaro Azul, estava onde eles quisessem fazer bem aos outros, na sua própria casa.

Se descobrires e aplicares o sentido oculto da lenda, este ajudar-vos-á a encontrar a felicidade ao alcance da mão, quando a supúnheis na lua.

Há muita gente que tem o trabalho por estopada e até a sua ida diária para o trabalho e volta uma maçada. E estão sempre a pensar nas férias como ocasião de se divertirem realmente. As mais das vezes, quando chegam

as férias, chove e faz frio, ou então estão eles com a gripe, e o ambicionado passeio foi por água abaixo.

A verdade é que de nada serve adiar a felicidade para o futuro; o que há a fazer é ter sempre gosto pela vida. O homem prudente não conta apenas com um vago paraíso no futuro longínquo. Sabe que pode ter o seu céu aqui e agora neste mundo; e que quanto melhor for o céu que ele formar agora, tanto melhor se prepara para o futuro. E assim, a seu tempo, entrará no verdadeiro Céu que lhe está preparado — o céu da paz e descanso e de acção de graças.

O PRAZER NÃO É FELICIDADE

Julgam muitos que «prazer» é o mesmo que «felicidade». E é aí que se extraviam.

Na maior parte dos casos, o prazer não passa de distração. Pode ter-se prazer em assistir a um desafio de futebol, ou a um espectáculo teatral, ou em ler um bom romance, ou em criticar os vizinhos, ou em comer e beber demais. Mas o efeito é efémero; não dura senão algum tempo. Efectivamente, nalguns casos, a reacção é tudo o que há de menos agradável — lá está a dor de cabeça na manhã seguinte!

A Felicidade é coisa diferente, acompanha-nos sempre e enche-nos a vida. Verificamos que o céu não é qualquer coisa vaga algures no firmamento, mas se encontra aqui neste mundo, no nosso próprio coração e no que nos rodeia.

«Satisfação após um pleno esforço sério», é como Arnold Bennett define a felicidade.

Mas a felicidade é mais que isso. Pelo menos, como ele próprio admite quando diz que «quase todo o casamento é melhor que nenhum», há grande felicidade na companhia amada dum cônjuge e na companhia desejada e confiante dos nossos filhos.

O falecido Sir Ernest Cassel, que muitos apresentaram como um triunfador na vida, confessou-se vencido no fim. Alcançara grande fortuna, poder, posição e êxitos, acima do vulgar, nas suas actividades comerciais, indus-

triais e desportivas. Mas no fim da vida confessava que o principal — a felicidade — lhe faltara. Era, assim se exprimia, «homem solitário».

«A maior parte dos homens», dizia ele, «põem uma crença excessiva no princípio de que a riqueza dá felicidade. Talvez eu, que sou abastado, tenha autoridade para dizer que assim não é. *«Aquilo que mais vale a pena possuir é o que se não compra com dinheiro».*

Aquele que é pobre pode ao menos encontrar certo alívio e incitamento nesta afirmação.

E o mesmo se dá com o provérbio de Ceilão, que diz:

«Quem é feliz é rico, mas não se segue que quem é rico é feliz».

OS POBRES RICOS

Eu e minha mulher fizemos uma vez uma excursão curiosa. Demos um passeio a pé na orla do deserto do Saara, no ponto onde ele se transforma na aridez pedregosa dos Montes Aures. Levávamos duas mulas para o transporte do material de campo e dois árabes armados a servirem de guias e de guardas.

No trajecto cruzámos a estrada feita pelos franceses que leva à cidade do deserto chamada Bizcra, e nela, em lugar das costumadas fiadas de camelos, vimos automóveis atravessando a planície como bólidos.

Dentro viam-se «turistas» de antolhos e véus, levados à desfilada para o seu destino—o grande Hotel de Bizcra — sem darem pelas alegrias da caminhada, de conseguir o próprio sustento (até ao ponto de procurar no solo leves fendas que revelam trufas na terra) e prepará-lo ao ar livre e dormir no chão à noite sob o céu estrelado.

Ao vê-los, ambos exclamamos ao mesmo tempo: «Pobres milionários!»

Sim, quem é rico mal sabe os prazeres que perde.

O TRABALHO ACTIVO DÁ FELICIDADE

Mas a própria felicidade do lar não bastaria, porque não sai suficientemente do interesse pessoal e arrisca-se por isso a ser egoísmo. E o egoísmo é a raiz do descontentamento.

A verdadeira felicidade é como o rádio. É uma forma de amor que aumenta na medida em que se dá, e é nisso que a felicidade está ao alcance de todos — até dos mais pobres.

O Rev.^o Cónego Mitchell escreveu «Não rogueis a Deus que vos faça felizes; pedi-lhe que vos torne razoavelmente *úteis*, e creio — creio-o sinceramente — que a felicidade aparecerá depois de *moto próprio*».

A felicidade parece-me coisa em parte passiva, mas em grande parte activa.

Passiva porque a admiração das belezas da natureza, do esplendor do pôr do sol, da majestade dos montes, das maravilhas da vida animal, dos cheiros da fogueira do acampamento juntamente com a alegria dum lar feliz, produzem em nós um sentimento de gratidão para com o Criador que se não pode satisfazer senão com qualquer forma de expressão *activa*; o esforço de ser serviçal aos outros satisfaz em grande parte esta necessidade. O que importa é a prática do bem.

Um lar contente, acrescido da capacidade de servir os outros, produz a melhor felicidade.



DIVISA: «O ESCUTA É ACTIVO A FAZER BEM, E NÃO PASSIVO A SER BOM»

Um rapaz foi acusado de incorrigível perante o tribunal; como desculpa alegou que era Deus que tinha a culpa. «Se Deus não quisesse que eu fosse mau, havia de salvar-me e fazer-me bom».

Faz-me lembrar um dos oficiais *boeres* que, tendo sido aprisionado pelas nossas tropas, invectivava amargamente o Presidente Kruger por lhe não ter fornecido artilharia bastante.

Dizia que, quando a pedira, o presidente lhe dera esta resposta característica: «Se for Vontade de Deus que ganhemos a guerra, ganhá-la-emos, quer tenhamos artilharia quer não».

A isto respondera ele: «Está muito bem. Deus dá-lhe estômago para saborear o assado de ganso; mas Ele conta com que você depene e cozinhe o ganso por suas mãos».

Isto, no fundo, é verdade. Deus concedeu-nos neste mundo tudo quanto se requere para tornar a vida agradável, mas de nós depende aproveitar ou malbaratar esse dom. Todavia, a vida pouco dura e é, portanto, essencial que façamos o que importa e o façamos já. Um passo para isso é não nos contentarmos com encerrar a nossa vida e as nossas ideias dentro de quatro paredes, no comércio e na política, na ganância e noutras coisas transitórias e humanas que pouco valem.

Mas contemplemos e aprendamos quanto pudermos das maravilhas da natureza, vejamos quanto pudermos do mundo e das suas variadas belezas e os interesses que Deus nos oferece. Não tardaremos a compreender quais convêm e quais não convêm para uma vida de felicidade.

Quanto a mim, há muitos anos que me acostumei a dizer para comigo: «Dentro de três anos morro. Preciso pois de ordenar e concluir isto e aquilo, senão será tarde».

Este hábito tem-me feito apressar a fazer coisas que aliás teria adiado. Por acaso, — e dou graças a Deus pelo facto — isso levou-me a visitar diversas partes do mundo sem aquele fatal «esperar por melhor ocasião».

Um dia, numa espécie de devaneio, vi-me chegado à porta do céu, após esta vida, e S. Pedro a interrogar-me. Com modo afável perguntou-me: «E que te pareceu o Japão?»

— «O Japão? Eu vivi na Inglaterra!»

— «Mas que fizeste de todo o tempo de que dispunhas, nesse mundo de maravilha, com todos os seus cenários de beleza e locais interessantes, ali postos para vossa edificação? Desperdiçaste o tempo que Deus te deu para aproveitar?» E por isso não tardei a ir ao Japão.

Sim, o que incomoda muita gente no fim da vida é que só então vêm as coisas na sua verdadeira perspectiva, e reconhecem demasiado tarde que malbarataram o tempo, que o gastaram em coisas que nada valem.

IMPELE A TUA PRÓPRIA CANOA

Um jovem que inicia a viagem da vida por ter a impressão de que é apenas uma unidade da multidão e de que, por isso, pode deixar-se ir com os outros e não haverá novidade, como aquela senhora que, ao ser advertida pelo director espiritual com a ameaça de que a vida que levava a conduziria ao inferno, retorquiu: «Se assim for, há outros que têm de o sofrer. Que remédio terei eu!»

Pois é péssimo sentimento este. Lembra-te de que tu és *tu*. Tu tens de viver a tua vida, e se queres triunfar, se queres ser feliz, és tu que terás de o conseguir para ti próprio. Ninguém mais te poderá substituir.

Quando eu era moço estava em voga a canção popular «Tu próprio governa o teu barco» com o estribilho.

«E nunca te sentes tristonho, «trombudo»,
Mas guia, por tudo, teu próprio barquinho».

Era conselho — e muito bom — para orientação na vida.

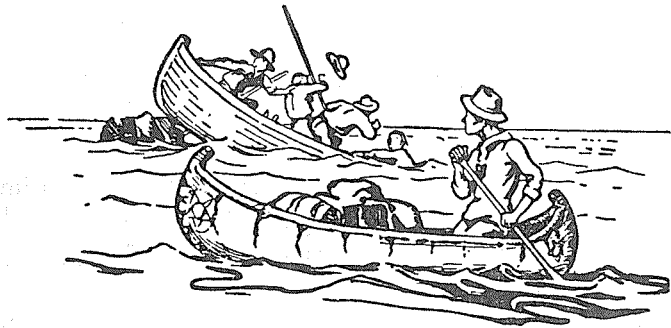
No quadro que fiz de ti, estás a impelir a tua canoa, e não a remar um barco.

A diferença está em que naquela olhas para a frente

enquanto avanças, ao passo que neste não se olha para onde se vai, mas confia-se no governo de outrem, e por isso pode-se embater num escolho antes de se saber onde se está.

Há muito quem procure remar assim pela vida fora. Muitos mais preferem navegar passivamente e deixar-se levar pelo vento do acaso, ou ao sabor da corrente da sorte; é mais fácil que remar — e igualmente fatal.

Eu prefiro aquele que olha para a frente e impele



IMPELE A TUA CANOA — OLHAR EM FRENTE. SE OS OUTROS TE LEVAM, DE COSTAS PARA O PERIGO, PODEIS NAUFRAGAR.

vigorosamente a sua canoa — isto é, escolhe o seu caminho (na vida).

Impele a tua própria canoa, e não contes que outros te remem o barco. Partindo do ribeiro da infância e seguindo pelo rio da adolescência, empreendes uma viagem de aventura através do oceano da idade adulta em direcção ao porto do destino.

Hás-de encontrar dificuldades e perigos, baixios e tempestades, no percurso. Mas, sem aventuras, a vida seria sumamente insulsa. Com pilotagem atenta, navegação franca e persistência jovial, não há razão para que a tua viagem não constitua êxito completo, por muito pequeno que seja o regato donde partires.

NECESSIDADE DE AUTO-EDUCAÇÃO

Lembra-te de que ao terminares os estudos não estás plenamente educado para seres homem. Ensinaram-te principalmente a aprender.

Se queres triunfar, precisas de concluir a tua educação educando-te a ti mesmo. Proponho que o faças com três objectivos principais:

Prepara-te para as responsabilidades	{ do teu futuro ou profissão, de futuro pai de filhos, de cidadão e guia de outros homens.

Quando saí da escola, achei-me, por assim dizer, num quarto escuro, e a educação que recebera era como que um fósforo aceso que me fazia ver como o quarto era escuro, mas também que havia uma vela que podia acender-se com o fósforo e servir-me para doravante me iluminar no quarto.

Mas era apenas um quarto neste mundo de muitos quartos. Convém examinar os outros quartos, ou seja, os modos de vida das localidades vizinhas, ou doutros países, e ver como as gentes aí vivem.

Poderás descobrir que, embora o teu quarto pareça escuro e lúgubre, há meios de nele admitir mais sol e de melhorar a perspectiva, se quiseses recorrer a eles.

Mas vencendo assim na vida, estarás a realizar coisa maior do que fazer a tua própria felicidade — estarás a trabalhar para a nação.

Poderá parecer-te estranho que um simples mortal, que não é nenhum magnate, possa servir a nação. Mas assim é, não obstante.

Deus fez os homens para serem *homens*.

Por outro lado, a civilização, com a vida citadina, autocarros, instalações de água quente e fria e todas as comodidades pessoais, contribui para tornar os homens moles e inúteis.

E é isso que pretendemos evitar.

Ouve-se dizer muitas vezes que a educação liceal que

os mais abastados recebem não presta. PRESTA, não tanto pelo que se aprende nas aulas, como pelo que se aprende no campo de jogos e fora das aulas.

O rapaz aprende aí que os seus companheiros contam que ele seja leal no jogo, desportista, recto e brioso. Aprende assim a ser disciplinado. Enquanto não conquistar o direito de fazer ouvir a sua voz, metem-no na ordem sem cerimónia. Por outras palavras, «modelam-no como convém». Segue-se no caso um longo processo de endurecimento que no fim lhe faz muito bem.

Na antiguidade os espartanos submetiam os filhos a uma preparação rigorosa de dureza e resistência antes de lhes ser permitido considerarem-se homens, e o mesmo fazem ainda hoje muitas tribos selvagens.

Na África Central, nas Ilhas dos Mares do Sul, entre os indígenas da Austrália, ainda está em pleno vigor. Também o observei entre os Zulos, Suazis e Matabeles, onde a prova consistia em enviar o rapaz sozinho para o mato, quando chegava à entrada da idade viril, para ele mostrar o que valia.

Pintavam-no de branco com bismuto, que não saía com lavagens e levava algumas semanas a desaparecer.

Davam-lhe uma azagaia ou lança curta, nada mais, e abandonavam-no na selva a viver como pudesse.

Tinha de seguir a pista da caça, aproximar-se dela e matá-la para seu sustento e vestuário, acender o lume friccionando dois paus um contra o outro para tirar faúlhas, e ocultar-se, visto que se outros o vissem ainda pintado de branco o matariam conforme o costume.

E o tipo que se sáisse bem desta prova e voltasse ao craal depois dela era aclamado por ter provado que não era rapaz e recebia as honras de homem. Infelizmente não há nada semelhante para os rapazes de países civilizados. Faz grande falta qualquer preparação parecida para os nossos moços, se queremos conservar a virilidade da nossa raça e não nos transformarmos numa nação de chupadores de cigarros, molengões e desmazelados.

E por isso digo que, se quiseses preparar-te para triunfar na vida como lembro nestas páginas, não só te beneficiarás a ti, mas também ao país. «Serás um HOMEM, meu filho», e estarás assim a formar mais um *homem* para a nação.

E, mais do que isso, o teu exemplo frutificará e levará outros a fazerem-se homens como tu.

AVANÇA CONFIADAMENTE

Como vês, indiquei-te sumariamente alguns dos «escolhos» que depararás no decurso da tua viagem da vida.

Não serão os únicos.

Mas isto te posso dizer para tua tranquilidade: que já enfrentei no meu tempo bastantes rochedos ameaçadores, mas em todos os casos descobri que, rodeando-os tinham um lado agradável.

Repetidas vezes tenho tido desgraças em perspectiva, mas, enfrentadas as dificuldades, os resultados têm sido muito melhores do que eu contava.

E tantas vezes me tem acontecido, que agora já me não desagrada um presságio sombrio, pois me con-



CAÇADOR DE LEÕES MASAI
O prazer do adulto activo e robusto

venço de que vai resultar muito melhor do que à primeira vista parece.

Pendurado sobre a minha secretária tenho um pequeno «*totem*». Tenho-o ali porque se trata duma figurinha inspiradora.

É uma espécie de tónico quando há qualquer negócio desagradável ou difícil de tratar.

Quando o nosso país era rico e tinha libras de cavallinho à farta para gastar, já ali se via a mesma figura.

É um cavaleiro que se bate com um feio dragão. Chama-se S. Jorge.



PONTO DIFÍCIL
«Carrega o teu fardo» como um homem.

Tenho muitos desenhos dele, antigos e modernos. Há um de que gosto mais que dos outros, não porque seja melhor desenho, pois não é; mas porque, nele, S. Jorge está representado com um diabo dum sorriso — está a atacar o dragão sorrindo, alegremente, e disposto a vencer. E é assim que se deve combater qualquer dificuldade por mais feia que pareça.

Não te contentes, pois, com defender-te e desviar de ti o pior que te possa enfrentar, mas avança sobre ele com a intenção de o derrotar e tirar dele proveito, seja de que forma for.

Para resumir esta introdução do assunto, não vejo melhor que citar um parágrafo do *Clarim*, escrito por R. Blatchford:

«Afirmo que é na compreensão humana e no serviço dos homens que o homem encontrará a felicidade mais perfeita e duradoira. E para compreender a humanidade e servi-la é preciso ser justo e não egoísta. Todas as guerras e crimes e toda a opressão, tudo quanto é horrível, odioso e maldito, provém das injustiças de homens egoístas. Todas as delícias e bênçãos da arte, da poesia, da literatura, da amizade, da paz e do amor, são obra daqueles que servem e amam os seus semelhantes — dos sábios, poetas e pintores, dos amigos fiéis, pais e maridos e esposas afectuosas».

O QUE OUTROS DISSERAM

A melhor forma de triunfar nesta vida é seguir os conselhos que dás aos outros (*Anon.*). (Até parece que é comigo!).

O que importa no mundo não é tanto o ponto onde estamos como a direcção que seguimos (*Holmes*).

O êxito não depende tanto do auxílio alheio como da confiança em si próprio (*Abraão Lincoln*).

Não queiras ser arbusto mas cedro da tua geração (*Sir Thomas Browne*).

Não somos o que pensamos que somos, mas somos o que pensamos (*Anon.*).

Tão cheio está o mundo de tanta coisa ter:
Felizes como reis devíamos todos ser.

(*R. L. Stevenson*).

Quem é feliz é rico, mas não se segue que quem é rico é feliz (*Provérbio cingalês*).

Carrega com o teu fardo (*Dizer Canadiano*).

A felicidade é mais que um sorriso no rosto: é o esplendor do coração. É a consciência de que o nosso mecanismo funciona perfeitamente ao realizar a tarefa para que se destina (*R. Parlette*).

TU PRÓPRIO GOVERNA O TEU BARCO
Ser um da manada, ser um do rebanho
— Absurdo tamanho — é deixar-se levar...
Quem tem fé e coragem trabalha sozinho:
Impele o barquinho sem outro o puxar.

E vê sem receio os escolhos em frente:
As coisas e a gente da mesma maneira
Ladeia-os sorrindo e avança o barquinho...
Mulheres e vinho, doutores de lareira...

Ao próximo debes amar como a ti,
Tu que andas aqui neste mundo mesquinho;
E nunca te sentes tristonho, «trombudo»,
Mas guia, por tudo, teu próprio barquinho...
(*Paródia*)

LEITURAS ACONSELHADAS

Carta Aberta às Pessoas Felizes — Louis Pawells
Albert Schweitzer — Jo Moreon
Viver — Trindade Ferreira
Juventude Rebelde — Galindo
Diálogo com os Novos — Leo Trese
Construir — Michel Quoist
Cartas de Formação — Romano Guardini
Educar — Eug. Charbonneau

ESCOLHO NÚMERO UM CAVALOS

CAVALOS

O lado sombrio deste escolho é a ociosidade e apostas nas corridas e no futebol, e o soco a dinheiro.

O lado iluminado é o prazer activo do desporto genuíno e de passatempos de amador, e o ganhar a vida.

DESPORTO E FALSO DESPORTO

Cavalos, seu valor e inconvenientes.

O box é desporto, o soco a dinheiro é ganância.

O Futebol, jogo magnífico — para os jogadores mas mau para os espectadores.

A ganância está a matar o verdadeiro desporto com o auxílio da publicidade da imprensa.

O mal das apostas.

É melhor jogar do que pagar para ver jogar.

O QUE PODES FAZER EM VEZ DISTO

Não te dês à ociosidade.

Aplica-te a um desporto decente e genuíno.

Dedica-te a qualquer trabalho de amador.

Ganha a tua vida, não a deixes ao acaso; escolhe bem a tua profissão.

Habitua-te à responsabilidade.

Começa a economizar a tempo.

Presta serviço aos outros e daí tirarás quanto prazer quizeres.

ASTÚCIA

SORRI SEMPRE

LEITURAS ACONSELHADAS

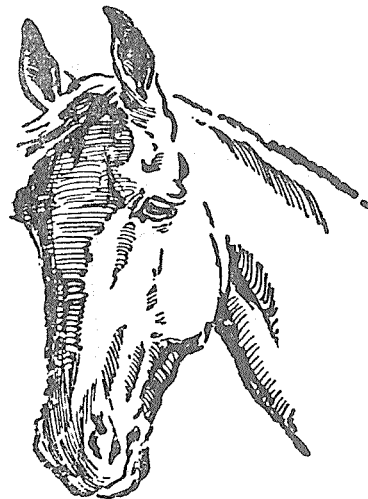
CAVALOS QUE EU TIVE

Dick não era mau no fundo. Era muito meu amigo a que ensinei muitas habilidades. Uma era ficar horas seguidas onde o deixasse sem se afastar, se lhe desse ordens para isso. Duma vez, na fronteira do Noroeste da Índia, esta prenda foi-me utilíssima. Um dos cavalos do meu esquadrão fugiu de noite do acampamento e desapareceu. Este cavalo, A44, era dos melhores da unidade e montado pelo ajudante do regimento e por isso a sua fuga causou grande alvoroço, especialmente ao coronel.

Parti, pois, em busca dele montado em Dick. Chovera e nevara toda a noite e depressa lhe descobri e segui o rastro, ora na lama ora na neve, que me levou para terreno agreste entre as montanhas, por vezes sobre terreno rochoso difficilimo para seguir pistas.

Após horas de trabalho e percorridas algumas milhas, o rastro seguia por um monte acima onde me

era mais fácil seguir a pé. Apeei-me, pois, e disse a Dick que me aguardasse ali, e meti-me logo a trepar pelos rochedos e barrancos, até que por fim tive a satisfação de encontrar o velho A44 a tremer de frio e muito ferido, decerto por ter sofrido um grande susto. Demorei bas-



DICK

tante a descer a encosta com ele, mas quando por fim chegámos ao sopé, o Dick lá estava a aguardar-nos tranqüilamente — e daí a pouco seguia eu triunfalmente a caminho da base com a presa pela arreata.

O pobre A44 nunca melhorou — nunca voltou a ser o cavalo que fora e por fim teve uma febre perniciosa e morreu. Mas o velho coronel ficou muito satisfeito com o que eu e o Dick tínhamos feito para o recuperar — e foi a minha sorte mais tarde.

Eis o que se passou.

Dick era o meu «cavalo de primeira». Isto é, embora fosse coisa minha, eu não podia servir-me dele senão para o montar em formaturas ou dar pequenos passeios. Não o podia atrelar a um carro nem levá-lo à caça.

Ora um dia em que o montava perto do acampamento avistei um belo javali em correria através dos campos. Não pude resistir. Bradei ao meu cavalariaço indiano que me chegasse a lança e larguei sobre o Dick atrás do porco, esquecido de todas as ordens e regulamentos. Após uma grande galopada, alcançámo-lo e eu curvei-me para a frente para lhe espetar a lança, ao mesmo tempo que Dick parava de repente erguendo-se nas patas traseiras. Com isto quase me arremessou ao chão. Fizera assim porque, entre outras coisas, eu ensinara-o a levantar-se nas patas traseiras e bater o ar com as dianteiras todas as vezes que eu cumprimentasse alguém com uma vénia. Por isso quando me inclinei para ferir o javali, Dick julgou que eu cumprimentava e fez o que lhe competia, ergueu-se.

O porco podia ter-me fugido enquanto Dick fazia esta asneira, mas era porco esperto, que disse para consigo: «Agora é a minha vez de matar aqueles dois», e, em vez de se escapar, virou-se a arremeter contra nós.

Quando ele avançava para nós, preparei-me para o receber na ponta da lança, mas como para isso tinha de me debruçar para o lado, Dick empinou-se mais uma vez, a lança errou o alvo, e o javali atingiu Dick com um golpe profundo das suas presas nas pernas traseiras, e sorte foi

não o atingir no ventre. O mesmo aconteceu segunda vez. Mas quando ele nos atacou ainda outra vez, dei tal esporada a Dick que o obriguei a saltar para o ar em vez de se empinar e, no instante em que o porco lhe passava por baixo, enterrei-lhe a lança no lombo e matei-o.

Mas o terrível problema era encarar o coronel e explicar-lhe os ferimentos nas pernas do meu primeiro cavalo. «Se me dá licença, meu coronel» disse-lhe, «fui atacado por um javali e *tive* de me defender!»

«Sim, isso está muito bem», disse o coronel, «mas como é que você tinha uma lança na mão quando montava este cavalo? Ah! agora reparo, não é este o cavalo que ajudou a apanhar o A44 quando fugiu? Vejo que sim. Pois, meu jovem, não volte a perseguir javalis com o seu primeiro cavalo».

CAVALOS

Gosto de cavalos. Na parede do meu quarto tenho o rol de honra de todos os cavalos que tive por companheiros nos diferentes períodos da minha vida.

Foram bons amigos, quer em campanha, quer na caça, no jogo do polo ou nas corridas.

As corridas são um desporto realmente atraente. Faz-nos vibrar ver esses magníficos animais, os melhores da sua raça, ensinados com a maior mestria, esforçarem-se ao máximo para vencer sob a direcção de mestres da arte da equitação competitiva.

Mas, como todas as outras coisas, o espectáculo das corridas pode tornar-se maçador pela repetição constante, precisamente como o comer bom assado de vaca se tornaria insípido, se não houvesse sal para o temperar.

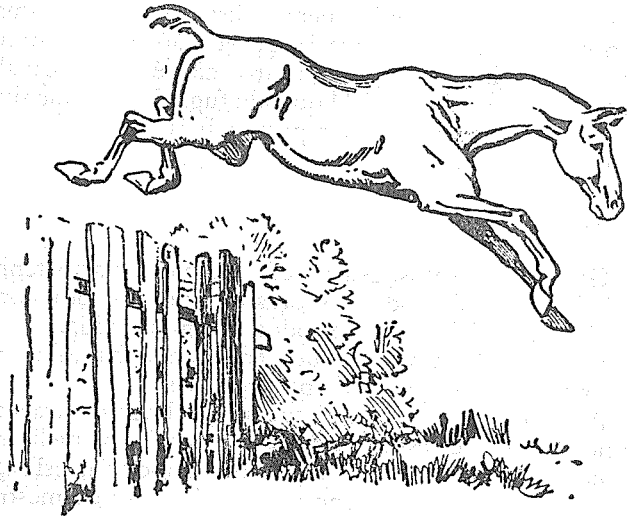
Não há muitos frequentadores de corridas que não apimentem o jogo arriscando nele algum dinheiro. Na verdade, aquele que tomasse parte em corridas sem apostar seria tido por tonto esquisito.

É a probabilidade de ganhar ou de perder que

desperta a atracção constante, mais que a simples admiração dos cavalos.

Efectivamente uma grande parte dos amadores de corridas não se importam de assistir a elas, mas fazem as apostas pelo telefone, comodamente sentados nas suas poltronas.

Tornam-se assim joguetes do acaso, se não as vítimas de coisa pior. Não fazem bem a ninguém — a não ser que seja aos *banqueiros*.



REPARAI: É SÓ POR GOSTO QUE SALTO

O SOCO A DINHEIRO TORNA-SE GANÂNCIA

Semelhante ao chamado «desporto nacional» das corridas de cavalos temos o do soco.

Um bom concurso de soco oferece-nos o espectáculo de belos homens na pujança da vida, instruídos a primor, que revelam a maior perícia, coragem e resistência ao executarem os seus ataques e defesas conforme regras rigorosas de lealdade e calma.

Devo, porém, confessar que, pessoalmente, apreciei muito mais um campeonato de soco entre escuteiros do que o de um grande desafio largamente anunciado entre campeões em Albert Hall.

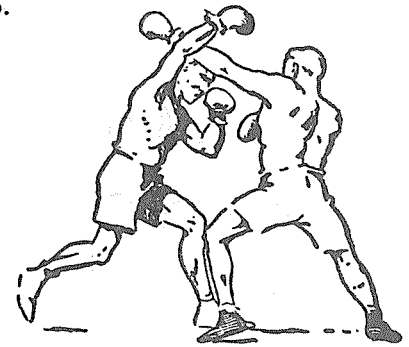
Aquele era o verdadeiro esforço desportivo por amor do desporto, o outro um empreendimento ganancioso em grande escala.

No caso de Albert Hall, cada um dos actuautes recebia uma enorme gratificação de alguns milhares de libras por uns minutos de murros (e de muitas esquivas), ao passo que os espectadores pagavam caro o privilégio de os ver a exibirem-se, quando quem lucrou, afinal, foi o promotor financeiro do espectáculo. O chamado renascimento da nobre arte é antes o despertar dos gananciosos para a ideia do dinheiro que se pode extrair do público por meio dum combate bem reclamado.

Como exemplo histórico do facto podemos apresentar o desafio entre Dempsey e Carpentier na América, onde muitos milhares de pessoas pagaram muitos milhares de dólares pelo espectáculo de alguns minutos que pouco valeu como pugilismo, ao passo que o empresário fez uma bela fortuna, depois de descontar os muitos milhares de dólares que pagou à imprensa por reclamo do espectáculo.

Mal se pode comparar isto com os «bons tempos d'outrora» em que Tom Spring se bateu com Jack Langan pelo cinto de campeão da Grã-Bretanha, em Worcester em 1824.

O combate chegou a 77 voltas antes que Langan fosse finalmente vencido.



O BOXE, JOGO MAGNÍFICO EM SI, APROVEITADO AGORA COM FINS GANANCIOSOS

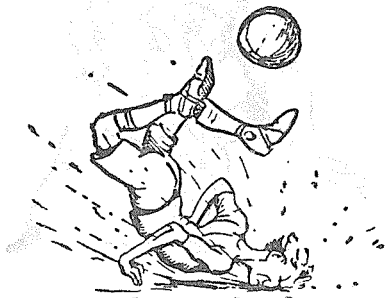
Isto sim, que era desporto e pouco havia a ganhar no caso.

O FUTEBOL, JOGO MAGNÍFICO. MAS...

Como o críquete e o soco, o futebol foi tido, durante anos, por jogo muito decente. Mas isto era antes de se tornar em jogo de profissionais.

Como jogador que fui, amo este jogo e espero que o mesmo vos suceda: eu e vós temo-lo por um dos melhores do mundo. Nada há que o iguale para dar saúde e força, agilidade e coragem, disciplina e sangue frio, e acima de tudo, a grande lição de cada um jogar abnegadamente para o seu clube e não para sua própria glória.

Jogo magnífico, que dá gosto ver, e por esta razão caiu nas garras dos gananciosos. Há companhias que exploram campos de futebol, compram e pagam aos jogadores, excitam e entusiasmam o público por meio de publicidade e tiram lucros fantásticos.



JOGA — NÃO VEJAS JOGAR

Vêm-se multidões fora dos portões, que se não importam de entrar a ver o jogo, contanto que consigam saber como este está a decorrer e como variam as apostas. Muitos mais nem ao incómodo se dão de se aproximarem do campo, mas praticam comodamente o futebol apostando de casa. E chamam a isso desporto.

Em lugar de jogarem o jogo, os nossos jovens são sugados, como o resto da multidão, para espectadores.

Sem qualquer dos condimentos de que falei em relação às corridas, observar o jogo torna-se aborrecido e por isso as apostas surgem como característica do jogo.

A GANÂNCIA ESTÁ A MATAR O VERDADEIRO DESPORTO

Temos depois o jogo de cartas. Ninguém se lembraria de jogar as cartas só pelo prazer de jogar. Tem de ser a dinheiro.

O «golf» está também a descer rapidamente à categoria de meio de ganância, e há indícios de que o críquete lhe seguirá as pisadas.

«As corridas profissionais pedestres e de barcos à guisa acabaram praticamente, porque os que entravam com a «massa» entenderam que o dinheiro não lhes rendia o que devia.

O periódico *Cycling*, tratando do hábito das apostas, disse: «É desenfreado em quase todas as competições do ciclismo da província, com o resultado inevitável de que o desporto anda já manchado de práticas vergonhosas».

As perspectivas do nosso desporto nacional são geralmente más.

Todavia, se a maioria se diverte a apostar e a ver, deixá-la divertir-se. Pode assim gozar e distrair-se na ocasião, mas não pode com certeza sentir-se feliz; e, portanto, não gasta bem tempo e dinheiro.

Não sei qual a razão, mas quando alguém se mete com cavalos, a honestidade não parece ter o mesmo valor que noutras circunstâncias. Por isso acautelai-vos tanto em apostar como em comprar um cavalo.

Lembra-me de ter comprado um a um vendedor honesto, que me disse exactamente quais os defeitos e qualidades do bicho, quanto dera por ele e qual o lucro que me pedia por tê-lo ensinado e aperfeiçoado.

Como tinha as melhores mãos de cavaleiro que eu conheço, o seu ensino valia alguma coisa (falo do coronel «Jabber» Chisholme, que morreu à frente da cavalaria na carga feita em Elaandslagte). E tanto que, depois de ter pago o cavalo pelo preço que ele pediu e de o ter montado, compreendi que valia para mim mais do que dera por ele; por isso segui o seu exemplo e mandei-lhe um cheque suplementar.

TENDE CAUTELA

Podereis dizer: «Que importa que o desporto seja ou não decente, contanto que possamos experimentar uma comoção? Todos o fazem. É da natureza humana jogar e a natureza não se modifica. Para que nos havemos de maçar?»

Sei que se sente satisfação em ganhar, quer por sorte quer por habilidade, mas pessoalmente aborreço-me ver aquilo que era verdadeiro desporto prostituído à condição de negócio para alguns gananciosos que o fazem à custa da massa dos jovens. Estes são arditosamente levados a entregarem-se aos jogos de azar enquanto lhes fazem acreditar que são grandes desportistas. Sob este disfarce, um grandíssimo número é induzido à ruína. Como pessoa que está farta de ver esta impostura, só vos quero prevenir. E que estejais alerta, se fordes tão parvos que vos deixeis enganar.

Com o crescer da idade, podeis julgar melhor por vós próprios se precisareis daquele género de distração, quando tendes tantas outras coisas ao vosso dispor.

Há muitos que têm enriquecido, sendo banqueiros ou prestamistas, mas ninguém o conseguiu, que eu saiba, *apostando*, isto é, sendo vítima do banqueiro ou do prestamista.

Os banqueiros que se aposentaram na opulência com aquilo que se comprazem em chamar os seus «salários» conseguiram-no na verdade, porque jogaram com o facto de que a maioria dos homens é formada por insensatos.

(Isto faz-me lembrar duma palestra que uma vez fiz sobre o tema: «O que toda a mulher sabe», e no qual se mostrava que ela sabe que 99 % dos homens são idiotas e o resto doidos varridos).

E assim também nas corridas de menor importância, grande parte do dinheiro do público ludibriável passa para as mãos daqueles que estão ligados com os melhores mestres *da arte* entre os jogadores.

QUE MAL HÁ EM APOSTAR?

É pergunta que naturalmente se faz. Bem, em primeiro lugar, independentemente do facto de este hábito roer como

cancro as entranhas do verdadeiro desporto, é aventura louca para o apostador, porque quase sempre resulta em atirar fora o dinheiro. Muitas poucas pessoas há, se é que as há, que cheguem a tirar qualquer lucro das apostas. Por isso, a não ser que sejas rico, é jogo perigoso.

Quem vê alguém ganhar grossa maquia, sente-se tentado a sair da rota batida e tentar a sorte; parece processo novo de enriquecer depressa, mas em geral dá em meio de abrir falência em pouco tempo.

Quase sempre desperta um ponto fraco no carácter — a cobiça. O chamado desportista deseja ganhar para apanhar dinheiro aos outros. Quando a cupidez entra por uma porta, sai a honra pela outra. Há muito pouco espírito desportista nessa ambição sèbenta de apanhar o dinheiro aos outros.

Muitíssimos indivíduos se têm convencido de que é maneira fácil de ganhar dinheiro, e entraram mais a fundo do que podiam; seguiu-se o crime mais grave de roubarem ou defraudarem os patrões ou outros para pagarem as dívidas do jogo, ou cometeram suicídio para fugirem às consequências.

É esta a história desgraçada que a cada passo se repete nas gazetas, mas os outros jovens pataratas não aproveitam a lição.

Eis os números que se apuraram sobre as consequências do jogo nos 12 anos anteriores à Primeira Grande Guerra só na cidade de Londres:

Suicídio ou tentativas de suicídio	234
Alcances e roubos	3234
Falências	530

Calculou-se que no Reino Unido mais de 50 milhões de libras mudaram de mão entre agentes de apostas e seus



O ÚNICO A GANHAR

clientes no prazo de doze meses e que a maior percentagem coube aos agentes.

O PODER DA PUBLICIDADE

A culpa do aumento doentio do jogo das apostas cabe, em grande parte, a certo sector da Imprensa.

Um jornal pode tomar duas atitudes: ou orientar a opinião pública no bom sentido, ou acompanhar o gosto do público que poderá seguir caminho errado.

Infelizmente, na Imprensa de hoje, há mais que seguem o público do que havia anos atrás.

Os jornais dominicais que alimentam o gosto mórbido pelo homicídio, intrigas, crimes horripilantes e devassidão, são igualados pelos jornais da tarde que exaltam o futebol, corridas profissionais, etc., em grau exagerado, como se tivessem maior importância do que tudo quanto realmente interessa ao bem estar da nação.

É verdade que um jornal, para ter opiniões independentes, como o falecido Mr. Wickham Steed, editor do *Times*, fez notar, precisa de ter independência financeira. Mas é de lamentar que para conseguirem esta independência muitos deles tenham de ceder aos honorários que lhes são oferecidos pelos promotores de lutas a dinheiro e estrelas de cinema, de modo que o público, entusiasmado pelos artigos da imprensa, perde a cabeça completamente por artistas que, em seu melhor juízo, consideraria muito vulgares.

Mas a multidão — e não há meio de evitá-lo — é, em regra, insensata; não pensa por sua cabeça nem se preocupa a encarar os dois aspectos duma questão. Se o fizesse, não despejaria o seu dinheiro nas mãos dos agentes de apostas, directores de companhias de futebol e organizadores de lutas, que se aproveitam dessa despreocupação, mas prefeririam o desporto—o desporto autêntico—por amor do desporto e pelo prazer e saúde que dele derivam.

Gosto duma boa história filmada e por vezes a repre-

sentação é excelente nesses dramas em que os actores transmitem os seus sentimentos pelos gesto e pela expressão.

Todavia a sua arte, por muito boa que seja, não pode igualar a do actor do palco, que além destas coisas, dá alma e vida ao papel que representa em carne e osso com voz e lágrimas humanas. Os próprios filmes «falados», com as suas vozes e música «de conserva», não conseguem dar verdadeira vida aos quadros.

E, todavia, há milhões de pessoas que conhecem Molly Mickboard pelo seu lindo rosto e excelente representação na *tela* assim como Charlot pelas suas palhaçadas truanescas. A chegada de qualquer deles a uma cidade é anunciada com dois dias de antecipação em notícias nos jornais cuidadosamente preparadas, e estas vão-se gradualmente animando à medida que se aproximam o dia e hora da chegada. A heroína, ou até seu marido, enviam saudações antecipadas à nação, anunciam-se o dia, hora e local da chegada, e atinge-se o auge da publicidade quando a multidão avança em vagalhão para a estação a receber a estrela. Não se faz isto a um actor, por muito bom que seja. Mas se se perguntar a alguém da multidão por que razão procedem assim, não haverá um em cada mil que saiba responder.

E, todavia, à mesma cidade e à mesma estação chegaram soldados e marinheiros vindos do inferno da guerra, que combateram por nós e salvaram o país, mas que se deixaram penetrar na cidade praticamente ignorados e sem honras.

Não condeno o coração e a boa vontade do povo, mas o facto de ser tão facilmente levado pela propaganda da imprensa.

O VERDADEIRO DESPORTO

Depois de lerdes tudo isto haveis de julgar-me um desmancha-prazeres. Há uns anos, pôs-se termo à luta de touros e cães, em resultado duma representação ao Parlamento assinada por muita gente.

Os adversários disseram depois que o protesto não se fizera tanto pela crueldade infligida aos touros, como pelo desgosto que a muitos causava ver os outros a divertirem-se.

Ora, vós podeis supor que o mesmo se dá comigo. Mas não é isso. Já apreciei o verdadeiro desporto e ainda o aprecio tanto como qualquer outra pessoa; julgo até que o aprecio mais do que a maioria dos homens.

E gosto ainda mais de ver os outros a divertirem-se, e, quanto mais o fazem, mais feliz me sinto.

Mas há muitos sujeitos que andam por caminho errado, supondo que praticam o desporto, quando na verdade são logrados pelos gananciosos, com o nome de desporto, a meterem-lhes o dinheiro no bolso.

Não duvido de que eu próprio teria perdido assim muito dinheiro, isto é, em apostas, se o tivesse para arriscar. Mas não o tinha, nem tinha na cabeça bastante matemática para saber calcular as probabilidades e arriscar dinheiro, quando o tivesse.

Além disso, «gato escaldado de água fria tem medo». Nunca me esqueci que fizera uma aposta quando andava na escola e perdera. Receio que vos revelaria a minha idade se vos dissesse que apostei num cavalo chamado Pax, no prémio da cidade e arrabaldes. Joguei nele dezoito dinheiros e fiquei arruinado! E nunca mais assisti ou apostei numa corrida de cavalos.

Por outro lado, gostava de corridas de amadores, quando conhecia os cavalos e os cavaleiros, ou melhor ainda, quando eu tinha um cavalo na corrida ensinado e montado por mim. Era coisa muito diferente da de olhar para um grande número de cavalos desconhecidos a correr ou de apostar nas corridas, sentado em casa numa cadeira de braços. Era desporto activo e não simples negócio de caixa.

De igual modo joguei no grupo de futebol da minha escola e gostava do jogo. E gosto ainda de assistir a um bom desafio entre amadores, mas sinto um prazer muito limitado em estar sentado a ver outros a jogar porque lhes pagam, e ver e ouvir a enorme multidão de espectadores

a berrar com frenesim histérico, que se intensifica conforme vêem o seu dinheiro em segurança ou em risco.

Que é desporto? Em meu entender, este consiste na participação activa e individual, e não em ser mero espectador ou em mandar jogar outros por si ou ser ajudado por um assalariado. Como jogador de «golf», por exemplo, eu não pagava a um rapaz que me levasse as clavas. Talvez por que não posso pagar as gratificações elevadas actuais, talvez sinta que a minha conversa o espantasse; talvez receie que ele se ria das minhas inabilidades no jogo; talvez não goste de animar os rapazes a entregarem-se a trabalhos sem futuro; mas a minha principal objecção é que prefiro jogar o jogo por mim. O mesmo me acontece com o aproximar-me dum veado ou pescar um salmão. Não quero que um auxiliar me faça o trabalho. Olha, nem sequer mando cortar o cabelo; sou eu mesmo que o corto — o que tenho.

COMO NOS PODEMOS DIVERTIR E GANHAR DINHEIRO HONESTAMENTE

És capaz de dizer: «É muito fácil criticar a assistência aos desportos; mas —

«Que há-de a gente fazer nas horas vagas?

Como há-de ganhar dinheiro?

Como se há-de divertir se não for às corridas nem ao futebol?»

Na verdade, é problema difícil traçar um programa que agrade a toda a espécie de jovens, quer sejam ricos quer pobres ou de meios modestos, quer vivam na cidade ou na província, para o inverno ou para o verão, sós ou acompanhados, dentro ou fora de casa, para de dia ou para de noite.

Poderás tu lembrar uma solução?

Calculo que não. Mas aí vai uma sugestão a traços largos que talvez sirva para alguma coisa.

O grande segredo é tomar para lema as seguintes palavras — NÃO SEJAS MADRAÇO.

Não há interesse em vogar sobre um mar de leite, mas é coisa totalmente diferente navegar com vento fresco e mar picado, e há sempre uma onda à frente que tem de se cortar e, mal se passou essa, outra surge pela frente.

Ao abrir caminho através da vida, sentirás o prazer de ter sempre à tua frente uma nova onda de trabalho ou actividade a vencer.

Por isso, em resposta

À tua pergunta sobre
o que hás-de fazer a res-
peito de

HORAS LIVRES

DINHEIRO

FELICIDADE

DESPORTO

A minha sugestão é
que te entregues ao

VERDADEIRO DESPORTO E
OCUPAÇÕES DE AMADOR,
PROFISSÕES CONVENIENTES
E ECONOMIA.

SERVIÇO DO PRÓXIMO

Por *verdadeiro* desporto entendo qualquer espécie de jogo ou actividade benéfica que cada um pratica em lugar de apenas observar. Sei que os campos de jogos faltam em muitas localidades, e que não têm capacidade para todos os que querem jogar. Todavia, há lugar para muitos mais do que aqueles que hoje se servem deles, e há também campos de outra espécie que até agora pouco se têm aproveitados. Eu poderia sugerir muitos jogos que satisfariam uma ou outra condição, mas confesso que é difícil adaptá-los a todos.

O essencial é que por ti consideres e vejas qual o jogo que melhor satisfará as condições e meio em que te encontrares.

Mas se por ti não o conseguires, poderei ao menos sugerir-te um que satisfaça a todas as condições indicadas, e está descrito no último capítulo sobre Caminheirismo.

UM VERDADEIRO DESPORTO

Entre os verdadeiros desportos figura um que é acessível a todos igualmente e nada dispendioso: é o alpinismo.

«Alpinismo!» — talvez exclames. «Que alpinismo se poderá fazer em Inglaterra?»

Pois pode fazer-se muito e vou mostrar-te como. Subir a um monte de vinte mil pés (6 000 m.) é façanha gloriosa, mas nem sempre se está seguro por um cabelo: a dificuldade que põe à prova as faculdades trepadoras de mãos e pés só de vez em quando surge. Quem aí cair, mergulha dois ou três mil pés antes de se esborrachar. Pode sofrer-se uma queda com os mesmos efeitos de duzentos ou trezentos ao escalar uma face rochosa difícil na nossa própria terra. Pode experimentar-se o mesmo alvoroço escalando um pequeno monte que exija igual vigor, resistência e habilidade, e a mesma boa camaradagem na corda.

Mas é desporto muito perigoso para quem se não tenha preparado devidamente e não seja acompanhado dum alpinista experimentado.

«Não é tanto a altura da montanha que importa como o passo difícil a vencer». Foi o que me disse o General Bruce, chefe da expedição ao Monte Everest, falando-me das possibilidades do alpinismo para jovens nas Ilhas Britânicas. Admira que não seja mais conhecido e mais praticado como desporto. O facto é, em grande parte, devido à circunstância de se não compreender que se pode praticar em quase todas as partes da Grã-Bretanha.

Se não houver um monte, encontra-se em geral uma penedia, uma pedreira ou uma escarpa. Em qualquer delas se podem exercitar admiravelmente dois ou três alpinistas com uma corda. De vez em quando fala-se dum trepador solitário, como na minha excursãozinha nos Andes, na pág. 202, mas é grande erro. Uma vez ainda vá, para se adquirir confiança em si próprio, mas não tem graça nenhuma ficar desamparado em consequência duma queda ou dum entorse. Cada um dos da corda tem de estar devi-

damente exercitado para poder auxiliar os outros. É boa lição prática.

Não há meio melhor para desenvolver os nervos, os músculos e a resistência física do que o alpinismo. Quem for bom alpinista não pode ser medícras. É como desporto é esplêndido.

Para mais, exige observação: aptidão para reconhecer o terreno num relance e aproveitar-lhe as possibilidades.

Uma vez acompanhei as tropas alpinas italianas em manobras nas regiões elevadas dos Alpes. Estes soldados são preparados exclusivamente para a guerra de montanha e

todos recrutados entre os montanhese. Avistámos o inimigo nas vertentes nevadas do outro lado duma ravina duns seiscentos metros de profundidade e quatro ou cinco quilómetros de largura. Os oficiais receberam então o plano geral do ataque e logo se dispuseram em linha extensa, a certa distância uns dos outros, e sentaram-se a observar as vertentes e penedias fronteiras. Estudaram-nas com os binóculos e procurou cada um descobrir a linha para a sua unidade subir, ao mesmo tempo que notava os pontos de referência que lhe serviriam de guias quando fossem avançando do fundo.

Escolher o trajecto e reconhecê-lo à medida que se trepa dá à escalada de rochas e montes variedade e interesse infinitos; e é isso o que faz os alpinistas bons ou



EVERESTE — SEMPRE A TREPAP.
SEMPRE AGRESTE

simplesmente medianos, conforme o grau de observação que cada um atingir.

Acresce o efeito moral de se aprender a enfrentar as dificuldades com decisão, calma e boa disposição, mesmo quando parecem impossíveis de vencer.

Habitua-te assim a encarar as dificuldades da vida com a mesma disposição, e persistindo e procurando de diversos modos rodear ou transpor o obstáculo, acabas por vencê-lo.

Finalmente, não esqueças a tua alma. Tem graça pensar em tal coisa numa escalada, com outros, mas quando chegares a uma crista majestosa, com a sua vasta perspectiva que parece dum mundo diferente, senta-te à parte e medita.

E ao mesmo tempo deixa-te penetrar da inspiração maravilhosa do ambiente.

E quando desceres de novo à terra, sentir-te-ás outro homem, de corpo, de alma e de espírito.

PASSATEMPOS E O SEU VALOR

Verifico que o hábito de agir por si se vai fortalecendo e acaba por abranger todos os sectores da actividade quotidiana. É hábito muito salutar; «quem quer vai, quem não quer manda» torna-se o lema de todos os dias.

Até certos nadas caseiros começam a exercer a sua atracção e ensinam-nos muitas coisas. Com certa prática habituámo-nos a dar no prego e não nos dedos, e a ter cuidado com os dedos ao consertar as fichas da instalação eléctrica, conhecendo os efeitos da electricidade.

Quando rebentou a Grande Guerra e nos privou do abastecimento de hortaliças e frutas, trouxe-nos o benefício de ensinar a muitos a serem hortelãos e jardineiros e a produzirem géneros para seu sustento. A distribuição de pequenos terrenos de cultura tem prejudicado mais as casas de bebidas do que toda a legislação parlamentar anti-alcoólica, e beneficiado simultaneamente mais a saúde e boa disposição humanas do que todas as reformas sanitárias e

políticas. O próprio jardim é excelente campo de passatempo para qualquer homem e a melhor cura de repouso que pode dar-se a qualquer trabalhador assoberbado de trabalho. Para muitos é a primeira experiência genuína de ar livre, que os põe pela primeira vez em contacto com o crescimento das plantas,

bem como de lagartas, pulgões e outros insectos; isto é, conhecimentos da natureza.

Todo o rapaz tem a tendência natural para fazer as coisas por suas mãos. Há muitos homens que perdem esse gosto à medida que envelhecem, mas quando o conservam, esta forma natural de

expressão e a satisfação do desejo natural de criar torna-se hábito e hábito que preenche muitas vidas vazias. O homem que se entrega aos passatempos úteis nunca desperdiça tempo, este nunca lhe pesa, e ele não é facilmente arrastado para outras distrações que a imprensa exalta. Os passatempos servem-lhe de salvaguarda.

Os passatempos e trabalhos manuais criam a perícia, porque aquele que emprega todo o seu pensamento e energias supérfluas a fazer coisas não pode deixar de aperfeiçoar consideravelmente os seus trabalhos; e onde o entendimento se aplica à mão, a imaginação e a iniciativa aparecem, e do trabalho do amador há muitas vezes quem passe a inventor.

Quando lanças um olhar em volta do teu quarto, ou do teu escritório, ou da tua oficina, encontrarás à vista uma centena de coisas que foram resultado da invenção de um



ARRANJA UM PASSATEMPO QUALQUER

ou doutro homem. Está pois ao teu alcance, se te entregas a um passatempo, realizar alguma invenção que não só te auxiliará financeiramente, mas poderá redundar em grande benefício para os teus semelhantes.

Também acontece por vezes que quem se entrega a passatempos descobre um que, embora absolutamente alheio à sua profissão habitual, lhe revela aquilo para que ele está naturalmente mais bem dotado, e lhe mostra assim uma nova orientação e uma verdadeira profissão para ele seguir; e se até aí ele era uma estaca redonda num furo rectangular, descobriu agora o furo cilíndrico a que se adapta perfeitamente.

Mas os passatempos podem, pelo menos muitas vezes, se não sempre, render dinheiro a quem dele precisa, e embora eu não aconselhe ninguém a procurar ganhar dinheiro por amor do dinheiro, reconheço perfeitamente que é preciso ter algum que nos permita caminhar e não servir de empecilho aos outros.

No antigo livro de caçadas *Jorrocks*, aparece uma personagem célebre, «Jogglebury Crowdy», cujo maior passatempo era cortar varas nas sebes e nos bosques para delas fazer bengalas. Também cultivo esse passatempo entre muitos outros, e embora não pareça muito emocionante, todavia, quando se começa a cultivá-lo, desperta interesse bastante para nos levar a percorrer quilómetros à caça dum boa vara, coisa que aliás seria estopada inaudita; e a satisfação de descobrir, endireitar e ajeitar uma vara, é muito grande. Não falo disto senão para mostrar que até o passatempo mais simples tem o seu interesse.

Além disso tem também valor lucrativo, e conheço muitos rapazes que, tendo-se entregado a este passatempo, puderam assim ganhar honradamente muitos escudos.

Mas aquele que descobre a sua vocação especial de amador pode muitas vezes fazê-la render bem e, por isso, em lugar de tentar o impossível de tirar dinheiro do jogo de apostas, pode seguir o processo mais seguro de o conseguir por meio dum passatempo não menos agradável.

E o dinheiro que se ganha pelo próprio esforço é muito mais apreciado do que aquele que se surripia a outrem. Independentemente dos passatempos lucrativos, há uma infinidade deles a escolher, conforme os gostos de cada um.

Música, pintura, escultura, arte dramática, estão todos ao fácil alcance da gente da cidade, e não há necessidade nenhuma de madraçar nas localidades onde haja galerias de pintura, museus, concertos municipais, etc.

Mas não vos recomendo apenas o gozo passivo destas coisas. É a manifestação activa delas que vale.

Por manifestações activas quero dizer escrever poesia, executar trabalhos de carpinteiro, tocar, modelar em barro, desenhar, etc. É também interessante coleccionar selos do correio, moedas, fósseis, antigualhas, insectos, seja o que for.

Passeios pelo campo para o estudo das aves, plantas e animais. Podes entregar-te à criação de frangos, cultura de frutos, preparação de compotas, criação de coelhos, fabrico de borzeguins, ou qualquer outra coisa de que gostes. Podes escolher dentre centenas de coisas; e quando tiveres achado aquilo que te prende realmente, acharás a recompensa, não em dinheiro talvez, mas em satisfação vitalícia.

PROFISSÃO APROPRIADA

Quanto a dinheiro, quase todos precisamos dum rendimento garantido, que nos livre de sermos empecilhos para os outros e nos permita começar a ter gosto na vida e ajudar os outros a tê-lo também.

Por isso, em vez de lançarmos fora o dinheiro, na esperança de o aumentar à custa dalgum desgraçado menos afortunado, aproveitemos o tempo para conseguirmos um rendimento certo, em paga de trabalho honrado, primeiro passo para nos prepararmos para a profissão que havemos de seguir.

Já disse que não gosto de me servir de «moços» no jogo do golfe, porque isso leva o rapaz a encarregar-se dum serviço que lhe rende durante algum tempo, mas que

não lhe oferece garantias de futuro. Terá de o abandonar quando for homem — e reconhecerá então que não está preparado para qualquer profissão especial. E em muitíssimos casos torna-se assim um madraço inútil.

Ora, não é apenas o moço de golfe que começa assim mal a vida. Muitos rapazes vêem a possibilidade de conseguirem um emprego bem pago, ou são os pais que os incitam a arranjá-lo, mas esquecem-se de olhar para o futuro e de ver se mais tarde lhes convirá ou não.

Grande número destes empregos bem pagos, de rapazes, não têm saída e deixam o mocinho em seco precisamente no momento importante da vida em que devia estar a subir os primeiros degraus duma carreira que no fim lhe seria proveitosa.

Um erro muito frequente é que, quando um jovem encontra uma carreira com futuro, escolhe-a porque lhe parece que o trabalho lhe agrada, sem primeiro calcular se terá competência para ele; e com o tempo verifica, ou os seus patrões descobrem, que ele não é a pessoa que convém, e lá tem ele de sair a procurar coisa que possa fazer. É estaca quadrada em furo redondo que nunca poderá adaptar-se.

O problema está em descobrir qual o trabalho que nos está mais indicado, e, se a princípio se aceita outro que dá dinheiro, nunca deve perder-se de vista o que convém e agarrar-se com ambas as mãos logo que a ocasião se proporcione. Ao mesmo tempo livra-te de estares sempre a pensar que «o pão do vizinho é sempre o melhor».

Se és estaca rectangular, procura um orifício igual e esforça-te por alcançá-lo.

«Enche as narinas do cheiro da pista e segue de nariz no chão e não te preocupes com o fim da caçada. O prazer do acto está na corrida e não no final.

Quando, em novo, estava desempregado, era regra minha aceitar o primeiro trabalho que me aparecesse e fazê-lo durante algum tempo até que aparecesse outro melhor. Com um verme pode pescar-se um vairão, e com

um vairão uma perca. Com a perca pode apanhar-se uma lontra, coisa que vale a pena esfolar».

É o conselho do *Negociante que se Fez por si a seu Filho*. Se aquela «coisa que vale a pena esfolar» servir para fazer um casaco de peles quentinho para outrem, terás alcançado êxito no teu negócio: não só conseguiste ganhar a vida mas tornaste o teu serviço útil aos outros.

E é assim que se é feliz na vida.

Se quiseses seguir a sugestão do negociante de carne de porco e encontrar qualquer ocupação remunerada, enquanto não te aparece um emprego adequado, podes assentar praça na aviação, visto que o período de serviço não é grande, é bem pago e o trabalho é muitíssimo interessante.

Mas o que mais importa é que tal exercício é altamente educativo e, se for tomado nesse sentido, dá-te os retoques finais na educação escolar. Estás entretanto a formar o carácter e a ganhar bom nome que te permitirá melhor seguir uma carreira, quando esta se abrir diante de ti.

De igual modo, se tiveres a intenção de ir viver para um dos domínios ultramarinos, a melhor maneira de alcançar experiência local e amigos será servir durante algum tempo na polícia do país. É serviço também educativo e bem remunerado, que contribui notavelmente para a formação do carácter.

ECONOMIA

Após a Grande Guerra, os críticos afirmam que a nação vai de mal a pior. Não sei bem. Vejo que o Director da Escola da Cidade de Londres diz que os rapazes de hoje são mais enérgicos que os de ontem, e melhoram dia a dia. É pelo menos um indício animador.

Há com certeza mais quem economize agora e menos quem escarre. Não sei se os dois pontos têm qualquer relação, mas não há dúvida de que são factos.

Nas páginas que se seguem lembro que, pela prática da abstinência, ganhas carácter; mas ganhas também outra coisa, por vezes pelo menos: é dinheiro. Limitando

o consumo de álcool, ou do tabaco, ou de guloseimas, e evitando o de coisas que estão acima das tuas posses, poupas o que elas custam, e olha que, no fim de contas, não é coisa para desprezar.

Nunca aconselhei aos outros que façam o que eu mesmo não faria, e no meu tempo fiz um bocadinho destas economias que te estou a recomendar.

Eu era o sétimo filho numa família de dez, e meu pai, por sinal clérigo, morreu quando eu tinha três anos. De sorte que não fui criado no meio do que se diria abundância, e quando entrei para o exército tive de viver do soldo como pude, e este não era grande.

Foi preciso lutar um bocadinho. Entre outras coisas era preciso deixar de tomar o pequeno almoço e o almoço na *messe* dos oficiais, dispensar o tabaco e bebidas alcoólicas, e ganhar o que pudesse fora dos meus deveres militares, desenhando e escrevendo.

Mas trabalhei muito e a luta soube-me bem. E acabei por «chegar onde queria». Tive imensa sorte, mas devo acrescentar que em grande parte fui eu que a segurei. Aquilo a que geralmente se chama sorte é na realidade, em grande parte, o poder de espreitar a ocasião e de lhes saltar e agarrá-la. Há muitíssima gente que cruza os braços à espera de que a sorte lhes chegue e depois queixam-se de que nunca lhes aparece.

O que é curioso é que avancei mais depressa do que queria. Não tinha outra ambição que não fosse conseguir sustentar-me sem recorrer à família. Tanto melhor se eu pudesse fazer alguma coisa para a auxiliar. E o trabalho encantava-me porque lidava com homens e cavalos. Andava plenamente satisfeito.

Mas quando me chegou a promoção e passei a categoria mais elevada, não gostei nada, embora a remuneração fosse melhor e grandes as perspectivas para o futuro; só queria que me deixassem ficar onde estava. Lembro-me bem de ter perguntado ao meu coronel se não podia recusar a promoção, mas ele disse-me, rindo-se, que tal era

impossível e não tive remédio senão subir. Não me dei mal; mas devo-o, em grande parte, à prática inicial da economia.

Há dois ou três dias diverti-me a passar a vista por alguns dos meus diários de viagens e visitas a amigos: com que escrúpulo tomava nota de todos os centavos que gastava, e com que entusiasmo registava todos os que ganhava e ficavam ao meu dispor para gastar! Mais do que ninguém, podia confirmar a verdade do ditado «Grão a grão enche a galinha o papo».

E desta forma não só aproveitei eu, mas pude dar conselhos da minha própria experiência e orientação no mesmo sentido, a muitos amigos entre os soldados do meu esquadrão. Em resultado disso baixaram os lucros da cantina, mas subiram os depósitos na Caixa Económica. Os homens tinham mais saúde, andavam mais contentes e, ao saírem do serviço, tinham, dinheiro de contado com que podiam estabelecer-se no comércio ou na vida particular.

O mesmo poderá acontecer contigo, que me lês. Se não tens dinheiro, ganha-o de qualquer forma, mas ganha-o. Pode vir um dia mau e não debes ser pesado aos outros. Lembra-te desse mau dia; há muitos que se esquecem dele e acabam por sofrer as consequências do seu descuido.

Se já tens algum dinheiro, não é razão para o atirares fora; guarda-o bem. E se tiveres de o gastar, gasta-o com os outros e não apenas nos teus divertimentos.

Podes ser rico, mas há uma coisa que não podes fazer — se fores homem de bem — não podes gastar dinheiro em luxos, enquanto houver à tua volta pessoas que não têm o indispensável à vida.

Mas repara bem, quando falo de economia não quero dizer sovínice. Para contigo podes ser tão sovina quanto quiseses; poupa nas tuas despesas, mas não no que gastes com os outros.

Quanto a mim, passei uma vida tão agradável como os meus camaradas. Cacei, joguei pólo, entreguei-me ao prazer da caça do javali e da caça grossa, mas não comprei animais de preço para estes desportos, comprava-os a

baixo preço, ainda rebeldes e por ensinar, e tinha todo o prazer e interesse em os ensinar por mim. Há quem compre coisas quase só porque são caras; mas há também quem faça o contrário. Um compra um casaco novo logo que o anterior apresente qualquer mancha ou coçadela; outro, quando vê o casaco coçado, manda-o virar e usa-o assim, fazendo-o durar o dobro do tempo. Há modos de viver feliz tanto com pouco como com grande rendimento; é questão de imaginação e economia. Mais do que isso, é aventura a que um espírito desportivo se entrega com gosto. Pobres milionários!

APROVEITA A OCASIÃO

Um homem que fora soldado do meu regimento veio há pouco procurar-me a queixar-se de que estava prestes a naufragar. Disse que servira fielmente a pátria durante os dez melhores anos da sua vida, e a maneira como o país agradecido lhe pagava era abandoná-lo à sorte. Não tinha qualquer experiência comercial, mas um irmão que vivia no Canadá estava pronto a tomá-lo para sócio, se ele fosse para lá. Mas por seu lado, não julgava nada justo ter de se exilar por ter servido a pátria, nem tinha dinheiro para a passagem, se quisesse partir.

Perguntei-lhe quanto poupara durante o serviço. Ele sorriu irónicamente e respondeu que um soldado raso pouco pode poupar. Mas eu sabia por experiência que a maioria das praças do meu regimento, ao serem licenciados, tinham depósitos razoáveis na Caixa Económica, e tive de lhe dizer: — «Você tinha cama e mesa, vestuário e médico, lenha, luz e água de graça, e também recebia pelo menos 1 xelim e 6 dinheiros por dia em moeda, ou seja 27 libras por ano. Você podia, portanto, em 8 anos, poupar £ 216, ou mesmo, descontando para cerveja e tabaco e diversões, £ 100 à vontade, que, juntamente com os juros, dariam £ 150 em 8 anos. Esta importância dava-lhe para se instalar no Canadá, e o Canadá não é terra de desterro, mas uma linda terra de futuro». Mas ele era um daqueles que não

tenham aproveitado a ocasião quando esta lhe apareceu. A moral da história é: «Aproveita a ocasião presente; não esperes que ela te volte a aparecer depois; os tempos podem piorar e darem em temporal».

John Graham disse ao filho: «Não brinques com a colher antes de tomares o remédio; adiar uma coisa fácil torna-a mais difícil, torna-a impossível...»

O velho Ricardo estava sempre a adiar tudo. A última vez que soube dele, tinha ele noventa e três anos e estava prestes a morrer. Foi há dez anos e aposto que ainda vive.

O essencial é poupar desde o começo, especialmente quando se é novo e robusto. O Sr. Pound, escrevendo a respeito dos rapazes assalariados, afirma que antigamente um operário ia aumentando de salário a pouco e pouco até ultrapassar os trinta e cinco anos. Hoje, um jovem de dezoito anos recebe um bom salário e atinge o mais alto aos vinte e cinco, e a sua capacidade de trabalho baixa rapidamente dos trinta e cinco para os quarenta e cinco. Recebe muito mais aos vinte e cinco do que seu pai recebia, mas muito menos aos sessenta.

Poupar para quê? Um dia podes deparar um bom futuro se fores para o ultramar, ou se tiveres um pequeno capital para te estabeleceres. Mas o que ainda podes ter por mais certo é que um dia hás-de querer casar-te; terás de pensar em pôr casa; mas há coisa ainda mais importante que muitos esquecem. Não-de vir os filhos. É pregar-lhes uma partida muito feia trazê-los ao mundo sem teres com que os criar.

COMO SE ECONOMIZA

A Caixa Económica Postal é um dos meios mais simples. O chefe do correio da tua estação receberá as tuas economias à medida que lhas vais entregando e dar-te-á uma caderneta, onde se lançam as quantias que vais depositando; este dinheiro rende juros e vai, gradualmente, aumentando.

Outro meio é adquirir Certificados de Aforro

no correio ou num banco, poupando o suficiente para adquirir semanalmente algumas estampilhas que se colam no cartão de economias. As estampilhas compram-se em qualquer estação emissora de vales.

Outro meio muito popular é formar com outros uma «Sociedade de Economias» subordinada à «Comissão de Economia Nacional». Neste regime juntam-se semanalmente as economias de todos os membros, que assim começam a render juros muito mais depressa do que as economias individuais.

Toda a quantia de 16 xelins assim reunidos é depositada no Banco e começa logo a render. Em qualquer estação do correio se podem obter instruções completas pedindo-se um folheto da Associação Económica.

A medida que as tuas disponibilidades forem aumentando, podes empregá-las em acções e obrigações, que dão maior rendimento, embora com maiores riscos. Exige-se certo conhecimento do jogo para poder jogar na Bolsa, e convém que te aconselhes com quem sabe. Mas na Caixa Geral e na Caixa Económica Postal o dinheiro está absolutamente garantido e o rendimento em juros não é para desprezar.

ATESTADOS PARA COLOCAÇÃO

Recomendei uma vez um homem para uma boa colocação comercial e dei uma pequena relação das suas qualidades. Quando as reli depois de as ter escrito, fiquei impressionado pelo facto de que, se quem se tinha informado a seu respeito, me tivesse dado a lista das qualidades que desejava ver nele, seria pouco mais ou menos a lista que eu lhe dei. Podes ter a certeza de que estas qualidades são as que a maioria dos patrões gostariam de encontrar num empregado. O que a ti importa é se tu mesmo as possuis. Se não, apressa-te a alcançá-las e não terás dificuldade em conseguir qualquer colocação boa no ramo que melhor te quadre. Eis o que eu disse dele:

«É muito capaz e enérgico, digno de confiança sob

todos os aspectos e desembaraçado; dirigente sensato de outros homens — e tem um riso sonoro. Esta última qualidade vale, só por si, o que ele ganha, visto que se revela na ocasião em que as coisas se apresentam mais sombrias e contagia todos os que o rodeiam».

Na verdade, é atestado suficientemente bom para te levar seja onde for. «Capaz» significa hábil e eficaz no trabalho. «Enérgico» quer dizer activo e pronto em o apreciar. «Digno de confiança» significa sóbrio, pontual, verdadeiro, a quem se pode entregar dinheiro e serviço confidencial, e não é provável que cometa erros ou loucuras; que é leal para com os seus patrões assim como para com os seus subordinados e cumprirá as suas obrigações quer o vigiem quer não. «Desembaraçado» quer dizer que encontrará meio de realizar o seu trabalho, por grandes que sejam as dificuldades. «Dirigente sensato de outros homens» significa que é delicado e humano, que guia e não leva adiante de si. E a circunstância de rir e tomar as coisas alegremente e levar os outros a fazer o mesmo é qualidade valiosa em seu favor.

RESPONSABILIDADE

Uma vez, nos tempos em que eu era o patarata descuidado que se costuma ser quando se é jovem, o meu coronel mandou-me chamar de repente e disse-me que me ia nomear ajudante do regimento.

Ajudante! Fiquei apavorado.

O ajudante era a pessoa de quem dependia em grande parte todo o bem-estar e o bom funcionamento do regimento. Tarefa admirável! Mas se eu falhava nela!

Não podia arriscar-me a tanto.

Mas o coronel não me disse senão que me confiava essa tarefa. E queres saber? Dentro de alguns minutos eu era um ser diferente. Era agora um homem com uma grande responsabilidade às costas em vez de ser o rapazinho estouvado e fútil que não pensava senão em divertir-se.

Diante de mim abriram-se novas perspectivas sérias e

visões do muito que poderia fazer para bem das praças e do bom nome do regimento. Entreguei-me à tarefa de alma e coração e nunca desanimei. Essa entrevista com o coronel, por muito breve que fosse, tornou-se o verdadeiro ponto de partida da minha carreira.

E a partir dessa lição sobre responsabilidade, eu pude subir, de degrau em degrau, duma responsabilidade para outra maior.

Quem quiser contribuir para a sua carreira precisa de ser capaz de assumir responsabilidades.

Para isso, exige-se confiança em si próprio, conhecimento do próprio trabalho e prática do exercício da responsabilidade.

Na armada real conhecem bem este facto e começam a pô-lo em prática muito cedo. Um guarda-marinha é responsável pelo governo dum batel com a sua tripulação e toca-lhe toda a culpa e todo o louvor conforme o seu procedimento.

O mesmo acontece nos escutas. O guia da patrulha é a autoridade responsável pela aptidão e procedimento dos membros da sua patrulha; e outro tanto se dá entre os Caminheiros (Veja-se o último capítulo) com o Guia da Equipa.

Logo que estejas habituado, pela prática que começou cedo, a assumir responsabilidades, tornas-te homem. Confirma-te o carácter e prepara-te para os postos superiores da tua carreira.

Além disso, fortalece-te a influência que tens junto dos outros para o bem.

IMHLALA-PANZI

Eis algumas sugestões úteis de quem pessoalmente as praticou com êxito.

São do grande Marechal Foch, um dos maiores entre os grandes generais franceses da Primeira Grande Guerra.

Diz ele: «Quando tiveres alguma missão a cumprir, considera-a com atenção.

- 1 — Certifica-te de que sabes muito bem o que se exige de ti ou o que tu pretendes realizar.
- 2 — Elabora depois o plano para o levares a cabo.



PONTARIA ATENTA NUM CASO DIFÍCIL

N.B.—As basas na água representam a cabeça do hipopótamo

- 3 — O plano deve assentar em boas razões.
- 4 — Ajusta a execução aos meios de que dispões.
- 5 — É acima de tudo arma-te de vontade, vontade teimosa, da decisão de o levares a cabo com êxito»

Sei que o Marechal tinha razão. No que respeita à minha humilde pessoa, tive sempre a fraqueza de planear as coisas, até as menos importantes, antes de as emprender.

Foi daí que os zulus me puseram o nome de Imhala-panzi, que, à letra, quer dizer «aquele que tem todo o cuidado com a pontaria antes de fazer fogo». É o caminho seguro do êxito. Toma «Imhlala-panzi» para tua divisa.

Por vezes terás de te arriscar, se queres triunfar; arrisca-te, não fujas, mas arrisca-te de olhos abertos.

A propósito, andava eu uma vez com outros homens num reconhecimento às posições do inimigo na terra dos matabeles.

Durante a noite tínhamos conseguido atravessar os

seus postos avançados e ao romper do dia estávamos na rectaguarda da posição.

Enquanto por ali cirandávamos alapardados a estudá-la, quem nos havia de aparecer senão um enormíssimo leão? A tentação era irresistível. Deslizámos dos cavalos e, sem nos importarmos de revelar a nossa presença ao inimigo, fizemos fogo e abatêmo-lo.

Mas ergueu-se logo de novo, mui mal humorado, rugindo furiosamente, com os quartos traseiros meio paralizados pelos tiros. Não podia fugir, mas andava às voltas, rosando e procurando-nos em todas as direcções.

Não queríamos dar senão os tiros indispensáveis com receio de atrair o inimigo e também de lhe estragar a pele com as balas; por isso descí para o leito seco do ribeiro onde se encontrava, para me aproximar e dar-lhe o golpe de misericórdia, enquanto o meu amigo ficava de atalaia com a espingarda apontada ao leão para o caso de ele tentar inverter os papéis e despachar-me.

Quando o leão me viu aproximar voltou-se para mim de boca escancarada, dentes arreganhados e olhos semi-cerrados de fúria. Meti-lhe uma bala na goela e matei-o.

E então, tendo-nos arriscado a ser descobertos, tratámos de ter os olhos abertos. Revezámo-nos a esfolar a fera (e, sem luvas, é espantoso com que facilidade uma faca de mato arranha as mãos atarefadas a tirar à pressa uma pele enorme e rija). Enquanto um de nós esfolava, o outro espreitava atentamente em todas as direcções com a impressão nítida de que havia já tempo que nos procuravam.

E foi a nossa sorte! Ao arrancarmos a pele o inimigo descobriu-nos, e mal tivemos tempo de a enrodilhar e saltar para cima dos cavalos antes que chegasse ao nosso alcance.

PREPARAÇÃO PARA UMA CARREIRA

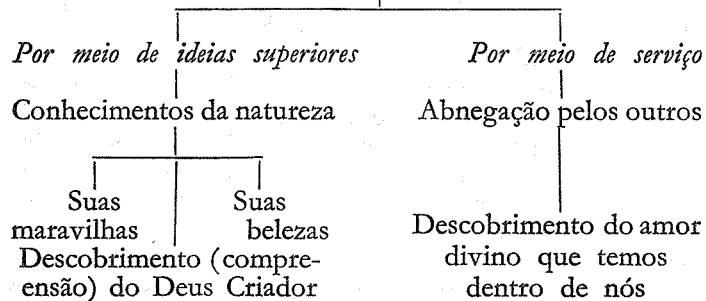
Fez-se uma vez a relação daquilo que deve aprender um jovem que se prepara para uma carreira. Das matérias

mais importantes que devia ter em vista fez-se um quadro (ver pág. 67).

Pediram-me que o apreciasse e eu acrescentei-lhe outro quadro que serviria de II parte.

COMO SE DEVE VIVER

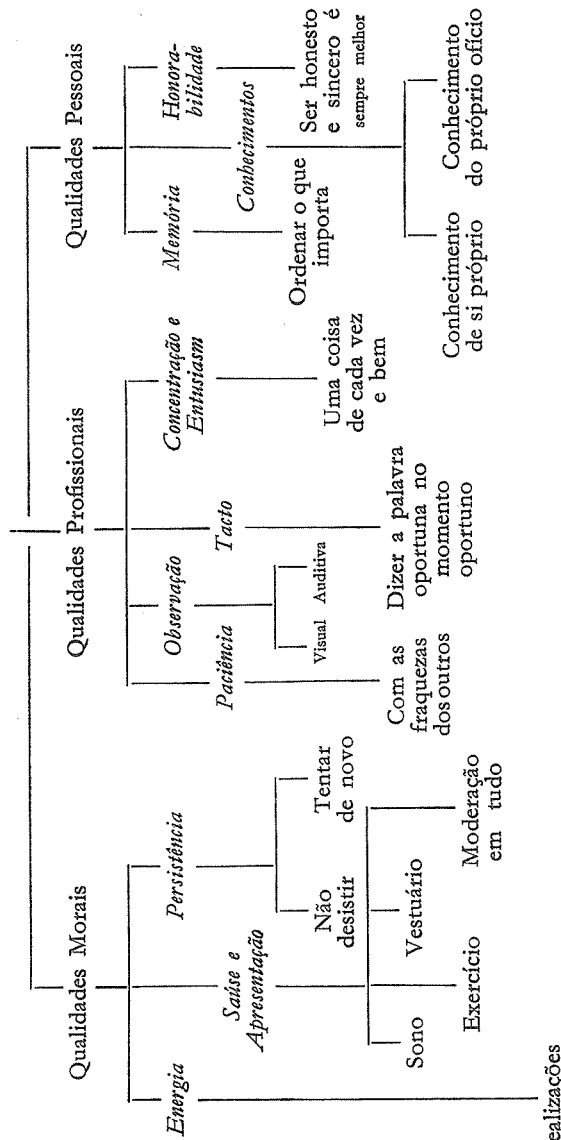
FELICIDADE



Quanto à I parte (pág. 67), as qualidades referidas em itálicos entram todas naquilo que se chama formação do *carácter*; e é o carácter tanto como a eficácia e a competência que te levará ao êxito na tua carreira. Mas eu queria chamar a tua atenção dum modo especial para a *energia* por um lado e para a *paciência* por outro.

A energia depende em parte da robustez física, mas principalmente do interesse que se toma pelo trabalho. Há sujeitos que parece que nunca se chegam a interessar pelo seu trabalho, porque lhes parece muito limitado e sempre a correr nas mesmas calhas. Fariam melhor em observar à sua volta e ver de que modo ele contribuía para a obra de conjunto; e em olhar para a frente e ver para que serve quando é aproveitado para além dos muros da oficina ou do escritório. Os melhores trabalhadores, assim como os homens mais felizes, consideram o trabalho uma espécie de jogo; com quanto maior ardor jogam, tanto mais o jogo

MODO DE GANHAR A VIDA



lhes agrada. H. G. Wells, escrevendo em Washington sobre a Conferência da Paz, disse: «Já reparei que os chamados grandes homens são na verdade rapazes no fundo, isto é, são rapazes, afinal, no ardor e no gosto do trabalho. Trabalham porque gostam de trabalhar e o que fazem é realmente uma distração para eles. A criação não é apenas origem do homem, mas é o próprio homem e nunca desaparece».

Ralph Parlette diz com verdade: «Fazer as coisas *por gosto* é recreio; fazê-las *por obrigação* é trabalho.

O ser *indispensável* é coisa muito importante. Perguntaram-me uma vez por que razão admirava tanto o meu criado indiano. A razão era muito simples: era porque ele punha seu amo em primeiro lugar e a sua pessoa em segundo — se é

que a sua pessoa alguma vez entrou em cálculos, coisa de que duvido. Absolutamente leal e digno de confiança, estava sempre pronto para tudo, calado e diligente. Era um tesouro. Mas, naquele país, um carácter assim não era excepção, por muito que o fosse noutras partes.

Sem o saber, era indispensável; e isto te posso dizer, que se tu te tornares indispensável para o teu patrão, ele não terá vontade de se separar de ti, por caro que isso lhe fique.

Outra coisa essencial que falta na lista anterior é a *presteza* no trabalho. Pode, até certo ponto, estar incluída na energia, mas é com a prática que se aperfeiçoa.

Se te desembaraçares em tudo quanto fazes, tanto no jogo como nos actos pessoais, de modo que isso se trans-



ASSEGURA-TE DE QUE,
PELA PREPARAÇÃO QUE
TENS, PODES REALIZAR
A TAREFA A QUE TE
ENTREGAS

forme em hábito, serás também desembaraçado no trabalho, coisa que te favorecerá muito.

Para prática faz assim ao vestir-te todos os dias. Não madraces; deixa tudo no seu lugar e à mão; conta o tempo que gastas e continua a bater o teu *record*.

Outros factos que merecem atenção especial e não figuram na relação são *audácia* e *contentamento*. Não vou espriar-me aqui a respeito destes, mas resumi-los-ei nas palavras do velho preto B. B. Valentine, que cito no fim deste capítulo, pág. 70. E há ainda outro valor que é preciso possuir para se fazer carreira: é a *Esperança*.

Não suponhas que, por partires de muito baixo te não é possível subir. Centenas dos grandes homens de hoje começaram no primeiro degrau da escada. Mas, como já disse anteriormente, terás de fazer por ti a escalada. Não te deixes ficar estendido no lodo porque há outros que de lá não saem. Procura as tuas poldras e abre caminho para fora. Assenta o pé no ínfimo degrau e arriba.

Já vi tantos homens começarem bem a sua carreira, apetrechados com tudo quanto era preciso para os fazer triunfar, que afinal fracassaram por falta de *paciência*; quando as coisas lhes não corriam bem na ocasião, abandonavam a luta e experimentavam outra coisa; e se te habituas a abandonar a luta e tentar de novo, o hábito adquire-se e fixa-se, de modo que a vida se transforma numa série de desistências e de insucessos.

Quanto à II parte do quadro, o problema de como se há-de viver, isto é, como se há-de apreciar a vida com verdadeira felicidade e não apenas com prazer, tem tanta importância como o problema de ganhar a vida; e as duas partes em que o dividi tem quase tanta importância uma como a outra: possuir nobres ideais e servir os outros. Mas parece-me que servir os outros é o mais importante dos dois, porque envolve em grande parte os ideais nobres e é o passo mais decisivo para a Felicidade.

E por isso tratá-lo-ei com maior desenvolvimento noutro capítulo.

SENSO COMUM

Quando a cobiça entra por uma porta, sai a honestidade pela outra!

Uma libra na mão vale duas apostas num cavalo.

Se és cavilha rectangular procura um furo rectangular—não te dês por satisfeito enquanto o não encontrares.

Um casaco, como uma questão, tem duas faces. Ambas se devem aproveitar antes de o pormos de parte.

Como o trabalho se pode transformar em recreio: «Fazer as coisas por gosto é recreio; ser obrigado a fazê-las é trabalho» (*R. Parlette*).

Vive de forma que, ao morreres, todos tenham pena — até o próprio armador (*Mark Twain*).

Sejamos todos felizes e vivamos dentro dos nossos rendimentos, mesmo se tivermos de pedir emprestado para assim fazer (*Artemus Ward*).

O vício é, em geral, devido à transpiração reprimida (*Dr. W. J. Dawson*).

Reverência, conhecimento, domínio de si mesmo:

Estas três coisas e só elas dão à vida poder soberano (*Tennyson*).

SORRI SEMPRE

Quando sentires grande enjoo e o 'stômago retorcido

E o doutô pensá ti fazê operação...

Quando te 'stica na maca, resolvido,

'stando «em picos» para cortá tua pele di leão...

Lembra-ti, ora, da sarigueia empoleirada no ramo,

Co'a carabina apontada p'ra ela e os cães querendo trepá,

Berrando forte ao caçadô e aos galgos:

«Continuarei sorrindo, sabendo porém que me vindes matá» ...me vindes ...me vindes matá».

(«*Ole Marster*» de *B. B. Valentine*)

ESCOLHO NÚMERO DOIS

O VINHO

O lado mau deste escolho é a tentação para arruinar a verdadeira felicidade dando largas às próprias inclinações.

O lado soalheiro é o facto de que, vencendo as paixões, se robustece o carácter e se aprecia a vida duma forma mais elevada.

SATISFAÇÃO DAS INCLINAÇÕES

O copo entre as refeições é luxo perigoso.

O desejo de boa companhia leva aos primeiros passos no caminho do alcoolismo.

O alcoólico solitário transforma-se num ser inútil.

Os bebedores constituem um perigo para o Estado.

Não será precisa a proibição de bebidas alcoólicas, se a nação constar de homens de carácter.

A força do exemplo.

O abuso do fumo é um perigo para a saúde, como são também outras formas de intemperança, como:

Gula.

Abuso no dormir.

Excesso do trabalho.

A saúde física contribui para o domínio de si mesmo e para o prolongamento da vida.

O praguejar é sinal de fraqueza de carácter.

DOMÍNIO DE SI PRÓPRIO

A força de carácter é antídoto para a intemperança.

Exemplo do general Nogui.

O domínio de si é o elemento mais importante do carácter.

Podem dominar-se hábitos e pensamentos.

A Lealdade para consigo próprio é tão importante na formação do carácter, como a lealdade para com os outros.

O respeito por si próprio gera o respeito pelos outros.

A vergonha faz do homem um proscrito.

A auto-sugestão pode vencer a tentação da intemperança.

Modo como Tommy Tomkins venceu a morte.

LEITURAS ACONSELHADAS

ENXOTA A TENTAÇÃO

VINHO

«Vinho?»

O coronel Yervers nunca experimentou andar sem vinho ou qualquer espécie de álcool no bucho.

Uma vez em que não conseguiu arranjar qualquer bebida alcoólica, bebeu verniz de madeira. Quando o médico lhe disse: «Quer então fazer-me acreditar que não pôde arranjar água?» — o coronel respondeu: «Meu Caro Senhor, com certeza nunca teve sede a valer, aliás saberia que não é então ocasião de lavar-se».

TERCEIRO COPO

Vinho? Gosto dum copo de vinho — pelo gosto que tem, pela cor e pelo bem-estar que produz.

E gosto igualmente dum copo de cerveja ou de cidra, na ocasião própria. Acontece que o segundo copo raras vezes me sabe como o primeiro, porque o gosto já nos não impressiona pela novidade e o apetite já quebrou o fio.

Quanto ao terceiro copo, quem é sensato sabe que «a taça contém veneno», que o açúcar e outros ingredientes contidos na bebida não fazem grande bem, afinal. Suponho, por exemplo, que há muito pouca gente que saiba que o abuso da cerveja produz calos, assim como o do vinho do Porto contribui para a gota.

É o terceiro copo, se não o segundo, que te tira a força para correres e fazeres exercícios; e, por isso, um jovem terá todo o cuidado com ele.

No meu regimento baseávamo-nos no princípio que os oficiais e subalternos dirigiam as praças mais pelo exemplo que por ordens, e de harmonia com este princípio parecia-me que um ou dois sargentos tinham cinta demais para poderem montar e desmontar tão depressa como era preciso, quando instruíam as praças.

É por isso fiz o aviso de que, no prazo de três meses, qualquer oficial ou subalterno a quem o perimetro da cinta tolhesse o desembaraço necessário se arriscava à demissão, e entretanto faria bem em perder parte da gordura acumulada.



EIS NO QUE DEU A CERVEJA

Mas a minha crítica era simultaneamente construtiva, pois sugeri que se poderia conseguir tal fim aumentando os exercícios físicos diários e diminuindo a ração de cerveja.

O COPO ENTRE AS REFEIÇÕES

Os resultados foram surpreendentes e satisfatórios. A culpa era do tal terceiro copo. Mas os terceiros copos fazem maior mal ainda, levam ao quarto, ao quinto e ao «sexto copo» e as coisas começam a correr mal e o bebedor, agarrado ao poste do candeeiro, pergunta: «Isto é o dia de Natal ou o Terreiro do Paço?»

Conheci um engenheiro competentíssimo que era um génio no seu género; já se teria tornado célebre, se não fosse, como ele dizia, «homem dos vinte minutos», isto é, bebia sempre de vinte em vinte minutos, nem mais nem menos.

É isto faz-me lembrar um velho e caro almirante americano da minha mocidade, que quando lhe ofereci um copo não sei de quê, me respondeu: «Não, senhor; nunca bebo nos intervalos das bebidas».

É isto faz-me voltar ao assunto: o que faz mal é o que se bebe nos intervalos das refeições. Se a gente não bebesse senão às refeições, creio que não haveria embriaguês e com certeza haveria duas vezes mais saúde.

Voltando mais uma vez ao meu regimento (previno-te de que te vou aborrecer terrivelmente com «eu e o meu regimento» antes de chegares ao fim do livro; mas o que eu quero é apresentar-te factos autênticos para aprenderes a evitar aqueles «escolhos» e tens, portanto, de me desculpar), eu consentia que as praças, em violação de todos os regulamentos, bebessem cerveja ao jantar e às ceias quentes, que eram instituição regimental.

Em consequência disso baixou tanto a freguesia da cantina, que certo dia tive de oferecer um par de luvas brancas ao empregado desta, porque tivera um dia «morto» em que ninguém entrara na cantina.

O DESEJO DE COMPANHIA — O PRIMEIRO PASSO

Um bem intencionado procurava levar um bêbado a reconhecer os seus erros e mudar de vida, mas o velho bebedor interrompeu-o de súbito, observando-lhe:

— «Você fala como se nunca se tivesse embriagado».

— «Embriagado? Creio bem que não, com efeito».

— «Então que sabe você a tal respeito? Não me diga nada. Vá-se embriagar primeiro e aprenda alguma coisa a respeito da tentação e do prazer que causa. E depois fale!»

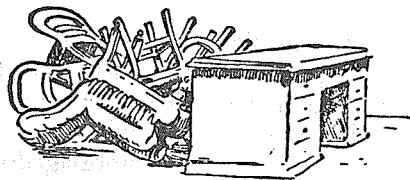
Na verdade, a tentação tem parte no caso, especialmente se te deixas ir na corrente. Suponho que metade daqueles que abusam das bebidas são levados a isso, primeiro pela companhia, pela chamada boa camaradagem com uma quantidade de outros. Um mancebo que se apresenta no mundo pela primeira vez sente que deve fazer o que os outros fazem para mostrar que é um deles — «um dos rapazes!»

Em cada dez rapazes, nove começam a fumar por esse motivo — em grande parte por bravata.

Se um rapaz se criasse numa fazenda, por exemplo, onde os homens por acaso não bebessem, mas onde houvesse tabaco e aguardente, parece-me que ele se não habituaria a beber de moto próprio. O novato acha-os de-

testáveis a princípio, e o habituar-se a qualquer deles é, em grande parte, «porque os outros tipos fazem o mesmo».

É muitíssimo difícil, quando estás na companhia doutros num botequim, não aceites bebidas que eles pagam e não lhas retribuïres depois, e é isto que leva ao «sexto copo», e à hilaridade e estúrdia.



IRMÃO SALTANTE

É bem sabido que não sou contrário à boa disposição e à estúrdia uma vez por outra. Estas coisas são naturais aos jovens, independentemente do vinho. Também me entreguei a elas cordialmente e fiz de imbecil a tal ponto, que me devia envergonhar agora, se não reconhecesse que

isso fazia parte da transição do jovem para homem.

Só pensar que alguma vez joguei o jogo dos «Irmãos saltantes do Bósforo». Conhece-lo?

Faz-se um monte de toda a mobília que há na sala, com as pernas das cadeiras voltadas, de preferência, para cima, e coloca-se uma mesa forte um pouco afastada do monte. Depois, cada concorrente por sua vez corre para a mesa, dá um salto mortal em cima dela e cai sobre o monte sem se esquecer de berrar ao mesmo tempo: «Sou irmão saltador do Bósforo».

Por mais que me esforce, não lhe acho agora graça nenhuma, — mas achava-lha então. É nisso que está a burrice dum jovem.

A alegria de ser irmão saltador é, todavia, inteiramente diferente da falsa hilaridade que o álcool produz, e, portanto, um jovem não precisa de beber para se divertir.

Pelo contrário; pode fazê-lo tão barulhentamente e com maior eficácia sem isso.

O ESPONJA SOLITÁRIO É UM INÚTIL

Além da tentação para beber, causada pela boa camaradagem, há ainda a tentação mais forte, de procurar esquecer os desgostos pessoais de alma ou de ambiente «afogando os males na taça estuante».

Permanente falta de sorte nos negócios, depressão causada pela falta de saúde, decepções, um lar infeliz e ambiente reles, tudo isto tenta o homem a recorrer ao fácil refúgio de aquecer a goela e entorpecer o cérebro.

Mas é mau negócio. O beberrola poderá dizer: «Falar é muito fácil; mas que há-de um homem fazer? Afinal é bom remédio, e, se lhe der um momento de alívio, ou de esquecimento pelo menos, porque se lhe não deixa beber um golo?»

Pois sim, mas o mal é que o facto vai ser a perdição do desgraçado, tanto física como moral. Perde todo o domínio da vontade e toda a energia, e estes dois factores são essenciais ao «carácter».

Uma vez adquirido o hábito do álcool, ou, o que é ainda pior, o hábito da droga, não tem mais possibilidade de ser feliz; com a saúde abalada e a capacidade de trabalho diminuída, o desgraçado sucumbe às tentações que lhe surgem e desce até à vileza e ao crime, visto que perdeu todo o domínio de si mesmo.

Mergulha cada vez mais na podridão como inútil e réprobo, até que a morte chega e o leva.

O PERIGO PARA O ESTADO

O tipo decidido que tem algum carácter não se deixa levar na onda; sabe bem até onde pode ir. São os parvos que formam a massa e se deixam arrastar pelos outros ou pelos seus males; não têm coragem de «pegar em armas contra o mar das suas atribulações».

Quando estes são muitos — e poucas das nossas tabernas dos bairros pobres os não têm — o exemplo alastra e torna-se doença epidémica. Reduz a saúde e a capacidade de trabalho, bem como a paciência duma grande parte da população e diminui, portanto, a felicidade geral e a prosperidade do todo.

Transforma em miseráveis espeluncas os lares de que os homens têm a responsabilidade, destrói-lhes o sentimento da própria dignidade, a sua virilidade e faculdades mentais — numa palavra, o carácter.

E isto é um perigo para o Estado.

A comunidade, que conta certa proporção de imbecis que não pensam, está arriscada a ser presa dos desígnios insensatos de agitadores, capazes de levar a massa para onde queiram.

Para se formar uma nação forte, requerem-se homens de carácter.

DISPENSA-SE A PROIBIÇÃO PARA HOMENS DE CARÁCTER

Em certos países reconhece-se este perigo para o Estado e recorre-se à proibição para suprimir totalmente o uso das bebidas alcoólicas.

Atendendo a que as bebidas provocam grande desperdício de dinheiro, de tempo e de saúde, e perda de prosperidade, poucas pessoas haverá, exceptuando os ébrios, que não concordem com que se suprima a tentação, embora não estejam de acordo quanto aos meios de o fazer.

Nos países muçulmanos combate-se por meio da religião, que abrange a massa do povo. Nalguns países é aniquilada pela Lei. O pior é que muitos são levados a ludibriarem-na.

Este facto acabará, sem dúvida, à medida que as novas gerações forem crescendo alheias à tentação, mas ter-se-á feito um certo mal, visto que a violação das leis, em certo sentido, provocará provavelmente o seu desprezo noutros. Mas a proibição ofende principalmente os

sentimentos dum povo livre e viril, que preferiria corrigir-se de dentro para fora e que não gosta que o remédio lhe seja imposto de fora, por reformadores, embora bem intencionados.

Quando há pouco Sir Robert Stout se referiu às bebidas alcoólicas como luxo que bem podemos dispensar, Miss Gaunt respondeu-lhe: «Sim, creio que poderíamos, precisamente como os bolchevistas dispensam camisas de dormir, como luxo desnecessário».

A reforma há-de chegar, e creio que vem já a caminho com maior eficácia e com maior elevação em muitos países, devido ao sentimento de dignidade e ao carácter do próprio povo.

Não quer ser mandado como as crianças, mas quando percebe que uma coisa é imprópria de gente e o incapacita para o trabalho ou para o recreio, e que há muitas outras maneiras melhores de gozar a vida, não levará a loucura ao ponto de abusar das bebidas.

Quem volver os olhos para o passado verificará que nos poucos anos da sua vida se efectuou uma grande mudança.

Quando me alistei no exército, era coisa corrente que praças e oficiais se embriagassem em datas festivas, sem causar reparo. Hoje, se um oficial se excedesse num bom regimento, dir-lhe-iam enérgicamente que «tal não se faz» e ver-se-ia expulso, se continuasse a abusar.

Hoje vêem-se regimentos a embarcar para prestarem serviço no estrangeiro, com todas as praças presentes e sóbrias, precisamente como se fossem para uma parada vulgar, ao passo que há anos muitos faltavam e metade dos presentes precisavam de ser ajudados, se não içados, para o comboio ou para bordo do paquete.

As noites de sábado, nas cidades industriais, implicavam ruas cheias de bêbados turbulentos, envolvidos em desordem, quando agora se não vêem senão multidões ordeiras de gente contente e sociável. A melhoria de

carácter e de ambiente estão a produzir os seus efeitos embora haja ainda um vasto campo para o seu desenvolvimento.

Creio nas novas gerações dos futuros cidadãos. A guerra contribuiu para lhes abrir os olhos para os aspectos mais sérios da vida.

Vós, jovens, tendes ambições. Quereis ser homens viris, quereis estar aptos a desempenhar bem o vosso papel, quer nos jogos quer no trabalho e em serviço da comunidade, e compreendeis que, se quereis fazê-lo com êxito, tereis de cortar com as bebidas e com a conseqüente perda de tempo, de dinheiro e de saúde.

Fazer voto de temperança é um passo, mas isso não vai além dum auxílio para os caracteres mais fracos. O homem de carácter encara o problema de frente e resolve opôr-se à tentação, quando ela surgir, e afirmar a própria liberdade contra a sua tirania.

Uma nação com carácter não precisará da proibição; as gerações vindouras cuidarão da sua própria reforma.

A FORÇA DO EXEMPLO

Tenho grande respeito pela opinião de todo o crítico honesto, simples e desinteressado, e verifiquei que o selvagem da África, ou das ilhas do Pacífico, é crítico tão honesto e simples quanto se poderá desejar, e óptimo juiz do carácter.

A esses dois povos ouvi proferir o mesmo juízo: «Se o branco inglês disser que nos pagará, entregarmos-lhe os artigos. Pagar-nos-á. Mas não se dá o mesmo com todos os brancos.»

É essa a reputação de que gozamos e que devemos manter.

Mas nem mesmo «o branco inglês» esteve sempre à altura do modelo. E é nisso que os nossos missionários têm um grande empecilho ao seu trabalho.

Lembro-me de que a rainha mãe dos Suazis nos contava há anos como os missionários tinham aparecido e explicado, a ela e ao seu povo, as bênçãos do Cristianismo

e como, sob a sua benéfica influência, os homens eram honestos, rectos em todos os seus negócios, sóbrios e verdadeiros, caritativos e serviçais para com os outros.

Por isso a sua gente alegrou-se com a chegada dos comerciantes e colonos brancos, a quem deram terras e ajudaram a construir as suas casas.

Depois descobriram que estes homens, em lugar de serem gratos e ajudarem os outros, só pensavam em si próprios. Apossavam-se dos gados indígenas, prometiam pagamento, mas davam-no mais em pontapés do que em xelins. Importavam whiskey em grande abundância para seu próprio consumo e gin comercial para os indígenas.

A velha rainha contou-nos como os seus guerreiros lhe tinham pedido licença para exterminar estes destruidores insidiosos da nação, e ela estava inclinada a conceder-lha. Já não acreditava numa religião que professava uma coisa e praticava o contrário.

Não pudemos deixar de concordar com ela, mas talvez fôssemos longe demais, pois, quando se afastava, voltou-se e perguntou-nos mais uma vez se tínhamos realmente pena dela; e quando o afirmámos com energia, pediu-nos que confirmássemos as palavras com factos e lhe oferecêssemos uma caixa de genebra! Tal é a força do exemplo.

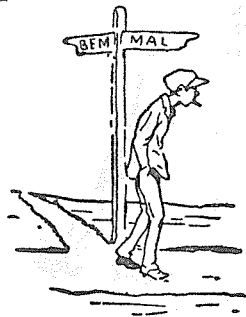


A FORÇA DO EXEMPLO, A RAINHA DOS SUAZIS.

«Os missionários pregam a temperança mas os brancos entregam-se às bebidas. Nós aprovamos os missionários — mas — não me querem dar uma caixa de genebra só para mim?»

O FUMO

Martelei um pouco no caso do vinho, porque tem sido a causa de muitos crimes, doenças e misérias, e é por isso o maior perigo, tanto do indivíduo como do Estado, e como procuramos a felicidade e o êxito, é recife que se deve evitar.



Mas há outras formas de intemperança que o mancebo faria bem em evitar, pela simples razão de que lhe dificultam o alcance da felicidade.

Para o rapaz há o perigo do tabaco. Não me atrevo a dizer quantas cartas tenho recebido de rapazes ou de pais a agradecer-me os conselhos que, de quando em quando, tenho dado sobre os venenos e outros males que o tabaco

contém para rapazes em idade de crescimento.

Eis uma das minhas últimas notas sobre o assunto.

Alguém me perguntou: «Qual é a ordem que proíbe os escutas de fumar?» Respondi que não havia tal ordem, mas que todo o escuta sabe que o rapaz que fuma é um imbecil, e na obra existe o princípio implícito de que «Escuta não é imbecil».

E porque há-de ser imbecil o rapaz que fuma? Ora eu já dei as razões num capítulo de *Escutismo para Rapazes*. Eis uma delas:

«O fumar, antes de o jovem estar perfeitamente desenvolvido, enfraquece o coração, e este é o órgão mais importante do corpo. É o coração que distribui o sangue por todo ele para formar a carne, ossos e músculos. Se o coração não realizar esta função, o rapaz não poderá desenvolver-se normalmente.

Ainda não houve rapazes que comesçassem a fumar por gosto; geralmente começam ou porque receiam que os outros os trocem por terem medo de fumar, ou para se

darem ares de homens; quando a verdade é que não passam de parvos».



CARRUAGEM PERFUMADA!

Recebi uma carta dum senhor que estudou o problema em relação ao trabalhador, e que diz: «Mais de metade do descontentamento, da preguiça, e da efeminação actuais entre os jovens trabalhadores, é produto do abuso do tabaco, especialmente do cigarro.

«Se fosse possível convencê-los a não fumarem nem beberem enquanto não atingem os vinte anos, teríamos uma geração melhor. Posso provar que quase todos os adolescentes que fumam são descontentes, preguiçosos, não se acomodam a qualquer trabalho, não têm nem interesse nem ambições, são nervosos e falhos de audácia.

«É disto que o país sofre actualmente e deriva quase todo o desemprego dos trabalhadores moços».

O que acabo de dizer dá-nos a razão por que se não deve fumar — por amor de si próprio.

Mas há outras razões para se não fumar, que abrangem também os adultos e que muitos destes esquecem: é o efeito do fumo sobre os outros.

Quando vais acender o cachimbo (não falo de cigarros, que são para mulheres e rapazinhos), se estiveres numa sala, num comboio ou coisa semelhante, certifica-te primeiro de que não vais incomodar os vizinhos.

Muitos homens e a maioria das mulheres não toleram o fumo do tabaco, e, mais especialmente, aquele cheiro que se lhes pega às roupas depois de estarem em companhia de fumadores. Naturalmente não se atrevem a protestar e têm de suportar em silêncio aquilo que não toleram. Quem tiver uns restos de cortesia guardará o cachimbo para ocasião mais propícia.

A meu ver, os cigarros são o fumo do rebanho, dos nervosos e estúrdios, ao passo que o cachimbo é próprio de quem reflecte com toda a calma chupando tranquilamente.

Se tens de fumar cigarros por serem baratos — lembra-te de que, para serem baratos, não podem ser feitos de tabaco bom.

Eis o que um negociante de tabaco disse sobre o caso:

«De cada seis dinheiros que custam dez cigarros», diz ele, «2 1/2 d. são de direitos para o governo e 1 1/2 d. é o lucro ilícido do retalhista. Com os restantes 2 d. o fabricante tem de pagar o custo do tabaco, corte, fabrico, invólucro, transporte, despesas de publicidade e vendas, etc. e ter ainda lucro».

Eu próprio fumava bastante — cachimbo, evidentemente — quando entrei em contacto com uns fronteiros americanos que tinham servido de exploradores em guerras com os peles vermelhas.

Nenhum deles fumava e sorriam benèvolamente tendo-me na conta de pata-tenra por fumar, quando eu julgava que estava a manifestar a minha virilidade. Explicaram-me então que o fumar podia prejudicar a vista, a respiração e o olfacto; e este último era preciso para a exploração nocturna. Deixei logo de fumar definitivamente, com vantagem para a saúde e de certo também para a bolsa. Na Polónia tanto escutas como dirigentes renunciaram ao tabaco e às bebidas alcoólicas.

EXCESSO DE COMER

Durante o cerco de Mafeking, tínhamos de nos contentar todos com uma ração alimentar muito reduzida, e era interessante notar como reagiam a isto os diferentes tipos de homens da guarnição. E reagiam de maneira notavelmente diferente. Alguns não mostravam alteração, muitos emagreceram manifestamente, e creio que um ou dois engordaram. Mas a prova real fez-se ao fim de sete meses, quando pedi voluntários para se fazer uma sortida contra o inimigo. Convidei aqueles que se julgassem capazes de marchar cinco milhas e, embora todos quisessem participar, não tardamos a verificar que só uma pequena percentagem era capaz de resistir a esta leve prova. Mas tornou-se absolutamente evidente que os mais capazes para o que se requeria eram aqueles que toda a sua vida tinham sido sóbrios no comer, beber e fumar.

Os mesmos resultados se verificaram numa expedição em que tomei parte na costa ocidental da África, através dos pântanos e florestas do Axanti — região que dá pelo nome popular de «Cemitério de Brancos». Aqueles que tinham vivido regaladamente no estado civil caíam como tordos. Sobreviviam os sóbrios e os homens de acção.

Nessa marcha descobriu-se acidentalmente que a carne não era elemento indispensável da alimentação humana. Durante muito tempo não me alimentei senão de bananas e, embora andássemos mergulhados numa floresta profunda e viçosa, onde raro se via a luz do sol, e no ar pairasse o cheiro de couves velhas, produzido pela vegetação que apodrecia nos pântanos, nunca me senti melhor em toda a minha vida e fazia a média de vinte milhas de marcha por dia, de coração alegre e estômago leve.

EXCESSO DE SONO

O dormir demais é outro abuso em que mal se pensa, mas os japoneses têm a teoria de que cada hora de sono acima do que é preciso para descansar e restaurar as ener-

gias do cérebro e dos membros, é prejudicial e contribui para a acumulação de gordura. Por isso, se alguém achar que está a engordar, tire uma hora ao sono por noite, e, ao contrário, se achar que está a pôr-se na pele, durma uma ou duas horas mais durante algumas semanas até que se encontre em estado satisfatório; se quiseses dar descanso ao corpo, lê um bom livro; se quiseses descansar o espírito joga futebol ou vai à pesca.

EXCESSO DE LINGUAGEM

Outro abuso muito vulgar, pois não merece outro nome,



O SOLDADO COM SUAS ESTRANHAS PRAGAS

e usado contra os outros, é prejudicial. Provoca má vontade da parte deles e em qualquer caso rebaixa a própria dignidade. Pett Ridge lembra que o praguejar é alívio bom demais para se desperdiçar e deve reservar-se para as ocasiões críticas. Napoleão disse uma vez, a respeito do General Lannes, um dos seus generais mais prometedores: «Aquele diabo do Lannes tem todas as qualidades que fazem um grande soldado, mas nunca será grande, porque perde tanto a paciência ao censurar os seus ofi-

ciais. Tenho para mim que isso é um dos maiores defeitos que um general pode ter».

é o de praguejar. Revela falta de domínio de si mesmo e, embora produza certo alívio na ocasião (e eu próprio o tenho experimentado), é, não obstante, fraqueza que tende a agravar-se, se não se refrear. Não faz bem nenhum,

ciais. Tenho para mim que isso é um dos maiores defeitos que um general pode ter».

Lannes teve conhecimento particular destas palavras pelo general Marbot, que era seu grande amigo e ajudante de campo de Napoleão. Lannes desejava muito ser bom general e, desde esse dia, passou a reprimir o génio e a língua, e chegou a Marechal de Campo da França.

O EXCESSO DE TRABALHO é outro abuso que alguns cometem.

Alguns, disse eu; nem todos!

O editor deste livro, o falecido Herbert Jenkins, era um desses «alguns». Tenho diante de mim, ao escrever, um bilhete em que me dizia que estava a trabalhar treze horas por dia e não podia passar uma noite fora de Londres. Havia alguns anos que o conhecia e não me lembro de que não fosse sempre assim. Trabalhou sempre treze horas por dia. Morreu novo, devido principalmente ao excesso de trabalho.

Achei graça ao saber que, há pouco, um jornal abriu um concurso para averiguar quem eram os três homens que mais trabalhavam no país e me vi enquadrado com o Sr. Lloyd George e o Príncipe de Gales.

Eu não merecia aquele louvor implícito mais que o meu chapéu (ou antes, merecia-o menos, pois o chapéu tem feito serviço muito além do período normal nestes tempos de preços de após-guerra).

É certo que estou a escrever isto às cinco e um quarto duma manhã de rigoroso inverno, mas, se me não levantasse cedo toda a minha vida, nunca teria tido tempo para tirar dela metade do prazer que ela me tem dado.

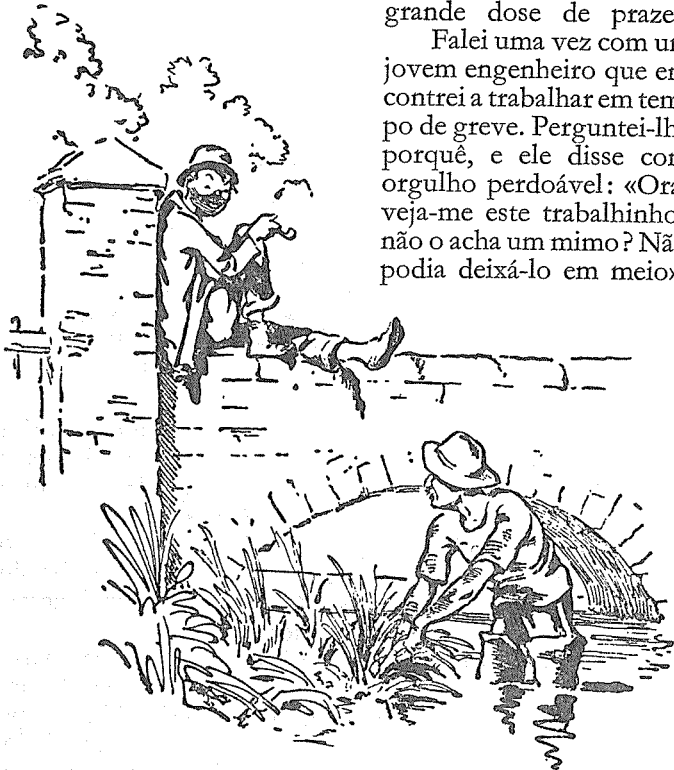
Repara que, se aproveitares por dia mais uma hora, tens mais trézentas e sessenta e cinco horas por ano, ou mais três semanas fora da cama do que a média dos teus vizinhos.

Por mim, calculo que consigo viver treze meses em vez de doze em cada ano. Há pessoas que aproveitam o tempo no fim do dia, quando o corpo e o espírito

estão fatigados. Não há nada que chegue à madrugada para se adiantar trabalho.

Aquele que se orgulha do seu trabalho, tira dele grande dose de prazer.

Falei uma vez com um jovem engenheiro que encontrei a trabalhar em tempo de greve. Perguntei-lhe porquê, e ele disse com orgulho perdoável: «Ora, veja-me este trabalhinho; não o acha um mimo? Não podia deixá-lo em meio».



SERVIÇO PORCO, NÃO É, CAMARADA!

Era o gosto do trabalho que o prendia. E que grande diferença faz quando se trabalha por gosto!

Há só um perigo para estes trabalhadores apaixonados: é tornarem-se escravos do trabalho e dispensarem o necessário recreio e descanso.

Por descanso não quero dizer ociosidade, mas mudança de ocupação. As minhas próprias mudanças variam consideravelmente. Uma vez, por exemplo, meti-me num ribeiro lodoso para arrancar as ervas aquáticas. O trabalho interessava-me, mas tinha ainda maior interesse para um vadio sentado nas guardas da ponte a fumar o seu cachimbo e a observar-me com vivo prazer.

Sabes com que interesse uma multidão de curiosos se junta numa rua movimentada de Londres à volta dos trabalhadores que a consertam com uma espécie de chocolate quente. Ora ele era assim mesmo.

Por fim a curiosidade foi mais forte que a satisfação: «Trabalho imundo, ao que parece» — murmurou. Concordei. Mal podia fazer outra coisa, visto que estava empastado em lama da cabeça até aos pés.

— «E quanto ganhas pela estopada, camarada?»

— «Ah! não chega a cinco coroas por hora», respondi.

— «Cruzes, canhoto! Diabos me levem, se eu o fazia!»

E não duvido de que assim era.

A ROBUSTEZ FÍSICA FAVORECE O DOMÍNIO DE SI

Comandei em tempos uma unidade em que acabei com parte do equipamento regulamentar das praças — a saber, os cantis.

Parece crueldade, e as praças a princípio também o julgaram, mas à medida que se tornavam fisicamente aptos, verificaram que já não precisavam de beber, viram-se aliviados do peso que lhes batia nas ilhargas e marchavam três vezes melhor que as outras tropas.

Além disso não contraíam diarreia ou febre tifóide, como os outros. A razão era que os que tinham cantis os esgotavam na primeira hora de marcha.

Depois de assim terem encharcado o estômago, sentiam cada vez mais sede e enchiam os cantis no primeiro regato que lhes aparecesse, e daí as doenças e moléstias.

Qualquer líquido, e o álcool especialmente, prejudica o organismo, se for tomado entre as refeições. Ninguém

que se exercite para corridas ou para o soco se poderia manter «em forma» se bebesse álcool, a não ser em pequenas quantidades durante as refeições, e assim mesmo não lhe faz grande bem.

Um dos sinais de estar em «forma» é não ter sede. Um homem põe-se em boa forma para o futebol ou para outro desporto e não poderá praticá-lo doutro modo; mas parece que se esquece desta verdade, quando se trata do trabalho que lhe dá o salário e o avanço. Se se mantivesse sempre em boas condições físicas, cumpriria as suas obrigações muito melhor, e o descanso saber-lhe-ia muito mais.

Terá o cuidado de evitar os «cocos» entre as refeições e viverá até aos cem anos.

O TIO JOHN SHELL

«No ano passado, quando o Tio John Shell regressava a casa, encontrou a mulher morta. Os parentes dela encarregaram-se dos preparativos do enterro e resolveram levar-lhe o filhinho de sete anos a viver com eles. O tio John protestou enérgicamente, mas eles levaram-no. Então o tio John entrou em casa, pegou na sua velha caçadeira de pederneira, que ele próprio fizera havia mais de um século e, montando no macho, seguiu atrás deles. Alcançando o sogro no caminho, obrigou-o com a espingarda a entregar-lhe o rapaz».

«Com cento e trinta e dois anos de idade — e rijo e fero!»

É verdade. Não se trata de erro de imprensa. Conforme o relato autêntico publicado no *Landmark* de 1920, o velho John Shell nasceu em Knoxville a 3 de Setembro de 1788 e estava vivo e fero. O filho que figura na história tinha apenas sete anos, mas o seu filho mais velho tinha mais de noventa anos e entre estes dois havia vinte e sete filhos. O velhote era lavrador e deu a seguinte receita para viver muitos anos:

«Trabalhar muito, mas sem excesso. Trabalhar de mais é tão mau como trabalhar de menos. Comer e dormir o que

o corpo requiere e, além disso, divertir-se um bocadinho diariamente».

Mas nunca bebera nada mais forte que água.

DIVERTIMENTOS

Um divertimentozinho a que eu às vezes me entrego, quando o trabalho no escritório ou numa comissão se prolonga, é ir — por amor de Deus não o digas a ninguém — às variedades ou ao cinema.

Sei bem que a gente respeitável me vai dizer que isso é degradante. Seja como for, não lhe resisto. Ninguém pode ser perfeito.

Tenho insistido na mudança de trabalho ACTIVO como o melhor dos recreios. Não me sei defender desta falta ocasional de me deixar passivamente divertir pelos outros.

Num cinema entro num estado de descanso, quase sonolência, com uma história apresentada em quadros aos meus olhos, e se a história não presta, como muitas vezes acontece, adormeço tranquilamente. E nisso é que está o mal dos novos cinemas: não nos deixam adormecer com o barulho que fazem.

Dos espectáculos de variedades prefiro um em que haja um ciclista ou o campeão quebra-pratos ou o homem da gravata de molas. Uma boa dose de riso é um banho para o cérebro.

Mas ao mesmo tempo não posso negar que me aborreço terrivelmente com três quartas partes do espectáculo, com a imponente cantora semi-nua de voz de bronze, e as velhas piadas a respeito do peixe podre e sogras que apreciam genebra, e o torpe duplo sentido que às vezes dão às palavras certos actores que não conseguem fazer rir pelos seus méritos humorísticos.

Se nestas variedades todo o divertimento fosse limpo, creio que a assistência o apreciaria mais e renderia mais também à empresa.

É verdade que as senhoras podem agora ir aos espectáculos de variedades, que há poucos anos lhes

estavam interditos em vista das canções e linguagem indecente que lá se ouviam.

Os homens de hoje são mais decentes que dantes e compete à nova geração, que sois vós, continuar essa melhoria ao menos por amor da própria dignidade.

Há muitas outras fraquezas e casos de intemperança a que me não referi aqui, mas que tu poderás descobrir pessoalmente se observares com cuidado os teus próprios hábitos e carácter. De muitos talvez nem suspeitasses até agora, mas quando os tiveres descoberto, em vez de te serem indicados por outrem, podes considerá-los já meio curados.

Alguns deles indico-os no último capítulo, juntamente com os seus antidotos.

TORNEANDO O ESCOLHO

Vês, pois, que o escolho crismado «Vinho», que surge na linha de navegação, é realmente o da *cedência às paixões*; quero dizer, deixar que as inclinações nos arrastem quer para excessos de bebida, de tabaco, de comida quer para qualquer outra forma de luxúria. A entrega de si próprio às paixões pode acarretar a ruína do individuo e prejuízo da comunidade. É, em grande parte, o efeito de te deixares levar na corrente, de costas para o perigo. Mas, olhando para a frente e impelindo a própria canoa com *domínio de ti mesmo* podes torneiar o rochedo com segurança e atingir o lado soalheiro, fortalecendo assim o carácter, que te assegurará contra outras tentações de fraqueza.

E serás assim auxiliado, a caminho da felicidade.

AUTO-DOMÍNIO

Há vários elementos que entram na formação do carácter. Refiro-me àquela espécie de carácter que praticamente faz dum homem um *homem*, ou melhor um gentil-homem.

O primeiro destes é o *domínio de si mesmo*. Aquele que sabe dominar-se e domina a cólera, o medo, as tentações

— tudo, afinal, menos a consciência e a vergonha — vai a caminho de se transformar em gentil-homem.

Por «gentil-homem» não quero dizer um figurão de polainitos, monóculo e dinheiro, mas um «branco», um homem em cuja honra se pode confiar em todas as circunstâncias, que procede honestamente, é generoso e prestável.

O domínio de si mesmo é qualidade que os britânicos possuem em alto grau. De facto, nós temos a tendência de esconder tão cabalmente o que sentimos, que os estrangeiros muitas vezes nos tomam por pouco observadores e insensíveis, mas concordam com que, em caso de crise, se pode ter a certeza de não perdermos a cabeça.

Sempre é alguma coisa; mas creio que, por meio do sangue-frio, se pode fazer muito mais. É certamente nos ajuda a enfrentarmos com êxito as tentações.

É qualidade que pode cultivar-se e deve ser cultivada por todo aquele que pretende ter carácter.

Há muito quem se ria do artigo da Lei do Escuta que diz que quando um rapaz está aflito, em perigo, ou com dores, se deve obrigar a sorrir e a assobiar, e isto altera logo a situação.

E, todavia, não sei de ninguém que não tenha aprovado a ideia, uma vez que tenha experimentado pô-la em prática pessoalmente.

O efeito é, sem dúvida, o que se deseja, e, além disso, quanto mais se pratica, tanto mais se arreiga o hábito do domínio de si próprio, que faz parte do carácter.

Tive uma vez de entrar de gatas num silvado de espessos espinheiros, em busca dum leão que andava a caçar. Estava com um medo mortal, mas o meu pisteiro zulo mostrava-se muito animado e combinou comigo que, no caso de o leão carregar, ele me cobriria com o seu escudo. Embora temesse o leão, temia mais o desprezo do meu zulo. Por isso lá entrei de rojo — e posso dizer-vos que fiquei tremendamente aliviado quando, depois de o buscar por um lado e por outro, descobrimos que se tinha escapulado por outro lado.

Mais tarde aconteceu-me, na Índia, ter de repetir a façanha com um javali. Tínhamo-lo perseguido a cavalo, à lançada, e ferido gravemente, quando se meteu num denso matagal, donde os batedores não conseguiam desalojá-lo.

Estes atravessaram todo o silvado em grande algazarra; mas saíram do lado oposto, dizendo que lá não estava.



PLANO SIMPLES — ESPECIALMENTE PARA O LEÃO

Ora nós sabíamos que estava, porque tínhamos vigiado todas as saídas.

E por isso, tendo alcançado fácil reputação naquele desporto, tive de apelar-me e entrar no matagal com os batedores, para os animar na segunda tentativa.

É certo foi que o descobrimos — ou antes, foi ele que me descobriu a mim. No meio do mais espesso matagal, ouvi de repente um estalido e um grunhido rugidor, ao mesmo tempo que a enorme fera saltava do seu esconderijo sobre mim. Eu tinha a lança apontada para ele, de modo que, na corrida, ele foi mesmo direito a ela e recebeu-a em cheio no peito. Mas a força com que vinha lançou-me de costas no chão. Segurando a lança com toda a força, consegui conservá-lo suficientemente afastado para evitar que me abrisse pelo colete com as presas.

Vontade de o fazer tinha ele, e tentou-o com grande energia, procurando derrubar-me mais; mas eu apoiei o conto da lança no chão atrás de mim e consegui assim segurá-lo.

Os batedores, tipos valentes, trataram à compita de se safarem do matagal e disseram aos outros caçadores que eu fora morto! Estes vieram logo em tropel com suas lanças e não tardaram a acabar com Mestre Porco e a libertar-me das suas atenções.

E, quereis saber? Passado algum tempo — por feio que o caso me parecesse a princípio — viemos de facto a gostar bastante da exaltação destes métodos de terminar a luta, e por isso, sempre que havia um porco bravo ferido com gravidade, desmontávamos e atacávamo-lo a pé.

Quer-me parecer que, se no tempo de S. Jorge tivesse havido mais dragões no seu caminho, depois de ter vencido com tanto êxito o seu medo inicial, ele teria, provavelmente, passado a matar dragões por passa-tempo.

É assim. Se fores senhor de ti e te obrigares a encarar dificuldades ou tarefas perigosas, há-de ser muito mais fácil da vez seguinte.

O auto-domínio não só ajuda a vencer os maus hábitos, mas dá-nos até o domínio dos nossos próprios pensamentos.

É isto é ponto de capital importância para a felicidade.

Procura ver sempre o foco luminoso que fica por trás da nuvem mais negra e conseguirás enfrentar a pior das perspectivas com toda a confiança.

A ansiedade é depressão mental, e uma vez dominada esta pela possibilidade de a substituíres pela esperança luminosa, nunca precisarás de recorrer às bebidas para te darem a coragem do álcool ou o esquecimento.

Uma grande bênção que deriva da prática do auto-domínio é a capacidade de desviar o pensamento de qualquer assunto desagradável para outro ameno e alegre.

Com um pouco de esforço pode cultivar-se o hábito

de desligar uma célula cerebral que abriga maus pensamentos e ligar para outra de nobres ideais.

E desta forma podes fazer de ti um novo homem.

AUTO-DISCIPLINA DO GENERAL NOGUI

O célebre oficial japonês, General NOGUI, explicou uma vez, na minha presença, como se tinha habituado a dominar-se e a ter coragem! Fora questão de auto-disciplina. Começara a vida como jovem doentio, de disposição nervosa, mas a sua força de vontade era tal, que, reconhecendo a sua fraqueza, resolveu vencê-la.

Sempre que tinha de enfrentar qualquer prova difícil e desagradável ou assustadora, obrigava-se por princípio a submeter-se-lhe e repetia a execução sempre que lhe aparecesse ocasião, para conseguir dominar aquela sua fraqueza.

Com o tempo, libertou-se da tirania do medo e tornou-se o chefe mais arrojado e o soldado mais intrépido do seu tempo.

Quando lhe morreu o filho em combate, não deu sinal de aflição, para não causar depressão entre os outros, mas sentiu profundamente o golpe.

Quando lhe morreu o Imperador, como fiel servo que era, entendeu que não devia sobreviver-lhe e suicidou-se abrindo-se ao meio por suas próprias mãos. Foi exemplo admirável de domínio do medo e da dor.

O DOMÍNIO DE SI MESMO FAZ O CAVALHEIRO

Uma multidão londrina é excepcionalmente bem educada. É capaz de passar horas a observar em silêncio um grande armário a ser guindado até ao último andar dum edifício elevado.

«Em silêncio, reparem bem, sem dar uma palavra de conselho àqueles que trabalham! Grande exemplo de domínio de si próprio».

É isto que Pett Ridge diz sobre o auto-domínio e o modo como este contribui para a boa educação.

O velho William de Wykeham declarava noutros tempos que «as boas maneiras fazem o homem» e tinha razão. Um homem genuíno é cortês; ou seja, revela deferência, compreensão humana, e bom humor ininterrupto.

É o que o faz gentil-homem; e sei que se disse já com toda a verdade que custa tanto a um duque como a um pedreiro ser gentil-homem.

Em tempos, jogava eu polo contra certa equipa que incluía um jogador preto muito bom; mas tinha o seu ponto fraco, não era gentil-homem, tinha mau génio.

Por isso, bastava chocar-se com ele uma vez ou segurar-lhe a maça no momento em que ia dar na bola (ambas as coisas permitidas) para ele perder a calma e com esta a cabeça para o resto do jogo e ficar perfeitamente inutilizado. Acontece coisa muito semelhante numa discussão ou debate; se o vosso adversário não se domina, tendê-lo à vossa mercê — no caso de vós vos dominardes.

Vê-se isso muitas vezes nas correspondências acriminosas dos jornais. Quando um homem irado corre «a escrever para os jornais» dá em geral prova de espírito tacaño. Revela aquele espírito infantil que diz: «Não volto a jogar contigo no teu pátio; vou acusar-te à mãe».

Lembra-te disto: «Se tens razão, não precisas de te encolerizar; se a não tens, não há motivo para isso».

Avança com estas ideias — procede como gentil-homem, com cortesia e domínio de ti mesmo e vencerás todas as vezes que o teu adversário não tenha estas qualidades.

LEALDADE

Outro elemento que contribui para a formação do carácter (que é o melhor antídoto contra o álcool), é a lealdade para com os outros e, mais especialmente, lealdade para consigo próprio.

Dan Beard, o veterano homem-rapaz da selva americana, criou a ordem do «Homem da Pele de Veado», a saber, o homem em quem se pode confiar absolutamente

para consultar em qualquer dificuldade, homem cheio de coragem, iniciativa e, sobre tudo, lealdade.

A lealdade é elemento saliente no carácter. Sir Ernest Shackleton, antes de partir para o seu último cruzeiro no *Quest*, disse a Arthur Mee, do *Jornal Infantil*, que uma vez, no Antártico, quando as coisas se apresentavam o mais sombrias possível e a morte lenta pela fome parecia certa, ouviu a seguinte conversa entre dois dos seus homens:

— «Parece-me que não aguentamos», disse uma voz.

— «Isso é da conta do Patrão», ouve-se a réplica.

Isto fez-lhe novamente sentir não só a responsabilidade da chefia, mas o seu isolamento também.

«A chefia», disse ele, «é bela coisa, mas tem os seus contras. E o maior é o seu isolamento.

Sente-se que se não pode dizer tudo à nossa gente!»

«Temos muitas vezes de lhes ocultar» disse ele, «não só a verdade, mas o que nós pensamos da verdade». «Podemos saber que os factos nos são absolutamente contrários, mas não o podemos dizer. Há uma só coisa que torna possível a chefia no Antártico: é a lealdade. A lealdade dos nossos homens é o penhor mais sagrado que levamos. É coisa que se não pode trair, coisa a que nos temos de elevar na nossa vida».

«Não há palavras que façam justiça à sua coragem e à sua satisfação. Ser valente com alegria, ser paciente de coração alegre, resistir às torturas da sede com cantos e risos, caminhar ao lado da morte durante meses e nunca mostrar tristeza — é esse o espírito que torna a coragem digna de possuir-se. Eu amava os meus homens».

Da minha parte, posso confirmar plenamente todas as palavras de Shackleton com a minha experiência de Mafeking, que, embora prova menor no seu género, abrangeu perigos e privações mui prolongados para os defensores.

O exercício da mesma lealdade, alegre e cordial da parte deles, foi o segredo do nosso êxito, precisamente como o fora com Shackleton. E de igual modo a lealdade seria

o segredo do êxito em qualquer empresa difícil, quer no campo dos negócios quer na conservação do país.

A lealdade é qualidade preciosa; devia cultivar-se e manter-se com firmeza, através de todas as circunstâncias, por todo aquele que tenha verdadeiro sentimento de honra.

Ao mesmo tempo, existe na lealdade aquilo a que Shackleton se não refere especialmente, mas que praticou em alto grau, e é coisa que aumenta enormemente o «isolamento» e a pesada responsabilidade dum chefe.

O chefe precisa da lealdade dos seus homens, mas tem de lhes ser leal também e esse ponto é sublinhado na Lei do Escuta, que diz «O Escuta é leal aos seus patrões e aos seus subordinados».

Este aspecto da lealdade coloca muitas vezes o chefe numa situação difícil, quando precisa de certo modo de iludir os seus homens, como Shackleton lembra, ocultando-lhes o pior. Também eu o experimentei já.

E depois tem de ser também leal à *causa* pela qual trabalha, e aqui aparece a parte mais difícil dos deveres dum chefe.

Pouca gente, por exemplo, compreende a tremenda responsabilidade que pesa sobre o general em campanha, quando, com toda a lealdade para com os seus homens, tem de pesar o facto de que as suas vidas são coisa de hoje, ao passo que o resultado duma batalha pode ser tudo para o futuro; e ele tem, portanto, de arriscar aqueles homens a quem ama e que nele confiam, por amor da maior consideração, a segurança e bem estar da nação.

São coisas que têm de lembrar-se quando se considera o que seja a lealdade e como nos havemos de preparar para os lugares de chefia.

Mas há também a lealdade para contigo próprio. Quando a tentação chega, a consciência diz: «Não», mas a inclinação diz «Sim».

Ou te ergues ou te afundas, conforme aquela a que obedeceres. Se fores leal para contigo, sobes. Se tiveres

falta de coragem, e cederes, caís e o respeito por ti mesmo cai também.

VERACIDADE

Houve tempo em que tive a missão de julgar e descobrir espíões. Naturalmente, uma das formas mais vulgares de descobrir a nacionalidade de um espião ou suspeito é calcar-lhe os dedos dos pés e ouvir a língua em que se exprime. Mas um contra-espião estrangeiro disse-me uma vez que se ele suspeitasse alguém de ser oficial britânico disfarçado tinha uma prova infalível: atraía-o à conversa e na primeira oportunidade chamava-lhe mentiroso. Embora o oficial fosse exímio em ocultar o seu verdadeiro carácter, se lhe chamasse mentiroso, não podia deixar de explodir contra o insulto e trair-se.

Assim é. O epíteto mentiroso é punhalada para o homem honrado. Detesto ouvir usar o termo a homens e a rapazes, como muitas vezes acontece, de modo leviano, quando em discussões vulgares dizem «Mentes» ou «És um mentiroso».

De tanto o ouvirem, calculo que se habituarão a ele, mas o homem honrado nunca se pode habituar. Para ele é sempre o pior insulto possível.

RESPEITO DE SI PRÓPRIO

O respeito de si próprio é elemento importante do carácter, e o homem que se não respeita (e não há ébrio, vadio, mentiroso ou mendigo que possa fazê-lo) não pode contar com que outros o respeitem.

E vem aqui a propósito falar numa pequena fraqueza — a gorjeta. Espera-se que o Escuta faça as suas B. A. aos outros por cortesia e amizade e não receba paga.

O homem que aceita gorjeta rebaixa-se e coloca-se ao nível do mendigo que recebe esmola.

Lamento muito que nos anos mais recentes tenha visto introduzir-se gradualmente a gorjeta nos motoristas de

praça, porteiros de hotéis, criados de café e outros, que anseiam por receber algum dinheiro dos seus fregueses.

E, todavia, como homens, teriam vergonha de serem protegidos e receberem esmolos. A gorjeta abre o caminho em situações mais bem remuneradas, às chamadas «Luvas» e, em postos mais elevados, ao suborno, e à corrupção.

A nossa gente, até aqui, tem sido viril e digna de mais para se rebaixar a tal ponto; oxalá se diga com verdade por largos anos: «um britânico não se deixa subornar».

Os Samurais são uma confraria de Cavaleiros do Japão, de mil e quinhentos anos de idade, muito semelhante à dos nossos cavaleiros medievais. O ideal que os guia é o Buxido, que promove entre os seus membros:

Pobreza em lugar de riqueza,

Humildade em lugar de ostentação,

Reserva em lugar de reclamo,

Abnegação em lugar de egoísmo,

Interesse do Estado em lugar de interesse individual, aliados à coragem pessoal, fortaleza, lealdade, temperança e castidade.

Se um Buxi se rebaixasse, seria convidado a cometer ara-quiri — isto é, em parada, com cerimonial rigoroso, suicidar-se, abrindo o estômago com uma faca. Estes cavaleiros eram extremamente sensíveis em questões de honra e dignidade. Um, chamado Gorgorro, recebeu uma seta num olho, no meio da batalha. O facto não o imobilizou, continuou a combater e a conduzir os seus homens na batalha até que o combate terminou. Um amigo procurou então extrair-lhe a flecha e teve de o deitar de costas para isso; mas vendo que não o conseguia simplesmente com puxar, pousou o pé na cabeça do ferido para o poder fazer. Quando finalmente conseguiu arrancá-la, Gorgorro, em lugar de se mostrar grato, levantou-se de salto e desafiou-o para combate por lhe ter rebaixado a dignidade colocando-lhe o pé na cabeça.

A VERGONHA FAZ DO HOMEM PRECITO

Sabeis qual é um dos espectáculos mais trágicos deste mundo?

É a vista dum homem envergonhado. Quase sentimos vergonha de o contemplar.

Observei-o uma vez, há muitos anos, mas tem-me perseguido sempre.

Viajava eu num ramal do caminho de ferro da selva, numa região isolada de além-mar. O comboio fez uma paragem num local onde um capataz branco e a sua equipa de indígenas trabalhavam. Em vez de se aproximar, como geralmente acontecia com estes homens cheios de satisfação ao verem o comboio, para conhecer as últimas novidades do mundo e falar, embora por instantes apenas, com outros brancos, este capataz afastou-se e voltou-nos as costas somente à espera de que o comboio e os brancos o deixassem de novo.

Quis saber quem ele era e disseram-me que fora oficial de cavalaria, bem conhecido em Londres e em todo o país em geral, como desportista alegre e pessoa estimada.

Mas o vício do álcool tinha-se a pouco e pouco apoderado dele e tinha-o arruinado, e ele era agora o que víamos, um réprobo, um homem que tinha vergonha.

«OS NOVOS SÃO CHEIOS DE ENTUSIASMO MAS FALHOS DE SENSO PRÁTICO»

«Os novos são cheios de entusiasmo, mas falhos de senso prático» — foi o que alguém disse de certos de vós. Faz-me lembrar uma ocasião em que eu andava em serviço de reconhecimento na África do Sul com um grupo do Regimento de Hussardos n.º 7, e ao atravessar o leito seco dum rio encontrámos um leão.

Um de nós deu-lhe um tiro e feriu-o gravemente, mas ele conseguiu meter-se num pedaço de caniçal e juncal espesso, onde era impossível, ou pelo menos muito arriscado segui-lo, visto que ele tinha todas as vantagens de

estar escondido e de ouvir e cheirar quem quer que se lhe aproximasse do esconderijo.

Por isso, prontamente pusemos homens de vigia em diversos pontos em volta do matagal para informarem no caso de ele sair.

Era projecto nosso, depois de tomadas todas as precauções e colocado pessoal armado de espingardas nos pontos convenientes, lançar fogo à erva e obrigá-lo a sair.

Com isto demorou-se muito tempo, porque os caniços a sotavento estavam verdes e não ardiam.

Eu ocupava um ponto vantajoso sobre um rochedo para ver se ele saía naquela direcção, e esforçava-me por o avistar no meio dos caniços. De repente, a minha vigilância foi recompensada. Vi mexer os juncos e, como se agitavam, percebi que o animal avançava para o meu lado.

O coração martelava-me com exaltação, cuspi no cartuxo para ter sorte e aguardei com a arma engatilhada para lhe dar «a conta» logo que mostrasse o focinho.

Avançando sempre cada vez mais, estava já a poucas jardas de distância. Tinha a certeza de que me não escapava. Aquela distância não o podia errar.

As canas afastaram-se. Estava prestes a desfechar, quando, em lugar do leão, me apareceu pela frente um sargento ferrador!

Uma das funções do sargento ferrador é pegar no revólver e pôr termo aos sofrimentos dum cavalo que esteja gravemente arruinado. Este sujeito, portanto, tendo visto que o leão estava ferido, entendeu que o seu dever era intervir e dar-lhe o golpe de misericórdia.

Nem se lembrou de que o seu revólver valeria para o caso tanto como uma zarabatana, e que o golpe de misericórdia seria dado pelo leão e não pelo ferrador.

Neste caso, por um triz que o não despachei desta para melhor. Quanto a leões, era inexperiente. Nunca lhe tinham aparecido em Tooting. Revelava rasgo magnífico, mas pouco senso prático; e é assim que muitos jovens procedem ao



enfrentarem os leões da vida, para os quais não estavam preparados ou prevenidos.

AUTO-SUGESTÃO

O domínio de si mesmo tornou-se hoje um estudo científico e muitos médicos estabeleceram um *record* admirável de curas de dor e doença pelo esforço mental dos próprios doentes.

Deveis ter ouvido falar de curas notáveis em vários campos da medicina efectuadas pela «fé curativa» isto é, pela crença do doente na cura.

Calculo que muitos de nós teremos praticado este método em certo grau sobre nós mesmos.

Ora, imagina que tens um ferimento numa perna. Dói-te a perna toda; sentes que vais desmaiar; mal podes pousar o pé no chão. Hi! que dor!

Senta-te ou deita-te um bocadinho, a gemer.

Pois há ainda outra forma de tratamento.

«Ferimento? Assim é, um furinho apenas e a dor não

OLHA O PAPÃO! OS JOVENS SÃO
ARROJADOS MAS VAZIOS DE SENSO

pode sentir-se senão em volta da ferida. Não, por toda a perna, não! Isso não passa de imaginação. Não, é só naquele ponto pequeno, espaço pequeníssimo, e, portanto pouca dor. Mantém-te firme, caminha e conserva a perna em movimento, para que não se inteirice. Aquece-a e não causará dor. Assim mesmo, já estás melhor».

O facto é que, para te curares do mal, precisas de servir-te da imaginação mais que da vontade.

Uma vez, o Dr. Coué explicou assim a diferença: Se assentardes no chão uma tábua vulgar, podeis caminhar sobre ela com perfeita naturalidade.

Coloque-se a mesma prancha a servir de ponte entre dois telhados, trinta metros acima do chão, e não conseguireis atravessá-la. A vontade quer que caminheis para atravessar para o outro lado, a imaginação faz-vos pensar que ides cair e vence a vontade. É essa a relação habitual entre as duas. A imaginação sai vencedora.

Se tens dores, portanto, precisas de concentrar-te e imaginar qual o alívio que desejas, e, depois, supor que o vais gradualmente adquirindo e não tardarás a verificar que já o alcançaste.

Noventa e nove pessoas em cada cem têm dores ou estão doentes ou incapacitadas porque assim o acreditam. É fruto da sua imaginação. Mas, se conseguirmos que se aproveitem da imaginação em sentido inverso e se convencerem de que estão a melhorar, na maioria dos casos *achar-se-ão* de facto bem.

E o Dr. Coué comprovava a verdade da sua teoria com os resultados diários das multidões de doentes que lhe apareciam coxeando e abalavam jubilosos.

É não o fazia por dinheiro ou recompensa.

Mas a grande verdade é que a auto-sugestão não só cura dores e doenças, mas cura também a falta de memória ou o nervosismo, e mais especialmente — e nisto está a sua importância para os novos — consegue apagar o desejo do álcool ou do tabaco, as tentações carnis e outras formas de sensualidade.

COMO TOMMY TOMKINS VENCEU A MORTE

Esse terrível flagelo da Índia, a cólera, manifestara-se no regimento. Tommy Tomkins, robusto veterano do meu esquadrão, caiu de cama com ela. Em poucas horas estava muito mal.

«O pobre Tommy está pronto» — foi a sentença do sargento enfermeiro.

Durante as quarenta e oito horas seguintes, porém, ele aguentou-se entre a vida e a morte, e finalmente, com surpresa de todos, venceu a crise.

Mais tarde, quando fui vê-lo já convalescente no hospital, contou-me o segredo de como vencera a morte.

Sabia que estava a morrer; o médico quase lho dissera, mas disse ao criado indígena que ele tinha apenas uma probabilidade de viver, se lhe pudesse conservar os pés quentes. Por isso era preciso pôr-lhe logo botijas ou tijolos quentes nos pés.

O médico saiu e o servo, em vez de se ocupar das garrafas quentes, tirou o hooká (cachimbo) do seu esconderijo e acocorou-se a um canto a fumar tranquilamente.

Este procedimento enfureceu o pobre Tommy, que, embora incapaz de se mexer ou falar, percebia tudo quanto se passava. Jurou a si mesmo que, se melhorasse, havia de dar àquele indígena uma lição que ele não esqueceria tão depressa. Pôs-se a parafusar sobre a forma de sova que o castigo havia de ter e em quanto tempo poderia sair da cama para o administrar. Pôs de parte toda a ideia de morrer, absorto na ideia de se vingar daquele tipo.

E assim voltou à vida.

A força de vontade e de imaginação é que o salvaram.

Eu tive também uma experiência igual. Estava muito doente de diarreia no hospital, quando me chegou a notícia de que, se estivesse bem em certa data, seria nomeado para o comando duma coluna que partiria em perseguição do inimigo.

Parecia tarefa impossível, mas não perdi a esperança. E pus-me a imaginar o que faria quando estivesse a

comandar e tracei planos, ao mesmo tempo que procurava com todas as forças melhorar.

Quanto mais me esforçava, melhor me punha. Passados dias, estava convalescente, mas quando chegou o grande dia ainda não estava em condições de ser autorizado a ir.

Dois dias depois entrou outro homem, também gravemente doente de diarreia. Precisavam da minha cama para ele. Quando lha cedi ele gemia dizendo que viera morrer ali. «Tolices!» — disse-lhe; «eu estava muito pior quando para cá vim. Ponha-se a pensar no que vai fazer quando tiver alta».

No dia seguinte abalei escoltado por três praças e, depois de ter andado oitenta milhas a cavalo, através duma região perigosa, alcancei a coluna e tomei conta dela.

Entretanto, o que me sucedera na cama julgou-se moribundo. Piorou dia para dia, e passado tempo fez o que supunha que havia de fazer — morreu.

AUTO-CURA

Esta não é, afinal, senão a arte de auto-sugestão, pela qual um homem pode, *se a isso estiver decidido*, curar-se de muitas doenças e de quase todas as fraquezas.

Se por ela se pode vencer a morte, decerto se pode vencer o vinho e qualquer outra tentação. Não te esqueças disto. Se em qualquer ocasião as circunstâncias se apresentarem sombrias ou até impossíveis, lembra-te dum meio pelo qual poderias ter alcançado êxito e depois imagina que o alcanças; e quando o teu entendimento te disser que tal é impossível, responde-lhe: «Não, impossível não. Vejo bem o que poderia ser. Posso tentar. Posso ganhá-lo Posso, *Posso*. POSSO E QUERO! E aposto dez contra um que vencerás.

A cedência às paixões dá-se porque se concentra a atenção nos nossos próprios desejos sensuais; a sua cura está em desviar o interesse de nós próprios para outras pessoas e coisas. Ocupêmo-nos de passatempos. Entreguemo-nos à compreensão activa e ao serviço dos outros e incidentalmente alcançaremos novos valores na formação do carácter.

Diz Amiel: «O homem que não encontra refúgio dentro de si, não tem realmente personalidade. É elemento da multidão, contribuinte, eleitor, mas homem não. Quem voga ao sabor da corrente, quem não tem ideal nem convicções, um homem assim é apenas uma peça da mobília do mundo — é coisa móvel, em vez de um ser vivo e movente».

O individualismo excessivo implica o egoísmo desenfreado, que é o contrário exacto daquilo que queremos. A individualidade do carácter é outra coisa: indica o homem auto-disciplinado, dotado de energia, capacidade, cavalaria, lealdade e outras qualidades que entram na formação do homem bom.

E quando estas qualidades se põem ao serviço da comunidade, ele é mais alguma coisa do que um homem bom, é bom cidadão.

O QUE OUTROS DISSERAM

O respeito, e não o amor, de si próprio, gera o respeito pelos outros.

O carácter vale mais do que qualquer outro atributo da vida.

O domínio de si mesmo forma três quartas partes do carácter.

Não bebas entre os «comeres».

Não se forma o carácter sonhando. Precisas de o bater e forjar a martelo por ti (*Freude*).

Accepta o conselho do tentilhão quando diz: «Sê persistente, sê persistente, sê persistente».

Repara no selo do correio, meu filho; a sua utilidade está no poder de se apegar a uma coisa até chegar.

(*Josh Billings*)

Quando a coisa vai torta e tudo em volta

Parece convidar-nos à revolta,

Não vás arrebatá-lo em ira solta,

Sorri apenas — sorri!

E quando alguém, por acidente vário,
Deita mão dum esforço extraordinário
Por levar-te no conto do vigário,
Ri ainda e sempre — ri!

Se, enfim, seja por que excessos for,
Tudo te causa irritação e dor,
Sê justo e bom, mas cheio de vigor,
Guarda toda a calma — em ti!

ARREDA A TENTAÇÃO

Si o vinho ti bradá, «Amigo, venha cá!»

Num queiras sabê!

Si ti disser «Com você ninguém si baterá!»

Num queiras sabê!

Antes di tropeçá e vacilá

Antes di cair no lamaçá

Antes di perdê o ganha-pão,

Arreda a tentação!

Si esta ti preguntá: «Como vai você?»

Num queiras sabê!

Quando te dissé: «Qui falta mistava a fazê»

Num queiras sabê!

Embora di falinha mansa,

É duro e forte; não cansa;

É do Diabo primero capitão!

Arreda a tentação!

(«*Ole Marstern*», *B. B. Valentine*)

LEITURAS ACONSELHADAS

A Droga — *Claude Olivenstein*

Os 7 Pecados da Juventude sem Amor — *Vários*

Estamos no Vento — *Fernando Namora*

Enterra-me com as Botas — *Sally Trench*

Carta Aberta a um Jovem — *André Maurois*

Droga: Perguntas e Respostas — *Edit. Restauração*

ESCOLHO NÚMERO TRÊS

MULHERES

MULHERES

O lado sombrio deste escolho é o perigo de esquecer o respeito devido à mulher.

O lado luminoso é a resistência à tentação pela prática do cavalheirismo e da virilidade protectora.

INSTINTOS SEXUAIS E PERIGOS RESPECTIVOS

A adolescência é a época em que despertam os instintos sexuais, à medida que o jovem se faz adulto.

A aproximação da idade adulta desperta no jovem o desejo sexual, que deriva de causas perfeitamente naturais, a saber, o desenvolvimento integral dos órgãos sexuais.

As glândulas masculinas e femininas têm cada uma o seu papel na formação do nosso ser.

O seu papel, com o desenvolvimento da virilidade, é da maior importância para te preparares para a propagação da espécie.

A importância de aprender a enfrentar os problemas sexuais à medida que se apresentam.

O modo como certos mancebos se gabam a respeito destas coisas traz graves consequências.

O problema das doenças venéreas, doenças geradas pela promiscuidade das relações sexuais.

Estas doenças são muitas vezes devidas à ignorância e já têm causado grandes sofrimentos e até tragédias.

A VIRILIDADE

O verdadeiro cavalheirismo para com as mulheres é defesa contra os perigos apontados.

Compete-te compreender estas dificuldades e aprender a enfrentá-las.

Nestas questões, os pais sensatos podem ajudar muito.

Não se trata apenas do indivíduo, mas da espécie.

Modos de alcançar a saúde e a robustez pela prática de regras simples de higiene.

Sê **HOMEM**.

O CASAMENTO

Nos teus namoros, respeita a decência.

Como se escolhe a rapariga que convém.

Avisos dum carniceiro sobre a escolha da futura esposa.

Importância dos Rendimentos.

O homem, quando casa, tem deveres para com a mulher.

A alegria dos filhos.

As responsabilidades da paternidade e modo de preparar-se para elas.

A felicidade do lar completa-se com a prestação de serviços à comunidade.

O QUE OUTROS DISSERAM SOBRE O ASSUNTO

LEITURAS ACONSELHADAS

MULHERES

O perigo reside na possibilidade de se esquecer o cavalheirismo para com as mulheres.

O lado luminoso é o desenvolvimento da atitude viril e protectora para com o outro sexo.

INSTINTOS SEXUAIS E PERIGOS RESPECTIVOS

O MONARCA DA SERRA

Um dos espectáculos mais belos da vida animal que podem ver-se na charneca ou na floresta é o veado adulto, na plena pujança. É o rei da manada, o monarca da Serra, conforme Landseer o pintou.

É o tipo da coragem, força e beleza viril, soltando o seu desafio rugidor a todos os rivais.

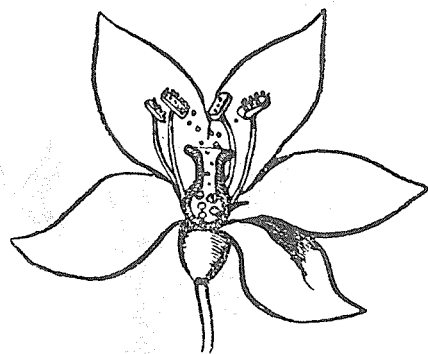
Na época do cio ou da criação, no Outono, é espectáculo emocionante dos veados a desafiarem-se mutuamente e a combaterem pela posse das corças. Durante certo tempo parece que perdem o tino e correm dum lado para o



A ÉPOCA DO CIO
O Rei da charneca, de Landseer,

outro, inquietos e excitados, incapazes durante semanas de se deterem a comer e a dormir até ficarem completamente exaustos. São os mais belos e mais fortes que triunfam. Nos combates que se seguem, com o choque e matraquear das pontas e o mugir dos combatentes, os mais fracos cedem e são obrigados a recuar pelos antagonistas mais fortes até que, tomados de pânico, se entregam à fuga e deixam ao vencedor a escolha das fêmeas como senhor da manada.

Este, aceitando as responsabilidades, está sempre pronto — e apto — a defender as corças e cervos de todos os agressores.



O CENTRO DO PISTILO (*Feminino*)

(desenho aumentado do corte) com o pólen a cair dos estames (*masculinos*) para o ovário do pistilo (*Feminino*) que contém as sementes, embriônicas, que o pólen masculino fertiliza.

outros animais da selva; em maior ou menor grau, entre as aves, na Primavera, e até entre os peixes, no Inverno.

As próprias plantas, árvores e flores estão sujeitas à mesma lei natural e na época da criação que lhes é própria, a Primavera, a seiva sobe e espalha-se por todos os ramos, folhas e gavinhas, e as flores desabrocham para que o pistilo feminino receba o pólen dos estames masculinos,

Aos fracalhões vencidos, só lhes resta depois rondar a manada e conseguir o possível prazer entre o refugio das fêmeas do rebanho. Destes fracos animais, de proporções reduzidas, pouco caso fazem os caçadores, que preferem os melhores exemplares fortes e ágeis.

O mesmo fenómeno se passa, mais ou menos, com os

o qual é um minúsculo gérmen que se liga com o gérmen feminino, e da união dos dois resulta a semente duma nova planta.

A própria ornamentação de flores de que as plantas se revestem na Primavera é semelhante aos hábitos dos animais e das aves, que se revestem de penas mais vivas na época do cio, coisa que se repete também nos jovens, com as suas peúgas de cores vivas, gravatas de fantasia e cabelo empastado.

VIRILIDADE

É impulso da natureza, e dá-se também com o homem.

A diferença está em que, enquanto nos animais há uma época definida para a criação, no homem o instinto funciona sempre e não há época de criação determinada. Os períodos mensais da mulher são devidos ao funcionamento rítmico do organismo, mas não são a mesma coisa que os períodos de cio que se observam noutros animais.

Quando o instinto sexual adulto se manifesta no jovem adolescente, produz transformações emotivas que muitas vezes desnor-teiam.

Não vos esqueçais de que estes impulsos são naturais. Todos estamos sujeitos a eles e todos precisamos de saber tratá-los. Recebo imensas cartas de mancebos a quem nunca disseram o que têm a esperar quando se estão a fazer homens e por conseguinte se sentiram aborrecidos ao verificarem o desnor-teamento por que passavam. Sem saberem porquê tornam-se nervosos e inquietos. Não conseguem adaptar-se tranquilamente ao trabalho, sentem acanhamento perante os outros, crêem-se desgraçados e julgam por vezes que vão perder o juízo.

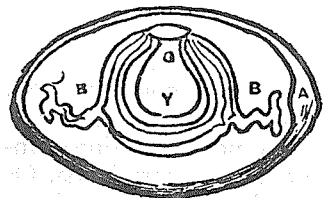
Só me dá prazer que no meio da sua inquietação se tenham lembrado de me escrever, visto que em muitos casos me tem sido possível elucidá-los e tranquilizá-los. Não há motivo para nos inquietarmos. É tudo proveniente de causas perfeitamente naturais.

Quando o rapaz se transforma em adulto, todo o seu

corpo sofre uma transformação gradual que cada um pode observar em si mesmo. Engrossa-lhe a voz, aparecem pêlos onde os não havia, aumentam e endurecem os músculos, desenvolvem-se os órgãos, etc.

O DESEJO SEXUAL PROVÉM DE CAUSAS PERFEITAMENTE NATURAIS

Esta transformação é produzida pelas secreções dos órgãos sexuais, que influem no desenvolvimento de todo o organismo e podem comparar-se à circulação da seiva numa árvore. Dá-lhe o vigor da virilidade e forma-lhe os nervos e a coragem.



G. O germe da galinha fertilizado pelo galo. Y. Formação da gema. B. Cordões de fixação de branca e forte. A. Espaço vazio.



Três semanas depois, o pinto pronto a romper a casca, com bico, dedos, penas, olhos, etc.

O MILAGRE DO OVO

produzir em todo o reino animal e em grande parte do vegetal também, é a união do órgão masculino com o feminino que dá origem ao aparecimento duma nova vida. No homem, o organismo masculino chama-se espermatozóide e há muitos milhares deles numa única gota de sémen. Na sua produção, a natureza revela-se extremamente pródiga, pois só um deles fertiliza o óvulo.

Podes fazer ideia do que se passa, observando estas gravuras que representam a fertilização dum ovo de gali-

nos testículos e glândulas anexas chama-se *sémen*, termo latino que diz semente.

COMO SE REPRODUZ A VIDA

A este líquido contido no organismo masculino compete fertilizar o organismo feminino chamado *óvulo*, que é pequeno ovo, em latim. Para a vida se reproduz

nha e o desenvolvimento do pinto, que consome a gema à medida que se vai desenvolvendo. A «clara» contém o «óvulo», que é fertilizado pelo espermatozóide do galo, quando este «cobre» a galinha. Por processo semelhante no ser humano, do conjunto dos germes nasce um ser vivo de carne, sangue e ossos, com vista, cérebro e entendimento, e até com muitos pontos de semelhança tanto físicos como morais com os progenitores.

O GERME É DE IMPORTANCIA VITAL PARA A CONTINUAÇÃO DA ESPÉCIE

E este jovem ser tem por sua vez dentro de si os germes para a produção doutros filhos, quando tiver atingido a idade adulta.

Todo este processo, maravilhoso e complicado, é obra de Deus Criador. O germe de que tu foste feito proveio de teu pai, precisamente como ele proveio do germe de seu pai antes dele, e assim por diante até ao começo dos tempos

E tu encerras dentro de ti esse germe para o transmitir, quando te chegar a vez, a tua mulher para formar o vosso filho.

É uma missão sagrada que te foi confiada, através de teu pai e seus antepassados, pelo Criador — o Grande Pai de todos nós.

Por vezes, quando este sémen é segregado em excesso pode acontecer que largues algum a sonhar quando dormes. Não te dê isso cuidado; é um derrame natural. Se for provocado pelo próprio chama-se «Onanismo» ou «Masturbação».

MASTURBAÇÃO

Os jovens são, em geral, sensatos e de bom grado aceitam conselhos, se houver quem lhos dê; e tenho a certeza de que se eles conhecessem melhor estas coisas de que acabo de falar, evitariam muitas das aflições e até agonias que por vezes sofrem. Era frequente ensinar-se que o vício solitário é coisa prejudicialíssima, que conduz à loucura, e

que, pelo menos, causa graves e permanentes males ao organismos. Ora isto é quadro grosseiramente exagerado, para não dizer mais. O onanismo é causado por circunstâncias nada naturais. Se vivêssemos num estado natural primitivo, em assuntos sexuais os rapazes procederiam exactamente como o nosso amigo veado! Não haveria impedimento moral ou social às relações sexuais. Não podem proceder assim por razões morais e sociais, mas isso não suprime o instinto sexual primitivo, que está na base dos seus desejos. Não; o desejo é coisa natural, por isso não te censure por causa dele e não percas tempo a torturar-te *se abusaste* de ti mesmo. A tensão é por vezes tal que muitos praticam por isso a masturbação. E que é isto na verdade? É a satisfação do instinto sexual, que se consegue dando a si próprio a sensação de satisfação. Por outras palavras, é uma forma de amor próprio, que não é, evidentemente, coisa para se cultivar.

Ora nós pertencemos a uma comunidade regida por certas leis morais e convenções sociais. Estas leis morais proíbem as relações sexuais promíscuas e eis o dilema. Desejos primitivos em face das leis morais e sociais. Concedemos já que não podemos fugir ao desejo. Se o nosso fim é viver uma vida sã e decente, para nós e para os outros, não tardaremos a congraçar estas dificuldades. O sexo não é tudo na vida, e há outras energias que substituem o sexo e aliviam a pressão. A energia que o macho primitivo reserva quase exclusivamente ao sexo, no ser humano é repartida por toda a espécie de actividades, tais como artes, ciências, e mil e uma outra coisa. Portanto, quanto mais interesses tiveres e quanto mais entusiasticamente te entregares a eles tanto menos te assaltarão os instintos sexuais primitivos, e quando chega a ocasião terás o prazer de os partilhar naturalmente com a mulher que há-de ser a tua companheira. E agora vê como é que o caminharismo intervém no caso. Em lugar da ociosidade sem objectivo e de conversas sujas, não te faltará que fazer com passeios e excursões e o prazer das actividades viris do ar livre. Sem

dares por isso estás a relegar o sexo para um plano secundário.

DOENÇAS VENÉREAS

Das conversas livres entre rapazes resulta, inevitavelmente, o mau hábito de falarem de coisas indecentes; rebaixam assim o seu ideal e pensamentos a um nível animalesco de que mais tarde, quando forem homens, se hão-de envergonhar.

Atrasam-se, assim, no caminho do triunfo, porque terão depois de dispender grandes esforços para se safarem do tremedal de lama em que se atolaram, e esta pega-se sempre até certo ponto.

Depois, os mancebos gostam de gracejar levianamente a respeito das doenças venéreas, que mais cedo ou mais tarde atingem aqueles que imprudentemente se dão à satisfação dos desejos sexuais.

Estas doenças não são para graças; por leves que sejam os primeiros efeitos, são perigosíssimas para os homens.

As principais são duas: a *sífilis*, infecção tóxica que se pode contrair em relações com pessoas contagiadas. O mal manifesta-se numa ferida, de que dentro de algumas semanas resultam outras; depois, entre 1 e 20 anos, causam doenças no corpo ou nos ossos, e frequentemente no coração, se não for convenientemente tratada. A *Gonorréia*, que geralmente se contrai do mesmo modo que a sífilis, manifesta-se em descargas de pus e inflamação do órgão. Mais tarde, pode seguir-se inflamação da bexiga, etc.

A sífilis transmite-se frequentemente de pais a filhos, a ponto de estes ficarem cegos, surdos, paráliticos ou alienados. Calcula-se que 20% dos cegos de nascença o são em consequência das sífilis dos pais. Os pecados dos pais pagam-nos os filhos, na verdade.

Uma vez que alguém contraiu a sífilis, nenhum dos remédios que para aí andam anunciados lhe vale. O único remédio é consultar um bom médico e contar-lhe franca-

mente o que se passa. *Se for consultado a tempo*, poderá curar o doente.

Mas o perigo não é daqueles de que se pode gracejar, logo que se lhe conheça a gravidade, não é assim? Uma visita a um hospital da especialidade apresentar-vos-á tantos exemplos de doenças venéreas que vos convencerão, melhor do que quaisquer palavras minhas, a fugir a todos os contactos com as mulheres da rua, se quereis salvar-vos de corpo e alma.

A loucura de correr tais riscos é o resultado de se deixar arrastar pelas fraquezas da manada.

É como o beber e o jogar — doença que se contrai porque nos deixamos ir na corrente, sem pensarmos, na companhia de muitos outros jovens insensatos.

Muitos homens prejudicam-se por suporem que, se forem com uma rapariga que não é prostituta regular das ruas, não correm perigo de serem contaminados pela doença. Mas as estatísticas mostram que o perigo é realmente maior. A moça que for enganada por qualquer tratante, perde o sentimento da vergonha e presta-se de vez em quando a entregar-se a outros homens. Mas, na sua ignorância, arrisca-se mais do que a profissional a contrair a doença por não saber quais as precauções a tomar. Por isso a desgraçada é muito mais perigosa para si e para aqueles com quem contacta.

Um homem pode ser casto e resolver continuar a sê-lo. Mas poderá por acaso, ou devido a companheiros estúrdios, ser levado a beber o «sexto» copo fatal e com o cérebro e sentidos toldados, fazer aquilo mesmo que não queria.

E é assim que muitos homens honestos têm caído e se têm arruinado, não só moralmente (quanto a carácter), mas também fisicamente (ou seja no corpo).

Há um drama intitulado «Mercadorias deterioradas» que trata da questão das doenças venéreas de forma franca e sensata, e é boa lição para os mancebos. Conta como um mancebo contagiou a mulher e a ama do filho, por ignorância. O lamento patético que se ouve: «Se eu

tivesse sabido a tempo!» é daqueles que se repetem em centenas de casos todos os dias.

PAGAM OS FILHOS OS PECADOS DOS PAIS

Quando estava a escrever este capítulo, um amigo perguntou-me se era realmente verdade que a sífilis é transmitida pelos pais aos filhos, tanto como eu dizia.

Não tive senão de mostrar-lhe uma carta publicada nessa manhã no *Times* e escrita em 21 de Fevereiro de 1922 por um juiz de investigação de homicídios, em que ele afirmava que a perda de vidas e da razão e a infecção de crianças inocentes causadas por esta tremenda doença «é extremamente terrível».

VIRILIDADE

CAVALHEIRISMO

Espero que tenhas compreendido, pelo que acabo de dizer a respeito deste escolho «Mulheres», que apresenta perigos para a mulher assim como para o homem. Mas apresenta também um aspecto luminoso, se souberes manobrar bem a canoa.

A pá que se utiliza para este efeito é a do CAVALEIRISMO.

A maioria das sugestões que apresentei para seguir pelo bom caminho, estão incluídas no termo «Cavalheirismo».

Os cavaleiros doutroa obrigavam-se por juramento a ser cavalheirescos, isto é, a protegerem e auxiliarem as mulheres e as crianças.

Isto implica, da parte do homem, profundo respeito e terna compreensão por elas, junta com a força de espírito e de corpo para as defender do escândalo, crueldade ou ridículo e até, sendo preciso, a defendê-las das suas próprias fraquezas.

O homem que não tenha cavalheirismo não é homem.

O homem que sinta este cavalheirismo e respeito pelas mulheres nunca poderia rebaixar-se a proceder como um bruto, nem consentiria que uma mulher se arruinasse com ele, perdendo a sua própria dignidade e o respeito dos outros. Compete-lhe a ele indicar o rumo — o bom, sem dúvida — e não se deixar extraviar.

Conheço um homem que levou o seu cavalheirismo mais longe ainda, até ao ponto de erguer a mulher que caíra; quando ela contava com que ele se entregasse com ela à luxúria, o respeito cortêz por ela, que, esquecendo as suas faltas, era concedido *porque* ela era mulher, obrigou-a a pensar mais uma vez no respeito que ela devia a si própria e assim a repôs no seu lugar.

O cavalheirismo, como outros elementos do carácter, precisa de cultivar-se pela meditação e pela prática, mas, uma vez alcançado, coloca o homem num pedestal novo, mais elevado em relação a si próprio e em relação ao mundo.

Para ser cavalheiresco precisa de colocar a mulher num pedestal e ver nela tudo quanto ela tem de melhor; precisa também de ter compaixão dos mais fracos, velhos e estropiados; e tem de oferecer protecção aos pequeninos.

Para isto precisa de praticar o auto-domínio, afastar do seu espírito tudo quanto é impuro, alimentar apenas ideias limpas e honestas e ter do dever um sentimento tão elevado que o ridículo e a troça nada valham para ele.

NÃO É DA MINHA CONTA

«Não é da minha conta» é, ordinariamente, o pretexto com que o cobarde procura ocultar a sua falta de cavalheirismo. Mas para um *homem* tudo quanto possa ser útil a outrem é da sua conta.

Com isto não quero dizer que deve andar a meter o nariz na vida dos outros e perguntar: «Querem salvar-se?», etc.

Mas se puder estender a mão a uma mulher caída, ou ajudar um moço que procura erguer a cabeça e manter-se limpo, poderá fazer grande bem pelo seu cavalheirismo.

E além disso pode ser muito útil aos outros pelo próprio exemplo que lhes dá de levar vida limpa e honesta e de mostrar que se não envergonha de assim proceder.

CUMPRE-TE SER SENHOR DE TI MESMO

O que importa é lembrares-te de que tu és TU e tens de seguir o teu caminho, se queres alcançar a felicidade. Deixa o rebanho e toma as providências necessárias para enfrentar os desejos que te surjam no caminho da Natureza.

Afasta-te dos compenheiros livres, quer sejam homens quer raparigas; entrega-te a várias ocupações e exercícios são, tais como o soco, a marcha, as excursões, futebol, remo, etc.

Afasta de ti o pensamento da luxúria, entregando-te à prática de passatempos e a boas leituras nas horas livres; evita as bebidas e excessos no fumar, comer e dormir em cama muito macia ou quente, visto que tudo isto agrava a tentação.

O atletismo é também uma grande válvula para as forças naturais. Combina os elementos da luta e da vitória pela força física, que se encontram na guerra, mas deve tomar o lugar desta e não servir para transformar os rapazes em «Carne de Canhão».

Todos vós conheceis o escutismo e o valor imenso que ele tem, e por isso não precisamos de nos ocupar dele.

E só uma palavra a respeito da tolerância — somos todos diferentes e não podemos pensar que, só porque outros nos parecem inferiores a nós, temos direito a desprezá-los.

Por exemplo, tu podes ser bom atleta e Smith muito fraco, mas muito bom estudante. Não o desprezes, mas «vive e deixa viver».

E agora que encarámos bem os problemas sexuais que se apresentam aos rapazes, espero que já te não causem medo. A vida deve ser natural e fácil e quanto mais sadia

for a vida que levas, menos te parecerão e afligirão estes problemas.

Lembra-te de que se tens de facto dificuldades que te apoquentem, o melhor remédio é expô-las a uma pessoa mais velha, teu pai, se lhe podes falar, ou um médico compreensivo ou um professor.

O carpir males de nada serve.

Quem viver em conformidade com o Código Escultista não pode enganar-se muito.

Há um velho rifão latino com o qual podemos terminar:

«Mens sana in corpore sano».

«Espírito são em corpo são».

Bom objectivo a atingir.

Conserva-te limpo por dentro e por fora, com lavagens e exercícios diários de natação, se pudeses. A prisão de ventre e o desleixo na limpeza diária do órgão sexual causam leves irritações que têm más consequências.

Acima de tudo não te assustes com as terríveis consequências com que os curandeiros te ameaçam. Querem levar-te a comprar-lhes as suas mezinhas inúteis; é essa uma das habilidades do negócio. Mas prossegue cheio de esperança e confia em ti mesmo.

Hás-de ter que lutar, mas se estiveres resolvido a vencer, só terás que lucrar com a experiência; terás atravessado a luta com espírito puro e são; e terás robustecido o corpo com todo o poder da virilidade.

E lembra-te que assim fizeste não só para teu bem, mas também porque tens deveres para com a Pátria e com a espécie, ou seja, gerar por tua vez filhos fortes e sadios; e para o poderes fazer precisas de te manter puro.

Parece que há quem suponha que, se não se exercitar de quando em quando, não será capaz de realizar o acto quando vier a casar. É rematada loucura. A continência não diminui a capacidade.

Tenho recebido tantas cartas de rapazes sobre o assunto, que vou transcrever a resposta que lhes envie, visto que pode responder às dúvidas doutros:

«Tive realmente muito gosto em saber que tens conseguido manter-te de cabeça direita apesar das contínuas tentações. Em resposta à tua pergunta, parece-me que nada tens a temer quanto a poderes casar, contanto que continues como até agora. Que eu saiba, tem havido muitos jovens que receiam casar julgando serem impotentes por se terem entregado ao vício solitário enquanto novos. Mas verificaram que não havia novidade e o mesmo, assim o espero, se dará contigo».

AUTO-SUGESTÃO

A imaginação leva-nos a sonhar acordados e estes sonhos podem suggestionar-nos e arrastar-nos à tentação. Todavia, a imaginação desempenha o papel principal na auto-sugestão ou cura por si próprio, e por isso o moço que é propenso a sonhar acordado, é, na verdade, quem tem mais facilidade de se curar, contanto que procure fazê-lo segundo as normas que indiquei.

INFLUÊNCIA DOS PAIS

Muitos dos homens que no mundo atingiram celebridade confessam que devem grande parte do seu carácter e êxito à influência de suas mães.

E é natural que assim seja, pois foi ela que, afinal, olhou pelo filho e vigiou a sua criação desde a mais tenra infância. Deu-lhe tudo o que podia.

O homem tem para sua mãe uma dívida que nunca poderá pagar-lhe inteiramente. Mas o melhor que pode fazer nesse sentido é provar-lhe que lhe é grato e mostrar-se digno dos seus esforços e fazê-los triunfar.

Talvez ela tenha acalentado no seu íntimo sonhos ambiciosos sobre o futuro do seu filho e a desilusão tão amarga como secreta feri-la-á se ele lhe sair um inútil ou um falhado.

Os novos não pensam nisto o bastante. São cruéis sem querer, têm a tendência para esquecer o que ela fez por eles e quão grata ela ficaria pela mais leve retribuição.

Recordo-me que Sir Thomas Lipton me contou a história da sua vida e compreendi a grande satisfação que deu a sua mãe quando, sendo marçano, lhe apresentou o salário da primeira semana de trabalho. «Oh! Thomás», disse ela, «por esse caminho, não tardarás a oferecer-me um carro de duas parelhas!»

Esta observação gravou-se-lhe na imaginação e por ela pautou a sua ambição. Todos os seus esforços foram orientados no sentido de ganhar o bastante para comprar um carro e parelha para oferecer de surpresa à mãe.

Contou-me que entre os muitos acontecimentos emocionantes da sua vida, o momento de maior orgulho e satisfação fora aquele em que de facto pôde entregar-lhe o prémio que ele tinha conseguido para ela.

Lembra-te, pois, de que, ao abrires caminho para o êxito, o teu avanço não representa apenas uma satisfação pessoal, mas produzirá também autêntica felicidade em ponto onde é inteiramente merecida — no coração de tua mãe.

E quando algumas das dificuldades ou tentações de que acabo de me ocupar te perturbarem, lembra-te de tua mãe. Calcula quais seriam os seus desejos e procede de harmonia com eles. Esse pensamento dar-te-á a vitória.

Se te surgirem problemas com os quais, em teu entender, não podes haver-te sozinho, expõe-nos a teu pai. Lembra-te de que ele já passou pelas mesmas dificuldades e poderá auxiliar-te. Se por qualquer razão não puderes recorrer a ele, sempre há-de haver algum homem adulto, digno da tua confiança, a quem possas recorrer.

SALVA-TE A TI E AJUDA A CONSERVAR A RAÇA

Ora, como já disse, ao fazer-te estas sugestões, apenas procuro auxiliar-te a alcançar a felicidade.

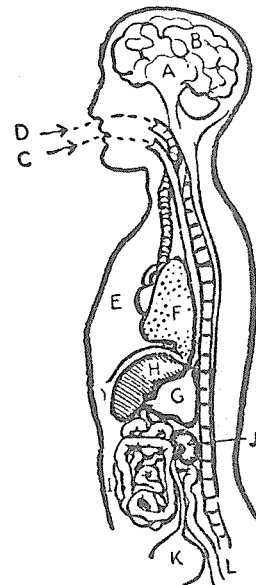
Esta depende, em grande parte, da saúde, embora dependa também da consciência de que estás a contribuir para o bem-estar do país, assim como para o teu. De nada serve casares, e é mesmo crime fazê-lo em certas circuns-

tâncias, se não fores saudável, forte e capaz de gerar filhos saudáveis. E como pai terás também a responsabilidade de ensinar teus filhos a serem robustos.

A verdade é que se perde no nosso país muita felicidade devido à falta de saúde, e na maior parte dos casos

O HOMEM — MARAVILHOSA MÁQUINA DE COOPERAÇÃO

- A. *Central Telefónica dos Nervos* entre as diferentes partes do corpo e o cérebro.
- B. *O cérebro* recebe sensações e dirige a acção do organismo.
- C. *O esófago* dirige os alimentos da boca para o estômago.
- D. *A traqueia* leva o ar do nariz aos pulmões.
- E. *Coração (O)* impelle o sangue renovado para todas as partes do corpo e de novo para os pulmões.
- F. *Os pulmões* Tornam a purificar o sangue com o oxigénio do ar renovado.
- G. *O estômago* recebe do esófago os alimentos que mistura com sucos digestivos e dirige-os para os intestinos.
- H. *Fígado* recolhe os sucos úteis dos alimentos e rejeita os prejudiciais.
- I. *Intestinos* Canal de seis metros, que os alimentos percorrem para serem digeridos, operação que dura três a quatro horas. Os sucos úteis são extraídos dos alimentos e recolhidos no sangue; os resíduos inúteis seguem para o recto.
- J. *Os rins* extraem do sangue água e outras impurezas e lançam-nas na bexiga.
- K. *A bexiga* recolhe a água excedente do corpo e expelle-a para o exterior.
- L. *O recto* expelle os resíduos alimentares ou dejectos para fora do corpo.



essa falta poderia evitar-se, se os homens tivessem certos cuidados higiénicos razoáveis.

Sabes que em cada três homens só um goza de boa saúde e que em cada dez um é inválido?

De oito milhões de jovens — jovens, repara bem, não adultos já gastos — chamados ao serviço militar na Grande Guerra, verificou-se que mais de um milhão deles eram medicamente incapazes para o serviço militar!

Grande parte destes haviam nascido sãos, mas os pais, ou eles próprios, permitiram que se tornassem fracos e débeis.

Outros nasceram com deficiências por causa dos pais ou das mães—em grande parte devido a doenças venéreas.

Se fôssemos a somar todas as horas de trabalho que se perdem todos os anos na Grã-Bretanha devido a doença, alcançariam catorze milhões de semanas. Imagine-se o que isto representa em produção e salário; todavia esta perda pode em grande parte evitar-se, contanto que os homens saibam cuidar de si e tenham o bom-senso de o fazer.

Se fores maquinista ou motorista, sabes que imenso cuidado é preciso para manter os maquinismos bem lubrificados, alimentados com o vapor ou a gasolina conveniente, usar os travões com suavidade e trazer tudo perfeitamente limpo; são precisos cuidados e atenção constantes, juntamente com o conhecimento perfeito de cada peça da máquina, para que esta se encontre em condições de funcionar bem, com suavidade e eficácia.

Mas no teu próprio corpo há uma máquina mais admirável do que qualquer outra de fabrico humano e que precisa ainda de maiores cuidados e conhecimentos para se conservar em bom estado. E, coisa que muito importa, se tiveres cuidado com ela, podes aperfeiçoá-la, aumentá-la e fortalecê-la, o que o engenheiro não pode fazer com a sua.

E todavia, bem poucos são aqueles que sabem alguma coisa do seu interior e do seu mecanismo maravilhoso; tentam manobrar uma máquina de que nada sabem, dão-lhe maus tratos de toda a ordem e ainda contam que continue sólida e funcione bem.

MODO DE CONSERVAR A SAÚDE E A ROBUSTEZ

Quando fazia serviço militar nas selvas das febres, tanto na Costa Oriental como na Ocidental da África, reparei que muitos conservavam a saúde enquanto marchávamos dia após dia, mas que sempre que tínhamos um alto de um dia era certo que alguns apanhavam as febres.

Ponderei o caso comigo mesmo e concluí que o nosso sangue se purificava e robustecia dia a dia com a evacuação diária e com o suor, que expulsava as impurezas do organismo.

Um dia de descanso implicava menos transpiração e mais alimentação do que de costume e, portanto, menos irrigação do interior.

Por isso tive sempre o cuidado de me entregar a exercícios físicos em dias de descanso e não exceder as rações habituais de comida e bebida.

Nunca tive um dia de doença e, em certa altura, andei em média vinte milhas por dia durante mais de uma semana, em clima bastante húmido. Nunca me senti melhor.

Tinha comigo um oficial branco, mas este teve de ser substituído cinco vezes por outros novos por motivo de doença.

Pois atribuí o facto à circunstância de conservar o sangue limpo e puro. É o sangue puro que desenvolve e fortalece o corpo, músculos e tendões.

E o coração que o faz circular pelo corpo, é o órgão mais importante que temos. O «Passo de Escuta», em que se alterna a corrida com a marcha em troços de 20 a 30 passos, poupa aos homens o esforço excessivo do coração em longas corridas, que não é desporto para que todos estão fisicamente aptos.

AR PURO

O sangue precisa de carradas de oxigénio — ou seja ar puro — para se conservar vivo. A vida caseira sem ar puro não tarda a intoxicar o sangue e dá às pessoas a sensação de fadiga e mal-estar sem que saibam porquê.

Quanto a mim, durmo fora de casa, tanto no verão como no inverno. Só me sinto fatigado e mal disposto quando passo muito tempo dentro de casa. Só me constipo quando durmo num quarto.

A *Revista Médica Britânica* de Fevereiro de 1922 informa que a vida ao ar livre melhora o metabolismo

(que palavra! Significa o melhor aproveitamento químico dos alimentos) dos doentes num hospital em 40% acima da média.

ASSEIO

Disse que te limpes internamente, mas é também importante que te limpes por fora, se queres ter saúde.

Os soldados de cavalaria distinguem-se pelo seu asseio; a verdade é que aprenderam, de tratarem dos cavalos e de os limparem pelo menos duas vezes por dia, quanto importa à saúde e vigor trazer a pele e as partes do corpo devidamente limpas.

Nem sempre se pode tomar um banho por dia, mas sempre se pode arranjar uma toalha áspera e molhada que se deve usar sem falta.

RESPIRAÇÃO

«Fecha a boca e salva-te». Assim se intitula um folheto, escrito por Catlin em resultado das suas experiências entre os «Pele Vermelhas».

Estes ensinam os filhos, em crianças, a respirar pelo nariz e não pela boca. Procedem assim em parte para os ensinar a não ressonarem e não se revelarem ao inimigo de noite, mas também porque entendem que a boca aberta é indício de falta de carácter.

Um inglês quis bater-se em duelo com um pele-vermelha, mas com o verdadeiro sentimento de lealdade recusou-se a servir-se da pistola ou outras armas a que o pele vermelha não estava habituado. Por isso propôs que se despissem e lutassem armados cada um deles com uma faca. O índio sorriu e declarou que se bateria se o inglês nisso persistisse, mas que o inglês se ia sair mal da contenda.

Quando lhe perguntaram porquê disse que reparara que o inglês trazia a boca habitualmente semi-aberta e que ele não tinha receio nenhum dum homem que assim fazia. Era sinal de carácter débil.

Sabemos também que muitas vezes é causa de pouca saúde, visto que quem respira pela boca absorve germes tóxicos do ar, em lugar de os aprisionar nas humidades das paredes do nariz.

O modo de apanhar a gripe ou qualquer outra doença que anda no ar é respirar pela boca.

DENTES

Diz-se que quase metade das doenças da nação têm origem no mau estado dos dentes.

Embora as crianças comecem por ter bons dentes, há muito pouco quem tenha a dentadura sã após os vinte e cinco anos, e isto deve-se principalmente à falta de cuidado com os dentes.

Não se ensina às crianças a importância que há em lavarem os dentes **COMPLETAMENTE** depois das refeições; e os adultos não se importam com isso. Os dentes e gengivas doentes não só impedem de se mastigar bem os alimentos, mas podem gerar na boca germes e micróbios que se ingerem com os alimentos e ministram assim pequenas doses de tóxicas que gradualmente nos indispõem e deprimem, sem que saibamos o motivo.

Se quiseses saber a quantidade de micróbios que tens na boca, é experiência interessante deitar umas gotas de peróxido de hidrogénio num copo de água e mergulhar nele uma escova de dentes limpa. Nada acontece.

Esfrega os dentes com a escova e mergulha-a de novo no copo e verás miríades de bolhas a subir na água, o que equivale a outros tantos micróbios que se eliminam.

Já noutro ponto deste livro te falei em alimentação, em temperança, em fumar e em beber e dormir.

Portanto, se quiseses ser forte e ter saúde observa hábitos regulares diários, conserva-te limpo por dentro e por fora, faz muito exercício ao ar livre, toma alimentos simples e não excessivos, modera-te no fumar e no beber, respira pelo nariz — e agradecerás a Deus o seres vivo.

EXERCÍCIO

Perguntou-me uma vez uma grande autoridade educativa se me não parecia que o custo da construção dum ginásio em todas as cidades — embora este pudesse elevar-se a milhões de libras — seria dinheiro bem gasto por que desenvolveria a saúde e robustez dos homens.

Respondi que as duas raças mais fortes e saudáveis que eu por acaso conhecia eram os zulus e os camponeses Butões do Himalaia; mas em nenhum dos dois países tinha visto um ginásio. Havia abundância de ar puro que Deus dá e nas suas ocupações estas gentes tinham muito que andar, correr e trepar; e parecia-me que não havia melhores tónicos para qualquer pessoa.



QUANDO DIGO «CAMINHAR» FALO EM ANDAR APRUMADO E NÃO ENCO-LHIDO

Mas tanto o ar puro como o exercício são absolutamente indispensáveis à saúde, não só quando se está a crescer, mas também quando se atingiu a idade adulta. Eu sempre começo o meu dia com um pouco de contorcionismo físico *ao ar livre*, quando salto da cama — mas isso é apenas o começo.

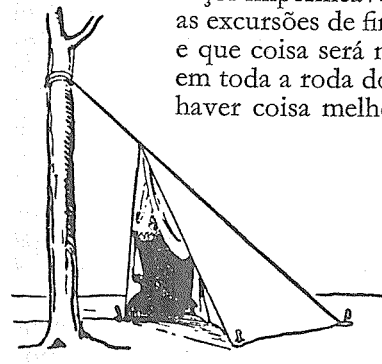
Há homens que se entregam a exercícios militares, outros a exercícios de halteres e semelhantes de desenvolvimento de músculos, até se cobrirem de saliências que têm belo aspecto em fotografia quando se esticam os membros, mas que não oferecem a mínima utilidade.

Este trabalho é geralmente realizado em casa. Os teus exercícios devem fazer-se fora de casa, ao ar livre, e o melhor de todos eles é ao mesmo tempo o mais fácil e o mais barato, a saber, a marcha. Excursões a pé em fins de semana são o melhor que há para a saúde, tanto do corpo como do espírito.

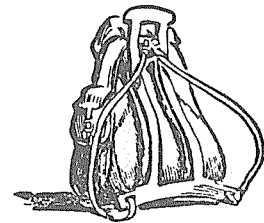
Os teus exercícios devem fazer-se fora de casa, ao ar livre, e o melhor de todos eles é ao mesmo tempo o mais fácil e o mais barato, a saber, a marcha. Excursões a pé em fins de semana são o melhor que há para a saúde, tanto do corpo como do espírito.

O SACO-MOCHILA

Não sei de nada mais agradável, mais animador e mais salutar que um bom passeio a pé todos os fins de semana. Um saco-mochila às costas dá-nos absoluta liberdade e independência. Carrega-se apenas com o que é essencial e nada de luxos. Não é apenas cada quilo mas cada grama de peso que influi numa longa caminhada. Nada há que exceda o saco-mochila de tipo norueguês, com a sua leve armação de madeira ou metal, que o mantém bem assente sem magoar ou aquecer excessivamente as costas. Além da roupa pessoal, poderá levar uma tenda leve, que se pode armar com uma vara ou junto ao tronco duma árvore, e o saco de cama e o lençol impermeável. Com este equipamento, as excursões de fim de semana são possíveis; e que coisa será mais agradável do que esta em toda a roda do ano? E o tempo? Poderá haver coisa melhor do que uma boa cami-



TENDA INDIVIDUAL COMPLETA COM UM QUILO DE PESO



O MEU SACO-MOCHILA COM ARMAÇÃO DE MADEIRA PARA NÃO MAGOAR AS COSTAS

nhada num dia frio, de vento? Se estiver chuva, tanto melhor; tira-se o verdadeiro prazer duma fogueira e abrigo numa casa de quinta aconchegada, ou numa estalagem ao cabo do dia. Posso afirmar-vos que uma pessoa se endurece tanto pela prática do ar livre, que já nem nota muito o tempo e nem importância lhe liga. Seja ele qual fôr, quente ou frio, chuva ou sol, alcança-se assim a robustez, vitalidade e boa disposição.

SÊ HOMEM.

Um jovem limpo, em plena saúde e robustez, é a criatura mais bela que Deus fez neste mundo.

Fui uma vez incumbido de acompanhar um grupo de régulos Suazis numa visita à Inglaterra. Ao terminar a visita, depois de verem a maior parte do que interessa ver neste país, perguntei-lhes qual fora das coisas que tinham visto aquela que mais os tinha impressionado pela sua maravilha.

(Eles próprios, diga-se de passagem, constituíam um maravilhoso espectáculo, pois tinham trocado a sua bela indumentária indígena por chapéus altos e sobre-casacas!)

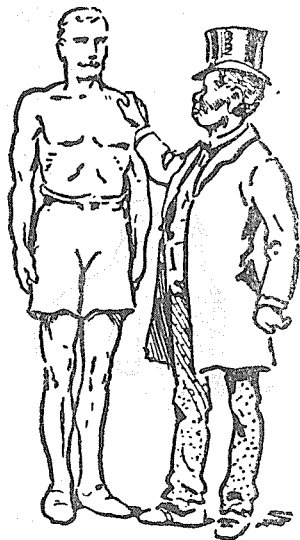
Concordaram todos em que a coisa mais bela de Inglaterra era o autocarro de Londres, tanto os impressionaram as suas cores vivas e a convicção de que servia apenas para passeios recreativos!

Em seu entender, a melhor coisa a seguir era a equipa de instrutores de ginástica do ginásio de Aldershot.

Quando viram estes homens a executar os seus vários exercícios, ficaram tremendamente admirados, mas não se sentiram inteiramente satisfeitos senão depois de os homens se terem despido e eles lhes terem observado pessoalmente o desenvolvimento físico.

E tenho de confessar que estes ginastas eram exemplares magníficos daquilo que um homem deve ser, e activos e prontos de espírito assim como de corpo.

E, olhai, muitos destes homens provinham de famílias



UM HOMEM QUE É MODELO
DE HOMEM

pobres, mas tinham-se transformado naquilo que agora eram, orgulhando-se de serem homens. Entenderam que este dom não era para se abandonar, só pelo gosto de andar atrás das mulheres, atascar-se de cerveja e chupar cigarros. Os selvagens suazis sabiam, portanto, apreciar a robustez e a beleza viril.

A mulher civilizada sabe com maior razão avaliar o homem que é *homem* não só de corpo mas também de espírito, forte e cavalheiresco.

É o homem que lhes convém, e de nada lhe serve o molengão de espírito doentio e babado, de língua suja, destituído de coluna dorsal.

Deus deu-te um corpo — não, emprestou-o — para que o aproveites ao máximo; não para o encharcares em bebidas, não para o enfraqueceres e atrofiar com debóches, mas para cuidares dele, para o fortalecer e desenvolver até formar a bela figura dum homem e dum pai de filhos.

Podes fazê-lo se quiseres. Não depende senão de ti. E que bela aventura poderá ser.

S. Jorge, a combater o dragão, estará contigo que combates o dragão da tentação e o derrubas para, afinal, te poderes apresentar como *homem* puro, forte e cavalheiresco à jovem a quem tu amas. Terás assim dado também um passo para a felicidade e ter-te-ás preparado fisicamente para o serviço de Deus, propagando a espécie nas melhores condições possíveis.

CASAMENTO

É forçoso que tenhas as tuas

AVENTURAS AMOROSAS

Conheço a dificuldade que se te depara. Pouco tem de romance ou de emocionante a vida corrente de uma vila ou aldeia, e na tua idade a mulher surge-te na imaginação de forma nova e atraente.

É, portanto, grande aventura para um mancebo procurar para si uma rapariga.

Por vezes gosta de a mostrar aos outros como prova de que é homem, noutros casos prefere guardá-la para si. Não julgues que isto não seja natural. É tudo obra da natureza. Como já disse atrás, está de harmonia com a lei que rege tanto animais como homens.



HÁ MULHERES E MULHERES

NAMORICOS

Enquanto fores *muito* jovem deixar-te-ás levar inteiramente pela cara e figura e podes apaixonar-te por uma rapariga após outra — perdidamente; e, por vezes, terás duas ou três ao mesmo tempo.

Talvez julgues que isso é façanha gloriosa e, poucos dias mais tarde, a maior desgraça que te podia acontecer. Nesse período sucede a muitos jovens terem vontade de se suicidarem por questões de amor — mas não o fazem!

Podes consolar-te sabendo que tudo isto acontece a

Mas, no caso do homem, há esta particularidade; tem entendimento e inteligência, que o animal não tem; ele acha que é aventura escolher uma companheira pela qual sente admiração, amor e dedicação, sentimentos que estão muito acima do mero instinto sexual; constituem o amor humano em vez do cio animal; e quanto mais se elevar acima do instinto animal, tanto menos terá de bruto e tanto mais terá de humano.

Um passo importante neste caso é escolher a rapariga que convém. Há mulheres e bonecas.

todos os jovens e chama-se «amor de infância». Não faz mal nenhum e não é nada que tenhas de te envergonhar ou sentir deprimido. Com efeito, passado pouco tempo, quando te tiver aparecido a rapariga que te convém na verdade, hás-de rir-te das tuas primeiras ideias amorosas.

Mas nesse período de namoricos não te esqueças que és homem e não bruto. Porta-te como homem. Proceda leal e rectamente para com a rapariga e lembra-te do filho que um dia terás sob a tua responsabilidade.

E estarás no bom caminho, se te ligares apenas à rapariga a quem possas apresentar em tua casa, sem te envergonhares, no meio de tua mãe e de tuas irmãs.

Lembra-te de que, seja ela quem for, é a irmã de alguém; lembra-te dele e porta-te para com ela como desejarias que ele se portasse para com tua irmã.

MODO DE CONSEGUIR A RAPARIGA QUE CONVÉM

A rapariga conveniente aparecerá mais cedo ou mais tarde — se tiveres juízo. O amor infantil terá acabado. Encontrarás uma jovem a quem admiras e respeitas o carácter, que tem os teus gostos e cuja companhia desejas. Não será apenas o seu físico que te atrai mas a sua pessoa.

Descobrirás um tipo de amor novo, mais sereno e profundo que te liga e prende a ela — amor que, se tiveres juízo, jamais diminuirá.

E esperas que ela te venha pura e limpa, não é assim? E que se passa contigo? Vais esperar dela aquilo que em troca lhe não podes oferecer?

Isso não seria nem digno nem justo. Não, se vais gozar a verdadeira felicidade da vida, tem-la na suprema alegria de estares casado com uma mulher verdadeiramente digna de quem esperas amor e respeito.

Não comeces a vida de casado com uma mentira, senão levá-la-ás toda a mentir e nunca mais haverá entre vós mútua confiança.

AVISOS DUM CARNICEIRO A QUEM VAI CASAR-SE

Se nunca leste o livro intitulado «*Cartas dum comerciante que se fez por si, a seu filho*», aguarda-te um autêntico banquete. É leitura divertidíssima, mas ao mesmo tempo repleta de conselhos sensatos.

O comerciante é um americano, fabricante de conservas de porco, que escreve ao filho, o qual ocupa um lugar secundário na firma. Soube que o filho anda atrás de certa jovem.

Por isso, diz-lhe: «Creio que estou a bater no ar pedindo-te que te deixes guiar pela minha opinião neste assunto, porque, se é certo que um mancebo consulta o pai antes de comprar um cavalo, confia absolutamente em si quando se trata de escolher mulher.

«Pode ser que os casamentos se talhem no céu, mas a maioria das propostas são feitas na saleta das traseiras com a luz tão fraca que o homem não chega a ver bem o que toma. Ao passo que quem namora pouco vê da família da rapariga, é muito provável que a veja muito quando tem casa sua.

«Eu e tua mãe começámos a vida de casados numa daquelas cabanas de que se fala nos livros de contos, mas de que se foge quando se tem de viver nelas. Havia lindas rosas de trepar, no pórtico da entrada; mas não havia água canalizada na cozinha; no pátio da frente, havia fartura de ramalhetes antiquados e ratos às dúzias na adega; tínhamos dois mil metros de terreno nas traseiras, mas, dentro, o espaço era tão pouco que tinha de sentar-me com os pés fora da janela. Era lugar adequado para um piquenique, mas a experiência ensinou-me que um homem faz quase todos os seus piqueniques antes de casar.

«Mas dum forma ou doutra conseguimos viver nela muito satisfeitos, porque tínhamos resolvido tirar de tudo o prazer que pudéssemos no decurso da vida.

«Para a maioria das pessoas a felicidade é coisa que está sempre a um dia de distância, mas eu *estabeleci o prin-*

cípio de nunca adiar a felicidade para o dia seguinte (os itálicos são meus).

«É evidente que, quando te casares, precisas de ganhar a vida, e isto vai tomar-te tanto tempo e atenção que não te ficará muito para o *golf*. Falo do caso acidentalmente, porque vejo nos jornais de Chicago que há quinze dias foste um dos jogadores da tarde no campo. O *golf* é um belo jogo inútil, e não faz mal nenhum, que eu saiba; mas um mancebo que deseja ser o rei dos carneiros não tem muito tempo para malbaratar em qualquer espécie de campos de jogos — excepto no campo da salsicharia.

«É claro que a gente precisa dum certa dose de recreio, exactamente como um rapaz tem direito a certa porção de bolo no fim do jantar, mas não precisa de fazer dele toda a refeição.

«Claro que o teu vencimento não é grande, por enquanto, mas podes comprar uma carrada de felicidade com cinquenta dólares por semana, se tiveres a mulher que te convém para agente de compras, e embora eu não concorde muito com o amor e uma cabana, o amor num andar com um conto e quinhentos por semana, para começar, não é nada mau, se a rapariga for o que deve ser. Se o não for, pouco importa a forma como começa, visto que hás-de forçosamente acabar mal.

«No casamento, o dinheiro não deve ser a condição principal, mas deve ser sempre uma condição a considerar. Quando um rapaz e uma rapariga não o consideram bastante antes da cerimónia, vão ser obrigados a pensar demasiadamente nele depois; e quando um homem faz contas em casa, à noite, não lhe é muito cómodo ter a mulher ao colo...

«O dito de que dois vivem com menos do que um só, não tem pés nem cabeça. Uma boa esposa duplica a felicidade do marido e duplica-lhe as despesas, mas é bom emprego de capital, para quem o tem disponível.

«O homem casado merece maior vencimento do que o solteiro, porque a mulher fá-lo trabalhar mais. É de supor

que se deite um pouco mais cedo e que se levante também mais cedo; que tenha mais juízo e trabalhe um pouco mais que o tipo que tem de divertir todas as noites uma rapariga diferente e que não pode ficar em casa para o fazer.

«É por isso que te vou subir o vencimento para 75 dólares por semana (2.250\$00) no dia em que te casares».

Por outro lado em *Enchanter's Nightshade* (Bela-dona do Encantador) lê-se:

Parece que logo que chegam a uma cidade, todos os homens querem acumular dinheiro.

«Sim, porque precisam de casar».

«Não se precisa de muito — se a rapariga não for o contrário do que deve ser».

RENDIMENTO — PORMENOR IMPORTANTE

Têm ambos alguma razão, mas os conselhos do velho comerciante de porco são sólidos, embora menos românticos, e cumpre-te, antes de casares, verificar se estás em condições de sustentar mulher e família, aliás vais condená-los, bem como a ti próprio, à luta pela existência.

O êxito nos negócios não é tanto questão de sorte, de favor, ou de interesse, nem sequer de saber, como de habilidade e carácter. Capacidade especializada é forçoso que se revele no trabalho, mas para a promoção a postos superiores, o carácter — isto é, confiança absoluta, prudência e energia — é essencial.

Isto aplica-se praticamente a todos os ofícios e profissões. Perguntaram-me outro dia o que queria eu dizer por *tacto* e eu não soube responder senão citando o velho exemplo do picheleiro prudente, que ao entrar no quarto de banho que a senhora que lá estava deixara aberto por descuido, disse prontamente: «Peço desculpa, meu senhor; não sabia que estava aqui» e saiu.

Estando eu numa sede de caminheiros (veja-se o último capítulo), um dos membros do Clã estava a ser entusiasticamente felicitado pelo seu próximo casamento:

— «Quem é a rapariga?»

— «Ah! é guia».

— «Ótimo! Que escolha acertada! Não podias fazer coisa melhor».

Mas, logo dois outros se apresentaram a pedir iguais felicitações, dizendo que iam também casar com «guias».

O facto parece-me prometedor.

Desta forma arranjas mulheres que serão melhores companheiras, porque têm o mesmo entusiasmo pelo campismo e pela vida ao ar livre, com todas as aptidões, desembaraço, saúde e boa disposição que tal vida gera. Tenho a certeza de que, se vos visitar mais tarde em vossa casa, quando estiverdes assim casados, encontrarei um lar não apenas feliz, mas limpo também; pois que o prédio de campistas, habituados a deixar o local do acampamento tão aseado como o encontraram, não estará atravancado com montes de latas usadas, ferros velhos e outro lixo, vergonha de tantos dos nossos quintais e baldios.

OS DEVERES DO HOMEM QUE SE CASA

Leram-me uma vez a sina pelas linhas da palma da mão e disseram-me: «Você tem a linha da cabeça mais forte que a do coração», no sentido de que eu não me deixaria levar pela primeira rapariga bonita que me aparecesse, mas que havia de considerar tanto o carácter da rapariga que eu admirasse como o seu aspecto físico; e é assim, com certeza que deves fazer a tua escolha. Mas repara em que, ao fazer a tua futura esposa, e esqueças o ponto de vista dela e *do que ela desejaria em ti* como marido. Lembra-te disso.

Quando eu me casei, um velho amigo, ao dar-me os parabéns, abriu-me também uma nova perspectiva ao meu novo estado, dizendo-me: «Pois, meu caro, há mais de doze anos que estou casado e continuamos em lua de mel. A vida para nós tem sido cada vez mais feliz».

E da minha parte posso também afirmar o mesmo. Gostaria que assim te acontecesse a ti que me lês, mas

para isso é preciso que te sirvas da «linha da cabeça» bem como «da do coração»; em primeiro lugar é preciso descobrir a rapariga que convém.

Repara que pedir o «sim» a uma rapariga, é apenas um passo, mas dessa palavra depende, para toda a vida e para vós ambos a sentença que vos leva juntos à felicidade — ou ao inferno.

Tem, pois, juízo, como já disse acima; quer dizer, quando receberes a rapariga para tua mulher «para bem ou para mal» és naturalmente levado, na época em que tudo são rosas, a esquecer aquele «mal».

Podem surgir nuvens e tens de estar preparado para elas — é isso a que chamo juízo.

Não tenhas segredos para tua mulher e ela não os terá para ti — e tudo correrá pelo melhor.

Pode haver ocasiões de dissabor, pequenas dificuldades no lar, que se não prevêem logo. Antes de te casares, não tratavas senão de ti; agora, que estás casado, tens que esquecer a *tua pessoa* e tratar de tua mulher — e mais tarde dos filhos. Tens de te corrigir dos teus pequenos egoísmos, como resmungar da comida, quando não está a teu gosto, e coisas semelhantes. Põe-te no lugar dela para apreciar as coisas.

A murmuração nada remedeia. Em lugar disso oferece-lhe algum dos pequenos presentes dos tempos de namoro, de admiração e louvor; dá e recebe sempre a *sorrir*, mas mais especialmente na ocasião em que quase todas as mulheres se desviam um pouco do seu procedimento normal, precisamente antes de chegar o primeiro filho. Tens de mostrar que és homem e cavalheiro e que sabes então confortar e proteger.

Se ela andar um pouco irritável, é pelo seu amor por ti que assim anda. Ela corresponderá a tais atenções. As mulheres não são apenas mais gratas que os homens, mas o seu carácter amolda-se também à forma que o marido lhe imprimir.

Se ele for ignóbil, ela estará sempre a atazaná-lo;

se ele for amável, ela sê-lo-á ainda mais e haverá então no lar amor e riso.

FILHOS

Já leste o conto de Kipling intitulado «*Eles*»? Li-o no mato africano muito antes de casar. O pormenor do conto que mais me impressionou não foi a deliciosa descrição da paisagem inglesa, do antigo lar e jardim, etc.; foi quando o homem imaginava que sentia uns dedinhos de criança a apertarem-lhe a mão; era pura imaginação, mas que o fazia vibrar de prazer até ao mais íntimo da alma.

E andei anos seguidos com essa impressão no espírito tão viva como no conto. Mas quando me aconteceu sentir realmente, na minha, uma mãozinha minúscula, a do meu próprio filho, o que senti foi mais que alvoroço — uma sensação que se não apagou com o hábito, pois ainda me alvoroça — a alegria que me enche o coração nunca diminuiu.

Mas adiante! Experimenta-o em ti, no teu próprio lar, produzida por ti — e saberás o que é a felicidade. Nada há que a iguale — e não é possível descrevê-la; a mim, pelo menos, não é.

Por isso, como já antes disse, o céu não é qualquer coisa vaga, algures lá em cima nos ares.

Fica aqui mesmo na terra, no teu próprio lar. Não depende da riqueza ou da posição, mas depende de ti o criá-lo, a teu modo, com o teu próprio cérebro, coração e mãos. E poderás fazê-lo, contanto que queiras empregar bem esses instrumentos.

RESPONSABILIDADES DOS PAIS

Mas a alegria de ser pai traz consigo uma grande responsabilidade. As crianças aprendem especialmente pelo exemplo dos seus maiores.

Um pai rabugento e egoísta não terá de surpreender-se se um dia o filho lhe responder praguejando e seguir o seu caminho; o pai há-de colher mais tarde

aquilo que hoje semeia. Educa os teus filhos pelo amor mais do que pelo medo.

Um pai bondoso conquista uma filha afectuosa e filhos dedicados. Como já sugeri, serás mais feliz se procurares deixar o mundo um pouco melhor com a acção que nele exercestes.

Um passo para isto, e que tu podes dar como pai, é fazer de teu filho um homem melhor que tu, ensinando-lhe quanto sabes, o que deve ambicionar e o que deve evitar. Ele há-de precisar dos teus conselhos, especialmente quando, a seu tempo, se aproximar da idade adulta.

Lembra-te do muito ou do pouco que teu pai fez por ti e procede melhor para com teu filho.

E isso tornar-te-á mais feliz.

Mas estás preparado para isso? Podes ter sido educado ou podes ter-te educado a ti próprio para a tua profissão na vida, a qual, afinal, não pode durar mais que um certo número de anos; mas recebeste algum ensino para este objectivo, muito mais importante, de que tanto depende a futura vida de teus filhos?

Já tiveste qualquer experiência da educação e da criação de rapazes? Experiência dos seus modos e costumes, de lhes apreciar os feitos, de lhes desenvolver o carácter?

Tudo isto tem para ti a mais profunda importância na tua situação de pai responsável.

Espero poder dar-te nos capítulos finais algumas sugestões práticas sobre o assunto.

Há muitos pais que se opõem a que se fale aos filhos de questões sexuais e de doenças venéreas. Já ouvi homens amaldiçoarem os pais por lhes não terem falado nisso. Pessoalmente, não me parece que haja pai conhecedor dos efeitos da ignorância, ou, o que é pior, das ideias erradas que os rapazes adquirem mais cedo do que convém, dos seus companheiros, que hesitasse em prevenir os filhos.

UM ÚLTIMO CONSELHO A FAVOR DA FELICIDADE

Mas previno-te de que se precisa ainda de outra coisa para completar o teu céu.

Dirigiu-se a mim um homem que se dedicara à caça grossa e a naturalista, na África Central; fora agricultor na Colúmbia Britânica; iniciara a cultura de tabaco na África Oriental: e vira o mundo na sua vida de aventura romântica. Tinha-se instalado agora numa ilha sua, no Oceano Indico, num clima magnífico e luminoso, em ambiente saudável e belo. Bem se podia pensar, como ele a princípio pensava, que teria aqui um porto celeste, depois de todas as suas andanças fatigantes, mas depressa descobriu que havia qualquer coisa que lhe faltava.

Compreendera que estava a viver muito comodamente apenas para si, convicção que o levava a abandonar aquela *Existência* e a trocá-la pela *Vida* — ou seja, actividade ao serviço dos outros.

Eu próprio passara por experiência muito semelhante quando terminei a carreira militar. Fora variada e activa, e dera-me muitas ocasiões de vida rude assim como de vida calma, e não tive um minuto que não apreciasse.

Ao terminá-la, a minha ambição era instalar-me numa pequena herdade em qualquer recanto do mundo.

Para isso fiz os meus projectos, mas veio depois a reflexão que me fez compreender que a ociosidade e a gratificação das inclinações pessoais não davam a felicidade — que a verdadeira felicidade só podia alcançar-se servindo.

Por isso tem este livro mais um capítulo.

Resumindo:

O sexo encontra-se em todas as formas da vida — no homem, nos animais inferiores, aves, peixes e répteis. Encontra-se também no reino vegetal e nas formas mais primitivas da matéria viva. O sexo não é pecado. O pecado surge quando se abusa do sexo.

Ao homem primitivo, incontaminado, que aceita o sexo como coisa corrente, não se apresentam os mesmos

problemas que aos civilizados. Entre estes, o assunto foi sempre rodeado de certo recato e mistério, facto que leva forçosamente a muitos abusos e crimes. Surge o problema da prostituição e das doenças venéreas. Estas doenças são desconhecidas nas raças verdadeiramente primitivas e incontaminadas. É só quando estas raças são contaminadas pela «civilização» que tais doenças aparecem. São na verdade males terríveis. A sífilis, se não for pronta e devidamente tratada, pode afectar não só a pessoa que a contrai, mas pode passar-se à sua prole. A cegueira, paralisia e a loucura estão entre as suas possíveis consequências.

A gonorreia pode, igualmente, ter consequências duradouras, e as crianças, que são contagiadas pelas mães, cegam muitas vezes irremediavelmente. É bom que conheças estas doenças e quais as consequências possíveis da promiscuidade nas relações sexuais. Acontece com bastante frequência que uma rapariga que teve trato com alguns homens, mas não é verdadeiramente prostituta, pode ter uma doença venérea atenuada, que se manifesta tão pouco, que ela própria não chega a perceber que a tem. Vê-se o perigo que isto é. Se, por qualquer loucura infeliz, tu ou os teus amigos alguma vez contraídes qualquer forma de doença venérea, a única coisa a fazer é ir *imediatamente* a um médico. Com os tratamentos modernos, estas doenças podem curar-se se forem tratadas a tempo.

Lembra-te de que o ideal a ter em vista é que o homem seja tão puro como a jovem com quem vai casar. Se houvesse igualdade sexual neste ponto, ter-se-ia dado um grande passo para uma atitude mais sã. Todavia, tu não podes ter a pretensão de resolver todos estes difíceis problemas que os reformadores sociais e outros estudam há muitos anos, com pouco êxito até agora! Cada um de vós poderá, não obstante, contribuir um pouco para melhorar a situação. As questões sexuais são muitas vezes objecto de gracejos maliciosos e obscenos, que afinal, não têm graça nenhuma. Como vimos, abrangem todos os seres vivos e apenas requerem que se tratem convenientemente.

O QUE OUTROS DISSERAM SOBRE O ASSUNTO

Os homens deviam ser extraordinariamente bons para as mulheres, visto que a natureza lhes confiou a elas a parte mais pesada do cepo para levantar e muito pouca força para a tarefa (*Abraham Lincoln*).

Procura um coração que nunca endureça, um feitio que nunca irrite, e um tacto que nunca magoe (*Charles Dickens*).

Todo aquele que encontra uma esposa, encontra um bem e a graça do Senhor (Provérbios, XVIII, 22).

Mais vale saúde que riqueza.

A limpeza vem logo a seguir ao temor de Deus.

Um «cavalheiro» é um tipo que traz limpas as próprias unhas dos pés.

O receio do pai não implica necessariamente o respeito por ele.

É a vara que muitas vezes faz o cobarde e o mentiroso.

Homens! Com o auxílio de Deus sede *Homens* (*Ouvindo na igreja de S. Gervásio, em Paris*).

Assim como o homem foi criado para a saúde, assim foi criado para a Felicidade (*Maeterlinck*).

Não deixes que a tua fantasia se guie pelos teus olhos, nem que a tua vontade seja orientada pela tua fantasia; faz que o teu entendimento seja a força moderadora entre os olhos e a fantasia (*F. Quarles*).

LEITURAS ACONSELHADAS

- O Homem Normal — *Paul Clanchard*
Pecado, Sexo e Autocontrole — *Norman Peale*
Educação Sexual — *Dr. Gilbert*
Equilíbrio e Domínio Sexual — *Paul Chauchard*
Psicologia da Coeducação
Os Adolescentes na Sociedade Actual — *Maur. Porot*
Educar Educando-se — *L. Eveliy*
O Conflito de Gerações — *Marg. Mead*
O Homem Eterno — *Jacques Bergier*

ESCOLHO NÚMERO QUATRO

CUCOS E IMPOSTORES

CUCOS E IMPOSTORES

O lado sombrio do escolho é o perigo de ser ludibriado pelos cucos, doidos, impostores e extremistas.

O lado luminoso é o desenvolvimento da auto-educação e do serviço em prol da comunidade que se opõem ao chamamento dos cucos.

CUCOS

A ave deste nome tem imitadores nos cucos humanos.

O cuco político, condutor persuasivo do rebanho.

O balancé da indústria.

Precisamos da Evolução e não da Revolução.

A educação é muito precisa para todos.

Perigo de vir a ser um cuco ambicioso.

Ou um cuco pretensioso.

Ou um presumido afectado.

AUTO-EDUCAÇÃO

Educa-te a ti mesmo se queres escapar aos cucos.

Os livros e modo de os ler.

O viajar faz parte da educação.

Expressão individual pela arte.

Expressão individual pela palavra — com algumas sugestões.

ASSUNTOS QUE INTERESSAM PARA A EDUCAÇÃO CÍVICA

Ao encarregares-te de qualquer serviço público o teu objectivo deve ser servir.

Funcionalismo civil e sua preparação.

O Governo da Nação, e sua constituição.

O Império e os seus dois aspectos.

O que o Rei é para o Império.

Relações Internacionais.

A todos se abrem os privilégios e possibilidades de cidadão.

COISAS QUE DÃO QUE PENSAR

O ENCANTO DO JARDIM

LEITURAS ACONSELHADAS

CUCOS E IMPOSTORES

COMO O CUCO SE IMPÕE ÀS OUTRAS AVES

Já alguma vez observaste o cuco na sua tarefa? Parece ter parte de ganancioso e parte de comunista. Quando quer pôr um ovo não se dá ao trabalho de fazer o ninho, mas vai em busca dos ninhos doutras aves, de preferência o da pequenina e inofensiva sombria.

Quando o encontra, mete-se nele, surdo aos protestos da dona, pega num dos ovos da sombria com o bico e põe o seu no lugar dele. Depois voa para uma árvore próxima a comer o ovo que roubou. A sombria, por seu lado, aceita humildemente esta imposição e tem o trabalho de chocar o ovo do cuco juntamente com os seus. O resultado é um grande passarinho feio que, ainda antes de ter os olhos abertos, se põe logo a oprimir os seus companheiros de ninho e acaba por empurrá-los para fora um de cada vez, até ficar com todo o ninho por sua conta e com os pais sombrias a trabalharem só para ele, a dar-lhe de comer, etc.

Todos conhecemos a voz insistente com que o cuco anda sempre a proclamar-se superior a todas as outras aves.

Mas não é só na vida das aves que tal acontece; há também cucos humanos.

O CUCO HUMANO

O cuco humano é em geral um tipo com ares de superioridade que vê apenas o aspecto da questão que lhe interessa e nunca vê o interesse dos outros. É o egoísta que só quer que no mundo tudo corra a seu modo; aproveita em seu benefício o trabalho das pessoas mais modestas, ou arreda do caminho aqueles que o impedem de alcançar o que deseja. O cuco humano apresenta-se sob diversas formas, tais como palradores, políticos exaltados, pavões intelectuais e presumidos sociais e outros extremistas.

São dois os perigos destes cucos.
Um é o de seres arrastado atrás deles;
Outro é transformares-te num deles também.

O GUIA PERSUASIVO DO REBANHO

Já alguma vez viste os patos bravos a serem atraídos para uma armadilha? Manda-se um cão amestrado a fazer



ABAIXO TUDO O MAIS — E ARRIBA
COMIGO!

momices ridículas pela margem do rio que vai dar a um túnel de rede que forma a armadilha. Todo o bando destas aves, aliás sensatas, não resiste à tentação de seguirem este animal singular e vão, voluntária e inconscientemente nadando para a sua perdição.

Já alguma vez estiveste na praça do mercado da Caledónia, em Londres, às sextas-feiras? Por todos os lados se vêem especialistas a vender coisas. Não são negociantes vulgares, são mestres da profissão. Falam e gesticulam, prendem o ouvido e depois a vista e fazem-te perder o domínio de ti próprio, exactamente como o cão faz aos patos.

Pouco faltou para que mais duma vez me levassem na rede quando passava no meio daquela multidão agitada. Na realidade eu andava apenas a procurar um castiçal

de metal amarelo para a prateleira do fogão. Por um triz que me não espetei com o lote n.º 4, que nada tinha que ver com castiçais; senti-me hipnotizado pelo leiloeiro e levado a fazer um lanço. O lote nada tinha que se parecesse mais com o que eu queria do que um selim velho, uma lima, um par de espartilhos velhos já usados.

Mas era tal o poder do arengador que só escapei por um triz, e quis a sorte que ao dobrar duma esquina fosse dar com outro habilidoso que estava a vender um par de cortinas de renda. Aqui estive quase a cair outra vez, não porque tais coisas me pudessem fazer jeito, mas porque ele disse que tinha imensa pressa, com tudo pronto para abalar, e preferia vendê-los pelo que dessem a ter de desempacotar tudo de novo; mas estava com pressa, pronto a abalar e mais um minuto e a magnífica ocasião teria passado.

Felizmente, também consegui arrancar-me dali na direcção contrária. Passando ali por acaso uma hora depois lá o vi ainda a vender cortinas como castanhas quentes, porque tinha imensa pressa e apressava o freguês a colhê-las depressa também — provavelmente para se arrependem depois com vagar.

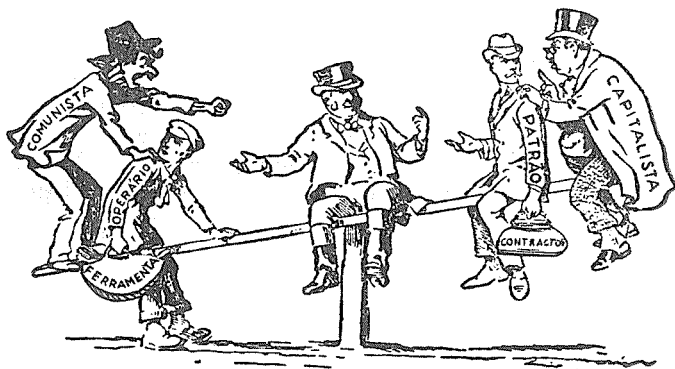
Pois acontece coisa muito parecida com o nosso orador gritante; com o seu palavreado, num instante engrola a multidão de moços boquiabertos de admiração que nunca se deram ao incómodo de ouvir expor o outro aspecto da questão de que ele está a parolar. Caem-lhe no papo como ameixas e começam logo a aprender ou «A Bandeira Vermelha» ou «Ninguém nos mete medo», conforme ele prega Comunismo vermelho ou imperialismo agressivo. Hipnotiza todo o rebanho, mas não consegue magnetizar o indivíduo que senão quer deixar levar na corrente.

Não é apenas o orador que capta os ouvintes desprevenidos que não pensam; há escritores que o fazem também e, não sei bem porquê, quando se vê uma coisa em letra redonda, julga-se sempre que é verdade. Tudo quanto se lê nos jornais é como a escritura sagrada, enquanto se

não examina de perto e se não reconhece que se trata do modo de ver de um homem que escreve para ganhar a vida ou para apoiar certos objectivos.

Há escritores de renome que estudaram grandes problemas e que pretendem expor claramente o assunto a aqueles que não têm tempo ou ocasião de o aprofundar.

Mas até estes podem errar ou tomar partido e carregarem nas tintas; não se pode, portanto, confiar neles em absoluto. Se por acaso defendem um aspecto da questão,



OS EXTREMISTAS DAS DUAS PONTAS ESTRAGAM O JOGO DE JOHN BULL

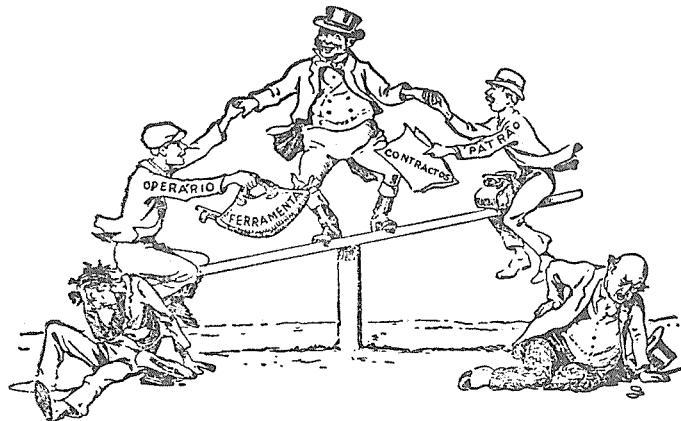
convirá ler o que qualquer autoridade igualmente boa terá a dizer do outro aspecto.

Há depois as serpentes ocultas, os tipos que se apoderam de vós numa conversa de acaso, com magníficos projectos, ou que vos aliciam por meio de clubes atraentes ou com «Fraternidades» bem soantes. Há-os aos montes; andai, portanto, com um dos olhos abertos, pelo menos, e ambos os ouvidos e todas as vossas faculdades atentas. Cada um destes cucos e serpentes tem o seu objectivo especial em se apoderar de jovens prometedores. Por vezes o objectivo é inofensivo, mas as mais das vezes envolve alguma intenção maldosa.

O BALANCÉ

São as opiniões extremistas que se podem esperar de lados opostos ao balancé. São estes os cucos que no mundo fazem ruído e atraem assim a atenção do bando das aves em geral.

Mas, felizmente para a nação, há entre os dois extremos um grupo de homens sensatos, que, embora não ber-



LARGADOS OS EXTREMISTAS DOS DOIS LADOS, ESTABELECE-SE O EQUILÍBRIO PELA COOPERAÇÃO E BOA VONTADE

rem, pensam serenamente por si: operários sensatos, patrões humanitários, e benfeitores da comunidade; por por outras palavras, uma massa de cidadãos que trabalham pela lealdade e tolerância mútua para bem de todos. É este elemento sólido que contribui para manter o equilíbrio entre os dois extremos.

EVOLUÇÃO E REVOLUÇÃO

Qual deva ser a evolução é problema importantíssimo, que envolve todos os sectores da vida pública e particular e que precisa de ser atentamente estudado e manuseado por homens desinteressados, se quisermos que se transforme numa bênção e não numa praga para a massa da nação.

As pessoas de mais idade que tiveram na vida mais tempo para observar o mundo e verem o que se tem passado, terão vontade de perguntar aos extremistas que é que eles iriam colocar no lugar dos governos actuais. Reconhecem que o progresso vai constantemente avançando para bem; é a evolução, desenvolvimento natural; mas uma nova constituição elaborada à pressa não podia sair coisa sólida, não passava de uma *gaiola*.

O sangue novo tem pouca paciência.

Vivi em tempos com um missionário, num sítio insalubre da África Occidental. Em quatro anos era ele o encarregado da missão. Os seus antecessores tinham lá morrido ou sido transferidos à pressa para climas mais salubres. Perguntei-lhe se julgava na verdade que valia a pena fazer tanto sacrifício, sendo evidente a qualquer observador quão insignificante eram os efeitos do cristianismo sobre os indígenas a quem era pregado. Respondeu que nunca esperara ver, no seu tempo, resultados palpáveis, mas que estava certo de que a semente lançada à terra na geração actual, embora ficasse enterrada, germinaria gradualmente e brotaria na geração seguinte e possivelmente floriria e produziria fruto, após várias gerações.

Acho que era excelente disposição para enfrentar o problema. Se nos nossos esforços para melhorar a situação do país se trabalhasse mais neste espírito, os resultados seriam, no fim, muito mais eficazes.

Mas os extremistas preferem estar sempre na ribalta, em lugar de trabalharem na obscuridade a assentar os alicerces.

LIBERDADE DE PENSAMENTO

A liberdade individual só é admissível na medida em que não colide com o bem da comunidade em geral. A todo o indivíduo se permite de bom grado que tenha as suas opiniões, mas é preciso que haja algures um limite. Todos concordamos com um socialismo genuíno e sério — que procura apagar a vergonha que actualmente ensombra a civili-

zação em quase todos os países, onde seres humanos, sem culpa sua, estão condenados a levar vida de miséria e de imundície, devido à falta de organização e condições deficientes. Todos queremos garantir, a todo o ser humano, que Deus colocou no mundo, o legítimo direito de viver feliz a vida e de aproveitar a vida o melhor possível, sem que disso o impeçam, desde que nasce, as circunstâncias de criação humana, que geram a pobreza. Mas, por mais que cantem, nunca os cucos lhe porão termo, nem tão pouco todas as leis que os parlamentos possam fazer. É tarefa para a boa vontade e cooperação de todas as classes, auxiliar os nossos irmãos menos afortunados a saírem da lama, principalmente facultando-lhes a educação moral conveniente para conseguirem uma carreira.

GOVERNO NACIONAL

Já estive na Rússia e na maior parte dos outros países civilizados da terra. Não parece que faça grande diferença à felicidade do Povo que o país seja governado por um Rei ou por um Presidente. Efectivamente, o Presidente dos Estados Unidos tem nas suas mãos muito maior poder pessoal sobre o seu país do que o nosso Rei tem na Grã-Bretanha.

Pela constituição o Rei não governa, mas tem um governo que funciona dentro das normas constitucionais. Não tem o poder declarar a guerra, embora tenha grande influência para manter a paz. Não é eleito por qualquer partido político, mas por direito de sucessão, sobe ao trono para o qual é educado desde a mocidade, sem quaisquer preconceitos ou interesses políticos. A maior objecção que se apresenta é que o monarca custa dinheiro ao Estado.

O mesmo acontece com o chefe do Governo em todos os países; mas verifica-se que na Inglaterra a afirmação não é tão verdadeira, porque o nosso Rei tem fortuna pessoal e serve-se dela plenamente.

Nalgumas repúblicas o Presidente é eleito pelo seu partido político; noutras conquista o lugar pela força das

armas; e em muitas ele e o seu governo procuram aproveitar a maré e encherem os bolsos enquanto estão no poder. Também já se viram subir ao poder ditadores, em países que, devido a desinteligências internas, não podiam contar no mundo. No caso de serem homens de carácter excepcional, estes ditadores realizam obra notável consolidando a unidade nacional. Mas para se alcançar esse objectivo foi preciso limitar as liberdades dos cidadãos. Na Comunidade Britânica os diferentes estados governam-se democraticamente, confiados a políticos partidários que representam nominalmente a vontade do povo.

POSIÇÃO DO TRABALHISMO INGLÊS

Na Grã-Bretanha, além de ser um simples partido político, o trabalhismo transformou-se gradual e seguramente pelos seus méritos numa Instituição Nacional, devido aos esforços de uma série de homens sérios de larga visão. Os seus membros têm sido prejudicados por cachorros extremistas que andam a latir à sua volta procurando arrastá-los para métodos mais violentos. Mas são britânicos e é esse o ponto que os cachorros, na maioria estrangeiros, não atingem.

As Uniões dos Trabalhadores (Trade Unions) desenvolveram-se até ao ponto de serem grandes organizações para defesa dos trabalhadores, e os Organismos Cooperativos do Trabalho, bem como as Sociedades de Seguros de Trabalhadores são agora grandes empresas que dão testemunho da larga visão e capacidade administrativa da classe operária.

A educação promove-se agora a sério e reclama-se para as novas gerações de trabalhadores, porque se precisa de carácter tanto como de conhecimentos para que a massa da população possa usufruir o que a vida tem de bom.

Felizmente, os dirigentes socialistas, bem como os chefes dos trabalhadores, reconhecem plenamente o facto,

como o reconhecem todos aqueles que têm de trabalhar pelo país e pelos seus semelhantes. Por grandes que sejam as diferenças que os separam, neste ponto todos parecem estar de acordo, e todos o consideram da maior importância, a saber, a Educação Cívica.

Esta realiza-se agora pela compreensão e colaboração mútuas e nestas duas qualidades está a chave da futura prosperidade e paz do nosso povo.

Mas será bom não cruzarmos os braços à espera que as Universidades venham até nós, nem tão pouco esperar que estas nos façam tudo quando de facto chegarem. Parte considerável dessa educação pode ser, e melhor é que seja, realizada por cada um de per si, se ela se resolver a fazê-lo.

É por isso que estou a maçar-vos com este livro.

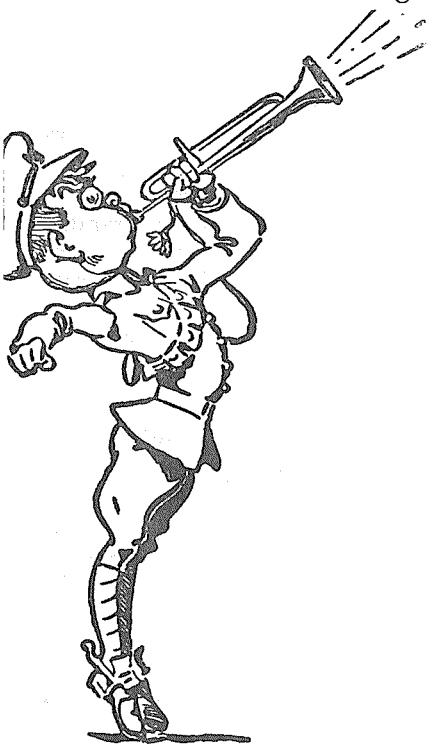
O CUCO AMBICIOSO

Como já disse, além do perigo de seres embarrilado por palradores bombásticos, há o perigo de tu mesmo te tornares pavão intelectual.

Há muitos indivíduos que, enquanto novos, têm uma alta opinião de si próprios como políticos, ou poetas, pensadores ou oradores, artistas, etc. Eu próprio fui um verdadeiro Cuco — resolvido a ser socialista ardente ou missionário dedicado, e andava de gravata verde com a figura do relâmpago!

No livro *Erva Moira do Feiticeiro*—lê-o por favor, se queres um delicioso livro, divertido e filosófico sobre um passeio a pé — J. B. Merton descreve-nos o encontro, no caminho, dum turista com um caixeiro viajante. Diz o C. V.: «Ando satisfeito com o meu trabalho; não se limita a angariar fregueses e a apregoar a mercadoria na praça. A praça do mercado é por vezes digna de ver-se. Viajo muito, vejo novas terras, encontro nova gente... Não gosto de estar preso, engaiolado pelo trabalho. Sou viajante, e muitas vezes me esqueço da parte comercial do cargo. Um dia põem-me na rua e depois talvez vá tocar piano

para um cinema. Não tenho ambições. Só desejo observar a vida e vivê-la até certo grau.



A AUTO-EXPRESSÃO — DEGENERA POR VEZES EM AUTO-ELOGIO

«A ambição é bênção confusa» — disse o turista.

«Você tem ambição?» — pergunta o c. viajante.

«Tenho», — disse o turista — «e os meus colegas também. Todos queremos fazer nome pela pena».

O c. v. sorriu, como um pai sorri a um rapazinho esperto.

«É fase por que se passa», disse. «Também já a tive. Julgava-me um Paderewski; usava cabelo comprido; não cortava as unhas; passava fome; lia livros mórbidos; morria de amor. Mas curei-me com a idade».

«E agora é feliz?»

«Sou».

E tinha razão.

Quem tem a pobre ambição da celebridade ou do triunfo sobre os seus semelhantes, está a preparar um mixto de desilusão, inveja, ódio e má vontade, contra os que o ultrapassam na corrida.

A ambição de fazer o bem é a única que vale e que contribui para a felicidade.

Mas a ambição individual de passar por ilustre ou extraordinário, não faz senão presumidos.

Não é difícil, por exemplo, ser pintor futurista. Basta ter uma colecção de cores fortes e uns vestígios de insânia e lançar o resultado à tela. Quem tiver um bocadinho de juízo não consegue aguentar-se neste divertimento por muito tempo; acaba por fartar-se.

FALTA DE SENTIDO HUMORÍSTICO

Foi G. K. Chesterton que chamou a atenção para a falta de sentido humorístico da parte do «cucu» em geral.

«Pouca gente», disse ele, «parece perceber o fantástico quando aplicado logicamente com base no princípio da *reductio ad absurdum*. Por exemplo, diz alguém que não devia haver propriedade privada de qualquer espécie: que não há nada que os homens possuam que não deva ser partilhado. Dizemos-lhe então: «Que nos diz duma escova de dentes comum ou dumas calças comuns?» e ele responde que estamos apenas a transformar a discussão em gracejo. O ponto em que se deve insistir é que foi ele que fez a observação absurda. Foi ele que disse o gracejo, mas a diferença está em que eu vejo o gracejo e ele não. E não se pense que apresento este exemplo simplesmente para mostrar partidarismo em matéria de política geral ou outra. Os mesmos absurdos exactamente se ouvem no que se pode chamar o lado reaccionário. Por exemplo, quando o nosso bom major, ou clubista, nos diz, como já me disse a mim: «sempre gostei de combater o inimigo com as suas próprias armas», eu digo-lhe: «Que tempo leva a ferrar uma vespa?» ou «A que sabem os canibais?» ou coisa parecida. Nestes casos o membro do clube é capaz de nos acusar de fantasista, mas, na verdade, o fantasista é ele.

FALTA DE REVERÊNCIA

No *Times* de 18 de Fevereiro de 1922, Lord Morley lamentou a descida da reverência na democracia moderna e Lord Bryce, na sua obra recente, manifesta a mesma ansiedade, embora creia que a reverência reviverá no futuro.

Confiemos em que tal revivescência se dará. A presunção e o cinismo tornam os homens egoístas e desprezadores, que perguntam: «Quem é capaz de nos mostrar o bem?» e não encontrando resposta que os satisfaça, deixam de acreditar na bondade. Quando isto se dá, morre a reverência e com esta toda a esperança de progresso moral e espiritual. O «cucu» não tem respeito nenhum pelas opiniões alheias.

Concordo com Lord Bryce em que renasça a reverência, pois tenho a certeza de que reviverá no meio da geração de jovens melhores que se apresentam para o futuro. Depende de vós, amigos, efectuar tal renascimento.

TEMOS DEPOIS OS SNOBS

A tola vaidade da emulação entre as classes é uma das causas da actual inquietação social que prejudica o país.

Vós, os mais novos, podeis pôr-lhe termo, se estiverdes decididos a isso.

Compete aos mais afortunados — a vós que tivestes a sorte de receber melhor educação — compete-vos a vós estender a mão da camaradagem e compreensão aos vossos irmãos menos afortunados. Se sois gentis-homens — como pretendes — fá-lo-eis. Efectivamente, aprez-me acreditar que as melhores escolas secundárias e universidades estão já a fazê-lo, não por condescendência, mas como irmãos e compatriotas. Seus irmãos mais velhos procederam do mesmo modo para salvarem a Pátria na guerra; fizeram os mesmos sacrifícios e foram camaradas unidos, oficiais e soldados.

E vós, rapazes que não sois abastados, teríeis por coisa muito baixa, não é verdade, se outra equipa tivesse a sorte de vos vencer no jogo, desatardes a vaiá-la rancorosamente. Não o faríeis, não seria nada desportivo.

Não sejais, pois, menos desportivos, tratando-se de um sujeito que teve a sorte de ter mais dinheiro do que vós.

É vosso compatriota e vosso semelhante. É excelente pessoa no fundo.

Como o vendedor ambulante de Chevalier,

«Nada tem de mau, se o conheceres,
Mas é preciso conhecê-lo primeiro».

Se jogares futebol com ele, de homem para homem, com a mesma equipa e a mesma lama, não há grande diferença entre vós.

Sim, os vossos irmãos mais velhos, ricos e pobres, nobres e plebeus, enlamearam-se juntos nas trincheiras da 1.^a Grande Guerra (1), partilharam todos os horrores e os perigos, e na morte não foram separados.

Ali não havia pretenciosismo de classes. Mostraram eles que as diferenças de classe são coisa superficial; por baixo da superfície eram verdadeiros irmãos.

Compete-vos a vós, jovens da nova geração, ricos e pobres, continuar essa camaradagem e amizade; procedendo assim podeis elevar a nossa Pátria, que eles salvaram.

Quem não tivera a sorte de ser educado numa escola secundária, costumava ser tido em menos conta por aqueles que o tinham sido.

Creio que a geração actual de rapazes dessas escolas é, nesse capítulo, menos pretenciosa do que nós éramos no meu tempo.

As escolas secundárias sustentam agora clubes sociais e atléticos para os seus irmãos menos favoráveis, e quanto mais se desenvolverem as relações sociais e pessoais com os membros desses clubes, tanto melhores serão os resultados para ambas as partes e para o próprio país.

Não basta que paguem a sua quota; é preciso que lhes dêem a sua amizade. Os mestres deviam dar a este facto muito maior importância na educação das escolas secundárias actuais.

Todos os jovens devem tomá-lo como parte da sua colaboração a bem da comunidade.

A boa vontade, compreensão e colaboração por parte

(1) 1.^a Grande-Guerra — 1914-1918.

de ricos e pobres é, como já disse algures, a chave da prosperidade para todos e tranquilidade da nação.

O ELEMENTO HUMANO

Levei uma vez um oficial muito elegante da Guarda Real às vielas miseráveis do bairro oriental de Londres para lhe dar uma amostra do reverso da vida das salas de visita e dos clubes. Eu próprio fora, ainda moço, observar a vida daquele meio na qualidade de funileiro.

Parecia-me que teria certo valor educativo para ele. Afinal teve-o para mim.

Em todo o caso fiquei muito satisfeito ao ver que não era tão vaidoso que se apresentasse de polainitas e engomados, como de costume, e quando chegamos ao clubezinho que ali conheço, sacou dum velho cachimbo sujo, mandou vir cerveja e, passados minutos, tinha os tipos todos em volta a rebentar de riso com as piadas que lhes contava.

Quando mais tarde regressámos a casa, perdi-me no labirinto dos becos e vielas e quando confessei que não sabia onde ficava a Ponte de Waterloo, logo ele tomou a direcção, dizendo: «É por esta viela acima».

Soube então que o meu amigo estava habituado a ir para aqueles lados. Tinha lá amigos, assim como os tinha na alta roda.

Tomava as pessoas pelo que elas eram e não pelo que pareciam pelo trajar.

Não era por condescendência que assim procedia, mas por compreensão humana. E é «bom remédio» como dizem os peles-vermelhas para todos nós.

«Os pedantes» entendem muitas vezes que, se alguém tem modo de vida diferente do seu, já não tem coração humano dentro de si. O pedante é pessoa presumida.

PEDANTE DE BORRA

O pedante de borra é o tipo que se desfaz em borra. Por borra entende-se o que se exhibe e se julga brilhante

mas que não é resultado de conhecimentos ou de experiência.

Pode ser palavriado, poesia ou prosa. A expressão do que se sente é coisa boa, mas quando redunda em borra — sobe muitas vezes à cabeça e fá-la inchar.

Há muitos jovens que entendem que aos vinte e um anos sabem praticamente tudo quanto se pode saber — e querem que os outros saibam que o sabem.

Quando chegam aos trinta e um, descobrem que ainda têm uma ou duas coisas a aprender, aos quarenta e um estão a aprender com vontade. (Estou ainda a fazê-lo aos setenta e três).

Os políticos, especialmente os que têm ideias extremistas, chegam geralmente a descontentar os seus primeiros partidários à medida que envelhecem. A razão é que entretanto aprenderam muita coisa, a sua visão do mundo ampliou-se com a experiência e compreenderam a grande verdade de que qualquer problema apresenta vários aspectos.

Eu tinha ideias maravilhosas quando era novo, e tomei nota delas com um fervor poético que me parecia de inspiração. Garanto-vos que não passavam de puro lixo, quando as fui ler mais tarde! Recebi hoje uma carta de 8 páginas dum jovem que está evidentemente na mesma fase.

Fala de — a dizer a verdade, é difícil saber de que fala, quando diz: «As pessoas como eu sofriam porque viam no espírito do Escutismo uma religião e poesia muito mais dinâmica do que miríades de sermões, promessas e leis de ouro e porque estavam prontas a atravessar os vales espinhosos das convenções e os mares antagónicos da intolerância e da falta de imaginação que se agitam e refervem, de praia a praia da psicologia ordinária das multidões».

Magnífico!

Faz-me lembrar o grande poeta Browning. Quando lhe perguntaram qual era o sentido exacto dum dos seus poemas, respondeu: «Quando escrevi essa poesia, eu, pelo menos, sabia o que queria dizer — e Deus também. «Agora — só Deus o sabe».

Ouvi uma vez um oficial do Exército de Salvação dar conselhos a um grupo de emigrantes que partiam para um dos Domínios do Ultramar. Dizia ele: «Não se passarão muitas semanas após a vossa chegada, que não estejais a mostrar a quem lá está que há modos muito melhores de fazer as coisas; e a escrever para a família da Metrópole a dizer que nunca vistes terra mais abandonada de Deus nem gente tão reles e inútil».

«O conselho que vos dou é que escrevais a carta mas que a guardéis durante seis meses ou mais sem a deitardes ao correio. Depois tornai a abri-la, e vêde que disparates escrevestes e dai graças a Deus por não a terdes mandado».

Creio que os mesmos conselhos poderão aproveitar a muitos jovens que fazem a sua entrada no mundo, isto é, que escrevem a sua borra e a guardam durante alguns anos e a voltam a ler; decerto terão gosto em podê-la rasgar antes que outrem a veja.

O remédio é aprender primeiro antes de te deixares levar, de modo que possas começar em terreno firme e não tenhas de retratar ou rasgar mais tarde o que escrevestes.

AUTO-EDUCAÇÃO

AUTO-EDUCAÇÃO VACINA CONTRA O MAL DOS CUCOS

Nos parágrafos anteriores procurei mostrar-te os perigos do recife dos cucos, a saber, o de te deixares transviar pelo canto persuasivo do cuco, ou de tu próprio te transformares em cuco.

Vamos tratar a seguir da forma de passar o escolho sem novidade.

A educação é boa garantia. Por educação não quero dizer instrução escolar aprimorada, mas formação da alma e do espírito. Aquela permite-te passar pelo perigo; a educação da alma eleva-te muito acima dele. Se desenvolveres o espírito, alargando os conhecimentos pelas viagens e leituras, aproveitando a experiência alheia e o estudo da

natureza, estarás garantido contra o canto do cuco; e se abrires a alma a altos ideais, estendendo aos outros a tua simpatia, boa vontade e auxílio, nunca poderás ter parte com os cucos ou «testas altas», como lhes chamam na América; e sentir-te-ás melhor e mais feliz.

O pedante, geralmente, é pedante, porque julga que sabe tudo quando, na verdade, tem ainda muito que aprender. Procura mostrar-se mais hábil do que os outros, que considera ignorantes. O filósofo Bacon disse outrora: «Nada é mais prejudicial ao Estado do que o passarem por SABEDORES os que são apenas ASTUTOS».

Quanto mais velho e mais sabedor te tornas, menos astuto te achas e mais desejas aprender. Começa, pois, por adquirir conhecimentos e experiência; não te faltará tempo para mais tarde os comunicares aos outros.

Quando saíste da escola recebeste a instrução do nível geral do resto da turma — ou rebanho. Mas há homens que, depois de saírem da escola, se elevam acima do nível geral; muitos continuam com o rebanho, ao passo que alguns se afundam na lama.

O êxito ou o fracasso dependem, em grande parte, do teu próprio esforço. Aqueles que aproveitam os conhecimentos escolares para completarem a sua educação são os que triunfam. E é neste ponto que os livros e as conferências te podem valer de muito. Mas, como disse Ralph Parlette: «Se fosse distribuir na rua convites para uma conferência, tanto valia dizer «Bexigas» (Varíola) como «Conferência». Não há vagar para conferências. Não querem pensar, não querem senão seguir toda a vida atrás do nariz — e há sempre alguém que os leva pelo nariz. O perigo das democracias está no homem que não quer pensar por si nem aprender a pensar bem, como aprende a andar direito.

«O mundo pode tornar-se inofensivo para a democracia, mas a democracia nunca será inofensiva para o mundo, enquanto o preguiçoso mental não se salvar de si mesmo».

Há vadios e pródigos mentais, exactamente como os há físicos, criaturas que se deixam levar por jornais bara-

tos, palradores convincentes e literatura e cinemas avariados.

LIVROS E LEITURAS

Disse acima que as viagens, leituras e estudo da natureza contribuem todos para a auto-educação. Vejamos as leituras. Com os livros à tua volta possuis um poder mágico: quando os outros se alvoroçam e exaltam com esperanças e desilusões políticas, tu estás tranquilamente sentado com o que possuis. Podes, a qualquer momento, deslocar-te a viajar por terras distantes, mergulhar na história doutros tempos, dispor das maravilhas da ciência, divertir-te com boas histórias e apreciar as belezas do pensamento poético.

Os livros são os melhores amigos que um homem pode ter. Escolhem os que se querem; podemos sempre confiar neles; podem auxiliar-nos no trabalho, nas horas de ócio e nas tristezas. Têmo-los sempre perto, às nossas ordens, em casa.

Actualmente não são caros, se comprares um de vez em quando para formares a tua colecção. Em todo o caso, a biblioteca pública vizinha pôr-te-á nas mãos qualquer livro gratuitamente. Mas os livros próprios são os melhores amigos e companheiros. Não compres um livro *porque* é barato, pois os livros muito baratos são em geral avariados. Se os queres, procura os melhores.

Se já lestes livros, sabes o que queres. Se nunca fizeste grandes leituras, permite que te aconselhe a começar já — nunca te arrependers — e começa por coisa que te interesse.

Se desejas instruir-te, uma enciclopédia numa biblioteca pública é, como diz o Professor Adam, bom começo para qualquer assunto, e geralmente dá o nome de outras obras sobre a mesma matéria.

Se o teu intuito é divertires-te, não podes errar se começares por um livro como *Raptado, A Ilha do Tesouro* de Robert Louis Stevenson; as peças de Shakespeare

oferecem excelente leitura tanto para recreio como para instrução. *A Floresta* de Stewart White e a *Estrada Amiga* de Crayson são livros deliciosos para futuros caminheiros.

Mas quando leres, lê, não passes a vista; e se estudares ao ler, isto é, se te esforçares por compreender o que lês, mais tempo reterás e mais útil te será, afinal.

Se lês com o intuito de fixares na memória, fixá-lo-ás.

Eis o conselho de Bacon: «Não leias para contradizer e calcular: nem para acreditar e ter como certo: nem para encontrar motivos de conversa e discursos: mas para ponderar e considerar. Há livros que são para provar, outros para ingerir e uns poucos para serem mastigados e digeridos...»

«A leitura torna o homem completo, a conversa torna-o pronto e a escrita torna-o preciso.

«Se o homem ler pouco, precisa de ser muito astuto para poder parecer que sabe aquilo que ignora».

Achei prática muito útil o anotar na minha agenda qualquer coisa boa que lia ou ouvia durante o dia. Há quem faça o mesmo em fichas, de forma a poder-se consultar qualquer assunto por ordem alfabética.

Em todo o caso, é sempre bom, depois de termos mobilado o espírito tanto quanto possível, com conhecimentos úteis, recorrer a um meio semelhante para os podermos lembrar.

Mas ler sem objectivo de pouco serve. É preciso equilibrar os conhecimentos literários com os conhecimentos do mundo, dos homens e das coisas. O viajar é um valioso passo para este fim, mas o homem observador e compreensivo pode adquirir num passeio duma milha tantos conhecimentos a respeito dos seus semelhantes como um apático em mil milhas.

O VIAJAR AJUDA

Ia um dia a atravessar as docas de Southampton, quando dei pelo cheiro de especiarias de café, proveniente dum dos armazéns do cais. Senti-me impellido a entrar e a

perguntar donde vinham. Quando o guarda me disse que eram carregamentos de navios chegados de Montevideu, Rio de Janeiro e La Plata, lembrei-me logo do grande livro da minha mocidade, *Viagem do «Adventure» e do «Beagle»*.

Não resisti à tentação! Ali mesmo tirei bilhete para a América do Sul, embora para isso tivesse de pedir um empréstimo. Passadas semanas, ia a caminho. A viagem, a diversidade das pessoas a bordo, os novos países, a observação de novos povos e novos ambientes, juntamente com o espectáculo das vastas pampas e dos Andes imponentes, ampliaram-me o espírito e as ideias. Fizem-me, em poucas semanas, aquilo que em anos de estudo não poderia ter conseguido.

Mesmo quem não pode sair para o estrangeiro tem sempre muito que ver na sua pátria e muitos aspectos da vida a investigar, quando se viaja numa simples bicicleta ou mesmo a pé. Na nossa própria vila ou vizinhança, se não pudermos ir mais longe, há-de haver forçosamente vestígios da antiga história local, e pessoas que têm muito que contar das experiências por que passaram. Mas as viagens deste género, se se fizeram para *observar* e descobrir o que for possível de pessoas e coisas, contribuem incalculavelmente para o curso de auto-educação que nos propomos. David Crayson em *A Estrada Amiga* conta-nos como saiu da sua quinta e partiu para uma viagem a pé, sem dinheiro e sem quaisquer planos definidos, apenas para se embeber nas belezas do campo, encontrar-se com outros homens e descobrir o bem que neles há. E por sorte achou grande coragem no pároco da aldeia, compreensão e simplicidade humanas num milionário, espírito vivo num lavrador arruinado e visão larga num orador socialista.

Cito este livro não só pelo seu encanto e interesse, mas porque a aventura do autor nos dá um exemplo claro dos que poderia fazer qualquer que queira educar-se pelo método da estrada pública. É método acessível a todos, precisamente como o livro de 3 xelins e 6 dinheiros, está ao alcance da maioria.

Já vi outro sistema de auto-educação aproveitado pelos estudantes universitários do Canadá e Estados Unidos. Estes jovens não têm dinheiro de sobra para pagarem as propinas. Nem por isso desistiram da cultura universitária, mas, durante as férias de verão, empregavam-se a bordo dos vapores fluviais como criados e ganhavam assim o suficiente para pagarem as despesas universitárias e, ao mesmo tempo, ampliavam o conhecimento dos homens e das coisas e passavam as férias a trabalhar em vez de mandriar.

EXPRESSÃO DA PERSONALIDADE

Se alguém se sentir impellido a expressar os seus pensamentos e ideias, quer em prosa quer em verso, ou pela palavra, pela pintura ou escultura, que o faça sem qualquer impedimento. Apenas o aconselharia a que se não deixasse arrastar, como tantos, para o extremismo, antes de ter visto um pouco do mundo. A expressão pessoal, sendo boa, é virtude e virtude das mais nobres.

Cada um tem aquilo que se chama um «dote» de qualquer espécie. Um pode ser pintor ou actor por instinto, embora trabalhe numa mercearia ou carpintaria; outro pode ser prestidigitador hábil ou cantor, embora ganhe a vida como criado de café ou estivador; quase não há homem que não possua vários «dotes» escondidos dentro de si.

Porque lhe chamamos «dote?»

Porque é uma qualidade natural — um dom de Deus. Sendo assim, quem o possui deve aproveitá-lo — para Deus. Pode fazê-lo, distribuindo esse dom pelos outros; que empregue o seu canto ou a sua habilidade de actor para animar os que estão descorçoados, divirta-os com a sua prestidigitação, ou abra-lhe os olhos para a beleza dos seus quadros. Que utilize o seu talento em benefício dos outros mais do que em benefício próprio, e fará assim o que Deus quer, não será impostor, e estará a descobrir o que é a verdadeira felicidade.

SUGESTÃO DE PREMPEH AOS JOVENS PALRADORES

Eu tive a honra, ou digamos antes o divertimento, de encurralar o régulo Prempeh, chefe dos Axantis na Costa Ocidental da África, quando ultrapassou os limites da tolerância na questão de sacrifícios humanos — mas isso não é para aqui.

Só me refiro a ele por nos oferecer uma sugestão. Sendo selvagem e rei, estava habituado a dizer o que lhe vinha de repente à cabeça, sem nada se importar das consequências.



COMO O RÉGULO PREMPEH EVITAVA QUE A LINGUA O ATRAIÇOASSE

Quando se zangava, perdia a cabeça e desatava aos impropérios; e aquele com quem ele se zangava geralmente perdia também a cabeça — doutra maneira.

Quando foi preso, percebeu que, ao tratar com as autoridades britânicas, talvez tivesse de ser mais comedido. Se falasse sem primeiro considerar o efeito das palavras, poderia dizer coisas de que depois se arrependesse.

Fez pois uma coisa que muitos jovens impetuosos deviam imitar nas discussões — pelo menos figurativamente. Trazia uma castanha, do tamanho duma castanha do Maranhão, entre os dentes, de modo

que, sempre que se sentia impellido a soltar qualquer imprudência, precisava de tirar a castanha da boca e tinha assim tempo de reflectir.

Outra coisa que aprendi deste mesmo régulo foi que — quando tivermos subjugado o adversário, não nos convençamos de que já o temos liquidado, pois pode ainda ter outra arma de reserva.

Como recordação desta lição, tenho na mesa, neste momento, os fechos com pederneira duma espingarda indígena e a lição foi esta:

O régulo tencionava tentar a fuga para a selva, de noite, quando lhe parecesse que o íamos prender. Com isso já eu contava; portanto preparei-lhe uma emboscada com os meus soldados à margem do carreiro que ele provavelmente havia de seguir.

Eu ocultei-me na valeta a alguns metros à frente dos soldados, de modo que pudesse ver projectado contra as estrelas quem quer que viesse e dar sinal à minha gente para o prenderem ou não.

Passado algum tempo um dos exploradores do régulo avançou muito cautelosamente, em bicos de pés, e quando chegou em frente de mim parou a sondar a escuridão.

Alguma coisa lhe despertava suspeitas e eu receei que voltasse atrás a dar aviso da nossa presença. Por isso, tendo-o de costas voltadas e cerca de um metro de mim, levantei-me e agarrei-me a ele.

A luta foi animada. Ele conseguiu virar a espingarda e apontar-me à barriga e eu agarrei-a pelos fechos. A arma devia ser muito ordinária: os fechos ficaram-me na mão. Abraçámo-nos então um ao outro, sem grande affecto, e enquanto lutávamos e rebolavamos no chão, o meu impedido intrometeu-se, como um terceiro numa bulha de cães e agarrou o pulso ao meu adversário, precisamente quando este ia enfiar-me a faca no fígado.

É que, além da espingarda, tinha outro argumento para levar a sua avante.

A propósito, convém notar que Prempeh, depois de regressar do desterro, aceitou a presidência dum núcleo de Escuteiros e o filho é Chefe!

Conheci em tempos um milionário que fora palhaço de circo, mas mesmo depois de ter enriquecido continuou a trabalhar na sua fábrica, de mangas arregaçadas. Era uma fábrica de vinhos num dos Estados da América do Sul e lá o vi a trabalhar. Explicou-me que a razão do seu êxito estava em que se empenhava em fabricar o artigo com o sumo puro da uva, ao passo que anteriormente se impingia à população uma zurrapa feita a martelo. Fora no circo

que aprendera a lição. Aí descobrira que as piadas em segunda mão, tiradas das secções cómicas dos jornais ou livros humorísticos, não caíam bem na assistência, que queria graça original e genuína. O mesmo se dava com o vinho. Apenas apresentou o artigo puro, sem adulteração, choveram-lhe as encomendas e não tardou a fazer monte.

Nas escolas secundárias, universidades e clubes de jovens, há sociedades de argumentação para a preparação de jovens políticos. Mas são de certo modo perigosas, porque correm o risco de formar pedantes, pois os seus membros não passam de políticos de imitação, que dizem apenas o que leram ou ouviram dos lábios doutros e não produto do seu entendimento.

O artigo de imitação não engana ninguém. Muitos dos estadistas célebres só começaram a sua carreira política depois de atingirem a meia-idade, isto é, quando tinham já certa experiência do mundo e da vida. Muitos políticos de má fama começaram a sua, ainda rapazes, nos seus clubes de argumentação, mas nunca passaram de pedantes.

Mas se, quando tiveres experiência, te encontrares em situação de servir a comunidade tomando parte nos negócios públicos, debes fazer todo o possível por te preparares para isso. Como já disse, mais como estadista do que como político, mais para o bem da comunidade do que para um sector dela.

Um dos requisitos é ser capaz de compreender prontamente um facto e as suas diferentes facetas; outro é saberes exprimir-te oralmente. Para os mancebos que se imaginam a tomar parte num debate, o falecido Lord Bryce deu um conselho salutar quando disse: «Estou a ver o meu professor na aula. Está agora diante de mim a dirigir-se à turma, e diz o seguinte — «Logo que tendes um bom argumento para certa linha de acção, um só argumento bom e suficiente, não procureis segundo; este não serviria senão para enfraquecer o primeiro».

Para aprenderes a exprimir-te bem em público nada há como tomar parte em representações teatrais; dá-te ao

mesmo tempo a melhor prática de elocução e a de entreres em contacto vivo com o auditório. Ensina-te a exprimir-te pela voz e pelo gesto e cura-te do acanhamento. Joseph Chamberlain disse-me um dia que devia grande parte dos seus primeiros êxitos à prática que tinha de actor amador.

OUVIR

Ora, depois de tanto falar a respeito de «falar», lembra-te sempre do alto valor que tem a grande arte de saber calar. Muitas vezes, terás vontade de te intrometeres com as tuas ideias numa discussão, mas, em geral, é melhor estar calado e deixar que os outros movam os queixos. Aprende-se muito assim. O falar revela muitas fraquezas ao observador calado. Em todas as comissões há homens que falam sempre e pouca atenção recebem.

É o homem calado, o que só fala quando tem algo de importante a dizer, que é escutado com atenção.

É a esfinge para eles.

«São os homens calados que *fazem* as coisas».

SERVIÇO

À medida que vais desenvolvendo o carácter e as aptidões, será bom que o teu objectivo constante seja, não apenas a conquista dum lugar ou de vantagens próprias, mas do poder de fazeres bem aos outros, à comunidade. Logo que tenhas atingido a possibilidade de prestares serviços aos outros, puseste o pé no degrau superior da escada que conduz ao verdadeiro êxito—ou seja a felicidade.

O serviço do próximo não abrange apenas os pequenos



NÃO HÁ NADA COMO O PALCO
PARA FAZER ORADORES

favores pessoais de cortesia e delicadeza feitos aos outros; estes são bons e justificam-se; mas refiro-me a coisa mais alta e mais ampla — serviço como cidadão da tua pátria.

Isto não quer dizer, em geral, que desejas abrir caminho como dirigente em negócios públicos ou impores as tuas ideias políticas aos outros, mas que desejas ser pessoa digna de confiança e cidadão prestável ao Estado, um tijolo da parede. Para tal, precisas de visão larga do que mais convém ao Estado no seu conjunto e não apenas procurar o que mais convém a certa parte dele.

Como Rudyard Kipling mostra em *The Glory of the Garden* (O Encanto do Jardim), no serviço do bem comum — o bem da comunidade — há lugar para toda a gente.

Quando vires em que podes ser prestável, em conformidade com os teus dotes pessoais, oferece-te para colaborar exactamente como farias ao apoiar o teu grupo num desafio de futebol. Efectivamente, um cidadão prestável assemelha-se muito a um bom jogador de futebol; em primeiro lugar torna-se individualmente capaz, de modo que pode jogar bem no seu lugar na equipa.

JOGADOR DE FUTEBOL

Qualidades Individuais	{ Boa vontade, lealdade e boa disposição; Idoneidade de pulmões e de pernas; Perícia com a bola.	{ Carácter e inteligência; Saúde e robustez; Habilidade manual e geral.

Qualidades Colectivas	{ Jogo de equipa, e não pessoal.	{ Serviço para a comunidade.
-----------------------	----------------------------------	------------------------------

Se os jogadores não jogarem nos seus lugares, se um achasse mais divertido estar sempre *off-side* e outro preferisse pegar na bola com a mão, não obstante as regras, e outro gostasse de socar todos os adversários no abdómen, deixaria de ser futebol, para ser anarquia e fim do desafio.

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

O maior bem que podes fazer à comunidade como bom cidadão é participares nos serviços administrativos. Quero referir-me à participação na administração local. Mas é bom que te prepares para eles se queres sair-te bem, do mesmo modo que te prepararias para uma corrida ou para um exame. São até de mais aqueles que entram para a administração local apenas porque têm facilidade de palrar ou alguma ideia mal digerida sobre o modo de governar, embora não tenham nem experiência nem verdadeiro conhecimento do assunto. Requer-se uma base sólida de conhecimentos da administração local e seus objectivos, métodos e responsabilidades.

Existe um livrinho muito útil sobre *Civismo* de J. S. Lay (Macmillan).

Trata de muitos dos assuntos que eu toco neste livro, e outros mais, sempre de forma simples e clara, com numerosas ilustrações. Livro utilíssimo para quem começa a estudar direitos e deveres básicos, isto é, questões como Salários, Trabalho, Economia, Educação, Saúde, Governo, Nações Unidas e outros.

Quando atingires os vinte e um anos, tens, como cidadão, o privilégio de votar na eleição do deputado que representa o vosso círculo no Parlamento. Deves habituar-te a poder assumir tal responsabilidade e a desempenhar o teu papel no Grande Jogo da Cidadania.

Os primeiros passos para te habilitares já te foram indicados como sendo os precisos para evitar os diversos «escolhos», a saber:

Carácter e Inteligência;
 Habilidade manual e Perícia;
 Saúde viril de Corpo e Alma.

E agora chega o quarto elemento, a saber, Serviço, ou seja, desempenhar o papel de cidadão.

Ao preparares-te para esta missão é ponto importante aprenderes a história da tua cidade e país, passada e presente. Muito se pode aprender pela leitura, mas mais ainda

viajando e visitando locais históricos. Depois, para compreender os serviços públicos locais ou colaborar neles, há-de ter necessidade de aprender tudo o que te for



possível a respeito da forma como se exerce o governo local. Precisas de saber também como se governa a nação.

UMA REPÚBLICA NOVA

Estive uma vez, numa república que acabava de proclamar-se, a conversar com o Carrasco-Mor. Lamentava-se ele de que as execuções tivessem acabado. Perguntei-lhe se agora se aplicavam penas de muitos anos de prisão em

lugar da pena capital. «Ah! não», respondeu ele, «somos agora uma república democrática; as prisões acabaram».

«Acabou então a criminalidade?»

«Ah! Disso há muito ainda».

«Que fazem então aos criminosos?»



«Os soldados levam-nos para fora de portas e atiram-lhes até morrerem».

(Isto para ele não era, evidentemente, uma execução, visto que estava acostumado a fazê-la com um cutelo).

«Mas se se tratar dum crime menor? Se um homem roubasse, por exemplo, um lenço, que lhe fariam?»

«Levavam-no para fora e atiravam-lhe até que morresse».

(Descobri depois que se justificava a expressão «até

que morresse», porque os soldados, instruídos democraticamente, ou seja, por iniciativa própria, atiravam com a arma apoiada à ilharga e não ao ombro, e era frequente tardarem a atingir o alvo).

«Coisa horrível! E que acontece às criminosas? Os soldados com certeza lhes não atiram até que morram?»

«Ah! Não, não. Isso nunca faríamos».

«Que se faz então às mulheres culpadas?»

«Ah! Essas enviam-mas a mim e eu faço-as numa centena de postas; mas para os homens não temos execuções».

Isto dava-se numa jovem nação que procurava correr antes de saber andar. Há agora mesmo duas ou três que estão mortas por largar as saias da ama para fazerem coisa muito semelhante.

Estava em certa ocasião numa república, onde o chefe do governo, sentado tranquilamente em casa após um dia de trabalho, foi visitado pelo General Comandante, íntimo amigo seu.

O General vinha vê-lo, muito em particular e encapotadamente. Viera, disse ele, a despedir-se.

«Ah! Vais-te embora?»

«Ah! Não. Eu continuo aqui. Tu é que farias bem em ir-te embora, porque amanhã vai estalar uma revolução, e eu vou ser eleito para o teu lugar — logo que tenhas sido assassinado».

E para não dar trabalho, o Presidente abalou.

Era assim que o governo mudava de mão naquelas paragens.

DOIS ASPECTOS DO PROBLEMA DO IMPÉRIO

Andava eu um dia a passear no Parque de Sidney, na Nova Gales do Sul, quando me chamaram a atenção dois cucos palradores. E ouvi então tratar dos dois aspectos do problema do Império Britânico, com argumentos que talvez vos interessem como exemplo adequado. Mas para aquele que se prepara para compreender que cada problema apresenta dois aspectos, quero recomendar a leitura dos relatos

das sessões da Câmara dos Comuns e dos jornais diários. E vereis então não apenas duas, mas frequentemente três ou até quatro opiniões diferentes da mesma questão, e cada uma delas aparentemente bem justificada. É bom exercício estudá-las uma por uma e ver qual conseguirá, afinal, beneficiar a maioria da nação, e, em conformidade com o resultado, formai a vossa opinião. Eis aqui os argumentos que ouvi sobre o problema imperial. Podem não ser concludentes, mas em todo o caso são interessantes.

O Império Britânico é instituição imposta.

Assenta desde o seu início, em razias de rapina — efectuadas por aventureiros.

A única razão por que não apanhámos a parte mais rica do mundo, a América do Sul, foi porque, quando fizemos uma tentativa descaradíssima para isso, fomos postos a andar pelos valentes colonos que preferiam governar-se por si próprios.

O mesmo aconteceu também na América do Norte.

Em toda a parte despojávamos violentamente os habitantes indígenas das suas terras e plantávamos em cima deles a desenvolver a nossa riqueza e comércio à sua custa.

Temos o espírito pa-

Se isto é desculpa, a conquista de terras não foi exclusivo dos britânicos. Roma, Cartago, Portugal, Espanha, Holanda, etc., todos, na sua altura, foram igualmente conquistadores. Era assim noutros tempos. Se se empregava a força e até a brutalidade, estas eram em geral compensadas pelos benefícios que, no fim, os países e povos conquistados colhiam.

Nos territórios britânicos temos, em parte, satisfeito e a nossa posição colonial tem-se mantido, porque a administração britânica tem sido, em geral, humana, e tem conseguido maior paz e prosperidade para os indígenas, assim como para os colonos.

A extinção da escla-

triótico esturrado do comercialista agressivo que se exprimia há anos na canção popular arrogante: «P'ra guerra não queremos ir,

Mas, co'a breca, se p'ra lá formos,

Temos navios e temos soldados,

E temos também o dinheiro».

É o espírito militarista que a classe capitalista explora com o intuito de manter a sua panela ao lume pela abertura de novos mercados em seu benefício.

vatura realizada pela Grã-Bretanha custou à nação enormes quantias, sem qualquer compensação material, e realizou-se inteiramente por motivos humanitários.

Nos anos mais recentes, tem-se prosseguido na supressão dos sacrificios humanos e da escravidão em toda a África Central, ao mesmo tempo que se introduzem indústrias pacíficas. Ninguém que o saiba poderá negar o grande benefício que daí resulta para a população.

Na Índia, como na África, temos promovido a paz entre as tribos guerreiras e dado protecção aos mais fracos e introduzimos a educação e o comércio.

Sob a protecção britânica, têm-se desenvolvido vastas regiões, têm-se transformado desertos em terras férteis, e surgiram e engrandeceram-se novas nações, como a Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Canadá, etc., e, logo que se tornam auto-suficientes, são-lhes concedidas a liberdade a autonomia.

UM DEMÓNIO CONHECIDO É MELHOR QUE UM ANJO ESTRANHO

Quando me promoveram ao comando dum esquadrão do meu Regimento, fui, por acaso, colocado no meu próprio esquadrão em lugar de ser transferido para outro.

Os soldados fizeram uma coisa que não era permitida — efectuar uma reunião para comemorar o facto e o sargento ajudante, ao dirigir-me a palavra em nome deles, disse: «Todos nós estamos convencidos de que é melhor termos um diabo que já conhecemos do que um anjo que não conhecemos». Não tenho bem a certeza do sentido em que o dito se deve tomar. Em todo o caso pode aplicar-se também a fantasiosas formas de governo, que as cabeças esquentados dos jovens por vezes reclamam.

Mas descubrem que a massa sólida da população britânica prefere o diabo do governo que conhecem à visão angelical que desconhecem.

PAPEL DO SOBERANO NO IMPÉRIO

O General Smuts foi um dos generais *boeres* que combateram contra nós, com a maior persistência, a favor da sua pátria, na Guerra dos *boeres*. Eis o que ele, como homem que vê os dois aspectos do problema, disse ao povo britânico a respeito do seu império: «Falais duma missão imperial. A mim parece-me que este Império Britânico não tem senão uma missão, e esta é missão de liberdade, pública e individual, e de auto-desenvolvimento.

«O vosso é o único sistema que na história tem funcionado bem com grande número de nações diversas a viverem unidas. Fala-se numa Liga de Nações.

«Sois vós a única Liga de Nações que jamais existiu...

«Todos os impérios do passado assentaram na ideia da assimilação, na tentativa de meter as diferentes nacionalidades no mesmo molde para formarem uma só nação. A vossa ideia e fundamento é completamente diferente. Vós não pretendeis estandardizar as nações do Império Britâ-

nico, vós desejais desenvolvê-las para que se tornem maiores nações individuais...

«Esta comunidade de Nações britânicas não quer dizer assimilação ou desnacionalização, mas pretende uma vida mais completa, mais rica e mais variada entre todas as nações que a compõem, com protecção e entendimento comum...

É lícito perguntar: «Como se vai manter unida esta grande Comunidade?»

«Tendes um factor poderoso na vossa monarquia hereditária. O Rei não é somente rei da Inglaterra, mas representa cada uma das partes de toda a Comunidade das Nações. Se o seu lugar vier a ser ocupado por qualquer outro como presidente do agrado de toda esta grande república, então esse alguém terá de ser eleito por processo que, em meu entender, a capacidade do engenho humano não é capaz de inventar!

«Temos aqui uma realza que não é, efectivamente, muito diferente duma república hereditária».

Portanto, embora haja quem objecte que a monarquia se mantém apenas por motivos de ordem sentimental, há também boas e sólidas razões democráticas para a mantermos.

VIDA INTERNACIONAL

Ao cultivarmos o patriotismo, não devemos esquecer-nos do perigo de ele se converter em nacionalismo estreito. Temos direito a ufanar-nos do nosso país, mas não de bacharelar a seu respeito para rebaixamento dos outros, ou para o alcandorar a alturas que realmente não merece. O melhor patriotismo consiste em contribuir para elevar o poder do país, para que ele possa ocupar devidamente o seu lugar ao lado das outras nações da terra. A Grande Guerra revelou um facto que outrora ninguém via, e vem a ser que todos os países dependem agora uns dos outros no que se refere ao comércio e indústria e que só pela compreensão e cooperação mútuas o mundo poderá ser próspero e feliz.

Um país poderá ter as matérias primas, mas outro possui os meios de as transformar, ao passo que um terceiro pode dar-lhes o acabamento e um quarto pode aproveitar melhor do que ninguém os artigos acabados. O algodão produzido na Índia é manufacturado em Manchester, acabado na Bélgica e aproveitado na África Oriental. Coisas deste género dão-se em todos os campos, incluindo o abastecimento de géneros alimentícios, feito pelo país consumidor. A Grã-Bretanha produz mais carvão e ferro do que precisa, mas trigo e carne insuficientes e por isso troca o excedente com outros países.

Assim entrelaçados como estavam, uma guerra entre duas grandes nações imediatamente arrastou as outras até que a maior parte da Europa estava metida na refrega. Morreram milhões de homens, arruinaram-se nações, e todo o mundo ficou em estado de inquietação durante anos — e porquê? Pelo assassinato dum austríaco praticado por um sérvio. Depois de experiência tão horripilante, esperemos que haverá maior segurança de futuro e que em todos os países se encontrem à testa dos negócios melhores estadistas.

Fundaram-se a Liga das Nações e o Tribunal Internacional de Justiça para impelir que torne a repetir-se coisa semelhante. Mas Ligas, Tribunais e Regulamentos de pouco servem, se não forem apoiados pelos povos, cordialmente. Podem amordaçar-se e amarrar-se os cães, mas não pode haver a certeza de paz enquanto não forem bons camaradas e não estiverem satisfeitos. Não são tanto os focinhos dos cães que importam, como os temperamentos dos mesmos cães.

O dever dos cidadãos em cada país é, pois, o de entrarem em relações mútuas e compreensivas com os dos outros estados, por meio de interesse na sua história e nas suas actividades e pela troca de visitas, etc. Uma vez estabelecidas a compreensão e amizades pessoais entre os cidadãos dos diversos países, serão estas as melhores garantias contra a guerra no futuro.

Aqui tens, pois, uma óptima oportunidade a aproveitar como cidadão, por muito modesta que seja a tua situação.

Aos dezoito anos tens o direito de te chamares cidadão britânico. Compete-te tornar-te digno desse direito e preparar-te antecipadamente para o exerceres e aproveitares. Dá-te a ocasião de prestares serviços à Comunidade, facto que, como já disse, constitui o passo principal para a felicidade.

A preparação exige a aquisição de conhecimentos e experiência e, para começar, o exercício de pequenas missões a bem do público. (Veja-se o capítulo final).

Se então verificares que tens a vocação devida, continua e participa na administração pública.

SÊ HOMEM DE VISÃO LARGA

Quando for presidente de ministros, hei-de exigir que todo o candidato a deputado tenha dado a volta ao mundo pelo menos uma vez; e também que lhe tenham ensinado a ver os dois aspectos duma questão em todos os casos; e tenha aprendido a ser chefe, o que, como primeiro passo, exige completo domínio de si mesmo e o despreendimento de pequenas discórdias de classe ou de partido, pelo fim mais nobre, o maior bem da Comunidade no futuro.

Portanto, nessa preparação primeira, nunca percas de vista o teu objectivo. Se pensas entrar na vida pública com o fim de conquistares nome ou de alcançares fortuna ou posição, já não quero nada contigo!

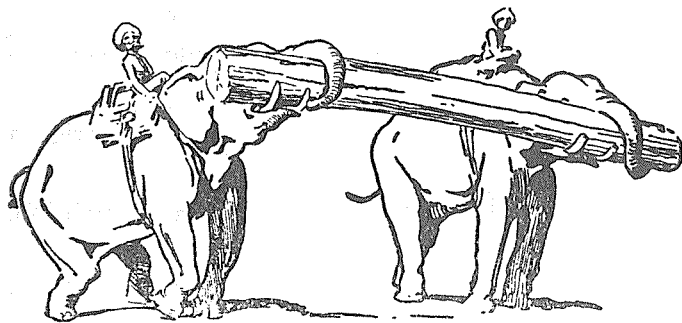
Isso não é da minha conta. Encontrar-te-ás no meio de muitos outros que abrem caminho na mesma direcção, cheios de inveja, ódio e má vontade entre si. Eu desejo que te dirijas para a Grande Felicidade e não para a Grande Gamelada.

Não — se entrares na vida pública com o desejo humilde de servir a comunidade, colaborar no espectáculo para o bem da maioria, é coisa muito diferente. A tua recompensa não consistirá em te veres subir, mas em veres

subir os que te cercam para um melhor nível de vida, em resultado da tua acção. E este facto dar-te-á maior satisfação do que quaisquer condecorações ou recompensas de que possam cumular-te.

Para te habitares ao trabalho de equipa que se requiere no serviço do cidadão, quer como trabalhador, quer como dirigente, farás bem em te educares, como acima lembrei, formando o carácter e dilatando o espírito, especialmente encarando os dois lados duma questão e defendendo a justiça e a lealdade; e em segundo lugar, praticando a compreensão para com os adversários, assim como para os vizinhos, e procurando ver a questão como eles a vêem, pois que são teus semelhantes.

Se a maioria dos homens e mulheres praticassem estes dois princípios, bem como a economia individual que lhes permitisse consagrar tempo a esta missão, tal facto con-



LIÇÃO QUE VEM DA BIRMÂNIA

Só o bom-entendimento e cooperação permitem empreender com êxito, as grandes realizações.

tribuiria largamente para criar em vez de atritos, aquela cooperação e boa vontade que tão necessária é para a prosperidade de toda a nação, e, em maior âmbito, para a paz do mundo.

Espero que depois de haverdes lido esta dissertação sobre os perigos do recife dos cucos e do modo de os evi-

tar, não direis que outro tipo de cuco é o general reformado cuja mocidade vai já muito longe e que agora arma em legislador do que um jovem deve, e não deve, fazer.

Sim; podereis ver a questão por esse prisma; mas, na verdade, o velhote difere num ponto dos outros cucos — não tem interesses próprios em jogo, não tem objectivos pessoais, nem castanhas a assar no lume, mas tem grande amor ao seu semelhante, recorda-se muito bem do que passou em rapaz, sem pai que o aconselhasse, e tem grande simpatia pelos jovens que se preparam para a vida. Nada mais deseja senão oferecer-lhes alguns conselhos tirados da sua experiência, que lhes possam ser úteis e impedi-los de serem atraídos para os recifes traiçoeiros, e ajudá-los a viverem uma vida mais feliz e mais completa.

PONTOS PARA MEDITAR

ALGUMAS MÁXIMAS CONTRA A INSENSATEZ

Tomares tudo muito a sério quando jovem é o primeiro passo para te tornares pedante.

O sentido do cómico far-te-á passar este perigo a salvo bem como muitos maus bocados.

Seja a tua ambição ver não quanto tiras do trabalho, mas quanto lhe podes dar.

A ambição de praticar o bem é a única ambição que conta.

A prontidão alegre com que fazemos qualquer tarefa que nos confiam é a melhor das recomendações.

O sujeito que muito se gaba é, geralmente, o que precisa que o gabem.

Lembra-te de que és uma das pedras da parede, ou o jogador que tem de jogar no lugar que lhe destinam na equipa.

Um cidadão equilibrado vale por meia dúzia de tarados.

Há muito quem clame pelos seus direitos antes de os ter conquistado.

A prontidão em servir, mais do que em mandar, revela o verdadeiro socialista.

A alegria é dada àquele que, através do homem seu irmão, serve a Deus, seu Pai.

Sai do carreiro estreito, se queres dilatar o espírito.

Nunca fracassamos quando procuramos cumprir o dever — fracassamos sempre que o descuramos.

Não te contentes com saber o *quê* — mas descobre também o *porquê* e o *como*.

A cortesia ou delicadeza vale não tanto pelo prazer que causa a quem a recebe, como pela felicidade que dá a quem a pratica.

Uma nação tem o governo que merece.

Meu jovem! A natureza deu-nos uma só língua, mas dois ouvidos, para que ouçamos duas vezes mais do que falamos.

É grande sagacidade saber ocultar a nossa sagacidade.

(*La Rochefoucauld*)

Nem toda a fama é boa fama.

As naus, ainda que sejam grandes, com um pequeno leme se voltam para onde quiser o impulso do que as governa. Assim mesmo a língua é um pequeno membro, mas gloria-se de grandes coisas.

(*Epístola de S. Tiago III*)

Há duas classes de pessoas que nunca mudam de opinião: são os loucos — e os mortos.

(*J. Russell Lowell*)

O ENCANTO DO JARDIM

A nossa Inglaterra é jardim rico de vistas imponentes,
De bordaduras, canteiros, maciços, relvados e avenidas,
Com estátuas nos socalcos e pavões passeando empertigados;

Mas o encanto do jardim não está só no que se vê,
Pois onde os velhos loureiros crescem junto ao muro vermelho,
Achareis os cobertos da ferramenta e dos vasos de que tudo o mais depende,

As estufas frias e quentes, montes de estrume e tanques de água,

Cilindros, carroças e mangueiras, com carrinhos de mão e tábuas.

Aí vereis jardineiros, jornaleiros e aprendizes
Enviados a fazer o que lhes mandam e a fazê-lo sem ruído;

Pois que, senão quando se semeia e se brada para afugentar as aves,
O encanto do jardim não é com palavras que se faz.

E há quem saiba envasar begónias e quem saiba enxertar roseiras,
E há quem não possa incumbir-se de tocar em planta viva;

Mas pode cilindrar a relva e espalhar areia e folhas
Porque para o encanto do jardim todos trabalham quantos venham.

A Inglaterra é um jardim e tais jardins não se fazem
A cantar «Que lindo é!» sentados à sombra das árvores
Quando outros meliores que nós começam o trabalho da vida

A arrancar ervas dos passeios com velhas facas de mesa.

Não há pernas tão delgadas, nem cabeça tão maciça,
Não há mão tão débil e branca, nem coração tão angustiado,

Que não possa encontrar tarefa útil a reclamar que a façam,

Porque o encanto do jardim a todos envolve igualmente.
Procura então a tua tarefa de coração agradecido, e trabalha até nova ordem,

Seja ela apenas plantar morangos ou catar lagartas nas beiras;

E quando deixarem de doer-te as costas e as mãos comecem a calejar-te,

Sentir-te-ás associado ao encanto do jardim.

Ah, Adão foi jardineiro, e Deus que o criou vê
Que metade da tarefa do autêntico jardineiro se faz de joelhos,

Portanto, acabada a tua, podes lavar as mãos e rezar
Pelo encanto do Jardim, para que o encanto não morra!

E o encanto do Jardim nunca, nunca mais morrerá!

Rudyard Kipling

LEITURAS ACONSELHADAS

O Concílio começa Agora — Bernard Haring.

A Decomposição do Catolicismo — L. Bouyer

Pensamentos Escolhidos — Pascal

Testes — Jean Daniélou

Quem é Deus — Jean Claud Barreau

O Anúncio de Jesus Cristo — Jean Claud Barreau

Religiões não cristãs — Helmuth von Glasenapp

A alma do Concílio — Sebastião Resende

ESCOLHO NÚMERO CINCO

IRRELIIGIÃO

IRRELIGIÃO

O lado escuro deste Escolho é o perigo do ateísmo e da irreligião.

O lado luminoso é a compreensão de Deus e o bem servir o nosso semelhante. O estudo da Natureza é um passo imediato para esse fim.

IRRELIGIÃO

Inculca-se agora o ateísmo aos jovens.
A irreligião é agora dominante.
A Religião é essencial para a Felicidade.

CONHECIMENTO DA NATUREZA

Antídotos contra o Ateísmo.
A acção de Deus em a Natureza desmente os ateus.
O conhecimento da Natureza é um passo para o conhecimento de Deus.
A Humildade e a Reverência são antídotos contra a Hipocrisia.
E estas podem alcançar-se comunicando com a Natureza:

• Nos Mares
Na Terra
Entre as Montanhas.

O SER HUMANO

Para comunicar com a Natureza não é preciso ir longe.
O corpo humano e suas maravilhas.
Os seres microscópicos.
O Mundo Animal.
O Entendimento.

O DIVINO

A Alma.
Todas estas coisas levam à compreensão de que Deus é Amor.

PENSAMENTOS ORIENTADORES DE VÁRIAS ORIGENS.
LEITURAS ACONSELHADAS.

IRRELIGIÃO

O ATEISMO

Há bastante gente sem religião, que não acredita em Deus: são os ateus.

Só na Grã-Bretanha há nove sociedades de ateus. Têm todo o direito de possuírem opiniões próprias neste assunto, mas quando procuram, como sempre fazem, inculcar as suas ideias a outros, tornam-se inimigos da pior espécie.

Algumas destas sociedades atacam directamente as crenças religiosas alheias de forma muito ofensiva, mas é convicção minha de que, procedendo assim, fazem na realidade mais bem que mal à religião visada, visto que leva os crentes a tomarem a defesa e a esquecerem as suas pequenas diferenças para se unirem e repelirem tais ataques.

Eis uma amostra do tipo dos ataques infundados que fazem à religião cristã. É um dos vários que a imprensa tem citado nos últimos anos.

«A cerimónia fundamental dos cristãos, conhecida por missa ou comunhão, que consiste em comer a carne e beber o sangue do judeu chamado Jesus, é superstição nojenta e degradante, que faz lembrar um festim de canibais, donde, com toda a probabilidade, tira a sua origem.

O Cristianismo rebaixou e perverteu o nível da verdade em todos os campos. Não é exagero dizer que infectou o mundo de falsidade».



O PEDANTE INTELECTUAL

Para todo o cristão que crê na sua religião isto é um insulto revoltante. Ao mesmo tempo, é uma provocação directa. Mas não é disso que desejo tratar.

Além dos adversários da religião há muitíssima gente que, embora não se oponha violentamente à religião, não tem por ela interesse especial. Nalguns casos, nunca lhes mostraram bem o que ela é; noutros, não se lhes apresentou muito atraente ou inspiradora e abandonaram-na. Mark Twain disse que era contrário a falar da religião, visto que esta tratava do Céu e do Inferno e tinha amigos em ambos.

Por outro lado, conheci nos confins da selva não poucos homens profundamente religiosos, que, em rapazes, não tiveram nenhum ensino religioso, mas que chegaram à conclusão da existência de Deus pelo que viam das suas obras e das suas maravilhas na criação.

Um homem assim chegou à conclusão de que ele próprio é parte e membro dessa maravilhosa criação, mas melhor equipado do que outros animais por ser dotado de entendimento, a faculdade de admirar a beleza e o sentimento de simpatia pelos outros homens, facto que implica também que tem dentro de si qualquer parcela do espírito divino.

Deus Criador é reconhecido pela maior parte das diferentes confissões religiosas que, não obstante, divergem quanto ao verdadeiro carácter das relações do Criador com a alma humana.

Na crença cristã tem-se por certo que Jesus Cristo veio viver entre os homens para lhes mostrar e fazer sentir que Deus é Amor e que os sacrifícios de oferendas feitas a Deus nas velhas religiões supersticiosas não eram tanto o que era preciso como o sacrifício da própria pessoa ao serviço de Deus.

A RELIGIÃO É ESSENCIAL À FELICIDADE

Se estás realmente empenhado em abrir caminho para o êxito — ou seja, a felicidade — não só precisas de fugir

a deixar-te iludir pelos impostores da irreligião, mas precisas de assentar a tua vida em bases religiosas.

Não se trata apenas de ir à igreja, de conhecer a história bíblica ou saber teologia. Há muitos que são sinceramente religiosos quase sem darem por isso e sem terem estudado. A religião muito resumidamente quer dizer:

— Primeiro: conhecer quem é Deus e o que Ele é.

— Segundo: aproveitar o melhor possível a vida que Ele nos deu e fazer o que Ele quer de nós. E isto consiste principalmente em fazer alguma coisa pelos outros.

Deve ser esta a tua crença, não apenas para meditar ao domingo, mas para servir de norma em todas as horas e em todas as fases da tua vida quotidiana.

Como meios de alcançar estes dois objectivos e fugir ao ateísmo, há duas coisas que quero recomendar-te:

— Uma é que leias esse velho livro extraordinário que é a Bíblia, na qual, além da Revelação Divina, acharás uma obra interessantíssima de narrativas históricas, de poesia, bem como de moralidade.

— A segunda é que leias o outro tomo maravilhoso que é o Livro da Natureza, e que observes e estudes o melhor que possas as maravilhas e as belezas que esta nos apresenta para nosso deleite. E depois considera como poderás servir a Deus da melhor maneira enquanto dispões daquela vida que Ele te concedeu por empréstimo.

O LIVRO DA NATUREZA

O que vou dizer aqui destina-se àqueles que não têm crença definida ou que estão em risco de serem atraídos por este escolho do ateísmo.

Dizem os ateus que são contra a religião cristã e outras formas de religião, porque estas são superstições e não princípios orientadores da vida. Asseveram eles que uma religião que tem de se aprender por livros escritos por homens não pode ser verdadeira. Mas parece que não vêem que, além de livros impressos, e independentemente da Revelação, Deus nos deu para primeiro passo o grande

livro da Natureza, e não podem dizer que nesse não há verdade, visto que têm os factos à vista.

Shakespeare fala-nos de sermões nas pedras, línguas nas árvores, livros nos regatos murmurantes e Deus em todas as coisas. Bacon escreveu: «O estudo do Livro da Natureza é a verdadeira chave da Revelação».

O Alcorão diz: «Não vês que tudo quanto há nos Céus e sobre a terra serve a Deus? O sol, a lua, as estrelas e os montes e as árvores e grande parte dos homens?»

Espero que me não interpretem mal. Não aconselho o estudo da Natureza como culto ou como substituto da Religião, mas advogo a compreensão da Natureza como um passo, em certos casos, para a conversão religiosa.

Este processo poderá atrair aqueles com quem outros métodos foram infrutíferos, especialmente para os que pendem para o ateísmo ou que não têm ideias religiosas específicas, ou que as tiveram e as abandonaram. Talvez os ajude a voltar por caminho novo à Igreja.

As palavras seguintes de David Grayson expõem o que me parece dever ser a história de grande número de pessoas da nossa época.

«Há vinte anos que sou botânico. Quando era rapaz acreditava implicitamente em Deus. Rezava-lhe e tinha a visão d'Ele — pessoa — diante dos olhos.

«À medida que crescia em anos, concluí que não havia Deus. Expulsei-O do Universo. Acreditava só no que via ouvia e apalpava.

«Falava da Natureza e do mundo real.

«E agora—segundo me parece—não há senão Deus».

O CONHECIMENTO DA NATUREZA É UM PASSO PARA A COMPREENSÃO DE DEUS

O Bispo de Winchester fez durante a Grande Guerra um inquérito entre os capelães da frente que acabou por mostrar que grande parte dos nossos soldados pouco compreendiam ou praticavam a religião.

Depois li que, nalguns casos, a Fé esteve em risco de

se transformar em superstição, e para remédio sugeriu-se que «a criança precisa de qualquer coisa tangível para assentar os alicerces da Fé, aliás imbui-se de superstição. Em grande parte isto é o resultado de se procurar ensinar a religião com base na imaginação». Por outro lado, sei que entre os nossos jovens de hoje há sincero desejo de religião — religião que possam compreender e praticar.

Durante a guerra encontrei centenas de jovens soldados ansiosos por tomarem por escrito o compromisso de cumprirem a Promessa e a Lei do Escuta (Ver pá. 243) como coisa tangível para esse efeito.

Falaram-me há pouco dum grupo de jovens trabalhadores que se fizeram «Caminheiros» (ver pág. 232). Eram uns trinta e pediram ao dirigente que se realizasse aos domingos uma reunião para lhes ensinar a religião. Para pessoas assim espero que as minhas sugestões sejam úteis.

O espírito têm-no eles, sem dúvida, mas também é precisa a forma, logo que cheguem a compreender alguma coisa da Natureza Divina e do Serviço de Deus.

No épico indiano Mahabarata encontra-se a lenda de que um sacerdote activo estava descontente com a pouca fé dum membro do seu rebanho. Ao ser acusado de irreligião, o homem desculpou-se dizendo que se esforçara muito, mas verificara que a religião não estava dentro das suas possibilidades.

O sacerdote agarrou logo nele, meteu-lhe a cabeça debaixo de água, e ali o conservou até que quase se afogou. Mas tantos esforços fez e tanto se debateu, que conseguiu por fim libertar-se. Quando protestou contra esta violência, o sacerdote replicou: «Se neste mundo de dificuldades fizesses para achar o auxílio de Deus metade dos esforços que fizeste para respirares, quando estavas na água, não tardarias a encontrá-lo».

HUMILDADE E REVERÊNCIA

Um dos antídotos contra a presunção do ateísmo é a Humildade acompanhada da Reverência — coisa tão diffi-

cil de aprender como de ensinar. Permitti que vos apresente um ou dois casos do que se conseguiu pelo contacto com a Natureza.

Num dos seus livros dizia Temple Thurston que estivera a contemplar uma bela paisagem, tão magnífica na verdade que pensava para consigo: «Que diria um cidadão se fosse de repente transportado do seu ambiente parda-cento para a contemplação deste espectáculo admirável?»

O mais provável seria que, arrebatado pela surpresa, havia de soltar exclamações nada protocolares; a linguagem corrente não serviria para exprimir a explosão do seu prazer.

Pois foi exactamente o que succedeu a um soldado na guerra Sul-africana, quando, após longas e fatigantes marchas através da estepe, chegou inesperadamente ao espectáculo imponente que se estende aos pés do espectador num sítio chamado o «Balcão do Diabo» no Transval oriental.

«Meu Deus!», exclamou, «e haver parvos do diabo que dizem que não há Deus!»

A maravilha do espectáculo arrebatou-lhe também a imaginação rude e arrancou-lhe a exclamação que, embora blasfema, segundo Thurston lembra, seria, pela razão que a produziu, aceitável a Deus.

Em todo o caso, não é má resposta dada ao ateu.

Os marinheiros são muitas vezes profundamente religiosos em consequência do contacto com a natureza, especialmente quando passaram a ser responsáveis pelo navio. Quando o seu navio se eleva acima da montanha do mar mortífero — no meio do vendaval uivante de granizo e espuma — conhece o poder e aprecia o respeito das forças da Natureza contra as quais procura avançar.

Em pé, sôzinho na ponte de comando e dando ordens para a segurança das almas que estão confiadas à sua guarda, não pode deixar, por vezes, de sentir-se no mais íntimo contacto com o Poder mais alto de quem tudo depende.

Esse contacto é principalmente o reconhecimento e o respeito por um Poder maior que ele próprio.

Entrega-se nas mãos desse Poder e procede confiadamente em colaboração com Ele.

AS MARAVILHAS DA SELVA

Quem nunca viajou pela selva brasileira ou da África Ocidental Central mal pode fazer ideia da sensação opressiva que invade quem caminha através dum cenário que ao primeiro contacto apresenta a beleza e maravilha da floresta tropical. Lembra até ao espírito menos sensível a graça e a majestade de uma catedral. Mas apesar do seu encanto, no seu débil crepúsculo e vegetação pantanosa oculta-se o horripilante. O viajero avança através do emaranhado da vegetação rasteira, com árvores a fecharem por cima o sol e o ar. E muito acima destas os gigantescos algodoeiros e outros monarcas da floresta erguem a cabeça a setenta metros acima do solo. Mas essas cabeças mal se vêem enquanto se caminha às apalpadelas sobre as folhas em decomposição, entre as plantas rastejantes, juncos e matagal. Enquanto se anda, dia após dia, e talvez semana após semana, através da mesma obscuridade, esquece-se a sua beleza pela repetição contínua e a prisão transforma-se em horror de que se sabe que não há fuga nem alívio. Uma depressão doentia aperta o viajante nas suas garras; casos há em que os homens são presa da melancolia e da loucura.

E depois, à noite, enquanto dormis na escuridão, no sossego brando da noite tropical, a floresta cala-se mas ouvem-se vozes débeis a falar por toda a parte. O chiar dos ralos, o coaxar das rãs, o soltar e cair das folhas, e o frouxo sussurro da brisa a brincar entre os ramos lá do alto. De vez em quando, com grandes intervalos, quebra o silêncio o mais impressionante de todos os ruídos da selva — o estalar atroador e dilacerante do veterano que, entre as árvores gigantes, se despede da vida secular e cai do seu posto altivo para nunca mais ser visto.

Segue-se um momento de intenso e, por assim dizer,

respeitoso silêncio e depois as vizinhas da floresta põem-se a segredar novamente.

O homem parece aqui inteiramente deslocado e um intruso. É principalmente um reino vegetal onde se admitem insectos. E não obstante, a vida, a sensação, a reprodução, a morte e a evolução continuam em marcha constante, em obediência à mesma grande Lei que a todos nos governa no nosso mundo exterior. Nas plantas e animais da floresta o homem tem os seus semelhantes.

Para os que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir a floresta é simultaneamente um laboratório, um clube e um templo.

ISOLADO NOS ANDES

Certa manhã, antes do alvorecer, parti a escalar uma vertente dos Andes da América do Sul. A obscuridade frígida dos primeiros alvares do dia era acentuada pela profundidade do desfiladeiro donde partia, e os cumes recortavam-se no céu em redor, mas na escuridão era difícil calcular-lhes a altura ou a distância a que se encontravam. À medida que subia a encosta à minha frente, a luz foi-se gradualmente revelando e penedias e rochedos erguiam-se mais nitidamente definidos. O ar era frígido, claro e parado, e o grande silêncio tenso do ambiente parecia oprimir-me. Nem o murmúrio dum regato, nem o pio das aves, nem o sussurro da brisa. Silêncio absoluto. E todavia não parecia silêncio de morte; parecia antes que tudo — montes e vales, cristas e penedos — estar perfilado, em sentido, aguardando a chegada do dia. Parecia quase sacrílego quebrar o silêncio com as passadas entre as pedras do caminho.

Mesmo à minha volta a encosta era nua. Pouco mais acima ficava o horizonte, para o qual continuava a subir enquanto ele continuava a recuar. Olhando para trás, havia um outro horizonte semelhante, apenas alguns metros abaixo, na direcção da treva que eu deixara. Descrevendo a mesma escalada, certo escritor comparou o escalador a

uma formiga a subir uma dorna. E era essa a impressão que eu tinha.

Depois, por cima das espáduas dos penedos que me rodeavam, começaram a aparecer as cristas de penedos mais altos e cumes parecidos com gigantes que se erguiam mais nitidamente à luz da manhã, mas todos frios e rígidos, olhando-me por cima dos ombros dos seus vizinhos inferiores. Eu era o único objecto movente em toda aquela imensidão de rochedos e picos rígidos. Sentia-me intruso e insignificante naquela solene vastidão.

Aqui os estratos e variedades das rochas falavam de milhares de milhares de anos, desde o tempo em que esta nossa terra estava a ser moldada no cadinho.

No meio de tudo isto eu não era mais que insecto efémero.

Subi e continuei a subir e tornou-se mais difícil respirar, ao mesmo tempo que a impressão de isolamento e pequenez se acentuava naquele profundo silêncio e no meio daquelas vastas empenas do tecto do mundo.

De repente, vi em cima dum deles um grande pico branco esverdeado de neve eterna, nitidamente recortado contra o céu; logo outros e mais outros por todos os lados. Parecia que os maiores gigantes da cordilheira, em cujas íngremes encostas nunca pousara pé humano, estavam a erguer-se para me olhar de alto — frios, severos, implacáveis. As alturas estupendas, o silêncio sombrio, a solidão e a imensidade, tudo parecia apavorar-me. Eu estava quase fora de mim, a ponto que senti desejos de gritar para quebrar o encanto. E todavia, o mais forte dos brados humanos não produziria ali mais efeito do que o piar da carriça, como uma vez o ouvi nas vastas ruínas do Coliseu de Roma.

Instintivamente tentei fechar os olhos, quando um estranho clarão fulgiu no ar acima de mim. Olhando por cima do ombro, o que vi fez-me perder a fala. Um dos altos picos, que momentos antes fora azul pardo, iluminou-se de repente e apresentou no cume uma massa alaranjada, ofuscante, com as fraldas inferiores em sombras

opalescentes de roxo, azul e verde, e toda esta massa se salientava com nitidez impressionante de contorno e pormenor contra o céu sombrio que lhe servia de fundo.

E olhando em redor, um pico após outro revestia-se do esplendor da aurora.

Eu sentia que aquilo era demais para um pequenino espírito mortal abarcar — era um intruso num lugar sagrado. Era coisa ímpia e acima da compreensão humana assistir neste ponto elevado à *toilette* matinal da própria Natureza. Nada havia de comum entre esta cena divina e a vida dos homens que eu deixara lá em baixo nas trevas.

Avancei cambaleando, quase horrorizado por tudo isto, quando, no momento em que mais precisava de contacto com o mundo humano, acima da cumeada seguinte ergueu-se uma figura perante mim — a figura de «Cristo Redentor».



O CRISTO DOS ANDES

Não era o conhecido corpo enternecedor pendente da Cruz, mas um grande Ser generoso de largas vestes flutuantes e de braços abertos, protectores e acolhedores.

Bela estátua, bem situada para marcar a fronteira e simbolizar a paz perpétua entre a Argentina e o Chile, mas ainda mais bem situada do que o escultor projectara, pois forma, desse lugar, um elo de ligação entre o humano e o Divino — o laço que Cristo quis dar quando no Seu tempo viera à terra.

Há pouco li algures:

«Nos montes, um homem torna-se uma espécie de Yoga, onde apenas se pode caminhar, dormir e pensar.

«Não sei qual a razão; nove décimos das gentes que habitam acima de 1400 pés são budistas. Os montes quase vos persuadem a sê-lo.

«No silêncio da noite escutámos-lhes as vozes; somos absorvidos pela imensidão que nos domina por todos os lados. Depois, quando nos libertamos dos cuidados e preocupações imediatas, o espírito dilata-se e alargam-se os ciclos do conhecimento. Nas cidades quentes onde os homens se aglomeram, precisa-se de alguma coisa a que cada um se apegue — um Salvador pessoal, uma lanterna em mão segura e querida, vozes reconfortantes na escuridão. Mas aqui não se procura, sabe-se. O «eu» desvanece-se. A Natureza tem um fim místico que te diz respeito — remota, não individualmente.

«Podes sonhar à parte, mas és igual às sementinhas das ervas e aos seixos arredondados, sem qualquer privilégio».

AS GRANDES CATARATAS

Abraão Lincoln, contemplando as cataratas do Niagara, disse: «Recordam o passado longínquo; quando Colombo primeiro avistou este continente, quando Cristo padeceu na Cruz, quando Moisés conduzia os israelitas através do Mar Vermelho, ou antes quando Adão saiu das mãos do Criador, já o Niagara rugia como hoje... Mais antigo que o primeiro homem, o Niagara é tão forte e jovem hoje como há dez mil anos. O mamute e o mastodonte... contemplaram o Niagara, que nestes milénios nunca por um instante parou, nunca secou, nunca gelou, nunca adormeceu, nunca descansou».

Ao registar estas palavras John Wesley-Hill escreve: «Estas reflexões sobre o Niagara abrangiam toda a obra da criação, a existência de Deus, o mistério e o poder do Universo, a história, a redenção e o destino do homem... Deste reconhecimento de Deus na natureza vai apenas um passo para a compreensão do Divino nos negócios humanos».

É pura verdade; compreendê-lo-eis se um dia estiverdes na borda daquela formidável garganta que forma as cataratas de Vitória, na África do Sul. Neste ponto o Zambeze, vez e meia mais largo que o Niagara, arremessa as suas águas a uma profundidade de 100 metros para os redemoinhos escuros do abismo.

Longe de centrais eléctricas, carros eléctricos e restaurantes de turismo, esta formidável catarata impõe-se à imaginação com maior impressão ainda.

Aquele trovão que se ouve a algumas milhas de distância nunca deixou de abalar o ar desde que o tempo é tempo. O corredor em ziguezague de 100 metros de profundidade que o rio cavou para si numa extensão de quarenta milhas de rocha maciça fala dum processo de desgaste não de milénios mas de milhares de milhares de anos. Faz-se aqui alguma ideia da pequenez do homem e dos seus esforços efémeros a lutar e azafamar-se com ninharias que não contam. Percebe-se então, talvez vaga e imprecisamente, que nos envolve a grandeza — que existe um Criador que é Deus.

A BELEZA DA NATUREZA

Muitos cidadãos não chegam nunca a apreciar as belezas da natureza, porque poucas vezes as observam. Têm os olhos mais habituados a ver lojas, anúncios, gente e «Primeiro a Segurança».

Mas aqueles que têm vivido até certo ponto com a Natureza e aprenderam a apreciar-lhe as belezas, podem, quando vêm à cidade, descobri-la de vez em quando até mesmo nas ruas sujas.

Em certa época da minha vida tinha de atravessar todos os dias a ponte de Westminster, uma vez ao nascer e outra ao pôr do sol, e quase se não passou dia em que não parasse a observar o espectáculo com o vivo prazer que nos dão as cores ricas do nascer e do morrer do dia; e nos tons de pérola, cinzento e lilás das sombras e dos contor-

nos que, graças ao velho nevoeiro de Londres, naquele sítio dominam de modo particular.

Um meu irmão artista foi de propósito a Newcastle pintar o fumo e o vapor, devido aos seus efeitos admiráveis sob a acção do sol e das nuvens.

As próprias nuvens formam quadros, e por vezes quadros que fazem pensar. Ainda agora trago na memória um pôr do sol que contemplei há mais de trinta anos no *veldt* sul-africano.

Espectáculo sump-tuoso como o duma entrada chamejante que dava para brilhantes interiores de ouro. A entrada por onde passam os que vão para o outro mundo.

Já alguma vez te impressionou assim o pôr do sol?

O meu companheiro rezava.

Por que razão gosto de pescar? Não é só pelo prazer de apanhar peixes. Passo o dia bem, quer apanhe quer não. Vou PESCAR e não APANHAR peixe. O que quer dizer que o ambiente de pescar me atrai.

Na erva rica e viçosa dos prados, com o dourado reluzente e o perfume dos raínúnculos e o verde escuro das árvores frondosas, o pescador está só com a natureza. O zumbido dos insectos, as ratas de água incansáveis a chapinhar no rio, o lúgubre «tamborilar» da narceja, o pica-peixe azul reluzente, estes e outros sócios da natureza tornam-se companheiros nossos.



O CANCHINJUNGA,
ONDE O HOMEM NÃO PÕS PÉ

Mas há ainda outras cenas. Shackleton via um espectáculo diferente quando disse que a paisagem campestre estava muito bem.

«Está muito bem para nos fornecer a manteiga e o carneiro assado; mas há outro tipo de paisagem que desperta o que há de melhor na alma do homem. Não me é possível dizer-vos o que vale, para o explorador que caminha envolto em nevoeiro num país novo, quando de repente a névoa se dissipa e ele se encontra a contemplar montanhas que a vista humana jamais vira».

Sim, nesse ponto concordo com ele também. Amo a beleza calma do campo inglês, como amo a vasta extensão e liberdade do *veldt* ondulante da África do Sul.

Amo as águas rápidas e as florestas acenantes do Canadá; mas o que mais me impressionou foram as profundidades e alturas dos Himalaias e a majestade daquelas neves eternas que erguem os cumes pontegudos muito acima do mundo, immaculados de pés humanos, mas de todas as coisas terrenas as que mais se aproximam do Céu.

EXCURSIONISMO

Poderás responder: «Sim, mas não me é possível chegar às montanhas, aos oceanos e à floresta virgem. Como poderei então ver e apreciar as maravilhas da natureza e as suas mensagens?»

Falando a sério, quase se pode fazer o mesmo na nossa terra, se quisermos sair da cidade e subúrbios e penetrar no campo aberto, nos bosques e nos prados.

«Com o teu cavallinho de aço entre os joelhos teus
«poderás ir à vontade para onde te der na gana»,

levando contigo a tua casa de lona, a tua manta ou a tua panela — e a *LIBERDADE*. No meio do campo aberto que Deus nos dá, de preferência em excursão — isto é, em passeio — aspirando os esplendores do céu, da terra e do mar; vendo as cores dos bosques e dos campos, cheirando

as flores e o feno; ouvindo a música dos regatos e das aves e o segredar do vento, aprendendo a conhecer os animais e os seus hábitos até te convenceres de que és sócio de todos e reconheces que fazes parte do grande plano da Natureza.

David Grayson escreve em *A Estrada Amiga*: «De tempos a tempos costumam estes «Samurai» desprender-se deste mundo superlotado, dos homens, e com troixas às costas afastar-se para lugares distantes no deserto ou para os cumes de gelo perpétuo. Estou convencido de que todo o homem precisa duma mudança como esta, uma oportunidade de meditar, de nos sentirmos mais presos à vida, mais seguros em Deus. Mas não é para mim a crista de neves eternas, nem o deserto. Escolho a Estrada Amiga e toda a gente vulgar que mora à beira dela».

O CORPO HUMANO COMO ELEMENTO DE ESTUDO DA NATUREZA

Independentemente de bosques e campos, não precisas de te afastar de ti mesmo para iniciares o estudo da natureza. Donde vieste? Duma minúscula semente nada maior que a cabeça de um alfinete que todavia te deu corpo de carne e osso e nervos, semelhante a teu pai e tua mãe, forte e capaz de obedecer a todas as ordens do espírito.

Tem um mecanismo maravilhoso em todas as suas parcelas. Contemplai o olho, esse aparelho delicadíssimo e admirável, acima de tudo quanto o homem possa inventar. Informa instantaneamente o entendimento do que se passa perto ou longe, da beleza ou fealdade, das formas e cores das coisas. Lê esta página e das letras aqui impressas transmite pensamentos e ideias ao cérebro, que este põe de reserva para servirem mais tarde, quando preciso for.

Tocai no livro com o indicador e reparai, por simples que seja o acto, que maravilhoso é, não obstante.

O olho telegrafa ao cérebro, «o livro está à distância de tal», o cérebro ordena ao músculo que desloque o braço, mão e dedo para aquele sítio imediatamente. Os nervos da ponta do dedo respondem logo ao cérebro que o trabalho

se fez e que o livro está frio ou quente, é áspero ou liso, e assim por diante.

Pergunte-se ao «Sr. Ateu» quem foi que inventou e construiu essa máquina admirável. E não apenas um exemplar mas milhões em todo este mundo de maravilha, iguais nos pormenores mínimos, sem que todavia haja duas inteiramente iguais, em entendimento, corpo ou aspecto. Coloca o dedo na artéria do pulso logo abaixo do polegar, ou apalpa o coração no lado esquerdo do peito. Aí verificarás o mesmo fenómeno extraordinário, o sangue quente a ser incessantemente lançado através das artérias.

Estas distribuem-se por todas as partes do corpo, e o sangue volta depois pelas veias, já poluído, ao outro lado do coração, para ser purificado pelos pulmões com oxigénio puro do ar.

E esse trabalho está sempre a realizar-se sem que nos ocupemos dele; quer a dormir quer acordados, esse valente coração não cessa de trabalhar.

Se fizesse parede e deixasse de trabalhar, um minuto que fosse, morríamos. Os seus fios telegráficos são os nervos, que lhe trazem comunicações do cérebro, logo que os olhos ou ouvidos lhe comunicam qualquer facto anormal. Assim, se perto de nós se ouvir um estrondo forte e repentino ou o ouvido nos disser de noite que alguém se aproxima rastejando para nos cravar um punhal, o ouvido diz ao cérebro, este diz ao coração, e este aumenta logo o número de pulsações.

Quando corremos ou fazemos um esforço maior nas subidas, também se requiere mais sangue puro e respiramos mais fundo o ar puro para renovar o sangue; e o coração entrega-se à sua tarefa com redobrado vigor.

Muito lhe devemos; a saúde, a própria vida dependem do desempenho das suas funções. Não obstante há milhares de pessoas que não se lembram dos seus deveres para com o coração.

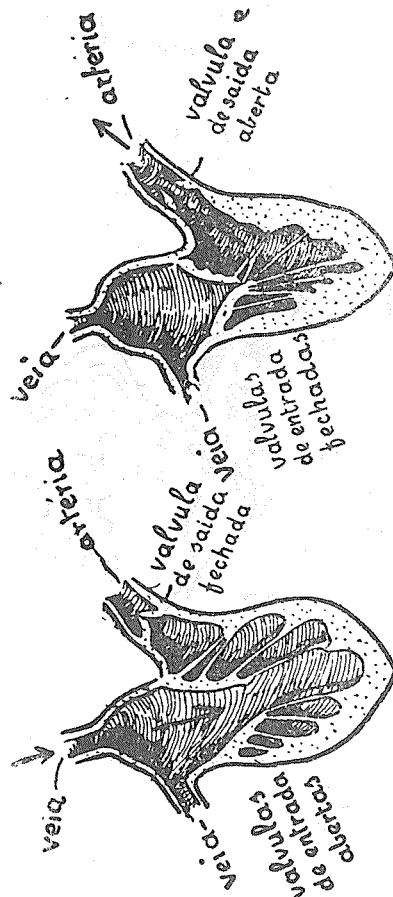
Não lhe faz bem nenhum ser obrigado a movimentar as válvulas mais depressa do que a natureza requiere. Se

se obriga muitas vezes a fazê-lo, as válvulas enfraquecem e não conseguem renovar o sangue e surge a doença. Se, por exemplo, bebermos álcool, aumenta o ritmo do coração, e se continuarmos a beber, o coração enfraquece seguramente.

Outro tanto acontece a quem fuma muito, especialmente tratando-se de jovens no período do crescimento nos quais os músculos do coração ainda não atingiram a robustez total para resistirem ao esforço que se lhes exige.

Em resultado disso há milhares de rapazes que arruinam a saúde e robustez para toda a vida, abalando ignorantemente o coração com o excesso do tabaco.

O esboço acima mostra-nos o funcionamento admi-



O coração fecha as grandes válvulas para impedir o sangue para as artérias

CORTE DO CORAÇÃO NO ACTO DE EXPULSAR

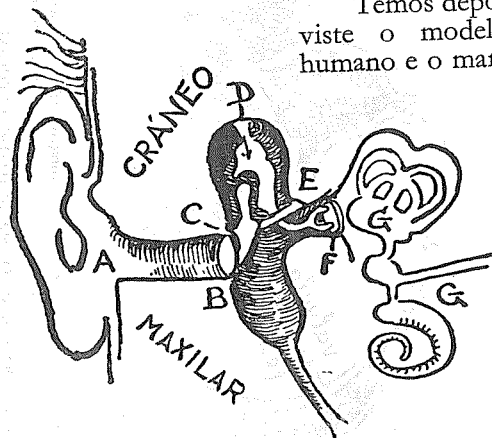
rável de válvulas que se realiza no coração uma vez por segundo.

Copiei-o do livro do Dr. Shelley «*Vida e Saúde*», que deveis ler se quiserdes adquirir conhecimentos completos expostos de modo interessantíssimo a respeito de todos os órgãos do corpo e das suas diversas funções. É leitura realmente instrutiva. Não se vos diz lá, mas posso dizê-lo aqui, que uma multidão de homens que se distinguem, quando novos, em corridas e regatas de remo morrem relativamente novos de doenças cardíacas causadas pelos esforços abusivos da mocidade.

Temos depois o ouvido. Já viste o modelo do ouvido humano e o maravilhoso mecanismo que contém para transmitir todos os sons ao cérebro?

Levar-nos-ia muito tempo a expor aqui as maravilhas desse aparelho, mas este esboço da secção do ouvido dar-te-á uma ideia do que ele é.

Parece-me que, se cada um estudasse um pouco do seu corpo e do modo como funciona, não tardaria a formar uma ideia nova da obra maravilhosa de Deus e compreenderia que



CORTE DO OUVIDO INTERIOR — MARAVILHA DE DELICADEZA

O som entra pelo tubo A e faz vibrar o tambor B. Este põe o martelo C a bater na «bigorna» D, e agita o «estribo» E, que bate no segundo tambor F. Aqui há uma espécie de concha de caracol G cheia dum fluido que se agita sob a acção das vibrações do tambor H e que na parte inferior do tubo está em contacto com uma porção de pelos minúsculos. Quando agitados, eles tocam nos nervos que comunicam o som ao cérebro.

modo como funciona, não tardaria a formar uma ideia nova da obra maravilhosa de Deus e compreenderia que

Ele actua realmente no seu corpo, bem como no seu espírito.

E quando, como algum de vós já viram, estes corpos maravilhosos com todos os seus mecanismos vivos, complexos e perfeitamente coordenados, se vos apresentarem esmagados, destruídos ou mutilados por bombas e granadas de fabrico humano em batalhas humanas, por vilanias praticadas por homens, sentireis que a guerra tem qualquer coisa de perverso e de ímpio.

Observa os veios da pele da ponta dos dedos, com os seus múltiplos círculos e curvas, faz com tinta uma impressão em papel e examina-a com uma lupa. Podes examinar as de milhares de outras pessoas, mas não encontrarás uma única que os tenha exactamente iguais aos teus. Considera qualquer parte do teu corpo e a sua perfeição, suas sensações e o que faz por tua ordem. Começas então a fazer ideia da maravilhosa máquina viva que te foi confiada para dela te servires bem e a sentir respeito pelo teu próprio corpo.

A NATUREZA MICROSCÓPICA

Toma uma gota de saliva e coloca-a numa placa de vidro sob o microscópio e verás que contém centenas de seres vivos pequeníssimos, de forma delicada e semelhantes entre si, dotados de vida e movimento e da faculdade de se alimentarem e reproduzirem.

Sai para o quintal ou para o parque mais próximo e observa as plantas, colhe uma só dentre os milhares de folhas duma árvore e examina-a ao microscópio, compara-a com outra da mesma árvore ou doutra árvore da mesma família situada a mil léguas daquela. Serão ambas exactamente iguais na forma e na contextura, todavia cada uma delas terá as suas minúsculas diferenças individuais. Ambas terão também a faculdade própria de respirar e de sentir o calor ou o frio, a saúde ou a doença. Cada planta nasce, vive, reproduz-se e morre, exactamente como qualquer animal.

AS POSSIBILIDADES DO ELECTRÃO

Sabes que é um electrão? É uma partícula mínima de electricidade que nos vem do sol que fica a milhões de milhões de quilómetros. É difícil explicar a sua pequenez. Consideremos o átomo. Este é a partícula de matéria mais pequena que existe. É pequeno de mais para se ver, mas uma bomba de hidrogénio, do tamanho da letra *o* de imprensa contém milhões de átomos.

É o átomo é mil vezes maior que o electrão.

No livro *Esboço da Ciência* do professor Arthur Thompson, onde tudo isto se explica, o autor mostra que, se pudéssemos ampliar um átomo até ficar do tamanho da Catedral de S. Paulo, cada um dos seus electrões ficaria do tamanho duma pequena bola!

Isto deve fazer-te pensar que há no mundo coisas pequenas de que nunca tinhas dado conta! É verdade, e são também coisas de maravilha.

«Um electrão», diz Sir William Bragg, «não pode ter existência independente, senão quando percorre mais de 600 milhas por segundo. Aliás o electrão fixa-se no primeiro átomo que se lhe depara no caminho». Pode deslocar-se à velocidade de 10 000 a 100 000 milhas por segundo, ou, por outras palavras, podia dar a volta ao mundo meia dúzia de vezes num segundo! Isto é em si uma maravilha, mas outra é a forma como os homens de ciência conseguiram descobrir isto. Foram ainda mais longe e averiguaram que um setentavo dum grão de rádio produz trinta *milhões* de electrões por segundo!

Em roda de nós existe imensa massa de força e energia, que só recentemente foi descoberta. Resta que alguém a domine para serviço do homem e as condições de vida modificar-se-ão incalculavelmente.

Há poucos anos nada se sabia da electricidade. Descobriu-se e aproveitou-se com magníficos resultados. Já tornou possíveis coisas que os nossos avós teriam classificado de obras nefandas do demónio, tais como a telegrafia sem fios e o telefone. Mas aí estão.

O descobrimento dos electrões veio demonstrar que até as nossas ideias dos últimos anos estão já antiquadas quanto à natureza da electricidade. Por isso quem poderá dizer o que os anos mais próximos irão realizar?

Diz Sir W. Bragg: «A energia atómica vai satisfazer as nossas futuras necessidades. Poderão passar mil anos até podermos dominar o átomo, ou o dia de amanhã poderá ver-nos com as rédeas na mão. É essa a característica da Física: a investigação e os descobrimentos acidentais caminham de mãos dadas».

Que tremenda possibilidade para aquele que faz dos átomos, moléculas e electrões o seu passatempo de horas vagas! Tornar-se-ia logo o maior benfeitor da humanidade que jamais se viu no mundo.

As maravilhas e mistérios da natureza não têm limites. Vós os homens da geração seguinte tendes enormes possibilidades à vossa frente. O seu estudo tem, pois, valor material — mas quanto mais os estudardes, mais humildes vos tornareis perante a obra do Criador.

NATUREZA TELESCÓPICA

Ora olha para o céu. Vai alto aquele avião, quase se não vê, mas que fica para lá, muito, muito acima dele?

Espaço infinito. Observa-o de noite com o telescópio e verás que aqueles pequeninos pontos de luz a que chamamos estrelas são grandes sóis com planetas a girar-lhes em volta, exactamente como sabemos que a terra e mais meia dúzia como ela giram continuamente em volta do sol com velocidade vertiginosa.

Muitas dessas estrelas estão tão longe que os raios de luz que delas partem (e sabes com que velocidade a luz caminha) levam quinhentos anos, e nalguns casos muito mais, a chegar até nós.

Uma delas podia ter-se estilhaçado no tempo de Henrique V, após a batalha de Agincourt, que a sua luz ainda continuaria a chegar-nos.

Dos pequeníssimos micróbios e átomos que se vêem

ao microscópio a esses vastos mundos avistados com o telescópio começa a compreender-se o que quer dizer Infinito, e quando se percebe que todas as coisas, grandes e pequenas, colaboram com regularidade num grande plano estabelecido, as estrelas que giram no espaço infinito, a formação de montanhas na terra, a vida e a reprodução e a morte em ciclos regulares entre as plantas e germes, insectos e animais, percebe-se que atrás de tudo está uma grande inteligência Mestra e Criadora.

O MUNDO ANIMAL

Para melhor poderes penetrar nas maravilhas da natureza, aí tens a vida animal para a estudares, se quiseres.

Tens as aves com a sua maravilha de penas e dispositivo mecânico de ossos leves que lhes permitem voar, com o seu engenho para construir os ninhos e instintos migratórios que as levam a percorrer metade do mundo para irem e voltarem de certos pontos todos os anos; tens as abelhas, modelo duma colónia socialista, onde todos trabalham para o bem comum com admirável divisão de funções e sentido da disciplina.

Não podes conseguir que um amigo que tem uma colmeia te mostre um pouco da sua vida interna?—de modo que vejas com os teus olhos como as abelhas colhem e fabricam a cera do pólen das plantas misturado com a sua própria saliva; como as construtoras formam com ela as células da mesma forma e tamanho exacto, levemente inclinadas, quando se destinam ao mel; como as abelhas do mel as enchem com o mel extraído das flores para alimentação da comunidade; como a abelha mestra põe os ovos nas células criadoras onde são alimentadas pelas «amas»; como as ventiladoras, colocadas em linhas regulares conservam a colmeia ventilada com as asas; e como as sentinelas e guardas afastam os intrusos à porta da entrada.

O ENTENDIMENTO

Depois, entre os animais maiores, encontras os sagazes, quer bravos quer domésticos, quer sejam focas quer

panteras, cavalos ou cães. Todos têm entendimento e memória para lhes dirigir as forças.

Não é só a mãe humana que ama os filhos. A fêmea do tigre gosta igualmente dos seus cachorros ou a perdiz dos seus pintos.

E também o macho protege a fêmea, seja ele macaco ou javali, ou até peixe, com a mesma valentia e cavaleirismo que um cavaleiro dos tempos idos.

Já se viram animais sacrificar a vida para defender os filhos com tanta coragem como qualquer soldado a combater pelo lar e pela pátria.

Talvez já tivesses um cão capaz de te defender a ti e aos teus bens com a própria vida, se necessário fosse, sem mira em recompensa, mas porque gostava de ti.

E pelo seu proceder se vê como gosta de te manifestar o seu afecto. Dá-lhe prazer executar os teus desejos e prestar-te pequenos serviços.

O homem tem também todos esses atributos do animal. Tem entendimento e memória, coragem e cavaleirismo, o afecto e a felicidade que os animais têm: mas possui-os em escala muito mais elevada. Pode servir-se de todos eles com muito maior proveito.

A ALMA

Como homem, tens esta vantagem sobre o animal — podes conhecer e admirar as maravilhas e belezas da natureza. Sentes o prazer da opulência dourada do pôr do sol, a beleza das árvores e das flores, a majestade das serras, o luar e as vistas longínquas.

Mas, melhor do que isso, podes fazer coisas que estão acima dos animais, e muitos de vós fazem quadros ou poemas ou criam música própria. É mais uma vantagem que tendes para serdes felizes na vida.

Mas é inevitável a lembrança de que de vós se espera alguma coisa mais do que das árvores fixas ou dos animais de faculdades limitadas, alguma coisa mais do que gozar o sol como eles.

Tendes esta inteligência adicional com a capacidade de a aproveitar. Mas desperdiçai-a, se vos não servis dela, ou a empregais mal, como por exemplo quando vos zangais com o vizinho por causa de qualquer questiúncula de política ou de crença, quando tendes à vossa roda a vastidão do universo e Deus para trabalhardes para Ele.

O que é estranho é que no mundo tenha havido mais guerras e desavenças por motivos religiosos do que por quaisquer outros. É mais que estranho, é ridículo, mas ao mesmo tempo é verdade que quanto mais nos preocupamos com as nossas crenças, mais intolerantes parece que nos tornamos para com as ideias religiosas dos outros.

Esqueçemo-nos de que somos todos filhos do mesmo Pai e que procurámos todos cumprir a Sua Vontade, embora de modos diferentes.

Há, porém, uma coisa de que estou plenamente convencido, e vem a ser que Deus não é uma entidade intolerante, como alguns querem supor, mas um infinito Espírito de Amor que não repara nas pequenas diferenças de forma e crença e confissão e que abençoa todo o homem que *procura a sério*, conforme os seus conhecimentos, servi-Lo o melhor possível.

A CONSCIÊNCIA

Como O poderás servir da melhor forma com a inteligência e faculdades que Ele te deu? Se tens dúvidas interroga a Consciência, isto é, a voz de Deus dentro de ti. Dir-te-á logo o que requiere de ti. E isso é geralmente dar da tua boa vontade e dá-la generosamente.

Os animais bulham e rosnam, «os cães gostam de ladrar e morder, é essa a sua natureza», mas em regra não são capazes de se elevarem a ser generosos, caritativos, serviçais e amáveis. Os homens podem fazê-lo quando querem. É aí que o homem atinge o seu nível próprio, isto é, quando exerce, em benefício dos outros, o Amor Divino que tem dentro de si.

AMOR

Na Índia vê-se muitas vezes um faquir que fez voto de trazer sempre um braço erguido e nunca se servir dele. O braço definha e morre. Do mesmo modo, aquela centelha de amor que há em todo o homem, se não for aplicado, esmorece e morre; mas se for exercitado aumenta e fortalece-se e intensifica-se dia a dia.

Servir é deixar o prazer ou comodidade para prestar auxílio a outros que o precisam. Pois se prestares serviços aos outros dia a dia, tanto em pequenas como em grandes coisas, verificarás que estás a desenvolver aquela centelha de Amor que tens dentro de ti até se tornar tão forte, que te transporta alegremente por cima das pequenas dificuldades e aborrecimentos da vida; elevas-te acima deles; estás cheio de boa vontade para com os homens; e a Consciência, a voz que tens lá dentro, segreda-te: «Fizeste bem!»

Esse Amor é como a Piedade que Shakespeare diz ter o duplo condão de abençoar o que dá, bem como o que recebe. Esse Amor é «a parcela de Deus» que existe em todo o homem — a sua Alma.

Quanto mais se desentranhar em Amor e Caridade para com o semelhante, mais dilata a sua Alma.

O Professor Drummond, na sua obra *A Lei Natural no Mundo Espiritual*, lembra que é nisso que consiste a possibilidade para o homem daquilo a que se chama vida eterna; ele dilata a alma que de parcela passa a ser parte de Deus. É nisso que ele encontra a felicidade de ser jogador na equipa de Deus. É aí que ele encontra a alegria do céu, aqui na terra e não num vago algures depois nos céus.

Nisto não há superstição, como o nosso ateu pretende. É facto real que se patenteia a todo o homem que o queira apreciar, contanto que se esforce por alcançá-lo.

Um meio de o conseguir é ler a Bíblia e seguir a história da vontade de Deus entre os homens e cumprir essa Vontade com a tua boa vontade e auxílio aos outros, e com isso te sentirás melhor — e já livre do escolho do ateísmo na viagem para a felicidade.

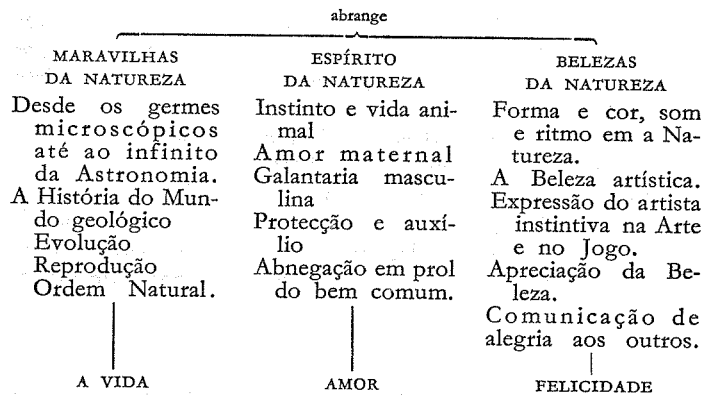
Ora não vás julgar por tudo quanto disse neste capítulo, que estou a procurar converter-te para uma nova religião, que não estou.

Apenas tenho a impressão de que tu que me lês não tens opiniões definidas próprias sobre religião ou que supões que os ateus procuram atrair-te.

Apenas lembro que a melhor compreensão de Deus talvez possa conseguir-se mais pelo estudo da natureza que pelos livros. Sei que isso se tem dado muitas vezes com sertanejos, marítimos, soldados e exploradores, que não tinham até então abraçado qualquer crença religiosa.

Se verificares que o processo te não aproveita, o melhor é falar com um sacerdote que te poderá orientar devidamente para alcançares as verdades religiosas.

O ESTUDO DA NATUREZA



DEUS
em volta e dentro de nós

O SERVIÇO DE DEUS

implica, portanto, estas rubricas

Reprodução sadia conforme os planos da natureza.	Amor desinteressado e auxílio aos nossos semelhantes.	O gosto pela vida e comunicação de felicidade.
--	---	--

PENSAMENTOS ORIENTADORES DE VÁRIAS ORIGENS

Ser bom é uma coisa, fazer o bem é melhor.

Quantos celebram o nascimento de Cristo! Quão poucos observam os Seus preceitos! É mais fácil respeitar os dias santos do que os Mandamentos (*Franklin*).

A Morte e a Ressurreição de Cristo foram um apelo para que morrêssemos para os nossos pecados e renascessemos para nova vida — aqui neste mundo e já.

O estudo do Livro da Natureza é a verdadeira chave da Revelação (*Bacon*).

Ainda que distribuisse todos os meus bens para sustento dos pobres... se não tiver caridade, nada me aproveita. A caridade é paciente, é benigna; a caridade não é invejosa, não é temerária; não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça mas folga com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo sofre (*I Cor. XIII*).

Deus não é um amigo que se ocupa apenas da nossa vida religiosa; pelo contrário, seria para nós auxílio e incitamento considerá-LO amigo íntimo, que se interessa tanto pelos nossos jogos, como pelos nossos trabalhos e pela nossa colecção de selos (*O coração dum Estudante*).

A reverência promete-nos a libertação dos juízos apressados, a amizade pelos homens e a obediência aos Deuses (*Marco Aurélio*).

Compreendo que seja possível a um homem olhar para a terra e ser ateu, mas não compreendo que possa contemplar o céu de noite e dizer que não há Deus (*Abraham Lincoln*).

O LIVRO DE HISTÓRIAS

E a velha madre Natura
Toma a criança no regaço:
«Eis o livro que a ternura
Do Pai te estende no espaço.

Por via nunca trilhada
Segue», diz, «os passos meus,
E lê, de alma extasiada,
O grande livro de Deus».

Quem é cego às belezas da Natureza perde metade do prazer da vida. Sê jogador na equipa de Deus.

A Natureza é escola onde entendimentos diferentes aprendem coisas diferentes: um exprime os seus conhecimentos da Natureza em poesia, outro em quadros, mas todos em Amor tranquilo.

Na introdução às *Maravilhas do Universo*, Lord Aberbury diz: «Vivemos num mundo maravilhoso e belo; mundo que é da maior importância compreender; é perigoso, se não fatal, compreender mal. Não há animal nem planta que não compense bem, já não digo apenas a atenção de uma hora, mas até a dedicação duma vida inteira. Muitas vezes me lamento ao pensar de quanta alegria os nossos semelhantes se privam devido à ignorância das ciências. Se alguém se sente por vezes abatido é por culpa exclusiva sua. Todos os bosques, campos, jardins, cursos de água, lagos, tem grande interesse para quem tem olhos para ver».

Duas coisas há que me encham a alma de admiração constantemente renovada, quanto mais frequente e profundamente as considero: a abóboda estrelada acima de mim e a lei moral dentro de mim (*Immanuel Kant*).

«Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu espírito. Este é o máximo e o primeiro Mandamento.

E o segundo é semelhante a este:

Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas». (*Mat. XXII 37*).

LEITURAS ACONSELHADAS

O Problema religioso da Juventude — Zacarias de Oliveira
O Problema da Vida — F. Lellotte
Naquele Tempo — M. F. Silva
Testemunos do Verbo — M. F. Silva
Deus existe — *Eu encontrei-o* — André Prossart
Mensagem Bíblica para o nosso tempo — Alf. da Glace
A Bíblia tinha razão — Werner Keller
Poemas para Rezar — M. Quoist
Terra Santa — Leonardo Coimbra
Jesus Passou por aqui — Guedes de Amorim

RESUMO

Resumindo em poucas palavras tudo quanto disse nas páginas precedentes. Queres alcançar êxito na vida.

O êxito não consiste tanto em ganhar dinheiro e poder como em alcançar a FELICIDADE.

Muitos jovens há que se deixam ir na corrente levados ao acaso e assim nunca alcançam a felicidade. Em vez de seres *passivo*, sê *activo*. Não te deixes ir na corrente. Segue o teu próprio rumo. Manobra a tua própria canoa. Mas tem cautela com os escolhos! Foge-lhes cultivando outras qualidades.

ESCOLHOS

(Pela tentação da manada)

Cavalos, apostas e assistência a falsos desportos;

Vinho e outras formas de intemperança;

Mulheres, perigos de atitude má e bênçãos de boa;

Extremistas, na política, irreligião, etc.

ANTÍDOTOS

(Pelo esforço individual)

Passatempos activos e ganhar dinheiro.

Domínio de si mesmo e carácter.

Galantaria e saúde do corpo e do espírito.

Serviço de Deus e do próximo.

Se os tiveres em vista pela prática destas garantias, em lugar de naufragares nestes escolhos, alcançarás êxito e felicidade.

Ofereço-te agora no capítulo seguinte um meio prático que te permitirá, se quiseres, realizar por ti a necessária preparação.

CAMINHEIRISMO

CAMINHEIRISMO

Mostra-se aqui como os ideais e teorias expostos nos capítulos anteriores podem ser praticados por qualquer jovem.

OBJECTIVOS DO CAMINHEIRISMO

A nação precisa de HOMENS AUTÊNTICOS.
O sertão é a melhor escola para a formação de Homens.

MÉTODOS

Exemplo dum caminheiro que procura tornar-se viril.
O objectivo da Fraternidade Caminheira é servir o próximo.
Excursões e campismo;
Modo de entrar para o Caminheirismo.
Algumas das práticas do Caminheirismo.

ORGANIZAÇÃO

Regulamento dos Caminheiros:

- Fins.
- Admissão.
- A Lei do Escuta.
- Como se começa.
- Instrução.
- Uniforme.
- Insígnias de caminheiros.
- Escutas do Alto Mar.
- Actividades { Serviços
- { Recreio
- Actividades recreativas das equipas.

SERVIÇO

- O Alpinismo, amostra de actividade recreativa.
- Corpos de socorros a sinistrados e algumas actividades exemplificantes.
- O gosto de viver.
- A responsabilidade do Caminheirismo na restauração do homem viril.
- Fraquezas a evitar ao dar exemplo.
- Um Alto Serviço para caminheiros é a educação da gente nova.

LIVROS DE CONSULTA PARA CAMINHEIROS

CANTARES DUM SERTANEJO DO ALASCA

CAMINHEIRISMO

OBJECTIVOS DA ORGANIZAÇÃO DOS CAMINHEIROS

CITADINOS E SERTANEJOS

Há pouco narraram os jornais o caso duma mulher que foi atacada e roubada por um homem na sua loja.

Foi na rua e em pleno dia. Quando o criminoso fugia, a mulher perseguia-o bradando aos transeuntes que o agarrassem. Um perguntou se o homem ia armado, outro riu-se e incitou-a a apanhá-lo e ela decerto procurava fazê-lo.

Ao dobrar uma esquina perdeu-o de vista e deu com dois trolhas que, interrogados, disseram que o não tinham visto. A corajosa mulher viu-o então a esconder-se atrás deles e deitou-lhe a mão e segurou-o.

O juiz que fez o julgamento teve palavras muito severas para estes cobardes. Esperemos que ao menos tenham tido uns restos de pundonor para se envergonharem.

Este caso não foi pior do que outro, passado há anos, quando uma pobre doente mental se meteu na água até à cinta e se afogou deliberadamente perante uma multidão de homens, sem que nenhum tivesse o arrojo de se meter à água e salvá-la.

Faz pena ouvir estas coisas. Infelizmente são apenas mais dois exemplos impressionantes daquilo que se faz em grande escala, como bater na mulher, maltratar os filhos e usar de crueldade para com os animais, ou seja, casos de falta de virilidade e cavalheirismo por parte da nossa população masculina.

O mal não se limita a uma classe apenas; há milhares de casos de divórcio, em que homens de posição social

atraçoam as esposas ou outros homens, exactamente como outros atraçoam a pátria, levados por agitadores.

Sei que na Grande Guerra (1.^a) os nossos soldados se portaram notavelmente como *homens*. Quando eram bons, eram esplendidamente bons. Ler qualquer das centenas de casos de condecorados com a Cruz da Vitória — Serviços Distintos, é tónico excelente para quem se sinta desanimado quanto à coragem da nossa gente. Mas, como tenho dito várias vezes neste livro, é preciso ver também o reverso da medalha.

Temos massa excelente e excelentes resultados, que mostram o que se pode fazer dos homens, contanto que os ensinam a ser viris; por outro lado, temos provas da baixeza a que podem descer, se os deixarmos à deriva pelas tabernas e ambiente nefasto.

Por mim, entendo que a vida das cidades é muito responsável pela falta de virilidade. Se fordes para o mato australiano e para a estepe sul-africana ou para o sertão do Canadá, encontrareis homens de outra estampa. O neo-zelandês é o homem mais valente que eu conheço.

Naquelas terras, um homem tem de se desembaraçar sozinho. Se não souber seguir o rasto dos animais ou interpretar o voo das aves, está condenado a morrer de fome ou de sede.

No deserto não há água canalizada nem uma padaria ao dobrar da esquina.

Acender o lume, matar, limpar e cozinhar a caça para si é tarefa quotidiana.

Tem de enfrentar o leão ou o lobo com a mesma prontidão com que iria apanhar um comboio ou tomar um eléctrico na Metrópole.

Com o machado faz toda a obra de carpinteiro, desde aparar um lápis até abater árvores e entalhá-las para encaixarem numa casa de cepos.

Lembro-me de que uma vez, no Canadá, se propagou a notícia de que uma senhora viera estabelecer-se naquela região. No dia seguinte, vindos das herdades que ficavam

num raio de vinte milhas, apareceram nada menos de quarenta mercadores de gado, lenhadores e outros; e dois dias depois partiam a cavalo, cada um para seu lado, depois de construírem uma bela casa de toros, que ofereceram à senhora, pronta a ser habitada.

Embora se baste a si mesmo, o sertanejo não é completo. É diamante em bruto, mas cavalheiro, tão galante como os cavaleiros doutrora.

Actos que na Inglaterra seriam comunicados à Real Sociedade Humanitária para serem premiados, passam lá como coisa corrente e não provocam reparos.

É típico um pequeno incidente narrado por Stewart E. White: Formara-se no rio um engarramento de traços flutuantes que tinha a extensão de três milhas. Com os seus croques, os homens trabalhavam na frente para o desimpedirem e pôrem os traços de novo em andamento.



COMO SE REANIMA UM AFOGADO

Daí a pouco o encalhe desfez-se, desceu uns trinta metros aproximadamente e depois prendeu-se de novo.

Viu-se então que só um pequeno sector da jangada se deslocara, e deixara a massa principal ainda bloqueada, de modo que entre as duas partes ficava uma estreita faixa de água. Para ela escorregou e caiu um dos homens. Antes que ele pudesse safar-se, o sector da cauda começou a avançar.

Era evidente que estava condenado a ficar esmagado. Um homem chamado Sam — não lhe sei o apelido — correu para a cauda do primeiro sector, por cima duma porção de traços soltos que flutuavam na água, agarrou a vítima pela gola, escalou temerariamente a frente da

jangada em movimento e chegou acima no momento em que as duas partes embateram com o choque violento de madeiras rangentes.

Fora um salvamento magnífico. Qualquer outro que não fosse um destes homens de ferro ficaria à espera de agradecimentos e felicitações. Segurando ainda o outro pela gola, Sam fez-lhe dar uma volta e aplicou-lhe um tremendo pontapé, dizendo: «Toma, alma de diabo!» e nada mais. E logo se puseram a trabalhar para manter a jangada em movimento.

Um caso semelhante foi relatado pelos jornais com o título: «A valentia dum rachador».

Um carroceiro atravessava o Lago Larson com uma carga de troncos quando o gelo abateu e cavalos e carga afundaram-se na água. O carroceiro, em lugar de dar graças e pôr-se a salvo, mergulhou na água gelada, até à profundidade de cinco metros e depois de esforços longos e desesperados conseguiu salvar ambos os cavalos.

Quando acima falei em cidadãos, não julgueis que os desprezo por isso. Eu próprio comecei a vida como cidadão, e alguns dos melhores exploradores do exército que conheci na África do Sul e em França, eram londrinos que se haviam adaptado ao trabalho com denodo e compreensão.

MÉTODOS

UM CAMINHEIRO SERTANEJO

No momento em que eu escrevo estas linhas, está acampado no meu quintal um exemplo vivo do que, segundo espero, será o resultado deste livro em mais larga escala.

Espero-o de todo o coração.

É um robusto caminheiro, de uns 18 anos de idade, um tipo que se prepara para ser homem. Calc correou grande distância com o saco-mochila em que trazia a tenda, a manta, panela e provisões.

Consigo traz o machado e a corda. Na mão traz uma

vara serviçal com uma cabeça estranha que ele próprio esculpiu.

Além desta carga, é portador duma coisa ainda mais importante — um sorriso feliz no rosto queimado.

Na noite passada, de chuva e vento cortante, dormiu lá fora, embora eu lhe desse a escolha de ficar debaixo de telha. Apenas observou a rir que o verão fora muito quente, e um pouco de vento frio para variar lhe faria bem. Amava o ar livre. Cozinhou para si e aconchegou-se muito bem, com toda a habilidade dum velho campista.

Hoje tem estado a mostrar aos escutas locais a maneira mais eficaz de se servirem do machado, e demonstrou-lhes que sabia apanhar um homem com o laço. Conhecia as árvores pela casca e as aves pelo canto. E era capaz de subir a qualquer árvore ou penedia que lhe aparecesse. Afinal, um jovem sertanejo saudável, alegre e capaz. Todavia, o sujeito é cidadão, mas daqueles que se fizeram homens.

Como ele me confessou, na vida civil é aprendiz de engenharia numa grande cidade. Gostou de sair para o campo, não apenas porque era diversão do seu trabalho, pois que este lhe interessava, mas porque o afastava das conversas imundas e linguagem suja que os seus camaradas tinham por coisa varonil.

Disse-me que por vezes fazia ouvidos de mercador para não participar nelas e tinha conseguido, de seu lado, dar um valente soco a impor linguagem mais limpa.

Mas fora mais longe. O seu exemplo, mais que os socos, levava dois ou três dos seus companheiros a interessarem-se pelas suas opiniões e excursões e iam agora fazer-se caminheiros como ele.

Pelo seu exemplo estava a conseguir que estes moços encarassem a vida doutra forma e aspirassem a um ideal mais alegre e mais elevado. Está assim a servir o próximo.

E tu és homem capaz?

Claro que és; sabes ler e escrever, etc. e — sim, por exemplo, sabes nadar?



Claro que sabes.

E conto que sejas capaz de socar um homem do teu peso ou de repelir uma agressão com um golpe de jiu-jitsu.

És capaz de transportar os apetrechos de golfe, seguir a pista dum veado, ou dominar um grande peixe sòzinho, ou precisas de alguém que o faça por ti?

Sabes mungir uma vaca, acender o lume e cozinhar para ti, sendo preciso, ou tens de morrer à fome, porque dependes desta senhora, que te faz tudo isso?

Podes esquecer-te de ti e ajudar os outros? Sabes, por exemplo, agarrar um cavalo desbocado, salvar um afogado, ou prestar os primeiros socorros em caso de artéria cortada?

Se não souberes fazer estas pequenas coisas, deves entrar para caminheiro, visto que com eles depressa as aprenderás e muitas outras coisas úteis.

Foste educado na escola, numa classe, como um da manada. Ensinaram-te os conhecimentos gerais e aprendeste a *aprender*.

Compete-te agora, como *persona*, continuar a aprender *por ti* aquilo que te robustecerá o carácter e te auxiliará a triunfar na vida, fazendo de ti um homem.

Vou mostrar-te pelo menos uma maneira de o fazeres. É fazendo-te caminheiro sertanejo.

OS FINS DA FRATERNIDADE DOS CAMINHEIROS

Os caminheiros formam uma fraternidade do *Ar Livre* para *Servir*. São viandantes da Via Pública e campistas dos

bosques, capazes de tratarem de si, mas capazes também de prestarem auxílio aos outros. São de facto uma Secção mais velha da obra dos Escutas — jovens de mais de dezassete anos de idade.

Os quatro objectivos principais da educação escutista são desenvolver os seguintes pontos:

Carácter e inteligência.

Habilidade Manual e Aptidão.

Saúde e robustez.

Serviço do Próximo e Civismo.

Se os comparares com os «Antídotos» da pág. 201, dados como os lados luminosos dos «escolhos», verás como o caminheirismo te pode auxiliar. São os mesmos.

A Fraternidade dos Caminheiros já existe em toda a Grã-Bretanha e nos Estados Britânicos de Além-Mar. Já se estendeu também a muitos países estrangeiros.

Não é apenas uma Fraternidade, mas uma Fraternidade alegre, com a camaradagem dos acampamentos, uniforme, sedes próprias, onde se reúnem em todas as partes do mundo.

Visto que é uma *Fraternidade* de caminhantes, poderás, como seu membro, alargar as tuas viagens a países estrangeiros e travar amizades com teus Irmãos Caminheiros de outras nacionalidades.

Este aspecto da nossa obra não é apenas interessante e educativo, mas vai contribuir eficazmente para garantir a futura paz no mundo por meio da mútua boa vontade.

Se já foste escuteiro, saberás quase tudo quanto há a saber a tal respeito.

Se ainda o não foste, as coisas que primeiro precisas são um par de sapatos fortes e um coração robusto. A seguir, pede ou consegue como poderes um exemplar de *Escutismo para Rapazes*, do grupo escutista mais próximo, ou manda-o vir da sede central. Nele encontrarás instruções suficientes sobre excursões e acampamentos.

Numa série de «Palestras de Bivaque» desenvolve os seguintes assuntos:

- 1 — A arte e a missão de explorador.
- 2 — Vida ao ar livre.
- 3 — Campismo.
- 4 — Seguimento de Pistas.
- 5 — História Natural.
- 6 — Saúde e Robustez.
- 7 — Fidalguia dos cavaleiros.
- 8 — Salvamentos e tratamentos de sinistrados.
- 9 — Deveres Cívicos.

E aprende-se aquele magno dever do campista, a saber: Quando saís do local do acampamento deixa duas coisas atrás de ti: (1.^a) Nada que revele a tua presença. (2.^a) Agradecimentos.



NO CAMINHO DA
SAÚDE E FELICIDADE

A ARTE DO CAMPISTA

Tive a sorte de acampar em muitas e diversas partes do mundo — no sertão canadiano, na selva da África Central, no Deserto Egípcio, nos rios da Noruega, na estepe Sul-Africana, nos Himalaias, etc. — e todos têm os seus encantos especiais; mas, não obstante, a nossa pátria tem beleza e encantos próprios, que são difíceis de exceder, por muito que se viaje.

Ali, temos as delícias do campismo quase à porta, com o mínimo dispêndio de dinheiro, tempo e trabalho.

Saindo do fumo abafado e do ar viciado da cidade ruidosa, encontras as brisas refrescantes da serra e, haurindo o ar puro a plenos pulmões, adquires «novo sangue nas veias e nova vida para o cérebro».

E enquanto caminhas em boa forma, a passo que não cansa, sentes a alegria de viver. Por montes e vales, rodeado de belezas naturais que a cada passo variam,

senteste-te homem livre. Tens a paisagem para teu deleite, tens a liberdade de andar, de parar e de armar a tenda onde te apeteça.

Se hás-de ir só ou acompanhado, depende do teu gosto pessoal — e da tua disposição. No manual da Associação dos Viandantes, um caminhante apaixonado declara que gosta de andar só, para se regalar com as maravilhas do Céu e da terra. Diz ele: «De palradores ociosos, conversadores razoáveis, dos que estudam a sério os seus semelhantes, de políticos, golfistas e naturalistas que tudo observam — livrai-nos, Senhor».

O PRAZER DA ESTRADA LIVRE

Não há prazer que se pareça com o de preparar a refeição ao lume de brasas no fim do dia, e não há perfume como o cheiro desse lume.

Não há vista que se compare à que se disfruta da tenda armada na encosta arborizada. E não há sono como o que se dorme ao ar livre com um bom cobertor ou boa camada de papel por baixo («Mais por baixo do que por cima» — é o segredo dos andarilhos para não terem frio de noite ao relento).

Os sons nocturnos e a vizinhança dos animais e das aves tornam-nos camaradas de todos eles na Fraternidade da Natureza.

E a chuva? E o frio? Sim, creio que os há, mas chegamos a não dar por eles, quando nos habituámos a acampar regularmente no fim da semana.

Quer sejas viandante solitário, quer acampes com outros, quer com uma patrulha de amigos, tudo é bom.

«Não há ninguém abaixo dos trinta tão insensível que não sinta alvoroçar-se-lhe o coração à vista dum acampamento de ciganos... ainda há vida na humanidade, e a mocidade há-de encontrar sempre um termo ousado para reprovar as riquezas, largar um bom emprego para abalar para um passeio de mochila às costas» (R. L. Stevenson).

Depois os curiosos irmãos que se encontram na estrada e a maçonaria existente entre gente do ar livre, despertam muitas ideias novas e abrem-nos sobre a vida novas e largas perspectivas de muitos outros pontos de observação.

Com a revelação dum novo aspecto humano do teu carácter, podes, se quizeres, transformar as tuas experiências em errares de cavaleiro andante, ao serviço de todos os que encontrares no teu caminho.

COMO SE ENTRA PARA CAMINHEIRO

Para começar a ser caminheiro o melhor é entrar para um clã de caminheiros do Agrupamento Escutista local.

Qualquer Secretário ou Dirigente local da Organização dos Escuteiros te informará sobre o assunto e ajudará a satisfazer o desejo de seres Caminheiro.

Temos na nossa sede um depósito de Material de campismo ou de excursão. A maneira de alguém se tornar campista, além de ser Caminheiro, é entrar para o Clube Nacional de Campismo. Eu próprio sou associado, assim como muitos elementos da Fraternidade Escutista. É uma alegre companhia de amantes do ar livre de ambos os sexos. Publica uma revista valiosa e instrutiva chamada *Campismo* e tem excelentes depósitos de todo o material que um campista aliviado pode precisar; e possui também mais de 500 locais de acampamento que estão à disposição dos seus membros em diferentes partes do país.

A quota anual é apenas de 10 xelins e é dinheiro bem empregado. E há clubes similares em vários outros países.

Há também em muitos dos condados Clubes de Viandantes, Clubes dos Campos, Sociedades de Antiquários ou de Naturalistas, etc. Estes, em geral, estão filiados na Federação dos Clubes de Viandantes, de que sou Vice-presidente.

Por isso, se quizerdes, posso pôr-vos em contacto com eles. Um dos méritos desta Associação é publicar guias portáteis de passeios a pé em diferentes localidades, com a indicação dos caminhos de pé posto e direi-

tos de passagem da estrada principal para fora e descrição de vários locais de interesse acessíveis.

Beneficia também os seus membros conseguindo abastimentos nos Caminhos de Ferro e em estalagens e hotéis.

O Movimento Escutista possui muitos locais para acampamentos: Broadstone na floresta de Ashdown, Great Tower na região dos Lagos e Brynbach no Norte de Gales são especialmente próprios para Caminheiros. Gilwell Park, na floresta de Epping, foi o precursor deles todos e é o centro de preparação de dirigentes.

Há outras sociedades de campismo com nomes e programas muito aliciantes. Vários deles funcionam segundo as normas do Escutismo, mas são armadilhas para apanhar e atrair os incautos, com o pretexto de Estudo da Natureza Pelevermelhismo e Excursionismo, para aventuras políticas de natureza muito discutível. Viram o êxito alcançado pelo Escutismo e pelo ramo do Caminheirismo em seu desenvolvimento e procuraram naturalmente aproveitar-se dos mesmos meios para angariar adeptos para os seus próprios fins. Abri bem os olhos.

Como Caminheiro terás o prazer de adquirir os muitos e variados conhecimentos que te auxiliarão a ter gosto pela vida e a apreciar a camaradagem da Fraternidade no Campismo.

Entre estes estão:

Seguimento de pistas de homens, animais, rodas, etc., e sua interpretação;

Fazer lume como um cigano ou pele-vermelha o faz e não como se faria uma fogueira de S. João. Um punhado de brasas servirá para cozinhar tudo quanto é preciso;

(A propósito, recebi cartas de diversos antigos escutas que, durante a guerra, fugiram das prisões alemãs e conseguiram sustentar-se e ocultar-se, graças, em grande parte, ao que tinham aprendido em escutas, especialmente em ocultar as pegas e em cozinhar com um lume minúsculo).

- Cozinhar*, com o que os peles-vermelhas chamam chiploquorgan ou vime recurvado para segurar a marmíta sobre o lume, e um pau em forquilha em volta do qual se enrola a massa para cozer o pão e em cujas pontas se fixam peças de caça para assar;
- Tenda*, não uma grande de lona (em forma de casa) mas a leve, de bivaque, que está a ser muito usada por campistas práticos e quase se pode levar num bolso;
- Fazer nós*, bem como saber servir-se duma agulha e fio, é habilidade muito necessária para o campista;
- O Machado*, e saber não apenas usá-lo, mas também cuidar dele, é outro utensílio necessário;
- Leitura de cartas* e orientação pela carta, pontos de referência, bússola, estrelas, direcção dos ventos, etc., é tão interessante como essencial;
- O saco-mochila* e o conteúdo ensina-nos com quão pouco podemos e temos que passar quando em excursão a pé;
- Vista* — Pela prática, a vista fortalece-se em grau notável, especialmente se foste criado na cidade e nunca tiveste ocasião de olhar a mais de 50 metros à tua frente;
- Ouvido* — Apura-se pela prática de escutar os sons da noite; o sentido do cheiro é também precioso para descobrirmos onde estamos ou a presença de estranhos à noite;
- Calcular distâncias* é arte desenvolvida pela prática, quando se segue em excursão pedestre;
- Conhecimento do tempo* — Tem valor incalculável para o caminhante, que não tarda a adquiri-lo pela observação contínua;
- Conhecimento da Natureza* torna-se sexto sentido para quem anda ao ar livre e cria novo interesse e gosto pela vida;
- Utensílios e utilidades do campo* têm de improvisar-se,

facto que desenvolve a destreza e o espírito de iniciativa.

«Os nossos mancebos contribuíram para salvar a Grã-Bretanha e a Europa na guerra, pelo exercício dos seus instintos primitivos: recorriam ao pior e não ao melhor da sua natureza — raiva, belicosidade, vontade de matar.

«O melhor está ainda por fazer.

«Podem contribuir para salvar a Grã-Bretanha e a Europa na paz, dominando aqueles mesmos instintos e servindo-se dos dotes humanos mais elevados, os da Razão, Tolerância, Amizade e Cooperação».

É o que escreve, Trevor Allen no livro «*Os Mancebos que Ganharam a Guerra*».

Quero acrescentar que, seguindo os instintos primitivos de vida ao ar livre, campismo e exploração, podem desenvolver a saúde, a inteligência, a habilidade e a capacidade de auxiliar e tornar-se assim melhores como homens e como cidadãos.



LUME ONDE O PELE-VERMELHA COZINHA

HISTÓRIA NATURAL

Entre os conhecimentos e tradições do sertão há muitas coisas que os Caminheiros naturalmente adoptam.

Os ciganos, quer da Grã-Bretanha, do Sul da Europa ou do Oriente, têm todos os seus costumes, sinais e língua.

Os Peles-Vermelhas têm as suas tradições e cerimónias pitorescas, e os árabes, maoris, zulos, Masai e outros também — todas elas interessantes e dignas de estudo, visto que nos fornecem sugestivos dados românticos.

Já tive de tratar com quase todos estes povos e, embora o Pele-Vermelha tenha sido o mais imitado, o espécime actual não é em geral a figura impressionante que foram os seus antepassados. Exceptuados os poucos Peles-Vermelhas que ainda caçam com armadilhas nos bosques, o árabe (de boa cepa) é o mais cavalheiresco, o zulo o guerreiro mais valente, o cigano da Índia o melhor caçador, o maior e melhor desportista e o preto australiano o melhor pisteiro. Todos eles têm os seus méritos, enquanto não sofrem a influência mortífera da civilização e da *genebra*.

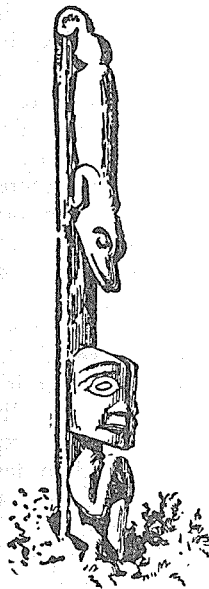
Um verdadeiro naturalista aprecia e adopta grande parte dos símbolos pitorescos das artes e trabalho de todas estas tribos.

A história e significação universal dos totens é por si um estudo e a utilidade prática dos sinais constitui uma língua universal que é adoptada e entendida por toda a fraternidade do ar livre.

ALERTA

«Alerta» é a divisa dos escutas.

Apenas esbocei as actividades de campismo e de excursões a título de exemplo, porque afinal por muito divertidas e saltares que sejam, são apenas passos com que se avança para o objectivo final — ou seja, *estar preparado* para a idade adulta. Naturalmente, se tiveres a sorte de viver num país de desenvolvimento recente, ou por civilizar, são de utilidade imediata.



TOTEN DE PELES
VERMELHAS

Em todo o caso, pela prática destas actividades adquire-se a habilidade, conhecimentos e confiança do sertanejo, que nos tornam mais capazes para a nossa missão na vida, seja ela qual for; adquire-se o gosto das maravilhas e belezas da Natureza; e muito especialmente torna-nos aptos a prestar serviços aos outros, como bons cidadãos.

Mau cidadão é aquele que apenas cuida do seu interesse; o bom cidadão é o que está sempre pronto a servir a comunidade.

Digo «pronto» e não apenas disposto; há muita gente disposta, mas quando chega a ocasião, verifica-se muitas vezes que nunca aprenderam o preciso e são por isso inúteis.

O papel do Caminheiro é, pois, aprender a estar pronto e a saber fazer o que convém em caso de emergência, a bem dos outros.

Vou, por isso, expor as etapas em que o Caminheiro se prepara pelo método escutista. Talvez pareça coisa fria e complicada em letra de forma, mas não desanimes por isso. A bem dizer, esta obra não é mais que uma singela fraternidade de mancebos.

ORGANIZAÇÃO DE CAMINHEIROS

REGRAS

A Secção Caminheira é parte muito alegre e feliz da Fraternidade Escutista, mas desenvolveu-se já tanto que precisa de regras para sua organização e actividades.

Mas estas regras são normas — e não regulamento. Isto é, são como regras de futebol ou críquete, necessárias para que o jogo decorra com lealdade para todos.

Pretende-se que sirvam de normas de orientação, mas não que sejam rigidamente inalteráveis.

Efectivamente, toda a disciplina escutista provém da dos próprios Caminheiros.

REGRAS PARA CAMINHEIROS

OBJECTIVO: O FIM DO CAMINHEIRISMO É A FRATERNIDADE E O SERVIÇO DO PRÓXIMO

(N. B. — Deve notar-se que as regras expostas neste capítulo estão sujeitas a alteração de vez em quando, e os Caminheiros devem, portanto, manter-se a par delas através da Revista Oficial e do Guia-Livro das Regras).

O fim da educação Caminheira é auxiliar os jovens a tornar-se

Cidadãos	{	Felizes
		Saudáveis
		Úteis

e dar a cada um a possibilidade de se preparar para uma carreira que lhe seja útil.

Permite ao rapaz mais velho continuar sujeito a influências benéficas no período difícil da transição para a idade adulta.

Faculta aos jovens actividades exploratórias com as suas alegrias da vida sertaneja e conhecimentos da Natureza. (Muitos homens me têm perguntado como poderiam gozar os prazeres da exploração, e aqui têm um meio de o conseguir).

Auxilia o jovem de mais de 18 anos que o queira a preparar-se para a categoria de Dirigente Investido no Escutismo.

Oferece aos jovens a ocasião de prestarem serviços aos outros por forma já estabelecida.

ADMISSÃO DO CAMINHEIRO

Os caminheiros organizam-se em «clãs» sob a direcção dum chefe.

Para ser admitido num clã, o candidato deve ter o mínimo de 16 anos, e o que não for já escuta precisa de estar disposto a entregar-se à vida de campismo e de expedições ao ar livre e a cumprir a Lei do Escuta.

É admitido à prova para ver se o Caminheirismo lhe convém ou se ele convém ao Caminheirismo.

Requere-se que estude a Promessa e a Lei Escutistas e a exploração tal como se expõe no Manual *Escutismo para Rapazes* e neste livro.

Depois disto, se for aprovado pelo Chefe e pelo Clã, receberá a investidura de Caminheiro.

A investidura é a cerimónia de admissão. Celebra-se de acordo com a tradição do Clã e desejos do candidato.

Tem por fim mostrar que o candidato toma o Caminheirismo muito a sério e se esforçará por compreender os seus objectos e métodos e por praticá-los.

Por esta razão deve ponderar bem o caso antecipadamente.

A ideia geral da cerimónia está exposta num folheto intitulado *Caminheiros — O que são*, editado pela Sede Central.

A cerimónia inclui a Promessa, que é a seguinte:

Prometo por minha honra que procurarei a sério:

Cumprir os meus deveres para com Deus e para com a Pátria.

Auxiliar os outros em todas as ocasiões.

Obedecer à Lei do Escuta.

SOBRE A LEI DO ESCUTA

Durante a Grande Guerra os Escuteiros contribuíram para manter diversas Cabanas Recreativas na frente para os soldados.

Nas paredes pendia a Lei do Escuta. Ora acontecia que, quando os soldados tinham de se dirigir para as trincheiras da frente, sentiam que jogavam a cartada final.

Muitos compreendiam então, pela primeira vez, que embora tivessem sido ensinados na escola como parte do rebanho, tivessem ouvido sermões dirigidos ao rebanho, fossem instruídos no exército como parte dum rebanho, cada um era na realidade um ser único com existência,

consciência e alma próprias, que lhe podiam agora ser arrebatadas pela morte.

Afligia-o saber que não tinha crença a que recorrer e apegar-se. Pouco sabia de religião ou de Deus — todavia precisava de qualquer coisa desse género — não sabia o quê.

Via então a Lei do Escuta e lia-a e voltava a lê-la e meditava-a.

Era coisa que ele podia cumprir e parecia que lhe fazia bem.

Vinha por isso a perguntar se podia «subscrever aqui-
lo». Sentia que, se a cumprisse na medida das suas forças, teria pelo menos o conforto de saber que, antes de morrer, procurara fazer todo o possível, e não se podia fazer mais.

Permitíam-lhe, pois, que subscresse; e o resultado foi que aquele que descrevo como se fosse um só homem, se revelou serem homens às centenas, que vieram prometer que queriam, quanto as forças lho permitissem, cumprir a Lei do Escuta.

Outro tanto acontecerá convosco, vós que me ledes.

Fostes em grande parte educados como parte do rebanho, seguis para a frente para a batalha da vida, um dia sereis levados pela Morte — cedo ou tarde — mas quando chegar o momento, o vosso pensamento será:

«Procurei fazer o que importa ou desperdicei o meu tempo?»

Exorto-vos, por isso, a que façais como os soldados da Frente. Lede a Lei do Escuta, meditai-a, e depois subscrevei-a como Caminheiros.

Aquí a tendes:

A LEI DO ESCUTA

O termo *Caminheiro* designa um *verdadeiro homem* e um *bom cidadão*. A Lei dos Caminheiros é a mesma que a dos Exploradores, na forma como no sentido, mas tem de se olhar doutro ponto de observação — o do adulto. Em ambos os casos o princípio em que assenta a LEI DO ESCUTA exclui o Egoísmo e implica a Boa-Vontade e Auxílio aos outros. Não se trata de piedosismo, mas de orientação para a virilidade.

A honra do Escuta está em merecer confiança.

— Como Caminheiro não há tentação, por forte ou secreta que seja, que te leve a praticar uma acção má ou menos limpa, embora mínima. Não renegarás a promessa que uma vez fizeste.
«A palavra dum Caminheiro vale pela sua assinatura.» «A verdade, só a verdade para o Caminheiro».

O Escuta é leal aos seus oficiais, aos pais, aos patrões e aos que trabalham sob as suas ordens.

— Como bom cidadão pertences a uma equipa que joga honradamente para bem do conjunto. Podem confiar em ti o Escutismo, os teus amigos e camaradas de trabalho, os teus patrões ou empregados, que sabem que farás quanto puderes em seu benefício — mesmo que não sejam o que tu querias que fossem. Mais, és também leal a ti mesmo; não rebaixarás a tua dignidade jogando sordidamente; nem faltarás ao auxílio que deves a outros homens e a uma mulher muito menos.

O dever do Escuta é ser útil e auxiliar os outros.

— Como caminheiro o teu objectivo supremo é SERVIR. Sempre se pode confiar em que estarás pronto a sacrificar tempo, comodidades ou, sendo preciso, a própria vida, pelos outros.
«O sacrifício é o sal do Serviço do Próximo».

O Escuta é amigo de todos e irmão de todos os outros Escutas, independentemente da classe social a que os outros pertencam.

— Como Caminheiro reconheces que os outros, são como tu, filhos do mesmo Pai e menosprezas quaisquer diferenças de opinião, casta, crença ou nacionalidade que possa haver entre vós. Recalcas os preconceitos e descobres-lhes os méritos; os defeitos qualquer pateta lhos sabe criticar. Se praticares esta caridade para com os naturais doutros países e contribuíres para a paz e bom entendimento entre as nações, realizas o Reino de Deus sobre a terra.
«Todos os homens são irmãos».

O Escuta é cortez.

— Como os cavaleiros de antanho, sendo Caminheiro, és, naturalmente, delicado e atencioso para com as mulheres, velhos e crianças. Mais do que isso, és delicado até para com os adversários.

«Todo aquele que tem razão não precisa de exaltar-se; quem não a tem não pode dar-se a isso».

O Escuta é amigo dos animais.

— Hás-de reconhecer a solidariedade com os outros seres que Deus criou e, como tu, foram colocados no mundo para gozarem por algum tempo o prazer da existência. Maltratar um animal é, pois, contrariar o Criador. «O Caminheiro há-de ser magnânimo».

O Escuta cumpre as ordens de seus pais, do Guia de Patrulha ou do Chefe do Grupo sem discutir.

— Como Caminheiro adaptas-te à disciplina e colocas-te pronta e gostosamente ao serviço da autoridade constituída para o bem comum. A sociedade mais disciplinada é a mais feliz, mas é preciso que a disciplina venha de dentro e não seja simplesmente imposta de fora. E daqui o maior valor do exemplo que dás aos outros a este respeito.

O Escuta sorri e assobia perante as dificuldades.

— Como Caminheiro todos esperam de ti que não percas a cabeça e que em caso de emergência te servirás dela com alegre coragem e optimismo.

«Se conseguires manter a serenidade quando todos em volta perdem a cabeça e te lançam as culpas...

Meu filho, serás um homem».

O Escuta é poupado.

— Como Caminheiro olharás ao futuro e não desperdiçarás tempo nem dinheiro em prazeres de momento, mas aproveitarás antes as OCASIÕES para teu futuro êxito. E faze-lo com o fim de não seres um encargo mas antes um auxílio para os outros.

O Escuta é puro em pensamentos, palavras e obras.

— Espera-se que, na qualidade de Caminheiro, não só tenhas ideias puras, mas também desejos puros e saibas dominar

as tendências e abusos sexuais; que dês aos outros exemplo de pureza e sinceridade em tudo quanto pensas, dizes e fazes.

A Lei do Escuta tem mais um artigo, o 11.º, que não é escrito a saber: «O escuta não é parvo». Mas creio que se dispensa na Lei do Caminheiro. Todavia, como tal, precisas de lembrar-te de que na passagem da mocidade para a idade adulta já não andas a aprender a cumprir a Lei do Escuta, mas estás a aproveitá-la para orientação da tua vida. Mais do que isso, tens agora a responsabilidade de dar exemplo que pode conduzir outros para o bem ou para o mal, conforme tu pautares ou não o teu procedimento pela Lei, e na medida em que cumprires a Promessa que por tua honra fizeste como Caminheiro de a todos dispensar boa vontade e auxílio.

COMO SE COMEÇA

A unidade de caminheiros é o Clã. Não tem limite mínimo e pode subdividir-se em *equipas* conforme convier. O Clã de Caminheiros faz normalmente parte dum Agrupamento escutista, que consta das três secções da Fraternidade: Alcateia de Lobitos, Grupo de Exploradores e Clã de Caminheiros.

É sempre bom que os Caminheiros se reúnam para actividades, especialmente quando o número de membros do Clã é pequeno.

Quando não houver Agrupamento a que os Caminheiros pertençam, pode filiar-se na Associação Local em novo Agrupamento que se inicie apenas com a Secção de Caminheiros, mas não se deve nunca esquecer que a criação das secções de lobitos e exploradores faculta logo a uns tantos Caminheiros excelentes ocasiões de Servir.

INSTRUÇÃO — Reconhece-se que o Caminheiro, para poder realizar bem o seu objectivo de Fraternidade e Serviço, precisa de continuar, ou começar, a sua educação em várias formas de Exploração que lhe permitam aprender a olhar por si próprio e a tratar de qualquer emergência, sem perder a cabeça. Espera-se, portanto que se habilite, dentro de certo prazo—estabelecido de comum

acordo entre ele, o chefe e membros do Clã — em certas matérias, tais como: Campismo, Excursionismo, Natação, Higiene, Primeiros Socorros, Salvamentos e a conhecer o funcionamento da administração local.

Após esta preparação inicial, que ele faz com o auxílio de todo o Clã em geral, poderá estudar mais a fundo os assuntos à sua escolha, e terá então de contar mais com o seu próprio esforço para adquirir conhecimentos e pô-los em prática.

Cada elemento do Clã deve, na medida do possível, ter funções especiais, tais como: Fiel do Material de Campo, Amanuense, Tesoureiro, Director de Excursões, etc.. E, sendo possível, deve também atribuir-se a cada membro um dia da semana para «estar de serviço» — pronto a ocupar-se de qualquer trabalho especial ou de atender a quem apareça.

Quando o objectivo da equipa não é apenas o de ganhar jogos, os seus elementos hão-de compreender que o Caminheirismo não se pratica apenas para passatempo, mas pela oportunidade que lhes oferece de se habilitarem a fazer bem e a auxiliar o próximo.

UNIFORME — O uniforme do Caminheiro é o mesmo que o dos Escutas (veja-se o Guia) com as seguintes diferenças:

Lenço de cor encarnada escura, debruado a branco.

Forquilha — Pode usar-se em lugar de vara.

Estrelas de Serviço — Em fundo vermelho.

Distintivos de lapela — Para se usar em traje civil.

Se um escuta entrar para o Clã, usará até à investidura a farda de escuta, com fitas verdes e amarelas.

Uniforme de Caminheiro Marítimo — Como o do Caminheiro, excepto quanto a

Boné — Como o dos Escutas Marítimos.

Camisa ou Camisola — Azul escuro.

Chapéu e Meias — Como os dos Escutas Marítimos.

Todos os caminheiros uniformizados usarão o distintivo de pano do Escutismo.

INSÍGNIAS ESPECIAIS

ANDARILHO — Para conquistar esta insígnia o Caminheiro terá de andar a pé um total de 100 quilómetros ou percorrer de bicicleta 400 quilómetros fora da cidade, em fins de semana, ou em passeios de férias; escrever um diário das suas viagens, que será entregue ao perfazer o total de 100 quilómetros; o diário indicará datas, locais e distâncias, e deve dar preferência às informações que possam aproveitar a outros excursionistas, tais como: lugares de interesse do trajecto, bons locais para acampar, hospedarias, indicações de orientação em sítios difíceis; devem incluir-se esboços de mapas e notas de história natural. A insígnia usa-se na charlateira do ombro esquerdo.

INSTRUTOR CAMINHEIRO — Para conseguir esta insígnia — de grande valor considerada em relação ao serviço prestado à Fraternidade Escutista — o Caminheiro há-de demonstrar conhecimentos das matérias da 1.^a Classe de Escutas ou duma das insígnias de capacidade para Escutas, ou das Setas de Lobitos e duas insígnias também de lobitos, e ainda a competência para ensinar estas coisas; deve além disso ter instruído devidamente escutas ou lobitos durante três meses pelo menos.

SEDES DE CAMINHEIROS

Os Caminheiros devem dispor de sedes ou covis independentes dos dos escutas, etc.

Estas sedes devem ser administradas directamente pelos Caminheiros e estar abertas todas as noites para trabalhos ou actividades sociais.

Se quiserem, dois ou mais clãs podem juntar-se para manterem uma sede com um programa comum.

Não é possível conseguir resultados satisfatórios com um clã de caminheiros, se não houver sede.

ESCUTAS DO ALTO MAR

Um antigo escuta que ande embarcado, ou que esteja para entrar para um navio ou para um estabelecimento de instrução, deve comunicá-lo por intermédio do seu antigo Chefe, ou de qualquer dirigente que o conheça pessoalmente, ao Chefe Geral dos Escutas Marítimos na Sede Central.

Da comunicação devem constar os seguintes dados: nome completo, endereço em terra, data do nascimento, o Grupo a que pertenceu, categoria que tinha, e outros factos da sua vida escutista, nome do navio e armadores ou do estabelecimento de ensino e endereço para o cartão de identidade, etc. Com o requerimento deve remeter-se a quantia de 5 escudos. Em troca recebe-se da Sede Central: 1.º um distintivo com correia para trazer no pulso ou no cinto; 2.º um lenço de azul real com o distintivo dos Escutas de Alto Mar bordado a ouro ao canto; 3.º cartão de identidade válido por um ano, que o portador assinará.

Queremos que os antigos escutas se inscrevam antes de todos para termos a certeza de se insuflar o verdadeiro espírito escutista: mas onde for possível formar uma patrulha a bordo, não se põe objecção a que se inscrevam estranhos, contanto que sejam alistados em terra por algum dirigente perante outros escutas e façam a competente Promessa. Depois devem enviar-se os nomes para a Sede Central, como nos outros casos.

SERVIÇO DE INTERESSE PÚBLICO

Não quero assustar-vos com uma tarefa aparentemente impossível, mas este mapa (*veja-se o Apenso*) serve apenas para vos mostrar as várias direcções que podeis explorar

como Caminheiros, *se quiserdes*, e estas levam-nos directamente ao Civismo e serviço dos outros.

Não se vos pede que os façais todos; são alternativas, para que vos possais dedicar aos que melhor se adaptem às vossas circunstâncias.

ACTIVIDADES

Servir é o fim prático do Caminheirismo.

Todos os Caminheiros se devem aconselhar a colaborar de todas as formas possíveis na vida das suas ou doutras Unidades ou Alcateias de Lobitos: adquirem assim a experiência prática de educar escutas, experiência que contribuirá para se habilitarem a serem futuros chefes e pais; e devem exercer certas funções de responsabilidade em colaboração com os dirigentes do Agrupamento.

A cooperação e actividades entre patrulhas, por meio de reuniões de estudos, jogos e trabalhos, são precisas para que os Agrupamentos se conheçam uns aos outros e se promovam amizades e o espírito de emulação.

As actividades dividem-se naturalmente em dois géneros:

a) Serviço Escutista; b) Serviço Público.

b) Podem formar-se e instruir-se patrulhas a modo de «Esquadras de Auxílio Local» para prestarem serviços como os seguintes: — Socorristas de Sinistrados (para tratarem de desastres de toda a espécie, ajuntamentos, etc). — Auxiliares do Bem-Estar em fábricas, centros recreativos, etc.

— Vigias costeiros ou auxiliares de observadores costeiros.

— Estafetas ciclistas ou motociclistas.

— Ajudantes ou Instrutores de Grupos Escutistas, Centros Recreativos, Clubes de Rapazes, etc. Corpo de Bombeiros numa aldeia, cidade, fábrica, hospital, etc.

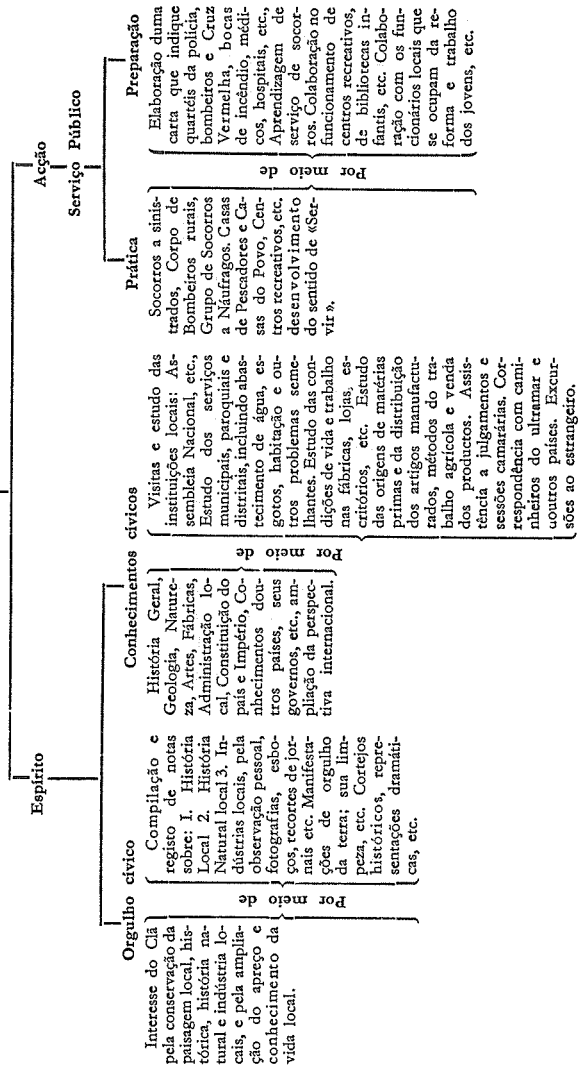
— Lançadores de Foguetões.

— Tripulantes de salva-vidas.

— Cabos de Guarda ou Ajudantes de Polícia.

a) Serviços nos próprios Agrupamentos, na quali-

APENSO
PREPARAÇÃO DO CAMINHEIRO
PARA O SERVIÇO PÚBLICO



dade de Chefes de Alcateia, Secretários, Directores de Jogos, Instrutores, Examinadores de Especialidades, Membros das Juntas, Adjuntos, etc.; auxílio a outros Agrupamentos; Escutas Marítimas; Escutas internados em hospitais e Asilos; Colaboração em Concentrações, Desportos, Acampamentos, etc.

DIVERSÕES POR EQUIPAS

(Saúde Pública, Física e Moral)

É importante que se pratiquem o campismo e jogos de campo tanto quanto possível (e não se devem esquecer as diversões apropriadas e o descanso de domingo). Fuja-se ao «Escutismo de Salão». Eis alguns exemplos:

Ar livre —

Atletismo
Excursões a pé
Viagem costeira
Futebol
Ciclismo
Exploração
Basebol
Demonstração de ginástica
Remo
Escarlar árvores e rochedos
Campismo
Seguimento de Pistas
Cruzeiros em rios e canais

Hóquei
Rato e Gato (o)
Natação
Visitas de história natural e a lugares históricos.
Visitas de instrução às repartições camarárias, Tribunais, Museus, Fábricas, etc.
Viagens pelo estrangeiro em visitas a caminheiros estrangeiros, etc.

Na Sede (dentro de casa) — para aperfeiçoamento mútuo, como:

Conferências por especialistas sobre qualquer assunto profissional ou social.
Associação Coral

Dança
Associação de discussões
Grupos Dramáticos
Ginástica e Exercícios Livres.

Judo	Grupo de Pintura
Orquestra	Círculos de estudo (para
Reuniões de Piedade	Instrução de civismo, etc.)
Sessões de Canto	Danças Populares
Reuniões Sociais	Jogos de interior

Servem de muito as palestras ou demonstrações singelas feitas por especialistas ou passeios instrutivos dirigidos por eles.

ALPINISMO

Falei acima em escaladas como uma das actividades próprias de caminheiros. Não conheço melhor exercício físico, visto que não só exercita e desenvolve cada um dos músculos do corpo, mas promove a vida sã, a moderação no comer, no beber e no fumar, e o desenvolvimento da firmeza, resistência e iniciativa, além de ser uma forma de recreio muito sã, muito aprazível e viril.

Faz-se melhor por equipas, como as Equipas que ordinariamente trabalham com a corda de alpinista. Inclui a subida a árvores, que se torna por si um desporto altamente interessante, ascensão de mastros, de rochedos, de penedias e de montanhas.

Há muito maiores facilidades para este desporto em toda a parte do que geralmente se supõe. É também muito mais perigoso do que a princípio se julga. De início requiere, portanto, grande preparação e exercícios cautelosos. Mas, logo que se tenha a perícia necessária, exerce atracção irresistível, pode variar indefinidamente e não pode deixar de manter quem o pratica contente e em boa forma.

AO SERVIÇO DOS OUTROS

CORPO DE EMERGÊNCIA

Há poucos anos mostraram-me em Copenhaga a organização e funcionamento da Brigada de Socorro aos Sinistrados ali existente. Creio que é obra de voluntários

que existe também noutras localidades da Dinamarca, de que não temos coisa correspondente. É uma espécie de combinação de Bombeiros e Cruz Vermelha e põe ao alcance dos Caminheiros um tipo valioso de serviço público, tanto nas cidades como nas aldeias.

Quando eu estava de visita à sede de Copenhaga deu-se um caso que mostra bem o valor e variedade dos seus serviços. Chegou uma chamada telefónica a dizer que um homem fora atropelado por um eléctrico e ficara gravemente ferido. Não o podiam retirar e o carro descarrilara em parte. Dentro dum minuto, três equipas tinham partido da sede para o local do sinistro em automóveis, munidas de todos os aparelhos necessários para resolver o caso, incluindo um macaco para erguer o eléctrico, material de primeiros socorros para socorrer o homem, com artigos como um cesto de arame para os membros, no caso de estar tão esfacelado que não se pudesse transportar na maca vulgar.

Levaram também as ferramentas necessárias e material isolador que lhes permitisse trabalhar sem perigo com a corrente eléctrica.

A corporação era instruída para saber lidar com sinistros causados por explosões de vários tipos de gases, drogas, etc., suicídios por veneno, enforcamento, etc.; habilidade para descobrir assassinos pelos indícios mais insignificantes; saber fixar aviões avariados e tratar de desastres ferroviários, casas abatidas, árvores caídas, e os numerosos sinistros a que os homens estão sujeitos pela maquinaria das fábricas ou trabalhos agrícolas, cães danados, touros, etc. O campo da sua actividade é, na verdade, quase ilimitado e varia em grande parte conforme a localidade e género de indústria, etc.

Mas o campo de trabalho é vasto e a preparação para ele implica estudos e actividades várias que não só são interessantes mas também úteis para aqueles que a elas se entregam. Seria na verdade um ser estranho aquele que não conseguisse encontrar entre estas variadas actividades uma

só que lhe pudesse ao menos servir de passatempo, uma vez que a tivesse aprendido. Quem se entrega a passatemplos úteis não é nada provável que se aborreça por não saber em que há-de empregar o tempo, ou sentir que a vida nenhum prazer nos oferece.

SERVIÇO DE ORDEM

«Num trágico incêndio recente, em Newhaven, Connecticut, em que perderam a vida sete pessoas e mais de setenta e cinco se feriram, os Escutas prestaram assinalados serviços.

«Em três diferentes cruzamentos obstruiu-se o tráfego, sem que a polícia de trânsito aparecesse; vendo isto os escutas, um em cada caso, postaram-se no meio da rua e dirigiram o trânsito debaixo de chuva torrencial durante mais de duas horas.

«Outros escutas prestaram bom serviço auxiliando os serventes dos hospitais a transportar rapidamente os sinistrados das salas das opera-

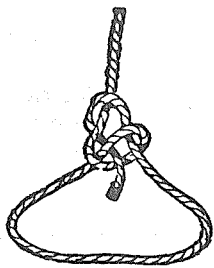
ções para as enfermarias, com o que facilitaram o tratamento rápido dos casos».

E aqui temos uma modalidade de serviço para o qual escutas e caminheiros fariam bem em se preparar em colaboração com a polícia e autoridades hospitalares da sua localidade.

Podem aprender a dirigir o trânsito e as multidões, casos em que o uniforme escutista lhes garantirá a necessária individualização.

Não é permitido aos escutas servirem-se de apitos policiais nos seus trabalhos, para não causar confusão, mas nada impede que tragam um desses apitos como parte do equipamento para o utilizar em caso de emergência para chamar a polícia.

O escuta ciclista precisa, naturalmente, de estar sem-



O LAIS DE GUIA
É SEGURO

pre pronto para servir de ordenança ou mensageiro ao pessoal da polícia.

AMOSTRA DE ESBOÇO DE PROGRAMA DE PRIMEIROS SOCORROS PARA CAMINHEIROS

Percorram-se várias milhas, a pé ou de bicicleta, utilizando uma carta e fazendo várias observações.

(1) — Parai junto à via férrea. Imagine-se um desastre ferroviário, choque e esfacelamento do comboio. Destaquem-se patrulhas para diversas missões. Cada chefe de equipa indicará o modo de as executar com o material disponível no local. Improvisar macacos para erguer os destroços. Apagar incêndio. Salvamento e Primeiros socorros a sinistrados. Cuidados com o que lhes pertence. Pedir auxílio.

(2) — Imagine-se o desastre dum avião ao aterrar com vendaval de sudoeste. Vira-se. Aviador entalado e ferido. O depósito de gasolina incendeia-se. O chefe do Clã distribui missões às equipas. Cada chefe de equipa explica como as desempenharia com o material encontrado no local. Inclua-se entre as ordens a de relatar o desastre e depois de revirar o aparelho, segurá-lo devidamente, etc., etc.

GOSTO DE VIVER

Diz A. C. Benson em *A Casa do Sossego*:

«Para ser feliz, a vida deve compor-se equitativamente de *actividade* e *prazer*, usando a palavra no seu melhor sentido». «Da natureza extrair cada vez mais as alegrias mais certas e mais puras». «Sei por experiência que uma vida pejada de embaraços não é forçoso que seja descontente, fria ou dura».

Não diz aí, embora o afirme implicitamente noutro passo, que servir os outros completa a felicidade.

Concordo com o autor das citações em que não há como a vida do ar livre e do campo para nos dar prazer genuíno, mesmo que não possamos dispor do sertão ou das montanhas. Infelizmente, na maioria dos casos estamos

manietados quanto a feriados e não podemos ir muito longe. Não obstante, temos os fins de semana, que nos permitem fazer excursões e dar passeios a pé, os quais, embora curtos, podem organizar-se de forma que incluam prazer genuíno em abundância.

Sua Ex.^a H. A. L. Fisher, Reitor do New College, de Oxford, enunciou algumas regras para quem planeia um feriado:

1. Faz o plano do feriado com atenção, mas dispõe-te a abandoná-lo ao mais leve motivo.
2. Nunca sigas para o norte podendo ir para o sul.
3. A mudança de trabalho é, por si, descanso.
4. Nunca vás de carro, se podes ir a pé, e nunca a pé, se podes ir a cavalo.
5. Numa caminhada a corta-mato, em geral não há tempo para atalhos.
6. Um bom feriado é como a eternidade — o tempo não conta.
7. Um dos melhores frutos dum feriado é uma nova amizade.
8. Demora-te onde te sentires satisfeito.
9. Encharca-te na atmosfera duma terra nova antes de te voltares para o pormenor.
10. O melhor feriado é aquele que encerra maior volume de experiências novas.
11. As férias são julgadas perante o trabalho do período seguinte.
12. Ao escolher livro para férias, baseia-te no princípio de que uma das principais utilidades do ócio é alimentar a imaginação.
13. Os principais entendidos na arte de passar as férias são os pintores, naturalistas, viajantes e historiadores; o último a consultar deve ser o jogador de golfo.
14. Por vezes pode passar-se em casa um excelente feriado, alterando a hora do pequeno almoço.

A RESPONSABILIDADE DO CAMINHEIRO

Lembra-te de que como Caminheiro, além de te tornares melhor como homem e como cidadão, estás a servir de modelo, quer o saibas quer não, a rapazes do teu Agrupamento e da vizinhança. Os rapazes são terríveis imitadores, e sirvo-me da palavra «terríveis» de propósito, porque nos enche de terror quando pensamos no grande mal e no grande bem que podemos fazer com o exemplo que lhes damos.

Têm muito a tendência de, para si, fazerem um ídolo daquele que é mais velho do que eles e que pela sua personalidade ou por façanha que praticou, lhes conquistou a admiração. Ainda há dias me perguntaram qual a razão que me levava a dedicar-me ao futebol com a energia com que o fizera em rapaz. Posso atribuí-lo directamente a um rapaz mais velho do que eu, que acabou por ser jogador conhecido, mas nessa altura, quando eu acabava de entrar na escola, era seu protegido e tinha a honra de lhe pegar no casaco enquanto ele jogava, de lhe limpar as botas e a lama da roupa e chegar-lhe água quente depois de terminado o jogo. Mas estou ainda a vê-lo com os olhos da memória, a correr com aquele jeito fácil que nunca parecia apressado e todavia o levava sempre ao lugar próprio para se apoderar da bola. E lembro-me do desprezo feroz com que fez calar um rapaz que julgava ser coisa varonil contar uma história imunda.

Desde a primeira hora tive desejo de o imitar e, embora desde então até hoje nunca ele desconfiasse da influência que sobre mim teve, foi pelo seu exemplo que grande parte da minha vida escolar se modelou.

É assim é que, sendo Caminheiro ou mais velho entre os teus irmãos mais novos, tens aos ombros uma responsabilidade de que a princípio não dás conta. Podes estar a conduzir muitos rapazes para o bem ou para o mal, conforme o que tu próprio fazes ou dizes.

«Ser bom é coisa nobre — mas é mais nobre ensinar os outros a serem bons — e dá muito menos trabalho»; é o que diz Mark Twain, mas tenho dúvidas a respeito da última afirmação, visto que o ensino se faz pelo exemplo pessoal; portanto, é preciso ser cauteloso.

Tem cautela, se não por ti, ao menos por eles. Podes ver por ti que tens aqui uma formidável oportunidade, se a quiseres aproveitar, de fazer grande bem aos teus irmãos mais novos. Podes traçar o caminho que hão-de seguir, pelo teu procedimento, em busca da amizade alegre e varonil, vida apurhada e conversa honesta.

Considera para contigo quais os teus defeitos que não quererias que outros imitassem e procura substituí-los por coisa melhor. Eis alguns exemplos das fraquezas mais frequentes:

Descobre por ti outras fraquezas, bem como os respectivos antidotos.

IRRITABILIDADE	Aborreces-te quando as coisas te correm mal ou os outros te dão alfinetadas?	Obriga-te a sorrir e ri-te da insignificância relativa da irritação. «Se tens razão, não precisas de te irritar. Se a não tens, não podes irritar-te».
FUMAR	Lembra-te de que os rapazes te imitam e o fumo lhes prejudica a saúde.	Não fumes, quando estás com eles.
PALAVRAS FEIAS .	Costumas praguejar em momentos de irritação, ou usas palavras indecentes em ocasiões de levandade?	Procura assobiar, e largar o hábito.
FROUXIDÃO E FUGA AO TRABALHO	Sentes-te inclinado a deixar o trabalho aos outros? De ver os outros a trabalhar ou a jogar ou de sentir as dificuldades antes de elas chegarem?	Arregaça as mangas e dá o exemplo. «Encara o pior, mas prevê o melhor.» Imita S. Jorge, e mãos à obra.
MALEDICÊNCIA .	Costumas falar dos defeitos dos outros e ver apenas os seus pontos fracos?	Procede na convicção de que o pior tem 5% de bom. A graça está em o achar.
IMPACIÊNCIA . .	Tens aspirações impossíveis e suspiras pela lua — e maldizes a tua sorte, quando as coisas te não correm como queres?	«Com vagar e jeito se apanha o macaco». Quem teima vence. «Persiste e vencerás». «A paciência é o segredo do êxito em qualquer modo de vida».

MACAMBÚZIO . .	Falta de sentido do cómico.	Como há em tudo geralmente 5% de bom, também há outros 5% de divertido. O conhecimento deste facto ajuda-nos a vencer muitos incómodos, aliás insanaíveis. Ensina os teus rapazes a rir enquanto trabalham.
INTOLERÂNCIA .	Acaso serás excessivamente cioso das prerrogativas da tua classe social, partido político ou crença religiosa?	Na Fraternidade escutista desaparecem todas estas distinções. Praticai a tolerância — ensinaí os rapazes a observar os dois aspectos dum problema antes de tomarem qualquer decisão sobre ele.
INDEPENDÊNCIA .	Usa-se muitas vezes o termo para disfarçar a desobediência, falta de lealdade e de disciplina.	Desenvolva-se o sentimento da responsabilidade e autodisciplina no espírito livre de agir pelo grupo e não por nós próprios.
EGOÍSMO	O pior defeito da humanidade, provoca a visão acanhada e contribui para o descontentamento pessoal e industrial.	Exerça-se a abnegação ou seja: primeiro os outros, depois tu. Olha ao largo.
DESCONTENTAMENTO	É geralmente resultado do egocentrismo e de se tomar a vida excessivamente a sério.	Torna os outros felizes e serás feliz tu próprio. Vê o bem do que possuis, o aspecto divertido da vida, o esplendor, maravilhas e belezas da Natureza. Afooga a ambição pessoal.
PESSIMISMO . . .	Permites que as dificuldades ou perigos dum empreendimento lhe	Vê o pior, mas olha para o melhor. O optimismo é um ti-

obscreçam as possibilidades?

po de coragem que incute confiança nos outros e leva à vitória.

ESTREITEZA
DE VISTAS . . .

Orgulhas-te de que a tua opinião sobre um problema saia certa?

Olha ao largo e depois olha ainda mais ao largo.

SABICHÃO . . .

Estás convencido de que conheces tudo quanto há no Escutismo desde A a Z?

Assina uma revista de Escutismo e digere-a também.

SERVIÇO NOBRE PARA CAMINHEIROS

Entre os diversos géneros de serviço que se lembram, o de ajudar a dirigir Escutas ou Lobitos pode à primeira vista parecer coisa insignificante. Mas quando se examina com atenção, vê-se que é um dos maiores, se não o maior de entre todos. É o mais fácil de exercer, porque tens à mão, na qualidade de Caminheiro, as oportunidades de o praticar, e, ao mesmo tempo, é daqueles que dão grandes resultados—de transformar rapazes em homens—resultados que se tornam visíveis, pois nos passam pelas mãos. E tais resultados podem ter a maior importância para a Pátria.

Como já antes disse, a Nação precisa urgentemente de voluntários para a obra de educação. Além de ler, escrever e contar, há tanta coisa que os rapazes de hoje precisam de saber para triunfarem na vida; e a falta de tempos escolares e de professores prejudica-os muito na sua aprendizagem; precisa-se, portanto, com urgência, da colaboração dos irmãos mais velhos.

Os Caminheiros que estão prontos a ajudar a instruir ou a dirigir Grupos de Escutas ou Alcateias de Lobitos, especialmente em acampamentos, prestam um serviço altamente valioso, que ao mesmo tempo lhes causará verdadeira satisfação. Todo aquele que ensina um cão ou um cavalo a obedecer e fazer habilidades conhece esse interesse e satisfação; mas quanto maiores estes são, tratando-se do jovem animal humano, quando vemos modificar-se-lhe o carácter e formar-se devidamente para toda

a vida! Sentimos então que fizemos na verdade coisa de valor.

PATERNIDADE

E ainda outra vantagem.

Um dia serás pai. Terás a responsabilidade de dar ao mundo rapazes e raparigas e de lhes dares uma ajuda para começarem a vida com êxito. Se fracassares neste ponto, ou os deixares ser levados para a ociosidade e para a miséria serás culpado dum crime nefando.

Para outras responsabilidades na vida, como gerir um negócio, manobrar uma máquina, ou assentar tijolos, precisa-se de aprendizagem própria. E no entanto, para esta missão, a maior e de mais responsabilidade, a de modelar a vida e a felicidade da tua própria prole, não te preparas de qualquer modo determinado, mas deixá-la ao acaso. Ora essa é a lei da manada. E no entanto, que grande bem lhes poderias fazer, se possuísses os conhecimentos e tivesses a prática de educar os jovens!

Por intermédio do Caminheirismo, porém, poderás ter ocasião de realizar, na verdade, alguns dos melhores e mais úteis serviços que um pai pode realizar. Poderás comunicar as aspirações devidas e as actividades sadias que acabam por ensinar o rapaz a «manobrar a sua canoa» e estarás em situação de o prevenir da existência dos recifes que lhe surgirão no trajecto.

Se, anos atrás, os homens tivessem sido educados para serem pais, que nação diferente teríamos hoje! A massa, e não apenas a minoria, teria sido criada para serem homens de carácter firme, criaturas saudáveis, que saberiam apreciar a vida, aproveitá-la o melhor possível e colocar o bem dos outros à frente dos seus próprios interesses egoístas. Assim mesmo, até sem isso, a Grã-Bretanha, como muitos outros países, tinha entre a sua gente grande proporção de homens bons. Mas veio a guerra que lhe levou a flor destes adultos: 86 000 mortos, e muitos mais mutilados, cegos e doentes nervosos, e

todos eles de entre os melhores dos nossos compatriotas, ao passo que os menos aptos ficaram para continuar a raça e gerir os negócios da nação.

RESTAURAÇÃO

Durante toda a inquietação e período de desemprego do após-guerra, era precisamente o fermento desses homens melhores que se precisava para levar as coisas a bom termo e restaurar a prosperidade e a felicidade do nosso povo.

Todavia, estas dificuldades não deixam de trazer as suas bênçãos; abrem excelentes oportunidades e um campo de acção aos jovens que sobem para a idade adulta. Tens perante ti essa esplêndida ocasião de tomar parte activa na reconstrução do país em novas e melhores bases do que nunca. Mas isso só se consegue servindo e não pelas lutas egoístas partidárias.

Nós, os velhos, que na nossa época procurámos fazer alguma coisa pela pátria que amamos, contamos convosco, gente nova, e esperamos confiadamente que continueis. Cremos que ides fazer por ela o que é preciso e que, esquecendo o vosso caso pessoal, trabalhareis por ela também com todas as forças.

UM BURACO FAZ-SE PARA SE TAPAR

Ora, se tu que me lês já alguma vez embateste num daqueles escolhos, quero dizer-te que ia certo dia, com um companheiro, a atravessar um lago do Canadá, numa canoa de casca de vidoeiro, quando embatemos num escolho.

O choque não fora muito forte, mas a casca de vidoeiro é muito delgada e a água começou a entrar pelo furo, e, para nos salvarmos, tivemos de manobrar as pás pela cara vida para nos dirigirmos para a ilha mais próxima, após termos calafetado o furo, o melhor que pudemos, com um chapéu velho.

Foi por um triz que nos salvámos. Manobrámos as pás com toda a força que tínhamos, e chegámos precisamente quando a embarcação se afundava.

Içámo-la para cima dum rochedo plano e liso, retirámos o material que trazíamos e virámos-la de quilha para cima.

Pusemo-nos então a reparar a avaria, juntando a goma natural de certos pinheiros, e derretendo-a numa pequena fogueira que fizemos. Depois, tendo tapado o furo com um trapo velho e um bocado de casca nova e goma quente, não tardámos a pôr o barco quase tão sólido como dantes; e daí a pouco íamos de novo a caminho, mas com os olhos mais abertos desta vez, para evitarmos escolhos e recifes de futuro.

Pois o mesmo vos acontecerá quando embaterdes num recife.

Não julgueis que por isso estais arruinados. Correi para terra antes de vos afundardes e consertai a canoa. Pode custar fazê-lo, mas com decisão e esforço é provável que o consigais. Servi-vos dos remédios que recomendei nos capítulos anteriores, conforme o tipo do escolho em que topardes, corrigi-vos e prossegui a viagem com intrepidez e atenção. Uma vez que tenhais topado num escolho, sabereis melhor como haveis de os evitar; e podeis conseguir que a vossa viagem corra tão bem como a de qualquer outro.

Mesmo que tenhais chocado com mais dum escolho, lembrai-vos do General Foch na batalha do Marne da Primeira Grande Guerra, o qual comunicou ao Comandante Supremo, General Joffre: «A minha ala esquerda foi repelida a direito está a retirar... *Estou a atacar com o centro*». E venceu!

O mesmo se pode dar contigo. Podem ter-te esmagado a ala direita, a esquerda poderá estar em desordem, mas tens ainda o centro; ataca com ele e vencerás.

MAIS UMA PALAVRA

Ora eu faço ideia do que sejas tu que me lês — mas não és tu quem eu quero!

Já te interessaste pelo teu próprio futuro e queres saber como te hás-de «encaminhar para o êxito». As minhas ideias virão pois sobrepor-se a outras que já tenhas

formado. As minhas poderão corroborar as tuas, ou podem não te agradecer. Seja como for, espero que nem por isso deixes de ser meu amigo.

Mas se estás preparado para o futuro, não és a pessoa que eu na verdade desejo, para leitor deste livro!

Quero o sujeito que nunca pensou por si, ou nunca fez planos para o futuro.

Deve haver no país muitíssimos jovens excelentes que vão sendo arrastados pelas más influências que os cercam, porque nunca viram o caminho mais desimpedido; não sabem que podem, com um pequeno esforço próprio, elevar-se acima do meio e remar a caminho do êxito.

E aqui está o teu papel. Queres auxiliar-me a agarrar esse outro tipo? Na roda dos teus amigos deves conhecer muitos assim. Se puderes levá-los a ler este livro, ficar-te-é muito grato.

E talvez pudesses ir mais longe e formar um círculo de estudos com três ou quatro amigos para lerdes o livro capítulo por capítulo, um por noite, e versardes os problemas que sugeri.

Não digo que precisas de concordar comigo; o que digo é que a consideração destas ideias, quer concordes com elas quer não, há-de pelo menos levar-te a pensar no teu futuro, embora espere que faça mais do que isso. E se levares outro a tomar parte nesses estudos, estarás a fazer uma tarefa ainda maior — estarás ao *Serviço dos Outros*.

Se quiseres escrever-me a fazer algumas perguntas, em qualquer ocasião, ou para a Sede Central da Associação, com muito gosto procuraremos responder.

Se te resolveres a entrar para os Caminheiros como se lembra neste capítulo, ficaremos naturalmente em contacto mais próximo; mas em qualquer caso, muito gosto terei se te lembrares de que estamos ligados por um laço comum de compreensão e boa vontade.

Quanto àqueles que são já membros da Fraternidade Escutista—e de resto a outros também—eu queria acentuar a possibilidade e necessidade de «Servir» no ambiente

natural da vida do Caminheiro e indicar que, antes de mais precisam de aplicar os seus ideais à vida corrente. Parece-me que este facto constituirá melhor coroa de experiências escutistas do que convidar o tipo a prosseguir no descobrimento de novos campos para agir. Espero que assim consolidemos a ideia que o Escutismo inculca e acentuemos bem o que desejamos, que vem a ser introduzir os ideais do Escutismo na vida quotidiana e conseguir assim que outros sejam contagiados pela sua magia e sustentados pelo seu espírito.

Para mim soaram já as dez horas da noite da vida. Não tardará chegar a hora de recolher. Para vós são as onze horas da manhã—quase meio dia; ainda tendes diante de vós a maior parte da jornada.

Quanto a mim, o dia da vida foi magnífico, com as suas nuvens e aguaceiros, é certo — mas não lhe faltou também o sol esplendoroso.

Quanto a ti, que vais fazer do teu dia? Também pode ser tão feliz como o meu se quiseres. Mas não, se o passares na ociosidade, à espera de que te apareça a sorte, ou se passares parte dele a dormir.

Acorda! Põe mãos à obra! Tens apenas esse dia de vida a viver. Por isso, aproveita ao máximo cada um dos minutos que ele contém.

Tanto melhor será o teu sono quando te chegar a hora de recolher, se passaste o dia a trabalhar. Quem passa noites inquietas lutando contra a insónia é que passou o sol na ociosidade. Tens a felicidade ao teu dispor, se manobrares bem a tua canoa. De todo o coração vos desejo pleno êxito e, em linguagem escutista, BOA CAÇA.

LIVROS DE CONSULTA PARA CAMINHEIROS

Escutismo para Rapazes — *Baden-Powell*

O Auxiliar do Chefe Escuta — *Baden-Powell*



LAIS DE GUIA
REMATADO COM
NÓ SIMPLES

Como a amizade,
é laço útil que não
cede nem se desfaz

LEITURAS ACONSELHADAS

- Psicodinâmica de grupos* — P. Vella
Animação de Grupos — Charles Maccio
A Missão dos Dirigentes — M. Caetano
Escola de Chefes — G. Courtois
A Arte de ser Chefe — G. Courtois
O Evangelho do Chefe — A. Bessières
Marxismo e Revolução — Jean Ousset
A Crise do Mundo Contemporâneo — L. Frana
Filosofia do Comunismo — Faden

«CANTARES DUM SERTANEJO DO ALASCA»

DE ROBERT W. SERVICE

- Embalaram-te nos costumes, mobilaram-te com as suas pregações.
 Encharcaram-te de convenções até à medula;
 Expuseram-te numa redoma, para lhes valorizar o ensino,
 Mas não ouves a selva que te chama?
 Vamos sondar os lugares do silêncio, procuremos a sorte que vier,
 Viajemos para uma terra solitária que conheço;
 O vento nocturno está a segredar-nos, fulgura uma estrela que nos guia,
 E a selva chama, chama por nós... Vamos.
 Já sofreste, tiveste fome e triunfaste, andaste de rojo e contudo tentaste aferrar a glória,
 Tornando-te grande na grandeza do conjunto?
 «Fizeste coisas» só por fazê-las, deixando que os palavrosos contassem a história a seu modo,
 Vendo a alma nua através do fino verniz?
 Já viste Deus em Seus esplendores, ouviste o texto que a Natureza repete?
 (Nunca o ouvirás no banco familiar da igreja)
 As coisas simples, as coisas verdadeiras, os homens calados que fazem as coisas? —
 Ouve então a selva que te chama.

ÍNDICE REMISSIVO

(POR CAPÍTULOS)

Modo de ser feliz

- Auto-educação, 27
Azul, Pássaro, 20
 Benet, Arnold, citação, 21
 Birmanes, Povo Feliz, Os, 19
 Blatchford, Roberto, citação, 31
 Browne, Sir Thomas, citação, 31
 Canoa, Manobra a tua, 25
 Carrega com o teu fardo, 30
 Cassel, Sir Ernest, citação, 21
 Cingalês, Provérbio, 22
 Educação Espartana, 28
 Êxito (Triunfo), 18
 Felicidade, 18, 19, 20, 21, 23
Floresta, A, 13
 Funguii, 19
 Ganso Assado, 24
 Goethe, Mãe de, citação, 17
Governa o teu barco, tu próprio, poesia, 32
 Hall, Fielding, citação, 20
 Golmes, Edmond, citação, 31
 Kruger, Anedota do Presidente, 24
 Leituras Aconselhadas, 32
 Lincoln, Abraham, citação, 31
 Matabeles, os, 28
 Mitchel, Cónego, citação, 23

- Parlette, R., citação, 32
 Pássaro Azul, O, 20
 Pobres Ricos, Os, 22
 Presbytre, Jean le, 32
 Sará, Deserto do, 22
 Shackleton, Sir E., citação, 19
 S. Jorge, Exemplo de, 30
 Suasi, Educação, 28
 Totem de S. Jorge, 30
 Valentine, B. B., 17
 Viagem da Vida, A, 13
 White, Stuart E., 13
 Zulos, Os, 28

Escolho n.º 1 (cavalos)

- A 44, Cavalos, 35, 37
 Açular cães contra o touro, 45
 Alpinismo, Desporto, 44
 —, Valor, do, 44
 Alpinos Italianos, 50
 Anúncios, Influência dos, 44
 Aposta, A minha 1.ª e última, 46
 Apostar, Que mal em, 42, 46
 Atestados para colocação, 61
 Aventura com um javali, 36
 Bruce, General, citação, 49
 Carácter para carreira, 65
 Carreira, A escolha duma, 54, 65

Cavalos, 35
 Chisolme, Coronel «Jabler», 41
 Combates a dinheiro, 38
 Corridas, O Desporto das, 37
 Desporto, Verdadeiro, 45, 48
 Dick, O meu Cavalo, 35
 Economia, 56, 60
 Energia, 61
 Esperança, A, 69
 Foch, Marechal, citação, 63
 Futebol, 40
 Ganância e Desporto, 38, 41
 Garotos do «Golf», 47, 54
 Graham, John, citação, 60
 Imhala Panzi, significado de, 63
 Indispensabilidade, 68
 Jogatina, 40
 Jorlocks, 53
 Matabeles, Aventura no país, 65
 Montanhismo, Desporto, 49
 Natureza, Conhecimento, 52
Negociante Autodidacta, Cartas dum, 56
 Paciência, 66
 Parlette, R., citação, 70
 Passatempos, Valor dos, 51
 «Patrão Velho» (poema), 70
 Paus, Cortar, 53
 Profissão, A Escolha da, 54, 65
 Publicidade, O poder da, 44
 Responsabilidade, 62
 Senso Comum, 70
 Soco, O, e lutas competitivas, 38
 «Sorri Sempre» (poesia), 70
 Steed, Wickham, citação, 44
 Tennyson, Lord, citação, 70
 Twain, Mark, citação, 70
 Vida, Modo de ganhar a, 67
 Viver, A Maneira de, 66
 Ward, Artemus, citação, 70
 Wells, H. G., citação, 68

Escolho n.º 2 (o vinho)

Amiel, citação, 108
 Axanti, Expedição, 85
 Beard, Dan, 97
 Bebidas e Eestupefacientes, 75
 Billings, Josh, citação, 108
 Boa forma física, 90
 Bósforo, Irmãos Saltantes, 76
 Buxido, 101
 Calma, Não percas a, 97
 Cinema, 91
 Cólera, vitória sobre a, 106
 Copo «entre as refeições», 74
 Coué, O Ensino do Dr., 105
 Cura de si próprio, 104
 Divertimentos, valor dos, 91
Escutismo para Rapazes, citação, 82
 Excessos no comer, 85
 Excessos no dormir, 85
 Excessos no trabalho, 87
 Exemplo, A força do, 80
 Falar Mal, 86
 Freude, citação, 108
 Fumo, O, 82
 Gorgetas, 100
 Gorgorro, Anedota de, 101
 Homem mais ocupado, O, 87
 Inglês, Reputação do, 80
 Intemperança, 92
 Irmãos Saltantes do Bósforo, 76
 Isolamento do Comando, 98
 Lealdade, 97
 Leituras Aconselhadas, 109
 Leão, Uma caçada ao, 102
 Mafeking, História de, 85
 «Mentes», A palavra, 100
 Napoleão e Lannes, 87
 Nogui, Auto-disciplina de, 96
 «Patrão Velho» (poema), 109
 Pett Ridge, citação, 86, 96
 Praguejar, 86
 Proibição de bebidas, 78
 Samurai, Os, 101

Shackleton, Sir E., 98
 Shell, tio John, 90
 Suasi, Rainha, 83
 Tentação, A, 75
 Tordo, Conselhos do, 108
 Variedades, 91
 Vinho, 73, 92
 William de Wikeham, 97

Escolho n.º 3 (mulheres)

Alegria que os filhos dão, 143
 Amor de Rapaz, 136
 Ar livre, Valor do, 129
 Asseio, 130
 Auto-Sugestão, 125
 Bravatas da manada, 119
British Medical Journal (Revista Médica Britânica), 129
 Browning, Roberto, anedota, 165
 Bryce, Lorde, citação, 162, 174
 Butão, camponeses do, 132
 Catlin e os Peles Vermelhas, 130
 Cavalheirismc, 121
 Cio, Época do, 114
 Continência, 124
 Curandeiros, 124
 Dentes, 131
 Dickens, Carlos, citação, 147
 Distâncias, Avaliação de, 138
Eler, 143
 Exercícios de Ar Livre, 132
 Gentleman, Definição de, 147
 Gonorreia, doença, 119
 Guias para Esposas, 141
 Ignorância, A Tragédia da, 120
 Leituras Aconselhadas, 147
 Lincoln, Abraham, citação, 147
 Lipton, Sir Charles, 126
 Maeterlinck, M., citação, 147
 «Mercadorias Avariadas», 120
 Mulheres, 113, 137
 Namoricos, 136

Ovo, O Milagre do, 116
 Paternidade e Maternidade, Responsabilidades da, 143
 Plantas, Lição da Vida das, 114
 Porco, Conselhos de um Industrial de Conservas de, 138
 Provérbios, citação, 147
 Quarles, F., citação, 147
 Raça, Deveres para com a, 126
 Rendimento, Importância do, 140
 Respiração, 130
 Saco-Mochila, O, 133
 Saúde, Modo de conservar a, 128
 Serviço e Felicidade, 144
 Sexuais, Instintos e Riscos, 113
 Sífilis, Doença da, 119
 S. Jorge, exemplo de, 135
 Suasi, Régulos, 134
 Tentação, A, 118
 Venéreas, Doenças, 119
 Veracidade, A, 100
 Vergonha, Efeitos da, 102
 Virilidade, 121
 Zulos, Os, 132

Escolho n.º 4 (cucos e impos- tores)

Administração local, 178
 Ambição, A, 160
 Antídoto contra os cucos, 166
 Argumentação, Sociedades de, 174
 Auto-Educação, 166
 Balancé, 155
 Caledónio, O Mercado, 152
 Certã que o lume, Antes a, 183
 Chamberlain, Joseph, 175
 Chesterton, G. K., citação, 161
 Cidadão, Qualidades do, 177
 Circo, Lições aprendidas num, 173

- Comunidade, Serviços da, 175
 Cuco, O, 151, 159
 Demónio Conhecido, 183
 Disputantes, Associações de, 174
 Encontro do Jardim, O, 176, 190
Erva Moira do Feiticeiro, 159
 Estadista e Político, 174
 Evolução e Revolução, 155
 Exército de Salvação, Conselhos dum Oficial do, 166
 Expressão, Auto-, 171
Floresta, A, 169
 Futebol, 176
 «Glory of the Garden», 176
 Governo, Forma de mudar, 180
 Governo Nacional, 157
 Humorístico, falta de sentido, 161
 Império, A questão do, 180
 Insensatez, Máximas contra a, 188
 Internacionalismo, 184
 Kipling, Rudyard, citação, 176
 Leiloeiros, 152
 Leituras Aconselhadas, 191
 Liberdade de Pensamento, 156
 Livros e Leituras, 168
 Lowell, J. Russell, citação 189
 Máximas contra a insensatez, 188
 Nações, Comunidade Brt., 184
 Nações, Liga das, 185
 Ociosidade Física e Mental, 167
 Ouvir, A Arte de, 175
 Parlette, R. citação, 167
 Pedante de Borra, 164
 Pedantes Intelectuais, 159
 Pele Vermelha, Duelo com, 130
 Prempeh, O Rei, 172
 Rei, O, 184
 República Nova, Uma, 179
 Serviço e Felicidade, 175
 Shakespeare, citação, 168
 Silêncio, A Arte do, 175
 Smuts, General, citação, 183
 Snobismo, 162
 Socialistas, chefes, 158
 Stevenson, R. L., citação, 168
 S. Tiago, Epístola de, 189
 Teatrais, Representações, 174
 Times, O, citação, 161
 Trabalhistas, Uniões, 158
 Trabalhismo, A posição, 158
 Universitários, Auto-Educação, 171
 Viagens, 169
 White, Stewart, E., 169
- Escolho n.º 5 (irreligião)**
 Abelhas, Estudo das, 216
 Alcorão, citação, 198
 Alma, A, 217
 Amor, 219
 Andes, Sozinho nos, 202
 Animal, O mundo, 216
 Ateísmo, 195
 Aurélio, Marco, citação, 221
 Avebury, Lord, citação, 199
 Bacon, Francisco, 221
 Bíblia, A, 197, 222
 Bragg, S. W., citação, 215
 Conhecimento de Deus, 198, 218
 Consciência, Voz da, 218
 Coríntios, Epístola aos, I. XIII, 221
 Corpo Humano, O, 209
 Cristã, A Fé, 195
 Cristo dos Andes, 204
 Deus, Conhecimento de, 198, 218
 Deus Criador, 196
 Drummond, Professor, 219
 Electção, O, 214
 Entendimento, O, 216

- Escolhos e Antídotos, Sumário, 223
 Excursões a pé, 208
 Franklin, B., citação, 221
 Grayson, David, citação, 198, 209
 «Histórias, Livro de», (poesia), 222
 Irreligião, 195
 Leituras Aconselhadas, 233
 Mahabharata, Épico Indiano, 199
 Marco Aurélio, citação, 221
 Marinheiro, Religião do, 200
 Natureza, Beleza da, 206
 Natureza, Estudos da... conduz à Religião e serviço do próximo, 198
 Natureza, O Livro da, 197
 Pesca, As alegrias da, 207
 Religião e Felicidade, A, 196
 — pela Natureza, 197
 Selva, maravilhas da, 201
 Shakespeare, citação, 198
 Shelley, Dr., 212
 Thurston, Temple, 200
 Twain, Mark, citação, 197
- Caminheirismo**
 Acender o lume, 237
 Actividades de Caminheiros, 250
 Admissão do Caminheiro, 242
 Allen, citação, 239
 Alpinismo, Desporto, 254
 Andarilho, 249
 Arte do Campista, 234, 240
 Avaliação de Distâncias, 238
 Benson, A. C., citação, 257
 Caminheiro Sertanejo, 230
 Caminheiros
 — Actividades de, 251
 — Insignias Especiais, 248, 249
 — Livros de Referência, 268
 — Modo de ser, 236
 — Regulamento dos, 258
 — Sedes de, 249
 — Um alto serviço para, 262
 — Uniforme de, 248
 Canoa, Manobra a tua, 262
 Clube de Campismo, 236
 Clubes, 251
 Culinária, 237
 Descontentamento, 261
 Divisa do Explorador e do Caminheiro, 240
 Educação para a Paternidade, 263
 Egoísmo, 261
 Emergência, Corpo de, 254
 Escutas do Alto-Mar, 250
Escutismo para Rapazes, citação, 233, 243
 Estrada Livre, O prazer da, 235
 Estreiteza de vistas, 262
 Fazer nós, 238
 Férias, Sugestões para, 258
 Fisher, Ex.º Sr. H. A. L., 258
 Foch, Marechal, citação, 265
 Fraquezas, Algumas, Comuns, 260
 Fraternidade Caminheira, 232
 Furo faz-se para se tapar, 264
 Gilwell Park, 237
 História Natural, 239
 Impaciência, 260
 Intolerância, 261
 Investidura do Caminheiro, 243
 Jiu-jitsu, 254
 Lei do Escuta e Caminheiro, 244
 Lei do Escuta na Frente, A, 243
 Leitura de cartas, 238
 Leituras Aconselhadas, 268
 Macambuzio, 260
 Machado, O, 238
 Maldecência, 260

- Moleza e fuga ao trabalho, 260
Natureza, Conhecimentos da, 238
Organização Caminheira, 227, 241
Ouvido, O, 238
Paternidade, Educação para, 263
Patrulha de Caminheiros, 249
Peles Vermelhas, 239
Pessimismo, 261
Pistas, Seguimento de, 237
Policial, Serviço, 251
Promessa do Caminheiro, A, 243
Promessa e Lei do Escuta, 243
Reconstrução, 264
Recreativas, Equipas, 253
Resumo, 223
Sabe-tudo, 262
Saco-Mochila, O, 238
Service, Robert W., poesia, 268
Serviço base do Caminho, 250
Serviço de Ordem, 256
Serviço, Formas, 251, 252
Stevenson, R. L., 235
Tempo, Conhecimento do, 238
Tendas, 238
Unidade de Caminheiros, como se forma, 247
Viandantes, Associação dos, 235
Vista, A, 238
Viver, O gosto de, 257
White, Stewart E., 229